PUBLICAÇÕES INTERAMERICANAS
Pacific Press Publishing Association
Mountain View, Califórnia
EE. UU. do N.A.

VERSÃO ESPANHOLA
Tradutor Chefe: Victor E. AMPUERO MATTA
Tradutora Associada: NANCY W. DO VYHMEISTER
Redatores: Sergio V. COLLINS
Fernando CHAIJ
TULIO N. PEVERINI
LEÃO GAMBETTA
Juan J. SUÁREZ
Reeditado por: Ministério JesusVoltara
http://www.jesusvoltara.com.br

Igreja Adventista dou Sétimo Dia

A Epístola do Apóstolo São Pablo aos HEBREUS

INTRODUÇÃO

1. Título.

O título deste libero nos manuscritos gregos mais antigos é simplesmente Prós Hebráious ("Aos hebreus"). Este título é particularmente apropriado, já que o livro trata principalmente do significado do santuário e seus serviços, temas que sem dúvida devem ter sido de especial significado para os primitivos cristãos de origem hebréia ou judia (ver a seção "Marco histórico").

2. Paternidade literária.

A paternidade literária do livro aos Hebreus foi motivo de debates desde os primeiros tempos. Muitos atribuíam o livro ao Pablo, mas outros se opunham intensamente a esta opinião. Orígenes, pai da igreja que escreveu a começos do século III, concluía seu exame do livro com esta declaração: "Quem a tenha escrito é só conhecido Por Deus" (chamado pelo Eusebio, História eclesiástica vi, 25, 14). Outros pais pensavam que o autor pôde ter sido Bernabé, Apolos, Clemente ou Lucas.

Esta incerteza quanto à paternidade literária da Epístola aos Hebreus foi um fator importante na relutância de muitos antigos cristãos do ocidente do Império Romano para aceitá-la como canônica. Não foi aceita no Ocidente a não ser até a segunda metade do século IV (ver T. V, P. 132). Em os séculos seguintes cessou a discussão sobre a paternidade literária de Hebreus, e a maioria dos cristãos a aceitou como obra do Pablo, opinião que foi apoiada em forma general até os tempos modernos; então se agitou de novo a polêmica, debatida especialmente pelos eruditos. Entre as Bíblias em inglês, a RV atribuiu até 1885 o livro de Hebreus ao apóstolo Pablo; mas na atualidade são poucos quão críticos defendem este ponto de vista.

Não são poucos os que afirmam que é um livro anônimo. Hei aqui três opiniões: "...escrito anônimo, onde respira o espírito de São Pablo, um dos documentos essenciais da revelação do Novo Testamento" (BJ, 1975, Introdução das Epístolas de São Pablo, P. 1608). "Que o autor da Ep. aos Hebreus seja Pablo, não admite dúvida; é, contudo, certo que às ordens do Apóstolo, sob sua direção e responsabilidade, colaborou um redator cujo nome não chegou até nós (BC, 196 1, Epístola aos Hebreus, P. 1432). "Ficamos, pois, em que a epístola tem 402 por autor ao Pablo, mas a outro, que não sabemos quem é, por redator" (NC, 1974, Epístola aos Hebreus, P. 1427). Esta é a típica posição atual. Entre os possíveis redatores da Epístola aos Hebreus, que mais se menciona é Apolo (ver Hech. 18:24-28).

As evidências em contra do ponto de vista de que Pablo escreveu a Epístola a os Hebreus foram extraídas principalmente de considerações quanto ao estilo literário e o conteúdo do livro. É possível que o vocabulário de um autor e seu estilo variem segundo o tema de que trate, mas essas variações serão principalmente nos términos técnicos, característicos dos diversos tema a respeito dos quais se escreva. Seu vocabulário geral e especialmente as palavras que escolha quase inconscientemente para expressar-se -preposições, advérbios e especialmente os elos conjuntivos-, são considerados pela maioria dos eruditos como indicações muito melhores de seu estilo que seu terminologia técnica.

Quando o livro de Hebreus se compara com as epístolas geralmente aceitas do Pablo, é notavelmente distinto, especialmente nas palavras comuns e em os enlaces sintáticos com que o autor une as orações e os raciocínios na epístola. Outra clara diferencia radica no emprego de entrevistas do AT. Em as epístolas aceitas usualmente como paulinas, emprega-se um grupo de frases mais ou menos estereotipadas para começar as entrevistas do AT, enquanto que em Hebreus se usa outro tipo. As epístolas mostram que o apóstolo também usava com relativa liberdade as passagens do AT. Suas entrevistas seguem com freqüência a LXX, mas às vezes apresenta o que evidentemente é sua própria tradução do hebreu. E em outras ocasiões se satisfaz dando uma entrevista aproximada ou paráfrase. Por contraste, as entrevistas do AT que há em Hebreus estão tomadas quase textualmente da LXX.

Apreciando o tema em seu conjunto, o estilo literário general de Hebreus difere notavelmente do de qualquer das epístolas que levam o nome de Pablo. O estilo paulino nestas tem a marca inconfundível de vívidos e ferventes passagens que revelam a corrente impetuosa dos pensamentos do autor, quem não se preocupa com um estilo literário gentil. Mas Hebreus apresenta um tema completamente organizado e mantém um nível retórico mais elevado que o de qualquer outro livro Esta NT marcada diferença de estilo foi observada pelos escritores a começos do cristianismo, para os quais o grego koiné era sua língua materna. Clemente da Alejandría (M. C. 215 d. C., chamado pelo Eusebio em sua História eclesiástica vi. 14. 23), sugere que Pablo escreveu Hebreus em hebreu e que Lucas o traduziu ao grego. Esta explicação fica excluída pelo fato de que Hebreus contém uma quantidade de jogos de palavras em grego, que não podiam ter sido traduções de outro idioma. Mas a afirmação de Clemente é significativa porque implica o reconhecimento de que o grego do livro dos Hebreus não parece ser o grego dos escritos do Pablo. Orígenes (M. C. 254 d. C.), um dos eruditos proeminentes da igreja primitiva, também reconheceu a dificuldade de harmonizar o estilo de Hebreus com o estilo do Pablo. Sua solução era que "as sentenças são do Apóstolo, mas a dicção e composição das palavras são de outro qualquer que quis recordar os ditos do Apóstolo e como reduzir

a comentário as coisas que tinha ouvido do professor" (chamado pelo Eusebio, História eclesiástica vi. 25. 13).

Por meio do descobrimento dos papiros bíblicos do Chester Beatty, do século III (ver T. V, pp. 117-118), ficou de manifesto alguma provável evidencia em favor da paternidade literária paulina da Epístola aos Hebreus. No códice que contém as epístolas paulinas, Hebreus se acha entre Romanos e 1 Corintios. Embora este fato não demonstra a paternidade literária paulina de Hebreus, é um significativo indício de que desde muito antigo na história da igreja havia quem 403 acreditavam que Hebreus devia ser incluída como parte dos escritos do Pablo.

Este Comentário sustenta que, embora se apresentaram sólidos argumentos contra a paternidade paulina de Hebreus, essas razões não são suficientes para neutralizar a crença tradicional de que Pablo é o autor. Uma grande parte da diferença de tom e estilo de Hebreus, em comparação com as epístolas paulinas conhecidas, pode ser explicada razoavelmente pelo fato de que essas outras epístolas foram dirigidas a grupos do Iglesias ou a indivíduos para fazer frente a problemas particulares. Embora se reconhece que há certas diferenças de estilo literário que não podem ser explicadas com esse argumento, essas diferenças podem ser razoavelmente explicadas caso que Pablo pregou certos sermões sobre o tema do ministério sacerdotal de Cristo, os quais foram escritos. Como acontece às vezes quando se utiliza um sistema tal, a forma literária final do exemplar transcrito pode ter uma marcada influencia de que fez a transcrição. É fácil compreender que Pablo não poderia ter tido a oportunidade de redigir esses sermões, pois viajava incesantemente, e não passou muito tempo antes que suas viagens terminassem com o martírio.

aceita-se geralmente que Hebreus foi escrito antes da queda de Jerusalém. O número de dirigentes da igreja era muito reduzido nos anos anteriores ao ano 70 d. C. Qual desses dirigentes poderia ter exposto um tema tão profundo como o que se apresenta no livro de Hebreus? A pessoa mais possível é, sem dúvida alguma, Pablo. Dizer que o autor foi um cristão desconhecido desse cedo período, só levanta um novo problema: como é possível que um cristão que possuísse o discernimento teológico necessário e a capacidade lógica suficiente para produzir uma obra como Hebreus, pudesse ter ficado no anonimato em um tempo quando os dirigentes cristãos eram tão poucos, mas tão completo o registro que se tinha dos mesmos?

3. Marco histórico.

A questão que possivelmente produziu o resquebrajamiento mais profundo na igreja apostólica foi, sem dúvida alguma, o tema da lei cerimoniosa e sua observância pelos cristãos. O concílio de Jerusalém tinha liberado aos cristãos de origem gentil das obrigações próprias dessa lei, mas psicologicamente a grande comunidade cristã de origem judia, da Palestina, não estava preparada para participar dessa liberdade. Esses cristãos pensavam, a não duvidá-lo, que porque eram judeus deviam praticar esses ritos. Não se davam conta de que para todos, sem exceção, os ritos cerimoniosos tinham encontrado seu cumprimento no Jesucristo. Esta situação fez surgir uma insalubre tensão na igreja, já que um amplo setor seguia um complicado sistema de vida religiosa ignorado por outro setor.

Pablo e quem o acompanhava, compreendiam suficientemente bem os ritos mosaicos e as cerimônias para avaliá-los corretamente e lhes dar seu devido lugar no plano de salvação, Pablo conhecia a natureza transitiva disso

sistema e sabia que já se cumpriu o período para seu abrogación. A igreja cristã de origem judia, cujo centro estava em Jerusalém, parecia desconhecer as calamidades que logo sobreviriam a essa cidade. Os cristãos de origem judia ainda guardavam as festas, seguiam sacrificando como em anos anteriores e continuavam em seu zelo pela lei cerimoniosa (ver Hech. 15). Tinham só um vago conceito da obra de Cristo no santuário celestial; sabiam pouco de seu ministério; não compreendiam que seus sacrifícios eram inúteis devido ao grande sacrifício do Calvário. Esses milhares de cristãos judaicos "todos... ciumentos pela lei" (Hech. 21:20), teriam que enfrentar-se a uma crise quando fossem destruídos a cidade e o templo. Isto evidentemente ocorreu só um curto tempo depois de que se escreveu a Epístola aos Hebreus (ver T. VI, pp. 89, 109-110). 404

Tinha chegado o tempo quando os olhos dos cristãos de origem judia deviam abrir-se às realidades celestiales. Quando seu templo fora destruído, seria-lhes necessário que sua fé se apoiasse em algo seguro e firme que não falhasse. Se sua atenção pudesse fixar-se no Supremo Sacerdote celestial, no santuário e nos sacrifícios melhores que os de bezerros e machos caibros, não desfaleceriam quando desaparecesse o santuário terrestre. Mas se não tinham esta esperança, se careciam de uma visão do santuário do céu, sentiriam-se confundidos e perplexos quando vissem a destruição do templo em que tanto tinham crédulo. Era importante que os cristãos judeus entendessem estas coisas, não só por eles mesmos mas também também para benefício das Iglesias gentis que estavam nas províncias, entre as quais seriam pulverizados os crentes de Jerusalém durante a guerra com Roma que era iminente.

acredita-se que nessa hora de crise apareceu o livro de Hebreus. Continha precisamente a ajuda necessária: luz sobre o tema do santuário, de Cristo como Supremo Sacerdote, do sangue "que fala melhor que a do Abel" (cap. 12: 24); do repouso que fica para os filhos de Deus (cap. 4:9); da bendita esperança que é "segura e firme âncora da alma, e que penetra até dentro do véu" (cap. 6: 19).

4. Tema.

O livro de Hebreus consiste essencialmente de uma comparação e um contraste entre os símbolos mediante os quais Deus apresentou o plano de salvação a seu povo escolhido nos dias do NT, e a realidade do ministério de Cristo em favor dos pecadores à luz da cruz. As experiências do antigo Israel sob o sistema simbólico são apresentadas como uma lição e uma advertência para os cristãos. Mediante o sistema simbólico e as experiências do Israel que viveu baixo esse sistema, Pablo procura desenvolver uma compreensão e uma avaliação mais completas pelo ministério de Cristo nas moradas celestiales. A seguinte análise das comparações e os contrastes que risca entre os diversos aspectos dos santuários terrestre e celestial e seus respectivos sacerdócios, bosqueja a forma em que o apóstolo desenvolve este tema.

Comparação entre os santuários terrestre e celestial e seus sacerdócios

I. Moisés e Cristo comparados como guias do povo escolhido de Deus

O terrestre

1. "Deus, tendo falado... em outro tempo aos pais pelos profetas,

2. "Moisés foi fiel em toda a casa de Deus" (3:2).

3. "Desde tão major glorifica que Moisés

4. "... que a casa,

5. "Moisés à verdade foi fiel em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho do que ia se dizer;

O celestial

1. nestes últimos dias nos falou pelo Filho" (I: 1-2).

2. "Considerem o apóstolo e supremo sacerdote de nossa profissão, Cristo Jesus; o qual é fiel ao que lhe constituiu" (3:1-2).

3. é estimado digno este [Cristo]" (3:3).

4. tem maior honra que a casa o que a fez" (3:3).

5. mas Cristo como filho sobre sua casa" (3:5-6).

II. O antigo pacto e o novo

O terrestre

6. "Porque se aquele primeiro,... o pacto que fiz com seus pais... ; meu pacto" (8:7, 9).

7. "Porque eles não permaneceram em meu 405 pacto,y eu me desentendi de eles...repreendendo-os...;deu por velho ao primeiro; e o que se dá por velho e se envelhece, está próximo a desaparecer". (8:9,8,13)

8. "Porque se aquele primeiro tivesse sido defeito,

O celestial

6. "Um novo pacto;. . . não como o pacto que fiz com seus pais. . ., um melhor pacto, . . . pacto eterno" (8: 8-9, 13: 20).

7. "Hei aqui vêm dias, diz o Senhor, em que estabelecerei com a casa de Israel. . . um novo pacto. . .; o pacto que farei com a casa do Israel depois daqueles dias" (8: 8, 10).

8. não se tivesse procurado lugar para o segundo" (8: 7).

III. O santuário terrestre e o celestial

O terrestre

9. "O primeiro pacto tinha... um santuário terrestre. Porque o tabernáculo estava disposto assim... Faz todas as coisas conforme ao modelo que te há mostrado no monte" (9: 1-2; 8: 5).

10. "Não entrou Cristo no santuário feito de mão, figura do verdadeiro,

O celestial

9. "Santuário,... aquele verdadeiro tabernáculo, que levantou o Senhor, e não o homem" (8: 2).

10. a não ser no céu mesmo para apresentar-se agora por nós ante Deus (9: 24).

"Assim, irmãos, tendo liberdade para entrar no lugar Muito santo pela sangue do Jesucristo, pelo caminho novo e vivo que ele nos abriu através do véu, isto é, de sua carne, e tendo um grande sacerdote, sobre a casa de Deus, nos aproximemos com coração sincero, em plena certeza de fé" (10: 19-22).

IV. O sacerdócio terrestre e o celestial

O terrestre

11. "Assim, se estivesse sobre a terra, nem sequer seria sacerdote, havendo ainda sacerdotes que apresentam as oferendas segundo a lei; os quais servem ao que é Figura e sombra das coisas celestiales... E os outros sacerdotes chegaram a ser muitos" (8:4-5; 7:23).

12. "Tudo supremo sacerdote tirado de entre os homens é constituído a favor de os homens no que a Deus se refere" (5: l).

13. "Outros certamente sem juramento foram feitos sacerdotes [eram-no por nascimento];

14. "A lei constitui supremos sacerdotes a débeis homens;

15. "Os outros sacerdotes chegaram a ser muitos, devido a que pela morte não podiam continuar;

16."Aqui certamente recebem os dízimos homens mortais;

17."Se, pois, a perfeição fora pelo sacerdócio levítico,...

18."A lei constitui supremos sacerdotes,... sacerdotes que apresentam as oferenda segundo a lei;... a lei, tendo a sombra dos bens vindouros" (7:28; 8:4; 10: l).

19."(pois nada aperfeiçoou a lei)

O celestial

11. "Trocado o sacerdócio,... Jesus..., feito supremo sacerdote para sempre segundo a ordem do Melquisedec... Mas agora tão melhor ministério é o seu, quanto é mediador de um melhor pacto, estabelecido sobre melhores promessas" (7:12; 6:20; 8:6).

12. "Assim tampouco Cristo se glorificou a si mesmo fazendo-se supremo sacerdote, a não ser que lhe disse: Você é meu Filho, eu te engendrei hoje" (5: 5).

13. mas este [Cristo], com o juramento...portanto, Jesus é feito fiador de um melhor pacto"(7:21-22).

14. mas a palavra do juramento, posterior à lei, ao Filho, feito perfeito

para sempre" (7:28).

15. mas este, por quanto permanece para sempre, tem um sacerdócio imutável (7:23-24).

16. mas ali, um de quem se dá testemunho de que vive" (7:8).

17. que necessidade havia ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem do Melquisedec, e que não fosse chamado segundo a ordem do Aarón?" (7:11).

18. "Trocado o sacerdócio, necessário é que haja também mudança de lei.. Fica, pois, anulado o mandamento anterior por causa de sua debilidade e ineficácia" (7:12, 18).

19. [a não ser] a introdução de uma melhor esperança" (7:19). 406

V. O ministério terrestre e o celestial

O terrestre

20. "Tudo supremo sacerdote está constituído para apresentar oferendas e sacrifícios;

21. "Quase tudo é desencardido, segundo a lei, com sangue; e sem derramamento de sangue não se faz remissão . Foi, pois, necessário que as figuras das costure celestiales fossem desencardidas assim;

22. "Se o sangue dos touros e dos machos caibros... santificam para a purificação da carne,

23. "Na primeira parte do tabernáculo entram os sacerdotes continuamente para cumprir os ofícios do culto; mas na segunda parte, só o supremo sacerdote uma vez ao ano,... dando o Espírito Santo a entender com isto que ainda não se tinha manifestado o caminho ao Lugar Muito santo, enquanto isso que a primeira parte do tabernáculo estivesse em pé. O qual é símbolo para o tempo presente,... impostas até o tempo de reformar as coisas" (9:6-10).

24. "...cada dia,... aqueles supremos sacerdotes, [oferecem] primeiro sacrifícios... Entra o supremo sacerdote [muitas vezes] no Lugar Muito santo cada ano com sangue alheio... Certamente todo sacerdote está dia detrás dia ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios" (7:27; 9:25; 10:11).

25. "Os corpos daqueles animais cuja sangre a causa do pecado é introduzida no santuário pelo supremo sacerdote, são queimados fora do acampamento.

26. "Porque a lei, tendo a sombra dos bens vindouros, não a imagem mesma das coisas, nunca pode, pelos mesmos sacrifícios que se oferecem continuamente cada ano, fazer perfeitos aos que se aproximam. De outra maneira cessariam de oferecer-se, pois os que coletam este culto, limpos uma vez, não teriam já mais conscientiza de pecado.., porque o sangue dos touros e dos machos caibros não pode tirar os pecados... Sacrifícios que nunca podem tirar os pecados; sacrifícios que não podem fazer perfeito, quanto à consciência, ao que pratica esse culto" (10:1-4, 11; 9:9).

27. "Holocaustos e expiações pelo pecado, não lhe agradaram" (10:6).pelo

qual é necessário que também este tenha algo que oferecer" (8:3).

28. "Tira o primeiro,

O celestial

20. pelo qual é necessário que também este tenha algo que oferecer" (8: 3).

21. mas as coisas celestiales.... com melhores sacrifícios que estes" (9:22-23).

22. Quanto mais o sangue de Cristo... limpará suas consciências de obras mortas para que sirvam ao Deus vivo?" (9:13-14).

23. "Mas estando já presente Cristo, supremo sacerdote dos bens vindouros, pelo mais amplo e mais perfeito tabernáculo, não feito de mãos, quer dizer, não desta criação, e não por sangue de machos caibros nem de bezerros, mas sim por seu próprio sangue, entrou uma vez para sempre no Lugar Muito santo["Santuário", BJ, BC, NC[, tendo obtido eterna redenção" (9:11-12).

24. "não tem necessidade cada dia, como aqueles supremos sacerdotes, de oferecer primeiro sacrifícios;... porque isto o fez uma vez para sempre, oferecendo-se a si mesmo... Mas agora, na consumação dos séculos, apresentou-se uma vez para sempre pelo sacrifício de si mesmo para tirar de no meio o pecado... Mas Cristo, tendo devotado uma vez para sempre um só sacrifício pelos pecados, sentou-se à mão direita de Deus" (7:27; 9:26; 10:12).

25. Pelo qual também Jesus, para santificar ao povo mediante sua própria sangue, padeceu fora da porta. Saiamos, pois, a ele, fora do acampamento, levando seu vituperio" (13:11-13).

26. "Porque com uma só oferenda fez perfeitos para sempre aos santificados" (10: 14).

27. "Pelo qual, entrando no mundo diz: Sacrifício e oferenda não quis; mas me preparou corpo... Então disse: Hei aqui que venho, OH Deus, para fazer sua vontade" (10:5, 7).

28. para estabelecer isto último. Nessa vontade somos santificados mediante a oferenda do corpo do Jesucristo feita uma vez para sempre" (10:9-10). 407

VI. Nossos privilégios e responsabilidades

O terrestre

29. "Não lhes aproximastes do monte que se podia apalpar, e que ardia em fogo....

30. "A voz do qual comoveu então a terra,

31. "Deus, tendo falado... em outro tempo aos pais pelos profetas,

32. "...como a eles,

33. "...tentaram-me seus pais;... desgostei-me contra essa geração, e pinjente: Sempre andam vagando em seu coração" (3:9- 10).

34. "Jurei em minha ira: Não entrarão em meu repouso... Não puderam entrar por causa de incredulidade... E aqueles a quem primeiro lhes anunciou a boa nova, não entraram... Se Josué lhes tivesse dado o repouso, não falaria depois de outro dia" (3:11-9; 4:6-8).

35. "Se a palavra dita por meio dos anjos foi firme, e toda transgressão e desobediência recebeu justa retribuição,

36. "Porque se não escaparam aqueles que desprezaram ao que os admoestava na terra,

37. "que viola a lei do Moisés, pelo testemunho de duas ou de três testemunhas morre irremisiblemente.

38. "Porque por ela [a fé] alcançaram bom testemunho os antigos... E todos estes, embora alcançaram bom testemunho mediante a fé, não receberam o prometido;

39. "portanto, nós também, tendo em redor nossa tão grande nuvem de testemunhas,

O celestial

mas sim lhes aproximastes do monte do Sion, à cidade do Deus vivo, Jerusalém a celestial,... ao Jesus o Mediador do novo pacto,... olhem que não desprezem ao que fala" (12:18-25).

mas agora prometeu, dizendo: Ainda uma vez, e comoverei não somente a terra, mas também o céu.... para que fiquem as [coisas] inconmovibles" (12:26-27).

nestes últimos dias nos falou pelo Filho" (1:1-2).

também nos anunciou a boa nova" (4:2).

"Não endureçam seus corações... Olhem, irmãos, que não haja em nenhum de vós coração mau de incredulidade" (3:8-12).

"portanto, fica um repouso para o povo de Deus..., posto que falta que alguns entrem nele... Temamos, pois, não seja que... algum de vós pareça não havê-lo alcançado... Procuremos, pois, entrar naquele repouso, para que nenhum caia em semelhante exemplo de desobediência" (4:9, 6, 1,11).

como escaparemos nós, se descuidarmos uma salvação tão grande? A qual, tendo sido anunciada primeiro pelo Senhor"... (2:2-3).

muito menos nós, se desprezássemos ao que admoesta dos céus" (12:25).

Quanto maior castigo pensam que merecerá o que pisoteasse ao Filho de Deus.... e fizesse afronta ao Espírito de graça?" (10:28-29).

provendo Deus alguma coisa melhor para nós, para que não fossem eles aperfeiçoados além de nós" (1 1:2, 39-40).

nos despojemos de todo o peso e do pecado que nos assedia, e corramos com paciência a carreira que temos por diante, postos os olhos no Jesus... Por

tanto, tendo um grande supremo sacerdote que transpassou os céus, Jesus o Filho de Deus, retenhamos nossa profissão... nos aproximemos, pois, confidencialmente ao trono da graça, para alcançar misericórdia e achar graça para o oportuno socorro" (12:1-2; 4:14, 16).

5. Bosquejo

I. O posto supremo e a suprema autoridade do Jesucristo, 1:1 às 2:18.

A. Sua igualdade com o Pai, 1:1-3.

B. Sua superioridade sobre os anjos, 1:4-14.

C. A importância de aceitar a salvação que proporciona Cristo, 2:1-4.

D. O propósito da encarnação de Cristo, 2:5-18.

1. O elevado destino da raça humana, 2:5-8.

2. A possibilidade da salvação devido à encarnação, 2:9-18

II. O "repouso" que fica para o povo de Deus, 3:1 às 4:16.

A. A fidelidade de Cristo, nosso apóstolo e supremo sacerdote, 3:1-6. 408

B. O fracasso do antigo o Israel ao não entrar no "repouso" de Deus, 3:7- 19.

1. Uma exortação à nossa fidelidade, 3:7-15.

2. Incredulidad: a causa do fracasso do Israel, 3:16-19.

C. Uma exortação a entrar no "repouso" de Deus mediante a fé em Cristo, 4:1-16.

1. Prova de que permanece a promessa do "repouso", 4: 1-11.

2. Uma admoestação a encontrar esse "repouso" em Cristo, 4:12-16.

III. A suprema condição de Cristo como supremo sacerdote, 5:1 às 8:13.

A. Cristo constituído supremo sacerdote pelo Pai, 5:1-10.

1. A função de um supremo sacerdote, 5:1-3.

2. A designação de Cristo, 5:4-6.

3. A preparação de Cristo para servir como supremo sacerdote, 5:7-10.

B. Exortação a aceitar a Cristo como supremo sacerdote, 5: 11 a 6:20.

1. A lentidão de muitos para compreender o papel de Cristo como

supremo sacerdote, 5:11-14.

2. A confiança do autor de que seus leitores crescerão em

entendimento, 6:1-12.

3. A certeza da esperança cristã, 6:13-20.

C. Cristo como supremo sacerdote segundo a ordem do Melquisedec, 7:1-28.

1. Elevada-a posição do Melquisedec, 7:1-4.

2. O sacerdócio do Melquisedec anterior e superior ao aarónico, 7:5-11.

3. O sacerdócio aarónico substituído pelo de Cristo, 7:12-24.

4. A eficácia e permanência do sacerdócio de Cristo, 7:25-28.

D. Cristo como supremo sacerdote do santuário celestial, 8:1-5.

E. O novo pacto, sob o qual Cristo é o supremo sacerdote, 8:6-13.

IV. O ministério de Cristo como Supremo Sacerdote, 9:1 às 10:22.

A. Uma descrição do santuário terrestre e seus serviços, 9:1-7.

B. O significado simbólico do santuário terrestre, 9:8-14.

C. Cristo como mediador do novo pacto, 9:15-28.

1. Ratificação do antigo pacto e dedicação de seu santuário

mediante sangre, 9:15-22.

2. O sangue de Cristo dá eficácia ao novo pacto, 9:23-28.

D. O sacrifício de Cristo superior ao sacrifício de animais, 10: 1-22.

1. A ineficácia de sacrifícios de animais, 10: 1-4.

2. A eficácia e permanência do sacrifício de Cristo, 10:5-18.

3. A exortação a aceitar o ministério sacerdotal de Cristo, 10: 19-22.

V. Uma exortação à fidelidade e à vida piedosa, 10:23 às 13:17.

A. Em vista do dia do julgamento e da vinda de Cristo, 10:23-39.

B. Em vista do fiel exemplo de ilustres personagens antigos, 11: 1 a 12:2.

C. Apesar das provas e as perseguições, 12:3-13.

D. Apesar das tentações, 12:14-29.

E. Respeito a situações específicas da vida diária, 13:1-17.

VI. Bênção apostólica e saudação pessoal, 13:18-25. 409

CAPÍTULO 1

1 Cristo, enviado a nós nestes últimos dias procedente do Pai, 4 é exaltado por sobre os anjos, ou em sua pessoa como em seu ofício.

1 DEUS, tendo falado muitas vezes e de muitas maneiras em outro tempo aos pais pelos profetas,

2 nestes últimos dias nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, e por quem deste modo fez o universo;

3 O qual, sendo o resplendor de sua glória, e a imagem mesma de seu substância, e quem sustenta todas as coisas com a palavra de seu poder, tendo efetuado a purificação de nossos pecados por meio de si mesmo, sentou-se à mão direita da Majestade nas alturas,

4 fato tanto superior aos anjos, quanto herdou mais excelente nome que eles.

5 Porque a qual dos anjos disse Deus jamais:

Meu Filho é você,

Eu te engendrei hoje,

e outra vez:

Eu serei a ele Pai,

E o será para mim filho?

6 E outra vez, quando introduz ao Primogênito no mundo, diz:

lhe adorem todos os anjos de Deus.

7 Certamente dos anjos diz:

que faz a seus anjos espíritos,

E a seus ministros chama de fogo.

8 Mas do Filho diz:

Seu trono, OH Deus, pelo século do século;

Cetro de eqüidade é o cetro de seu reino.

9 amaste a justiça, e aborrecido a maldade,

Pelo qual te ungiu Deus, teu Deus, Com óleo de alegria mais que a vocês companheiros.

10 E:

Tú,oh Senhor, no princípio fundou a terra,

E os céus são obra de suas mãos.

11 Eles perecerão, mas você permanece;

E todos eles se envelhecerão como uma vestimenta,

12 E como um vestido os envolverá, e serão mudados;

Mas você é o mesmo,

E seus anos não acabarão.

13 Pois, a qual dos anjos disse Deus jamais:

te sinta a minha mão direita,

Até que ponha a seus inimigos por estrado de seus pés?

14 Não são todos espíritos ministradores enviados para serviço a favor dos que serão herdeiros da salvação?

1.

Deus.

A epístola entra diretamente em um tema doutrina, sem as saudações iniciais acostumados (ver os primeiros versículos das outras epístolas do NT; ver P. 402). No texto grego a palavra "Deus" não se acha ao começo; o ordem é: "Muitas vezes e de muitas maneiras em outro tempo Deus falou". Ver o comentário imediato, "falado".

Falado.

O autor destaca o fato de que foi Deus quem falou por meio dos profetas. Um livro pode levar o nome do Isaías ou Amós ou Daniel, mas Deus é o verdadeiro autor (cf. Juan 5:46-47). O fato de que ele tinha dado revelações por meio dos profetas nos tempos do AT, não impediu que mais tarde também as desse, e até maiores, quando foi necessário fazê-lo. Em os tempos do AT era imprescindível demonstrar fé no Redentor que viria, oferecendo um cordeiro sobre o altar; mas depois de que Cristo veio, era completamente inapropriado seguir oferecendo tais sacrifícios. Se se houvesse contínuo com eles, não se demonstrou fé a não ser incredulidade. Era necessário deixar a um lado os ritos e cerimônias que assinalavam a Cristo e substitui-los por outros em que se demonstrasse confiança em que Cristo já tinha vindo. Mas para que o crente em Deus pudesse fazê-lo, eram necessárias novas

revelações do céu.

Terminar com cerimônias e costumes que tinham a auréola de santidade que os davam os séculos-como o cristianismo o exigia 410 do Israel- e adotar outras novas que em ostentação e pompa não se comparavam com as antigas; desprender-se dos majestosos serviços do templo, parecia com muitos, sem dúvida, que não só era repudiar todas as experiências religiosas e revelações do passado a não ser pôr fim a toda religião. Os judeus do século I e seus antepassados sempre tinham devotado sacrifícios, e Deus tinha aceito seu culto. Poderia haver algum prejuízo em continuar com o que o céu havia bento tão manifiestamente? Recordavam como Deus tinha instruído ao Moisés para que construíra o santuário, e como honrou diretamente sua dedicação enviando fogo do céu para acender a lenha do altar. Conceituavam que a religião que tinha sido boa para o Abraão, Moisés e Elías, tinha que ser também para eles.

Sempre será uma tarefa difícil trocar os costumes de séculos; transformar os hábitos de uma nação em uns poucos anos é quase impossível. No caso de a transição do judaísmo ao cristianismo era particularmente difícil, pois o mudança devia fazer-se mediante a liderança de homens que, segundo o conceito de a maioria, não estavam à altura dos que tinham instituído as práticas ancestras. Por isso foi extremamente difícil o período de transição. Se necessitava muita sabedoria e sábio conselho. Não há dúvida de que havia interrogantes quase sempre pressente: se Deus não exigir agora sacrifícios, se em realidade lhe são desagradáveis, então o que se pode dizer dos homens de a antigüidade, grandes e bons, que ensinaram ao Israel a oferecer sacrifícios a Deus e eles também os ofereceram? Não seguiram então as instruções específicas de Deus? E os quais são Pablo e os outros apóstolos para que se atrevam a trocar práticas e instituições antigas? Os judeus podiam perguntar diretamente aos apóstolos se se consideravam maiores que os profetas e os patriarcas da antigüidade (cf. Juan 4:12).

Estas perguntas são respondidas nas primeiras palavras da epístola. Os grandes dirigentes do passado não estavam equivocados. Tinham sido guiados por Deus. Eram homens de Deus. Quando falavam, Deus falava. Não tinham seguido fábulas sutis, enganosas. Ao enfocar as coisas desta maneira, o autor do livro naturalmente ganhava a confiança da gente que acreditava que os grandes homens e os profetas da antigüidade tinham sido guiados Por Deus.

Muitas vezes.

Gr. polumeros. Este advérbio grego significa "em muitas partes" ou " muitas maneiras"; "de uma maneira fragmentária" (BJ). A luz procedente do trono de Deus não irrompeu sobre os homens como um grande relâmpago de glória, mas sim descendeu lentamente, pouco a pouco, à medida que os homens podiam compreendê-la.

De muitas maneiras.

Gr.polutrópós, "multiforme", "de muitos modos" (BJ). Deus falo mediante profetas através de mensagens verbais e escritas, por parábolas e por meios visuais. Mas quaisquer que forem os meios, era Deus o que falava (ver o comentário de "falado").

Em outro tempo.

Gr. pálai, "faz muito", "anteriormente". A referência é sem dúvida a toda a

revelação do AT.

Pais.

Com o sentido de "antepassados" ou "ascendentes".

Profetas.

Gr profétes (ver com. Mat. 11:9).

2.

Estes últimos dias.

Equivale à expressão "em nosso tempo". Os escritores bíblicos às vezes falam dos acontecimentos relacionados com o primeiro advento de Cristo como se ocorressem nos "últimos dias" (cf. Hech. 2:17; Heb. 9:26; 1 Ped. 1:5).

Pelo Filho.

"Por meio do Filho" (BJ). Estabelece-se um contraste entre a revelação mediante um profeta e a revelação mediante um "filho". No texto grego não encontra-se o artigo "o" que antecede a "Filho". Cf. com. Dão. 7:13; Apoc. l: 13; Juan l:1.

A quem constituiu.

É difícil se localizar este sucesso em um momento preciso da história, pois os propósitos de Deus são eternos. Entretanto, a designação a qual se faz referência possivelmente ocorreu depois da ascensão, quando Cristo "sentou-se à mão direita da Majestade nas alturas" (vers. 3).

O primeiro versículo apresenta ao Pai; o segundo, ao Filho. Quando o autor de Hebreus apresenta ao Filho, chega ao coração de seu tema. Se Cristo tiver que substituir ao sacerdócio aarónico instituído pelo Moisés, deve demonstrar-se que é superior ao Moisés; do contrário não teria poder para anular o que Moisés tinha instituído. Por isso Cristo é apresentado como Deus (ver com. Heb. 1: 3; cf. com. Juan 1: 1).

Herdeiro de tudo.

Quando Jesus veio à terra, despojou-se "de seu vestido e coroa reais" (5TS 182). "Preferiu devolver o cetro às mãos do Pai, e descer do trono do 411 universo" (DTG 14). Com sua ascensão tomou outra vez o posto que havia tido com o Pare antes de sua encarnação (ver HAp 31-32; cf. 3JT 266-267). Era importante que os hebreus entendessem o verdadeiro lugar do Filho. Os escritores do AT não compreendiam a natureza trinitaria da Deidade. A Israel lhe tinha ensinado: "Ouça, Israel: Jehová nosso Deus, Jehová um é" (Deut. 6: 4). Era necessário que entendessem que o Mesías compartilhava o trono do universo com o Pai. Ver Nota Adicional do Juan l; cf. com. 1 Cor. 15:24-27.

Por quem deste modo fez.

apresenta-se ao Filho como associado com o Pai e como agente ativo na criação (ver com. Juan 1:3; Couve. 1:16-17).

Universo.

Gr. aión, "século", "idade", "mundo"; "mundos" (BJ, BC). Ver com. Mat. 13: 39. O plural do vocábulo grego provavelmente se refira a todo o sistema de coisas que foi chamado à existência por Cristo. São "todas as coisas" de Heb. l: 3, as "visíveis e invisíveis: sejam tronos, sejam domínios, sejam principados, sejam potestades" (Couve. l: 16-17).

Deus fez os mundos por meio de Cristo; mas não usou a Cristo como uma ferramenta mas sim como um colaborador. Aqui se apresenta uma divisão das atividades da Deidade. que seria o Redentor do homem, foi seu Criador; e porque é o Criador, pode criar ao homem como "nova criatura" (2 Cor. 5:17).

Quando consideramos a magnitude da criação de Deus, os inumeráveis milhões de mundos que circundam o trono da Deidade, não só obtemos um conceito mais amplo de Deus, mas sim somos induzidos a dizer com o salmista: "O que é o homem, para que dele tenha memória, e o filho do homem, para que o visite?" (Sal. 8: 4). Nosso Deus é admirável em sabedoria, conhecimento e poder; e junto com isto, é admirável o amor daquele que criou e sustenta todas as coisas e convida ao ser humano a participar ativamente com ele da glória.

3.

O qual, sendo.

Ou "que é". O verbo grego eimí, "ser" ou "estar", nunca pode traduzirá "chegar a ser" ou "converter-se em". A mesma idéia se nota no Juan l: l: "No princípio era o Verbo" (ver com. respectivo). No princípio Cristo não apareceu nem veio à existência, já era. Segundo Juan l: 14, quando o que era ou existia antes veio à terra, fez-se carne, o que antes não tinha sido. Por outra parte, a frase "que é" aparece a LXX do Exo. 3:14 como nome de Deus; que se use aqui a mesma frase sem dúvida não é coincidência (ver com. Apoc. 1:4).

Resplendor.

Gr. apáugasma, "resplendor", esplendor", "reflexo". O Pai e o Filho são inseparáveis. O Filho revela ao Pai, é o reflexo do Pai. Quando olhamos o sol, não vemos o sol a não ser seus raios; tampouco vemos o Pai a não ser ao Filho, pois o Pai é invisível, "habita em luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver" (1 Tim. 6:16).

Glória.

Gr. dóxa (ver com. ROM. 3:23; 1 Cor. 1l: 7). A glória de Deus é a soma total de todos seus atributos. Moisés pediu a Deus: "Rogo-te que me mostre sua glória" (Exo. 33: 18), e Deus lhe respondeu: "Eu farei passar todo meu bem ['minha bondade', BA, BC, NC] diante de seu rosto" (Exo. 33:19; cf. cap. 34:5-7).

A glória de Deus é seu caráter (ver DTG 1l; PR 231-232; OE 43l). Cristo não chegou a ser o resplendor da glória de Deus; já o era, e sempre o havia sido (ver com. Juan l: l; T. V, pp. 894-895). Isto constitui o fundamento essencial e eterno de sua personalidade.

Imagem mesma.

Gr. jaraktér originalmente uma ferramenta para gravar ou marcar. Posteriormente chegou a significar a marca mesma. A tradução "estampagem" (BJ, BC, NC) aproxima-se mais ao significado de um pouco gravado ou marcado. Esta mesma dualidade de significa se pode advertir em algumas palavras. Por exemplo, "selo" pode significar a impressão que se marca sobre um objeto e também o selo que a marcou. Cristo é o selo ou a "estampagem" exata de Deus.

Substância.

Gr. hupóstasis, literalmente, "o que está debaixo", e portanto, "medula", "essência", "realidade". É realidade em contraste com imaginação e fantasia. usa-se esta palavra para designar a essência das coisas, a natureza íntima de algo, o verdadeiro ser. Também se emprega para denotar firmeza, estabilidade, segurança, confiança.

Quando se diz que Cristo é "a imagem mesma" da hupóstasis do Pai, significa mais que uma semelhança externa: é a expressão exata e verdadeira de a natureza íntima de Deus. Assim como é o Pai, assim é o Filho: um em essência, um em caráter, um em pensamento e propósito. São tão semelhantes que Cristo pôde dizer: "que me viu , viu ao Pai... Eu e o Pai 412 e um somos" (Juan 14: 9; 10: 30). ou dos grandes propósitos da vinda de Cristo a esta terra foi dar aos homens uma fiel representação do Pai.

Sustenta.

Gr. féro, "dirigir", "levar", "sustentar". Pode acrescentar o significado de movimento, propósito, condução, de proceder com uma intenção definida. Cristo é o que sustenta todas as coisas em todo o universo e o que mantém aos corpos celestes em suas órbitas prefixadas. Compare-se com a oração "todas as coisas nele subsistem". Féro é mais lhe abranjam que "subsistir" ou "consistir", pois abrange o conceito de uma ação deliberada, cheia de propósito. Esta definição troca o conceito de um poder que só sustenta o universo físico, pelo de um Ser inteligente que tem um plano e se acha em o processo de levá-lo a cabo.

Palavra.

Gr. rhema, "expressão", "palavra", "ordem". O universo foi constituído pela "palavra" (rhema) de Deus (cap. 11:3). Compare-se com o uso da rhema de Deus em ROM. 10:8, 17-18; F. 6:17; 1 Ped. 1:25.

Seu.

Ou de Cristo.

Poder.

Gr. dúnamis, "potência", "vigor", "capacidade de realizar".

Purificação.

Com sua expiação na cruz Cristo obteve a limpeza do pecado em geral -que inclui finalmente a purificação do pecado no universo-, e também

a limpeza dos pecados individuais. Esta última purificação, também feita possível mediante a cruz, ainda se leva a cabo, e continuará até quando seja possível salvar a última pessoa.

Cristo terminou sua obra na cruz como vítima e sacrifício. Derramou seu sangue, e assim se converteu em "um manancial aberto... para a purificação do pecado e da imundície" (Zac. 13: l). Mas continua sua obra como intercessor. É nosso advogado ante o Pai (ver Heb. 7:25).

Cristo venceu toda tentação. Embora os pecados do mundo foram colocados sobre ele, sua alma permaneceu imaculada. Rechaçou toda sugestão ao mal. Satanás nunca obteve vantagem alguma. Atacou mil vezes a Cristo, mas nunca teve êxito.

Nossos.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão desta palavra. Pelo tanto, o texto significa que Cristo levou "a cabo a purificação dos pecados" (BJ, BA, BC, NC). É certo que Cristo desencardiu "nossos" pecados, mas o autor apresenta aqui um panorama mais lhe abranjam, incluindo a todos os pecados.

Por meio de si mesmo.

A evidência textual se inclina por (cf. P. 10) a omissão destas palavras. Omitem-nas a BJ, BA, BC e NC. Mas a idéia está implícita na expressão grega que se traduz "tendo efetuado a purificação". Cristo pisou em sozinho o lagar (ISA. 63:3).

sentou-se.

Esta expressão indica fazer-se carrego de algo, assumir um cargo; sugere uma inauguração, uma coroação. Significa investir com autoridade, reconhecer o direito de Cristo a ter jurisdição. Era o princípio, não o fim, de seu atividade como mediador especial. Era a colocação do selo de Deus sobre seu obra de intercessão. Deus, sentando nessa forma a Cristo a sua mão direita, colocou sua aprovação sobre a obra que Cristo tinha feito na terra, e a aceitou. Consagrou-o como supremo sacerdote e, portanto, autorizou-o para que se desempenhasse como mediador segundo a ordem do Melquisedec (cap. 7:17).

A Cristo lhe concedeu que se sentasse à mão direita da Majestade nas alturas porque tinha obtido a purificação dos pecados. Tinha triunfado onde fracassou Adão. Tinha ganho o direito de falar e atuar em favor da humanidade. portanto, longe de sentar-se a descansar, estava começando seu nova atividade. Quando um juiz se sinta para presidir uma assembléia, ocupa seu solio de magistrado e começa o procedimento judicial. Assim também Cristo sentou-se à mão direita de Deus, e recebeu um reconhecimento oficial ante as multidões congregadas de que atuava pela designação e a vontade de Deus.

Nos serviços do santuário os sacerdotes ofereciam o sangue das vítimas que a gente apresentava. Era necessário que Cristo, como supremo sacerdote, tivesse "algo que oferecer" (cap. 8:3). Esse "algo" não foi a "sangue de machos caibros nem de bezerros, a não ser... seu próprio sangue" (cap. 9:12). Não podia oferecer esse sangue até que não a tivesse derramado no Calvário. Mas logo que a derramou, pôde começar seu ministério; e o fez imediatamente depois de ser instituído em seu cargo. Agora já era sacerdote para sempre, e estava preparado para interceder pelo homem no

santuário do céu.

Mão direita.

O lugar de honra e autoridade. Há sem dúvida uma alusão a Sal. 110: 1. 413

Majestade.

Gr. megalosúne "grandeza", "magnificência". No NT só aparece aqui, Heb. 8: 1 e Jud. 25. Aqui se usa como contrito da divindade em lugar do nome divino, sem dúvida com propósito literário.

Nas alturas.

Quer dizer, no céu (cf. Sal. 93:3).

4.

Feito.

Melhor "tendo chegado a ser". devido a sua encarnação, Jesus chegou a ser "um pouco menor que os anjos" (cf.com. cap. 2: 9); agora é grandemente elogiado (cap. 1:3).

Tão superior.

O resto do capítulo se dedica a apresentar o contraste entre Cristo e os anjos. O autor começa mostrando que Cristo é Deus em sentido supremo. Se Cristo limpar aos homens dos pecados, tem que ser Deus, pois só Deus pode perdoar pecados. Embora os anjos fossem poderosos e embora os judeus tivessem um conceito tão elevado deles, nenhum anjo pode ser jamais um salvador. Por isso o autor procede a mostrar que Cristo é "tão superior" aos anjos.

A deidade de Cristo era uma grande pedra de tropeço para que os judeus aceitassem o cristianismo. Israel se havia sentido orgulhoso durante séculos de adorar a um só Deus, enquanto isso que os pagãos tinham muitos deuses. "Jehová nosso Deus, Jehová um é" (Deut. 6: 4) tinha sido o desafio a seus vizinhos pagãos. Os judeus precisavam entender a natureza da Deidade, que as palavras "Jehová um é" incluíam o Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Herdou.

Cristo foi constituído "herdeiro de tudo" (ver com. vers. 2). Com esta herança também foi dado "um nome que é sobre tudo nome" (ver com. Fil. 2:9).

Mais excelente nome.

Alguns acreditam que este nome é "Este Jesus é o nome que lhe deu ao nascer, e foi dado reconhecendo o fato de que salvaria "a seu povo de seus pecados" (Mat. l: 2 l). Posto que o anjo que anunciou o nome só estava cumprindo uma ordem de Deus, em realidade foi Deus o Pai quem lhe deu o nome. Outros pensam que se faz referência ao título "Filho". Acreditam, que este é elogiado com as diversas entrevistas que se apresentam do AT (Heb. 1:5-8). O título "Filho" se aplicou especialmente com respeito à encarnação (ver

com. Luc. 1: 35). Os anjos são só "espíritos ministradores" (Heb. l: 13-14); o único "Filho" é Jesus.

5.

Qual dos anjos.

dá-se começo a uma série de entrevistas do AT para provar a superioridade de Cristo sobre os anjos. A resposta antecipada à pergunta é: "Nunca disse isto a nenhum anjo em nenhum momento".

Meu Filho é você.

Uma entrevista de Sal. 2: 7 (ver o comentário respectivo). Quanto ao título "Filho" aplicado a Cristo, ver com. Luc. 1: 35; cf. com. ROM. 1:4. O autor desbarata o argumento de alguns de que Cristo é só um anjo elevado. Se Cristo fora realmente um anjo elevado a sua condição de glória, então Deus "haveria dito" a um anjo: "Meu Filho é você"; mas Deus 'jamais" "disse" isto a nenhum anjo.

Alguns se referem ao Job 1: 6; 2: 1; 38: 7 como uma prova de que as Escrituras chamam filhos de Deus aos anjos (ver o comentário destes versículos). Deve notar-se que todas estas expressões estão em plural. As Escrituras não dizem em nenhuma parte que um anjo é chamado filho de Deus; e os anjos, é obvio, são seres criados (Couve. 1: 16).

Eu te engendrei hoje.

Quanto às diversas interpretações dadas a esta passagem, ver com. Hech. 13: 33; cf. com. ROM. 1: 4.

Eu serei a ele Pai.

Uma entrevista de 2 Sam. 7: 14 (ver o comentário respectivo). A profecia original aplicou-se em primeiro lugar ao Salomón, mas aqui lhe dá não significado messiânico. O propósito da entrevista é destacar a condição de filho de Cristo, e desse modo estabelecer mais firmemente sua superioridade sobre os anjos.

6.

Quando introduz.

Uma indubitável referência à encarnação, embora em nenhuma parte se registra uma ordem tal. Alguns insistem em que não deve destacar o elemento temporário. Cristo era Deus antes da encarnação; era Deus durante a encarnação; e é Deus depois da encarnação. Em qualquer dessas etapas correspondia-lhe a adoração. A ordem de adorá-lo destaca a supremacia do Filho.

Primogênito.

Gr. protótokos (ver com. com. 8:29).

lhe adorem todos os anjos.

Uma entrevista não textual do Deut. 32: 43, LXX, com elementos de Sal. 97:7. A entrevista não aparece assim na Bíblia hebréia. As entrevistas da LXX são características de

esta epístola (ver P. 402). A ordem de adorar a Cristo confirma a deidade do Salvador. Os anjos são elevados, mas Cristo é tão superior a eles, que se os 414 ordena que o adorem. Só se deve adorar a Deus (Apoc. 22:8-9), portanto, Cristo é Deus.

7.

Espíritos.

Gr. pnéuma, "vento", "espírito", "fôlego". Uma entrevista do Sal. 104: 4. O propósito do autor ao citar este texto é mostrar que os anjos são servos, e que Deus os usa como a seus ministros, em contraste com o Filho que é Deus.

Quanto à diferença entre Sal. 104:4 e Heb. 1:7, ver t.III, P. 875, com. Sal. 104:4. Note-se que "anjo" e "mensageiro" têm uma mesma raiz: em hebreu, mau'AK significa tanto "anjo" como "mensageiro" (cf. com. 2 Sam. 14:17); e em grego, ággelos também pode traduzir-se ou "anjo" ou "mensageiro" (cf. com. Apoc. l: 20). Outro tanto acontece com "espírito" e "vento": ambos podem ser ou do hebreu ruaj (cf com. Job 1:3), ou do grego pneúma (cf. com. Luc. 8:55).

Ministros.

Gr. leitourgós (ver com. ROM. 13:6). O Filho é Deus e deve ser adorado; mas os anjos são ministros, servos que se deleitam em cumprir a vontade de Deus. Do mesmo princípio tiveram uma parte definida no plano de Deus e serviram que muitas maneiras. Depois que o homem pecou, custodiaram o caminho que dava acesso à árvore da vida (Gén. 3:24). Quando se produzirem os sucessos finais e Cristo volte para a terra, os anjos virão com ele (Mat. 25:31), e Cristo os enviará para que reúnan "a seus escolhidos, dos quatro ventos, de um extremo do céu até o outro" (Mat. 24:31).

Os anjos foram através de toda a história os guardiães e protetores dos homens, "enviados para serviço a favor dos que serão herdeiros de a salvação" (Heb. l: 14). Os anjos se apresentaram com freqüência durante o ministério terrestre de Cristo, do primeiro anúncio de seu nascimento até o momento de sua ascensão. Embora não estejamos sempre conscientes da presença constante dos anjos em nossas vidas, com segurança podemos saber que sempre estamos sob seu amoroso cuidado.

Chama de fogo.

Cf. com. Gén. 3:24.

8.

Do Filho.

Em contraste com "dos anjos" (vers. 7).

Seu trono, OH Deus.

Uma entrevista de Sal. 45:6-7 (ver o comentário respectivo). O Pai se dirige reverentemente ao Filho chamando-o Deus, o qual pode considerar-se como o clímax do tema da posição e dignidade de Cristo. Não pode haver um testemunho superior quanto à deidade de Cristo, que esta exclamação do Pai dirigida ao Filho. Em forma muito solene se afirma a deidade de Cristo, e isso o faz o mesmo Pai.

A salvação do homem e todo o plano de salvação se apóiam na deidade de Cristo. Se Cristo não for Deus no sentido mais sublime e por seu próprio direito, é vã nossa fé e a salvação se volta impossível.

Muitos dos judeus tinham visto o Jesus em pessoa, e possivelmente lhes era mais difícil que às gerações posteriores acreditar que Cristo era divino. Acaso não conheciam seu suposto pai e a sua mãe, e não viviam ainda alguns de seu família? Como podia ser Deus este homem? O autor procura tirar esta pedra de tropeço, e por isso recorre ao testemunho das Escrituras para confirmar sua posição. Desde pouco valeria apresentar os temas vitais que trata a Epístola aos Hebreus se este ponto não era esclarecido e plenamente aceito.

Quando consideramos a história da igreja dos dias dos apóstolos, sentimos a necessidade de destacar a deidade de Cristo. Há muitos hoje em dia que reverenciam a Cristo e o estimam altamente a sua maneira, e entretanto se negam a lhe dar o lugar ao que tem direito. Não compreendem que a deidade de Cristo é o fato central no plano de redenção, e que "não há outro nome sob o céu, dado aos homens, em que possamos ser salvos" (Hech. 4:12).

Pelo século do século.

Cf. com. Apoc. 11: 15; 14: 11.

Eqüidade.

Gr. euthúts, "retidão", "justiça". São dignas de notá-las referências ao "trono" e ao "cetro": indicam verdadeira posse de poder e não uma possibilidade. Não apresentam o reino como futuro, mas sim como presente e em função ativa. O trono e o reino são eternos; e o cetro -símbolo de verdadeiro exercício de autoridade- caracteriza-se por sua retidão.

9.

Justiça.

Gr. dikaiosúne (ver com. Mat. 5:6). Refere-se especialmente à vida terrestre de Cristo. Por isso foi ungido, como se menciona na última parte do versículo.

Amar a justiça é uma virtude mais nobre que simplesmente praticar a justiça. Muitos sinceros cristãos participam ativamente em diversas empresas boas mais por um sentido de obrigação que por um amor inerente à obra. Um missionário pode ir a um lugar necessitado 415 movido por um alto sentido do dever e de responsabilidade, e pode fazer uma grande obra; mas só alcançará a norma estabelecida Por Deus quando estiver dominado pelo amor à obra e quando comece a amar verdadeiramente a asa gente entre quem trabalha. É digno de louvor que alguém trabalhe motivado pelo dever; mas uma experiência maior a essa é trabalhar motivado pelo amor. Muitos aceitam a doutrina da igreja e obedecem o que Deus ordena devido à lógica entristecedora da verdade e seu excelente apresentação; "o amor da verdade para ser salvos" (2 Tes.2: 10)finalmente podem ser achados faltos.

O amor moveu a Deus atuar: "De tal maneira amou Deus ao mundo, que deu a seu Filho unigénito" (Juan 3:16) "Cristo amou à igreja, e se entregou assim mesmo por ela" (Efe.5: 25). Pablo, quem declara, "trabalhei mais que todos eles" (1 Cor.15:10), atesta: "o amor de Cristo nos constrange" (2 Cor.5:14).

Maldade.

Gr.anomía,"ilegal", "violação da lei"; "iniqüidade" (BJ).O amor é uma virtude cristã essencial; mas é necessário destacar também a qualidade de odiar o mal. Deus elogia a Cristo por seu amor à justiça, e também por seu odeio ao pecado.

É possível resistir o pecado sem odiá-lo realmente. Um certo pecado pode não atrair a uma pessoa, e portanto não lhe ser uma tentação. Outros pecados possivelmente a atraiam, mas como sabe que são pecado e que poderia ser descoberta, abstém-se de fazer o que em realidade lhe agradaria fazer. Não sabemos como se considerará uma pessoa tal nos livros do céu; mas sim sabemos que não é suficiente que não é suficiente o motivo de abster-se de pecar por temor de que se arruíne a reputação própria se se for descoberto. O aprendeu em realidade a odiar o pecado é o único que pode estar seguro. que se abstém de pecar e entretanto deseja fazê-lo e encontra que o pecado é atraente e interessante, não está em terreno seguro. Precisa aprender a odiar o pecado. A igreja do Efeso foi elogiada por que odiava a obra dos nicolaítas (Apoc. 2:6)Nos livros de Deus não só o que amamos mas também também o que odiamos.

Ungiu.

Este unção é com o "óleo de alegria", quer dizer, com azeite que é alegria. O unção é um símbolo de bênçõe s e de gozo (ver Deut. 28:40; Sal. 23:5; 92: 10).

Companheiros.

Na profecia original estes eram sem dúvida outros personagens celestiales. Quando a passagem se aplica a Cristo, alguns entendem que estes "companheiros" representam a todos os outros seres; outros acreditam que representam aos que estão associados com Cristo no plano de salvação, quer dizer, os farelos de cereais que são coherederos com ele.

10.

Você.

Os vers. 10- 12 são uma entrevista de Sal. 102:25-27. apresenta-se uma entrevista detrás outra tiradas da LXX, para estabelecer a deidade de Cristo por cima de toda dúvida. No vers. 8 Cristo é chamado Deus; aqui Senhor. Jesus é Senhor e Deus (cf. com. Hech. 2:36).

Fundou a terra.

Já se mencionou o fato de que Cristo foi o agente ativo na criação (ver com. vers. 2). Aqui se mostra que uma entrevista do AT que os judeus consideravam como referente a Deus, refere-se especificamente a Cristo.

11.

Eles perecerão.

Quer dizer, os céus atmosféricos e a terra experimentarão mudanças fundamentais (ver com. Mat. 24:35-, Apoc. 2 l: l).

Você permanece.

A Cristo lhe atribui eternidade. Como Criador, Cristo existiu antes que todas as coisas (Couve. l: 17), e quando se desvanecerem as coisas perecíveis, ele permanecerá.

12.

Como um vestido.

Uma impressionante figura da natureza transitiva e passageira dos céus e a terra (ver coro. vers. 11).

Você é o mesmo.

Esta declaração afirma a imutabilidade de Cristo. Todos os atributos de Deus são imprescindíveis. Destacamos seu amor, sua bondade, sua justiça; mas seu imutabilidade é igualmente importante, embora não sempre a apreciemos. Gozamos de uma infinita bênção ao ter a certeza de que Cristo é sempre "o mesmo ontem, e hoje, e pelos séculos" (cap. 13:8).

Imutabilidade e eternidade dão a idéia de coerência, estabilidade, permanência. São " segura e firme âncora da alma" (cap. 6: 19). Nestes tempos de incerteza é bom ter algo sobre o qual edificar; é bom ter um âncora que não vá à deriva.

13.

Os anjos.

A resposta antecipada à pergunta (cf. com. vers. 5) é: "Deus nunca chamou a um anjo 'meu Filho', nem jamais o convidou a que se sentasse a sua mão direita para compartilhar o lugar divino e suas prerrogativas".

Sente-se a minha mão direita.

Entrevista de Sal. 11 0: L. 416 Ver com. Heb. 1:3.

Seus inimigos por estrado.

Referência a um costume oriental, segundo a qual o vencedor colocava um pé sobre o pescoço de seus inimigos como sinal de submissão dos vencidos. Compare-se com a referência do Jesus a esta declaração dos Salmos (Luc. 20:42- 43).

14.

Ministradores.

Gr. leitourgikós, "destinado ao serviço", "dedicado ao ministério". É um vocábulo relacionado com leitourgós, cujo plural se traduziu como "ministros" no vers. 7. Quanto ao verbo leitourgéo, ver com. Hech. 13:2.

Para serviço.

Quanto a diakonía, ver com. ROM. 12:7.

Quando o autor apresenta a supremacia de Cristo sobre os anjos, não tem o propósito de falar livianamente destes mensageiros de Deus. Sua missão é destacada (ver com. vers. 7). Os judeus tinham um alto conceito dos anjos. Por isso é tão grandioso o tema deste capítulo.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-5 3JT 266; MC 329

2 DTG 622; P 157

3 MJ 46; DTG 36; Ed 128; Ev 446; 1JT 217; 3JT 263; MC 326; MM 19; PP 12, 25; PVGM 87; 2T 345; P 77

6 CS 556; DTG 774; 2T 426

8-9 DTG 152,683; PP 12

13 MeM 313

14 (1967) 154; CS 565, 607; CW 140; DTG 593, 771; EC 403; Ed 99; HAd 291, 368; HAp 125; HR 157; 2JT 379, 441; MC 196; MeM 312-313; MJ 17,24; OE 513; P 88, 262; PP 50; PVGM 140, 321; SC 266; 2T 125, 453; 3T 198; 5T 420; 6T 63, 433, 456

CAPÍTULO 2

1 Devemos obedecer a Cristo Jesus 5 porque ele condescendeu a tomar nossa natureza, 14 pois era necessário que o fizesse.

1 portanto, é necessário que com mais diligencia atendamos às coisas que ouvimos, não seja que nos deslizemos.

2 Porque se a palavra dita por meio dos anjos foi firme, e toda transgressão e desobediência recebeu justa retribuição,

3 como escaparemos nós, se descuidarmos uma salvação tão grande? A qual, tendo sido anunciada primeiro pelo Senhor, foi confirmada por os que ouviram,

4 atestando Deus junto com eles, com sinais e prodígios e diversos milagres e distribuições do Espírito Santo segundo sua vontade.

5 Porque não sujeitou aos anjos o mundo vindouro, sobre o qual estamos falando;

6 mas alguém atestou em certo lugar, dizendo:

O que é o homem, para que te lembre de él,O o filho do homem, para que o visite?

7 Lhe fez um pouco menor que os anjos,

Coroou-lhe de glória e de honra, e lhe pôs sobre as obras de suas mãos;

8 Todo o sujeitou sob seus pés.

Porque assim que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que não seja sujeito a ele; mas ainda não vemos que todas as coisas lhe sejam sujeitas.

9 Mas vemos aquele que foi feito um pouco menor que os anjos, ao Jesus, coroado de glória e de honra, a causa do padecimento da morte, para que pela graça de Deus gostasse da morte por todos.

10 Porque convinha a aquele por cuja causa são todas as coisas, e por quem todas as coisas subsistem, que tendo que levar muitos filhos à glória, aperfeiçoasse por aflições ao autor da salvação deles.

11 Porque o que santifica e os que são santificados, de um são todos; pelo qual não se envergonha de chamá-los irmãos, 417

12 dizendo:

Anunciarei a meus irmãos seu nome, Em meio da congregação te elogiarei.

13 E outra vez:

Eu confiarei nele.

E de novo:

Hei aqui, eu e os filhos que Deus me deu.

14 Assim, por quanto os filhos participaram de carne e sangue, ele também participou do mesmo, para destruir por meio da morte ao que tinha o império da morte, isto é, ao diabo

15 e liberar a todos os que pelo temor da morte estavam durante toda a vida sujeitos a servidão.

16 Porque certamente não socorreu aos anjos, mas sim socorreu à descendência do Abraham.

17 Pelo qual devia ser em todo semelhante a seus irmãos, para dever ser misericordioso e fiel supremo sacerdote no que a Deus se refere, para expiar os pecados do povo.

18 Pois assim que ele mesmo padeceu sendo tentado, é capitalista para socorrer a os que são tentados.

1.

portanto.

Quer dizer, devido à supremacia do Filho sobre os anjos -tema do cap. 1- e por causa da importância da mensagem do Filho "nestes últimos dias" (ver com. cap. 1: 2).

Com mais diligencia.

Ou "emprestemos maior atenção" (BJ). É o Filho, Deus mesmo, quem falou.

As coisas que ouvimos.

A maneira em que lhes chegou a mensagem se descreve no vers. 3.

Não seja que nos deslizemos.

Também poderia traduzir-se: "não seja que partamos à deriva", ou "não seja que, arrastados, nos delas afastemos". O autor teme que seus leitores deixem de reconhecer a importância transcendental do que foi dito por Cristo. Os cristãos de origem judia eram muito ciumentas pela revelação do AT, mas estavam em perigo de não ver a importância da nova revelação que havia sido dada.

Deixar-se levar pela corrente é uma forma de locomoção fácil e prazenteira, mas também é extremamente traidora e perigosa. Não se necessita nenhum esforço para isso, e quando a gente é levada águas abaixo para uma morte segura, a sensação é de bem-estar e contentamiento, e até de sonolência. É difícil sentir o movimento descendente, pois o bote parece que estivesse imóvel. O bote se move com a água, e por isso a aparência é enganosa.

2.

Palavra dita por meio dos anjos.

Referência ao sistema de leis instituído no Sinaí (ver com. Gál. 3:19).

Firme.

Gr. bébaios, "seguro", "estabelecido". A lei era plenamente válida e não podia ser ignorada impunemente.

Transgressão.

Gr. parábasis, "passar do limite", "extrapolação", "transgressão", "violação". A palavra implica acontecer deliberadamente por cima de uma linha, um ato deliberado em contraste com uma queda acidental. Na escuridão, uma pessoa pode acontecer por cima de uma linha que não vê e não sabe que está ali, o qual é diferente de transpassar a linha em plena luz do dia, vendo a sinal que proíbe fazê-lo. Essa violação voluntária é transgressão.

Desobediência.

Gr. parakoe (ver com. ROM. 5:19).

Justa retribuição.

A lei mosaica especificava os castigos para as diversas classes de transgressões. Embora "dita por meio dos anjos", a lei era de origem divino e, portanto, a semelhança de seu autor, era justa em todos seus castigos e exigências.

3.

Como escaparemos nós?

Esta pergunta retórica demanda uma só resposta: "Não escaparemos". O pronome "nós" dá no texto grego mais ênfase à pergunta. "Nós" contrasta com os que nos dias do AT transgrediam o código mosaico (vers. 2). Eles descuidavam "a palavra dita por meio dos

anjos"; os que estão representados por "nós" estão em perigo de descuidar a palavra dita por Cristo.

Descuidamos.

Gr. ameléo, "descuidar", 'despreocuparse", "ser negligente". Muitos dos cristãos de origem judia se aferravam ao antigo sistema judaico e se sentiam inclinados a lhe subtrair importância ao Evangelho. O propósito da epístola era mostrar que o antigo sistema tinha terminado e que a salvação só se podia encontrar em Cristo e no Evangelho. 418

A admoestação é aplicável em qualquer tempo. Não há escapatória para os que decidam as exortações do Evangelho. Possivelmente não haja um rechaço direto de Cristo a não ser só demora e negligência. Tal proceder está impregnado de um grave perigo, e se se persiste nele se chegará à perdição eterna.

Salvação tão grande.

Grande porque Deus é seu autor. Grande devido a seu custo: a vida o Filho de Deus. Grande no que obtém: a renovação do corpo, a alma e o espírito, e o elogio da humanidade a um lugar celestial.

Anunciada. . . pelo Senhor.

Em contraste com "a palavra dita por meio dos anjos" (vers. 2), "Deus... nestes últimos dias... falou-nos pelo Filho" (cap. I: 1 2). Uma referência à mensagem proclamada por Cristo durante seu ministério terrestre. Quanto ao significado do título "Senhor" quando se aplica a Cristo, ver com. Juan 13:13; 20:28.

Nos.

O autor se identifica como um daqueles a quem o Evangelho tinha sido confirmado pelos que o ouviram diretamente do Jesus. Isto indica que nenhum dos doze apóstolos foi o autor de Hebreus. Muitos afirmam que isto também exclui ao Pablo, pois ele se gaba de que não tinha recebido o Evangelho de homem algum mas sim por revelação do Jesucristo (Gál. I: 12). Mas este raciocínio não é concludente pois o autor poderia estar-se incluindo em forma general com seus leitores. Além disso, sem dúvida houve muitas coisas que lhe foram confirmadas ao Pablo pelas testemunhas oculares do Jesus. O recebeu, por suposto, o mistério do Evangelho diretamente do Jesucristo. O problema de a paternidade literária deve resolver com outros argumentos (ver pp. 401-403).

Confirmada.

Gr. bebaióo, "estabelecer", "confirmar". Não só lhes tinha sido proclamado o Evangelho, tinha sido proclamado podendo convincente.

4.

Deus junto.

Deus também deu testemunho da veracidade da mensagem evangélica. A mensagem não podia ter uma confirmação maior.

Sinais.

Respeito a uma definição de sinais, prodígios e milagres, ver T. V, P. 198; com. ROM. 15:19.

Distribuições do Espírito Santo.

Há uma contagem destes dons em 1 Cor. 12: 8-10, 28; cf. F. 4: 11-12.

Segundo sua vontade.

Ver com. 1 Cor. 12: 11.

5.

Aos anjos.

trata-se novamente do lugar de Cristo em contraste com o dos anjos (cf. cap. l). O pensamento que segue implica o lado positivo: o mundo vindouro foi submetido ao Filho.

O mundo vindouro.

Uma indubitável referência ao reino de glória que começará com a segunda vinda de Cristo (cf. com. Mat. 4:17; 5:3). Ver F. l: 2 l; Heb. 6:5.

6.

Certo lugar.

Não implica incerteza quanto aonde deve achá-la referência; é só um meio de introduzir uma declaração quando se criar desnecessário citar a fonte.

O que é o homem?

A entrevista dos vers. 6-8 é de Sal. 8:4-6, LXX. Quanto ao significado original da passagem, ver com. Sal. 8: 4-6. O autor de Hebreus estende por inspiração o significado da passagem e o aplica a Cristo (Heb. 2:9). Em quanto aos princípios que fundamentam tais aplicações, ver com. Deut. 18:15.

7.

um pouco.

Ou "por um curto tempo". No texto grego pode entender-se de ambas as maneiras; as duas são certas. A segunda é especialmente apropriada quando se aplica a Cristo (vers. g), pois só brevemente, durante sua encarnação, fixe feito menor que os anjos.

Coroou-lhe.

refere-se ao caso do Adão e Eva registrado no Gén. 1: 28 (ver o comentário respectivo). Deus não criou ao homem para que fora servo ou escravo a não ser para que fora rei, e lhe conferiu glória e honra.

Pô-lhe sobre. . . mãos.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pela omissão desta cláusula.
Possivelmente foi acrescentada em alguns MSS para completar a entrevista de Sal. 8: 4- 6.

8.

Sujeitou-o.

Depois que Deus criou ao Adão e a Eva, "benzeu-os.... e lhes disse: Frutifiquem e lhes multiplique; encham a terra, e subjuguem" (Gén. 1:28). Isto lhe deu ao homem uma incontestável posse da terra e domínio sobre tudo ser vivente.

Nada deixou.

Os eruditos não estão de acordo quanto aos alcances do domínio original. Alguns sustentam que incluía poder sobre a natureza e os elementos, assim como Cristo tinha poder sobre eles citando esteve na terra. Outros afirmam que ao homem lhe deu domínio sobre os animais e era superior a eles.

O homem aprendeu a utilizar em forma muito notável os poderes ou leis de a natureza. remonta-se pelos céus e as profundidades 419 do mar o entregam seus segredos. Aproveita a força das águas tormentosas, e faz que a eletricidade lhe sirva. Fala, e os limites da terra ouvem sua voz; escava nos continentes, e extrai riquezas ocultas. Fisiona o átomo, e libera um imensurável poder.

Ainda não.

Apesar de seus notáveis conquista (ver o comentário de "nada deixou"), há força contra as quais o homem é impotente. aprendeu a pospor a morte, mas finalmente não pode escapar dela. acha-se em grande medida sob o poder de Satanás, razão pela qual está muito longe de exercer o domínio que originalmente foi entregue.

9.

Mas vemos. . . ao Jesus.

A conjunção adversativa "mas" assinala um contraste. O homem "ainda não" tem o domínio (ver com. vers. 8); "mas vemos... ao Jesus". O tem o domínio. Foi coroado de glória e honra. Tem toda a autoridade (Mat. 28: 18).

um pouco menor.

Ou "menor por um curto tempo" (ver com. vers. 7). afirma-se que Cristo é verdadeiramente homem assim como no primeiro capítulo foi apresentado como verdadeiramente Deus. Sua humanidade o capacita para ser um supremo sacerdote como que necessitam os homens (vers. 17-18). É obvio, no ciclo Cristo era superior aos anjos, imensamente superior. Mas quando se fez homem, voluntariamente ocupou seu lugar entre os homens e não exigiu favores especiais. Mas embora estava nessas condições, não renunciou a sua Deidade. Sabia de onde provinha (Juan 13: 3); sabia que tinha poder para perdoar pecados (Mat. 9: 6); sabia que em qualquer momento podia pedir a ajuda de legiões de anjos (cap. 26: 53). Mas embora tinha esse poder, sempre o usou dirigido Por Deus e em nenhum momento o empregou para salvar-se a si mesmo. Se tivesse-o feito, teria invalidado sua obra. Com referência à humilhação

de Cristo, ver com. Fil. 2: 5-8.

Coroado de glória.

Isto é, imediatamente depois de sua ascensão (ver com. Heb.1: 3; cf. com. Fil. 2:9).

A causa do padecimento da morte.

Esta passagem não destaca o propósito da encarnação, a não ser o resultado de sofrer a morte, ou seja: o elogio.

Pela graça de Deus.

Embora alguns MSS dizem "sem Deus", sugiriendo que em sua morte Jesus não teve a presença sustentadora do Pai, a evidência textual favorece (cf, P. 10) o texto que aparece na RVR. Por outra parte, ambas as frases correspondem com a realidade: Cristo sofreu sozinho em sua morte (Mat. 27:46)- seu sofrimento por o homem foi também uma demonstração da graça de Deus.

Gostasse.

Gr. géuomai, "comer"," gostar", "experimentar". A passagem não significa, como alguns sugerem, que Cristo gostou da morte só levianamente e não sofreu em forma completa. O Getsemaní demonstra que bebeu a taça até os sedimentos e gostou da morte como nenhum homem jamais a gostou.

Por todos.

Ou "em proveito de todos". O sacrifício de Cristo foi em favor de todos (ver com. ROM, 5:15). Tudo o que esteja disposto a fazê-lo, pode apropriar-se de os benefícios da morte expiatória de Cristo (ver Apoc. 22:17).

10.

Convinha.

Gr. prépo, "cair bem", "convir", "sentar bem".

Aquele.

Quer dizer, o Pai, como o indica claramente o resto do versículo.

Por cuja causa.

Ou "devido a quem". "Todas as coisas" existem porque Deus teve a vontade de que existissem (cf. com. 1 Cor. 8:6).

Por quem.

Ou "mediante quem". Deus é Aquele por quem "todas as coisas" vieram à existência. Cf. ROM. 11:36. As Escrituras também apresentam a Cristo como Aquele por meio de quem todas as coisas foram criadas (Couve. l: 16; cf. Heb. l: 2). O Pai "criou todas as coisas" mediante Jesucristo (F. 3:9).

Levar muitos filhos à glória.

Cristo foi glorificado depois de sua humilhação (ver Juan 17:5), e sua morte expiatória também fará que muitos sejam glorificados. Quanto ao significado de glorificação, ver com. ROM. S: 30. Sobre o significado do substantivo "filhos", ver com. ROM. 8:14. escolheu-se este nomeie para mostrar a relação entre Cristo, o Filho e os redimidos, que são seus irmãos (ver Heb. 2:11-18).

Aperfeiçoasse.

Gr. teleióo, "completar", "fazer perfeito", "levar a consumação". Em quanto ao adjetivo téleios, ver com, Mat. 5:48. O autor não diz que Cristo não era previamente perfeito. Como Deus era perfeito, e em sua encarnação foi perfeito como homem; mas por meio de seus sofrimentos chegou a ser perfeito como Salvador (ver Hech. 5:3l). Aqui o pensamento do verbo teleióo é alcançar uma meta predeterminada, de 420 terminar uma carreira, de completar um percorrido prescrito. antes de que Cristo viesse à terra, era claro para ele o atalho que tinha que percorrer, cada passo lhe era nítido. Para chegar a a meta devia andar todo o caminho. Não podia deter-se antes de seu destino final; devia perseverar até o fim. A terminação dessa carreira é tácita neste texto, e não um simples aperfeiçoamento moral.

Aflições.

Cristo alcançou sua suprema condição percorrendo o atalho do sofrimento. Seu "padecimento da morte" (vers. 9) foi o que o constituiu como Salvador e capacitou-o para ser o capitão que conduziria muitos filhos à glória. Os sofrimentos da tentação o capacitaram para ser um "misericordioso e fiel supremo sacerdote..., capitalista para socorrer aos que são tentados" (ver com. vers. 17-18). Se Cristo tivesse vindo a este mundo e o tempo que lhe deu tivesse-o passado em paz e contentamiento, guardado por anjos celestiales e protegido dos riscos e as tentações comuns aos seres humanos, não tivesse sido aperfeiçoado para seu ofício, não tivesse tido a oportunidade de demonstrar o que faria estando submetido a pressão. Se não tivesse sido tentado em todas as formas, os homens se perguntaram o que teria feito se tivesse estado verdadeiramente faminto, cansado e doente; como haveria reagido se a gente o ridicularizasse, amaldiçoasse-o, cuspisse-o, o açoitasse, e quando finalmente o pendurasse de uma cruz. Conservaria ainda seu serenidade e oraria por seus inimigos? Se aqueles em quem confiava o abandonassem, negassem-no, traíssem-no e o deixassem sozinho em sua hora suprema ou mais difícil, seguiria confiando em Deus? E se para arremate, Deus, o Pai, parecesse abandoná-lo e o envolvesse e quase esmagasse o horror das trevas, beberia ainda a taça, ou se tornaria atrás? Os homens se haveriam feito todas estas perguntas se Cristo tivesse estado protegido contra todas as tentações e os sofrimentos.

Autor.

Gr. arjégós, "chefe", "principal", "fundador", "autor", "guia". Arjegós aparece quatro vezes no NT'. Na RVR se traduz três vezes como "autor" (Hech. 3:15; Heb. 2: 10; 12: 2) e uma vez como "príncipe" (Hech.5: 31).

Arjgós se usava no grego clássico para designar ao caudilho ou progenitor de um clã grego, e também para referir-se aos heróis e até no nome do deus Apolo. Para o texto que comentamos alguns sugeriram como adequado o nome "Pioneiro", pois a encarnação e a morte de Cristo foi o que fez possível que os membros da raça humana finalmente sejam levados a glória. O foi o pioneiro porque abriu o caminho. Mas este nome não é

completo, pois Cristo é muito mais que um pioneiro: ele é El Salvador, e os que seguem-no são os redimidos.

11.

que santifica.

Neste contexto, Cristo(cf. Heb. 9:13-14).

Os que são santificados.

Estes são os "muitos filhos" que serão levados a glória (vers. 10).

Desde um.

Quer dizer, de Deus, o Pai. Cristo o Filho e os "muitos filhos", todos têm um só Pai.

Não se envergonha.

Apesar de sua enorme superioridade sobre os anjos (Heb. 1: 4; cf. Luc. 9: 26).

Irmãos.

Ver com. Mat. 12: 49-50; cf. Juan 20: 17.

12.

Anunciarei. . . seu nome.

Uma entrevista de Sal. 22: 22. O Salmo 22 é messiânico (ver a introdução deste salmo). Pablo emprega a passagem para apoiar sua observação de que os que são santificados (vers. 11) são irmãos de Cristo.

Irmãos.

A palavra significativa pela qual se cita a passagem (cf. vers. 11).

13.

Outra vez.

Frase empregada para introduzir uma nova entrevista.

Confiarei.

Uma entrevista de 2 Sam. 22: 3 ou da ISA. 8: 17, mais provavelmente deste último pois a entrevista seguinte é da ISA. 8:18. A apresenta como prova da humanidade de Cristo. Apresenta um quadro de sua completa comunhão conosco. O pôs em prática a mesma confiança e fé que pede de nós.

E os filhos.

Quanto ao significado da entrevista e seu contexto original, ver com. ISA. 8: 18. O autor de Hebreus dá uma aplicação messiânica à passagem. Considera a Isaías como um símbolo de Cristo e a seus filhos como representantes dos filhos

espirituais de Cristo. A figura troca de "irmãos" a "filhos" mas se destaca a mesma idéia básica: Cristo compartilha a humanidade conosco, o que ilustra-se aqui com o fato de que um pai e seus filhos compartilham a mesma natureza.

Deus me deu.

Em sua oração antes da experiência do Getsemaní, Cristo sete vezes disse que Deus lhe tinha dado a seus discípulos (Juan 17:2, 6, 9, 11-12, 24). Não se atribuiu 421 honra mas sim deu a glória a Deus pelo resultado da obra de sua vida.

14.

Os filhos.

"Os filhos" mencionados no vers. 13.

Participaram.

Ou "participaram". Os filhos compartilham uma natureza humana comum.

O também.

Quer dizer, Cristo.

Participou.

O uso do tempo aoristo sugere chegar a participar de algo do qual antes não se participava. Isto foi uma realidade no Jesus: era divino, mas tomou nossa natureza humana, fundindo misteriosamente ambas as naturezas em uma (ver com. Juan l: 14). Cristo se fez homem para poder compenetrar-se com todas as experiências da humanidade.

Destruir.

Gr katargéo, "anular", "invalidar", "destruir" (ver com. ROM. 3:3). Já há sido quebrantado o poder de Satanás sobre a morte; embora ainda reina a morte, a ressurreição está assegurada (1 Cor. 15:20-22, 51-57). Finalmente será aniquilado o originador do pecado e autor da morte (ver com. Apoc. 20:10).

Por meio da morte.

Quer dizer, sua morte expiatória na cruz (cf. vers. 9). Quando Jesus morreu em a cruz, pareceu como se Satanás tivesse triunfado, porque até o Filho de Deus parecia, com sua morte, reconhecer o poder de Satanás para dar morte, e submeter-se a ele. Mas Deus tinha outro propósito.

Ao que tinha o império.

Satanás tem o poder da morte porque é o originador do pecado, e a morte é o resultado do pecado (ver com. ROM. 5:12). Seu reino é um reino de morte, e ele rege ali. Se o pecado dominar nossa vida, a morte reina, e também Satanás.

Cristo foi o que entrou na casa do homem forte (Mar. 3: 27), atou ao

inimigo e liberou os que ele tinha prisioneiros. Cristo entrou no reino tenebroso da morte -o baluarte de Satanás-, e arrebatou a presa de Satanás. Quando ele pensou que tinha a Cristo em seu poder, quando a tumba foi selada estando Cristo dentro dela, Satanás se regozijou. Mas Cristo rompeu as ataduras da morte e saiu da tumba, pois "era impossível que fosse retido por ela" (Hech. 2: 24). E não só ressuscitou ele, mas também "abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de Santos que tinham dormido se levantaram; e saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, vieram à Santa cidade" (Mat, 27: 52-53). E assim, embora "o homem forte armado guarda seu palácio...vem outro mais forte que ele e lhe vence" (Luc. 11: 21-22). O homem mais forte, Cristo, entrou no reino da morte, e com sua morte venceu ao que tinha o poder da morte, levou-se seus cativos e despojou seu casa (Mat. 12: 29); "e despojando aos principados e às potestades, os exibiu publicamente, triunfando sobre eles na cruz" (Couve. 2: 15). Desde ali em adiante a morte é só um sonho para os crentes; descansam em paz até que Deus os chame. Para muitos até será um sonho bendito (Apoc. 14: 13). Cristo "destruiu a morte" (2 Tim. l: 1 0, BJ); tem "as chaves de a morte e da Fadas" (Apoc. l: 18; cf. 1 Cor. 15: 51-57).

Diabo.

Gr. diabos (ver com. Mat. 4: l).

15.

Liberar.

Gr. apallásso, "liberar", "soltar". Cristo veio para liberar o homem do jugo do pecado e da morte.

Temor da morte.

Esta é a condição dos que não estão com Cristo. Milhões estão submetidos ao jugo do pecado e desejam ser liberados. Têm temor do presente; sentem temor do futuro; aflige-os o medo da vida; temem à morte. Há alguma esperança, algum consolo ou liberação? A resposta é que Cristo destruiu o poder de Satanás, aboliu a morte, e os livrou e os liberará dos temores que os mantêm atados.

Toda a vida.

O homem nasceu em pecado, e continua em jugo de escravidão até que é liberado por Cristo.

Servidão.

Ou "escravidão". Quanto à servidão do pecado, ver com. ROM. 8: 15.

16.

Certamente.

Gr. depou, "é obvio".

Socorreu.

Gr. epilambánomai, "apoderar-se de", "alcançar", "ocupar-se de", "ter interesse

em", "ajudar". Qual destes diversos significados pode aplicar-se neste passagem? O verbo está em presente, o qual indicaria que se trata de algo que Cristo faz de contínuo.

O significado "ajudar" concorda com o contexto e com a sintaxe grega, por o tanto, sugere este pensamento: "Porque não ajuda aos anjos, mas sim ajuda à descendência do Abraham" (BA). "Ocupar-se de" é também uma tradução lógica: "Porque, certamente, não se ocupa dos anjos, a não ser a descendência do Abraão" (BJ). O ser 422 humano necessita redenção e pode ser restaurado, e, no que corresponde ao plano de salvação, a preocupação constante de Cristo se centra no ser humano.

A descendência do Abraham.

Possivelmente seja sinônimo de "homem". Não há o propósito de excluir aos gentis. Possivelmente se faça referência à semente espiritual (Gál. 3: 29; ROM. 2: 28-29).

17.

Pelo qual.

Quer dizer, devido a que se ocupava do homem (ver com. vers. 16).

Devia ser.

Gr. oféilo, "dever", "estar em dívida", "ter obrigação"; "teve que" (BJ). Compare-se com o uso do verbo e substantivos afins no Mat. 18: 30, 34; 23: 16; Luc. 16: 6- 7; Juan 13: 14; 1Cor. 5: 10; 2Tes. 2: 13.

Em tudo.

Cristo devia fazer-se homem em forma tão completa que nunca se pudesse dizer de ele que é alheio a qualquer tentação, a qualquer dor, prova ou sofrimento pelos que têm que passar os seres humanos.

Semelhante.

Pela razão que segue: para poder ser supremo sacerdote. Não quer dizer que seus experiências deviam ser idênticas às nosso em todo respeito -ao lapso de mil vistas- não seria suficiente para isto; significa, sem dúvida, que as provas deviam ser típicas e incluir, em princípio, tudo o que o homem tem que sofrer, e que em intensidade deviam estar à altura de tudo o que o ser humano deve suportar.

Misericordioso e fiel.

Duas características necessárias para um ministério justo, completo. A misericórdia só poderia ser muito condescendente e não tomar em conta a a justiça. A fidelidade equilibra a misericórdia ao ter em conta os direitos e os deveres do ofensor e do ofendido. Cristo, como supremo sacerdote, deve ser bondoso e pormenorizado com o transgressor; mas também deve ser fiel com a justiça e não ignorar a lei. A fidelidade mantém o delicado equilíbrio entre a misericórdia incondicional e a justiça implacável. O supremo sacerdote deve ser considerado com o pecador e também com o que foi ofendido. Deve ser fiel a seu encargo e ao mesmo tempo misericordioso com o transgressor.

Supremo sacerdote.

Aqui começa o tema de Cristo como supremo sacerdote, que posteriormente se desenvolverá com mais amplitude (cf. cap. 3; 5; 7-10).

No que a Deus se refere.

Ou nos assuntos do serviço divino. Esta frase grega aparece no Exo. 4: 16, LXX, com referência à relação do Moisés com Deus quanto ao Aarón.

Para expiar.

Gr. hiláskomai. Quanto ao significado deste verbo e os substantivos afins, ver com. ROM. 3: 25. Este verbo só aparece aqui e no Luc. 18: 13, em onde se traduziu "sei propício".

18.

Sendo tentado.

Gr. peirázo, "examinar", "provar", "tentar" (ver com. Mat. 4: l). A natureza humana de Cristo sentiu toda a força da tentação. De outra maneira não teria compreendido a terrível luta do pobre pecador que é abrumadamente tentado a render-se. Cristo foi tentado em todo sentido "depende nossa semelhança" (Heb. 4: 15). Sofreu realmente sob a tentação.

O deserto, o Getsemaní e o Gólgota revelam até que ponto sofreu Cristo resistindo a tentação. Nos primeiros dois casos, a tentação foi tão entristecedora que pareceu que morreria sob o impacto se não se enviou a um anjo para que o fortalecesse (Mat. 4: 11; Luc. 22: 43). Apesar de seu oração a taça não foi tirada. Devia bebê-la. O autor se refere evidentemente a essas experiências quando diz: "Não resististes até a sangue, combatendo contra o pecado" (Heb. 12: 4). Cristo resistiu sem dúvida alguma "até o sangue".

É capitalista para socorrer.

Ou "capaz de ajudar" (NC). Cristo venceu ao tentador resistindo com êxito a tentação e suportando pacientemente os sofrimentos. Agora estamos lutando com um inimigo vencido. A vitória de Cristo é a segurança de nossa vitória. Ver com. Mat. 4: L.

Para o cristão é uma fonte permanente de consolo saber que Cristo compreende nossas dores e nossas perplexidades, e simpatiza conosco. Se Cristo não se feito homem, facilmente poderia ter surto esta pergunta: Como podemos saber que Deus nos ama e nos cuida se nunca há experiente as provas que sofremos, se nunca foi pobre nem foi abandonado, nem nunca soube o que é estar sozinho e fazer frente a um futuro desconhecido? Pede-nos que sejamos fiéis até a morte, mas alguma vez há feito frente às difíceis decisões que nós enfrentamos? Se fosse um de nós e um conosco, saberia quão difícil é fazer frente a certas provas, Mas se nunca foi homem, conhece em realidade todos nossos dores e pode simpatizar com quando nos extraviamos? 423

A resposta é que Deus certamente conhece tudo isto, e que não foi por seu culpa mas sim pela nossa que se fez pobre. Cristo sofreu e morreu não por seu culpa mas sim pela nossa. Necessitávamos a demonstração que Cristo veio a

dar, do contrário nunca tivéssemos conhecido o profundo amor de Deus pela humanidade suficiente. Além disso, nunca tivéssemos conhecido os sofrimentos que o pecado causou ao coração de Deus.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-3 FÉ 404

3 1JT 230, 283, 349; 5T 352

7 CN532; Ed 17;4T 563; Lhe 159

9 PP 50

10 CS 399; DMJ 56; 2JT 28; PP 513;4T 448;5T 71;8T 212

11 DC 13; CS 531; DMJ 86; DTG 17; ECPF 52; 2JT 336; MeM 298;5T 230

13 CN 531,535; CS 704; HAd 141;2T 366

14 CS 558; HR 221; P 151; PP 50; PR 517

14-15 DTG 286

16 8T 207

17 DTG 15; FÉ 442; HAp 376; MC 329; MeM 306;8T 286

17-18 CS 469; DMJ 17; Ed 74; FÉ 106; HR 44; 1JT 383; MeM 345; P 150; PP 50,513;4T 294;5T 422; TM 391

CAPÍTULO 3

1 Cristo é maior que Moisés, 7 portanto, se não creso nele seremos mais dignos de castigo que o endurecido o Israel.

1 portanto, irmãos Santos, participantes da chamada celestial, considerem o apóstolo e supremo sacerdote de nossa profissão, Cristo Jesus;

2 o qual é fiel ao que lhe constituiu, como também foi Moisés em toda a casa de Deus.

3 Porque de tão major glorifica que Moisés é estimado digno este, quanto tem maior honra que a casa o que a fez.

4 Porque toda casa é feita por algum; mas o que fez todas as coisas é Deus.

5 E Moisés à verdade foi fiel em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho do que ia se dizer;

6 mas Cristo como filho sobre sua casa, a qual casa somos nós, se retemos firme até o fim a confiança e o nos glorificar na esperança.

7 Pelo qual, como diz o Espírito Santo:

Se oyereis hoje sua voz,

8 Não endureçam seus corações, Como na provocação, no dia da
tentação no deserto,

9 Onde me tentaram seus pais; provaram-me,

E viram minhas obras quarenta anos.

10 Por causa do qual me desgostei contra essa geração,

E pinjente: Sempre andam vagando em seu coração,

E não conheceram meus caminhos.

11 Portanto,juré em minha ira:

Não entrarão em meu repouso.

12 Olhem, irmãos, que não haja em nenhum de vós coração mau de
incredulidade para apartar do Deus vivo;

13 antes lhes exorte os uns aos outros cada dia, enquanto isso que se diz: Hoje;
para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado.

14 Porque somos feitos participantes de Cristo, contanto que retenhamos firme
até o fim nossa confiança do princípio,

15 enquanto isso que se diz:

Se oyereis hoje sua voz,

Não endureçam seus corações, como na provocação.

16 Os quais foram os que, tendo ouvido, provocaram-lhe? Não foram todos os
que saíram do Egito por mão do Moisés?

17 E com os quais esteve ele aborrecido quarenta anos? Não foi com os que
pecaram, cujos corpos caíram no deserto?

18 E aos quais jurou que não entrariam em seu repouso, a não ser a aqueles que
desobedeceram? 424

19 E vemos que não puderam entrar por causa de incredulidade.

1.

portanto.

Isto é, em vista de tudo o que se há dito nos cap. 1 e 2 a respeito da
suprema posição de Cristo como Deus, e sua infinita condescendência ao tomar a
natureza humana.

Irmãos Santos.

Todos os crentes são "irmãos" em Cristo; mas como o livro de Hebreus
está dirigido principalmente aos cristãos judeus (ver P. 401), o
essencial "irmãos" parece referir-se aqui a esse grupo mais restringido. O

tema dos capítulos seguintes -lições derivadas da história do antigo o Israel- era especialmente significativo para os judeus, "irmãos" em Cristo. São chamados "Santos" porque tinham consagrado suas vidas a Deus e não porque não tivessem faltas ou enganos (ver com. Mat. 5:48; ROM. l: 7).

Participantes.

Gr. métodos, "co-participante" (ver com. Luc. 5:7; cf. Heb. 3:14; 6:4; 12:8).

Chamada celestial.

Ou seja a chamada de Deus a obter salvação por meio do Jesucristo (ver coro. ROM. 8:28, 30).

Considerem.

Gr. katanoé "fixar a mente em", "contemplar". Convida-se aos "irmãos Santos" a que emprestem atenção ao tema central da Epístola aos Hebreus: o ministério de Cristo como nosso grande supremo sacerdote no santuário celestial (ver P. 404).

Apóstolo.

Gr. apóstolos, "embaixador", "enviado", "delegado", "mensageiro" (ver com. Mar. 3: 14; Hech. 1: 2). Cristo veio a esta terra como o "Apóstolo" do Pai, "o Enviado de Deus" (DTG 440; cf. Juan 6:29). Veio para representar a Deus ante os homens (ver com. Mat. 1: 23; Juan l: 14), e voltou para céu como representante do homem ou supremo sacerdote diante do Pai. Nos dias do AT o supremo sacerdote do santuário terrestre também representava a Deus diante do povo e ao povo diante de Deus (ver com. Lev. 16: 4).

Supremo sacerdote.

Ver com. cap. 2: 17.

Profissão.

Gr. homología, "confissão", "convênio"; "fé" (BJ, BA). Ver com. Rom.10: 9; 1Tim. 6: 12.

Cristo Jesus.

A evidência textual estabelece (cf. . 10) a omissão da palavra "Cristo". A omitem a BJ, BA, BC e NC. "Jesus" era o nome de nosso Salvador como homem entre os homens; "Cristo" era seu nome como o Mesías do AT, como o "Enviado de Deus", como o Filho de Deus. Chamar o Jesus o Cristo é, certamente, reconhecer ao Filho da María como Aquele em quem se cumpriram as profecias do AT concernentes ao Mesías, e que como Filho do Homem é verdadeiramente o Filho de Deus. O uso de ambos os nomes constitui uma afirmação da crença na natureza divino-humana de nosso Senhor. Ver com. Mat. l: L.

2.

Fiel.

Uma referência à fidelidade do Jesus através de toda sua missão terrestre. Em

sua encarnação se humilhou, despojando-se das prerrogativas da Deidade e tomando a natureza humana. Suportou as privações e tentações que o acossaram durante sua vida terrestre. Avançou com determinação e fortaleza até a cruz (ver Fil. 2: 5-8; Heb. 2: 14, 17; 12 - 2; T. V, pp. 894-896). Foi fiel em toda as coisas ao plano que tinha sido estabelecido antes da criação de esta terra (ver DGT 120-121-178).

Constituiu.

Gr. piéo, "fazer", "constituir" (ver com. Mar. 3: 14): Cristo foi leal ao Pai quando veio a esta terra como seu representante (ver com. Juan 1: 14). No concílio secreto de paz entre o Pai e o Filho (vê com. Zac. 6: 13), quando se fez o plano de salvação, Cristo conveio em vir à terra Para levar a cabo este plano voluntariamente entregou ao Pai certas prerrogativas da Deidade. subordinou-se ao Pai durante sua vida terrestre para poder viver como homem entre os homens, e para que sua vida perfeita pudesse lhes proporcionar um exemplo da relação que deviam manter com seu Pai celestial (ver com. Mat. 6: 9; Juan L. 14; cf. T. V, P. 895). Desse modo foi que o Pai "constituiu" a Cristo para sua missão terrena (ver com. Juan 3:16), e Cristo foi "fiel" nesse estado de subordinação.

Como também foi Moisés.

Nos vers 1-6 Cristo é comparado com o Moisés, o grande legislador (Juan l: 17; 7: 19), e em certo sentido fundador da nação hebréia. Pablo de- seja mostrar que Cristo é imensamente maior que Moisés (Heb. 3:3). O alto preço que tinham pelo Moisés os judeus dos tempos do NT, demonstra-se por o orgulho que sentiam ao falar de si mesmos como "discípulos" dele (Juan 9: 28-29). Já se demonstrou que Cristo é igual com o Pai (Heb. 1: 8) 425 e superior aos anjos (vers. 4), e aqui é apresentado como superior ao Moisés. Mais tarde se demonstrará que é superior ao Abraão (cap.7: 2, 4; cf. vers. 15), o pai da nação judia (Juan 8:39; ver com. Mat. l: l), ao Leví (Heb. 7:9-10) e ao Aarón (vers. 11); e que seu sacerdócio é superior ao sacerdócio aarónico.

Moisés "fez conforme a tudo o que Jehová lhe mandou" (Exo. 40: 16); era um dirigente fiel e digno de confiança. Cristo também representou fielmente ao Pai na terra ao viver como homem entre os homens, dizendo e fazendo só o que estava em harmonia com a vontade de Deus e lhe agradava (Juan 4: 34; 6: 38; 8: 28-29). Quando concluiu seu ministério na terra pôde lhe dizer ao Pai: "acabei a obra que me deu que fizesse" (Juan 17: 4).

A casa de Deus.

compara-se ao Moisés com um mordomo que administra os assuntos da casa de seu amo (cf. Gén. 15: 2; Luc. 12: 42; 16: 1-2). José desempenhou uma vez esse carrego na casa do Potifar (Gén. 39: 1-6). O mordomo era custódio e administrador da propriedade de seu amo. A "casa" que aqui se menciona é o povo escolhido de Deus, por meio do qual o Senhor se propunha cumprir o plano de salvação. Essa casa foi na antigüidade a nação hebréia; mas agora é a igreja cristã (ver T. IV, pp. 28, 37).

No texto grego diz "a casa dele". Não claro se o antecedente for Moisés ou Deus, como poderia deduzir-se pelo vers. 4. Se se referir à casa de Moisés, o texto estaria designando aos israelitas como "casa dele". Se se refere à casa de Deus, faria-se ressaltar a idéia de que o Israel pertencia a Deus. O significado básico não se altera se se toma em um ou outro sentido. É

provável que a última parte do vers. 2 se apóie no Núm. 12: 7, onde Deus elogia ao Moisés por ser "fiel" sobre a casa de Deus.

3.

Glória.

Gr dóxa (ver com. Juan l: 14; ROM. 3: 23; 1 Cor.11: 7), que aqui significa respeito" ou "honra". Cristo como edificador da "casa" merecia mais honra que a "casa" ou que Moisés, quem foi mordomo dela Por um tempo.

Estimado digno.

Ou "considerado como digno" (BJ).

Este.

"Jesucristo homem" (1 Tim. 2: 5).

Quanto.

A figura troca ligeiramente, mas o propósito segue sendo elogiar a Cristo. faz-se notar em seu papel no AT como edificador da casa.

Maior honra.

Um edifício magnífico é gabado pelos que o contemplam; mas há um major honra para o arquiteto que o planejou e para o construtor que o edificou.

que a fez.

Quer dizer, Cristo. Cf. cap. 11: 10.

4.

Deus.

No vers. 3 Cristo é o edificador da casa; aqui se diz que é Deus (cf. com. Juan 1: 1, 14).

5.

À verdade.

A primeira parte do vers. 5 repete a última parte do vers. 2 com o propósito de apresentar de novo as figuras de Cristo e do Moisés como mordomo, cada um de sua respectiva "casa". Esta figura se deixou a um lado em os vers. 3 e 4, aonde se faz referência a Cristo como edificador no AT da casa sobre a qual Moisés foi mordomo. Nos dias do NT Cristo assumiu o papel de mordomo da casa.

Foi fiel.

O propósito ao elogiar a Cristo não foi rebaixar ao Moisés. De nenhuma maneira! Moisés é gabado porque foi completamente "fiel". A superioridade de Cristo sobre o Moisés consiste no fato de que embora Cristo chegou mais tarde a ser mordomo da "casa", em realidade foi seu edificador e proprietário quando

Moisés serve como mordomo dela.

Servo.

Gr. therápon, "servidor", "cuidador", "acompanhante", "companheiro". Aplica-se a um servo que disposta um serviço mais importante ou mais pessoal que o de um dóulos (ver com. ROM. 1: 1), ou um diákonos (ver com. Mar. 9: 35). A designação de therápon aplicada ao Moisés reflete a alta estima em que os judeus tinham ao grande legislador. Mas apesar de que era grande só era um "servo acompanhante" de Cristo para cumprir os propósitos de Deus na terra. Entretanto, que honra maior poderia dispensar o céu a homem algum?

Para testemunho.

A vida fiel e o serviço do Moisés serviram como testemunho da Fidelidade de Cristo quando teve que vir à terra para servir; serve como o havia feito Moisés (ver com. vers. 1-3).Todo o sistema cerimonioso instituído por Moisés sob a direção de Deus, foi "para testemunho do que se ia a dizer", um "testemunho" do ministério de Cristo como "apóstolo e como sacerdote de nossa profissão" (vers. l). Ver Deut. 18: 15.

Pelo que.

Quer dizer, a vida e a missão de Cristo na terra e seu ministério como supremo
426 sacerdote no céu.

6.

Cristo como filho.

Cristo é maior que Moisés assim como um "filho" é maior que um "servo" (Heb. 3: 5; cf. Gál. 4: l). Moisés demonstrou ser "fiel" como "servo", e Cristo como "filho" (Mat. 21: 34-37; cf. Gén. 15: 2-4; com. Heb. 1: 5; 5: 8). A respeito de Cristo como o Filho de Deus, ver com. Luc. 1: 35; Juan 1: 14.

Sua casa.

Ver com. vers. 2; cf. cap. 10: 2 L.

A qual casa somos nós.

A "casa" sobre a qual Moisés foi supervisor era a "casa do Israel" (cf. cap. 8: 8). A "casa" sobre a qual preside agora Cristo é a igreja cristã (F. 2: 19-22; 1 Ped. 2: 5).

Retemos.

Ver com. Mat. 24: 13; Heb. 10: 35-36; cf. Apoc. 3: 1 L.

Firme até o fim.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pela omissão destas palavras. Omite-as a BJ. A mesma frase está plenamente confirmada no vers. 14. Ver com. Mat. 24: 13; Apoc. 2: 10.

Confiança.

Gr. paressía, "ousadia", "valor", "confiança" (ver com. Hech. 4: 13; cf. Heb. 4: 16; 10: 19, 35). Esta "confiança está constituída pela convicção no coração do cristão da certeza das coisas que pôde acreditar a respeito de Cristo. O crente tem o privilégio de desfrutar da bendita segurança de ter sido aceito Por Deus (ver com. 1 Juan 5: 10-12). Entesoura em seu coração "os penhor do Espírito" (ver com. 2 Cor. 1: 22) e tem a "certeza" ("garantia", BJ, NC) das coisas que espera (ver com. Heb.1 1:1).

O nos glorificar.

Gr. káujema, 'jactância", ,"regozijo", "orgulho". O verbo afim kaujáomai se traduz de diversas formas: "regozijar-se", "glorificar-se", 'gabar-se", etc. (ver com. ROM. 5: 2). Compare-se com o "glorificar-se" (kaujáomai) do Pablo na cruz de Cristo (Gál. 6: 14). O cristão deve sentir-se orgulhoso em supremo grau por a esperança cristã e regozijar-se nela.

Esperança.

Ver com. ROM. 5: 2-5; 8: 24; F. l : 18. A esperança do cristão se centra no "apóstolo e supremo sacerdote de nossa profissão", em "a manifestação gloriosa de nosso grande Deus e Salvador Jesucristo, em "a ressurreição de entre os mortos" e na vida eterna (Heb. 3: 1; Tito 2:13; 3: 7; Fil. 3: 1 l; 1 Cor. 15:12-23). Os cristãos têm boas razões para ser a gente mais feliz e otimista do mundo. '

7.

Pelo qual.

Quer dizer, em vista do que se há dito nos vers. 1-6 a respeito de Cristo

como "o apóstolo e supremo sacerdote de nossa profissão" (vers. l) e de nossa "confiança" e "esperança" nele (vers. 6).

Diz o Espírito Santo.

Um reconhecimento de que o Espírito Santo é o meio de comunicação entre Deus e o homem (ver com. 2 Ped. l: 2 l), particularmente com respeito ao Sal. 95 do qual se toma a entrevista do Heb. 3: 7-11, e com respeito ao David que foi divinamente inspirado quando escreveu esse salmo (cf. Heb. 4:7).

Se.

Gr. eán, "se", "quando", "sempre que". Com linguagem clara e inconfundível se apresenta a livre eleição do homem ao aceitar ou rechaçar a misericordiosa convite de Deus. Deus não predestinou a uns para que aceitem seu misericórdia, e a outros para que a rechacem (ver com. Juan 3: 17-20; F. 1: 4-6).

Oyereis. . . sua voz.

É evidente que se inclui mais que o simples ouvir. faz-se referência a um ouvir atento, eficaz; quer dizer, um ouvir que produza a devida ação. Cf. com. Mat. 7: 24-27; Apoc. 1: 3.

Hoje.

Ver com. Sal. 95: 7. Este "hoje" do David se referia a seus próprios dias, mas o autor de Hebreus declara, guiado pela Inspiração, que a verdade que aqui apresenta-se se aplicava com igual força nos dias do NT (ver T. IV, P. 39; com. Deut. 18: 15). O Espírito Santo nos dá hoje esta mesma mensagem (ver com. Heb. 4:7-9). Esta mesma misericordiosa exortação que convida aos homens a encontrar em Cristo "repouso" para a alma, proclamou-se de geração em geração. Mas a misericórdia logo cessará de suplicar, e terminará o dia de salvação.

O pensamento que se apresenta no cap. 3: 7-11 se repete vez detrás vez nos cap. 3 e 4, e forma a base do tema que aqui se expõe. A conclusão à qual se chega com este tema é que ainda "fica um repouso para o povo de Deus" (cap. 4: 9) e portanto devemos nos aproximar "confidencialmente ao trono da graça, para alcançar misericórdia e achar graça para o oportuno socorro" (vers. 16).

É necessário advertir que o tema dos cap. 3 e 4 começa com a apresentação de Cristo como "apóstolo e supremo sacerdote de nossa profissão" (cap. 3: 1) e termina com uma exortação para ir a ele com fé, com a plena segurança de que pode nos dar a ajuda que necessitamos, e nos dará isso (cap. 4: 14-16). Note-a coerência do fio do raciocínio através destas expressões: "se retivermos 427 firme... a confiança" (cap. 3: 6); "retenhamos nossa profissão" (cap. 4: 14); nos aproximemos, pois, confidencialmente ao trono de a graça" (cap. 4: 16).

8.

Não endureçam seus corações.

Isto é, não rechacem nem descuidem a misericordiosa exortação da voz de Deus (vers. 7).n quanto ao endurecimento do coração, ver. com. Exo. 4: 2 l; ROM. 9: 18. Provocação. Literalmente "amargura"; com sentido secundário de "rebelião". Há uma referência muito específica à rebelião do Cades- barnea (ver Núm. 14: 1-35), embora, como o sugere Heb. 3: 9, poderia também aplicar-se em forma general às diferentes ocasione em que o povo se rebelou antes da crise no Cades (ver Núm. 14: 22). O povo se negou ali a entrar no "repouso" do Canaán (ver com. Heb. 4: 11), e como resultado-se o impediu a quase toda a geração adulta que entrasse na terra prometida (Núm. 14:22-35).

Tentação.

Ou "prova", que é melhor aqui que "tentação" pelo sentido que geralmente dá a esta palavra (ver com. vers. 9). "O dia da tentação" refere-se à mencionada rebelião e explica a natureza da mesma. Israel pôs a prova a Deus em muitas ocasiões (ver Exo. 17: 2, 7; Núm. 14: 22).

No deserto.

Cades estava situada no deserto do Zin (Núm. 20: l; 27: 14).

9.

Tentaram-me seus pais.

Ou "puseram-me a prova seus pais" (BJ). Israel provou a paciência de

Deus até o supremo com suas contínuas queixa e seus atos de rebelião. A paciência infinita com o antigo o Israel pode ser um motivo de esperança para os que possivelmente se desencaminharam em nosso tempo, embora nunca deve ser uma desculpa para abusar da misericórdia e da magnanimidade de Deus (ver ROM. 6:1, 15). "Pela misericórdia de Deus não fomos consumidos" (Lam. 3: 22; cf. Exo. 34: 6-7).

Repetido-los casos de rebelião contra a autoridade e a direção do Senhor foram o produto inevitável do "coração mau" ou da "incredulidade" de Israel (ver com. Heb. 3: 12, 19). Por meio das pragas do Egito, do cruzamento do Mar Vermelho, do maná, da água que brotou da rocha, da liberação dos ataques das serpentes ardentes e em muitas outras formas, Deus demonstrou a seu povo sua grandiosa sabedoria e seu poder. Deus permitiu vez detrás vez, que diversas circunstâncias ensinassem a seu povo a confiar nele e a seguir suas instruções; mas o Israel demonstrou que era um "povo de dura nuca" (Exo. 32: 9), lento para aprender. Este espírito perverso continuou quase até o fim dos 40 anos de peregrinação pelo deserto (ver Núm. 20: 5).

Não nos corresponde condenar ao povo hebreu por seus muitos enganos. Mas bem devêssemos aprender das tristes vicissitudes pelas que aconteceram a dureza de seu coração, para que não caiamos nas mesmas faltas que eles cometeram (1 Cor. 10: 5-12).

Provaram-me.

Ou"puseram-me a prova".

Viram minhas obras.

Foram testemunhas de múltiplos casos da providência divina, que devessem haver sido suficientes para fazer que desenvolvessem uma perfeita confiança na sabedoria de Deus e em seu poder. Teve repetidas ocasiões quando Deus poderia, com justiça, havê-los abandonado para que seguissem seus próprios caminhos perversos; mas com misericórdia continuou suportando-os pacientemente.

Quarenta anos.

Transcorreram exatamente 40 anos entre a páscoa celebrada durante o êxodo do Egito e a páscoa que celebraram poucos dias depois de cruzar o Jordão (ver T. I, pp. 196-197).

10.

Desgostei-me.

Ou"incomodei-me", "fui provocado", "irritei-me". Em linguagem humana (vers. 9-1 l) Deus declara a completa inutilidade de fazer algo mais para ganhá-la confiança e cooperação dessa geração de escravos que tinha liberado do jugo egípcio. Em conjunto, embora não necessariamente como indivíduos, seu tempo de graça terminou no Cades-barnea. Os fatos tinham demonstrado claramente que o caráter da nação era tal que não era possível mudança algum, e que nada se ganhava suportando-os por mais tempo.

Essa geração.

Quer dizer, os adultos maiores de 20 anos que emigraram do Egito (Núm. 14: 29,

35).

Sempre.

Quando os filhos do Israel foram provados, fracassaram repetidas vezes na ejercitación de sua fé na Providência divina (ver Núm. 14: 2).

Andam vagando.

Gr. planáo, "vagar", "extraviar-se" (cf. com. Mat. 18: 12). "Andam sempre extraviados" (NC).

Em seu coração.

Israel não quis entender nem a vontade nem as providências de Deus, nem seguir suas instruções. Foi um rechaço voluntário, 428 deliberado, e persistiu a pesar de toda a evidência que Deus lhes deu. Cf. Ouse. 4: 6.

Não conheceram meus caminhos.

Pensaram que mereciam o cuidado providencial de Deus no deserto, e fracassaram por completo em apreciar o elevado propósito do Senhor ao chamá-los a sair do Egito para convertê-los em uma nação (ver T. IV, pp. 28-32). Não compreendiam que as vicissitudes que Deus permitia no deserto eram para seu bem, para lhes ensinar a confiar e a cooperar com ele; que os estava preparando para quando ocupassem a terra prometida.

11.

Ira.

Gr. orgé (ver com. ROM. 1: 18; 2: 8). Quanto à "ira" ou "cólera" de Deus, ver com. 2 Rei. 13: 3.

Não entrarão.

Deus tinha prometido ao Abraão que seus descendentes voltariam para o Canaán "na quarta geração" (Gén. 15: 16). Seu único propósito ao tirar os hebreus de Egito era conduzi-los à terra que lhes tinha prometido. Mas quando devido a sua extremada desobediência se negaram a aprender as lições que deviam assimilar antes de que Deus pudesse fazê-los entrar no Canaán, finalmente não teve outra alternativa que abandoná-los para que seguissem seus próprios caminhos. Tivesse sido inútil que lhes desse a posse da terra prometida, pois, considerando a forma como se levaram no deserto, não haveriam completo o grande propósito que Deus tinha ao lhes dar essa terra. Deus havia suportado durante muito tempo a esse povo, e não ficava mais nada que pudesse fazer-se por ele. Compare o contraste entre a promessa divina de lhes dar "descanso" (Exo. 33: 14) e o "castigo" que sofreram no Cades (Núm. 14: 34). "Assim saberão o que é apartar-se de mim" (BJ); "e experimentarão assim meu aversão por vós" (NC).

Repouso.

Gr. katápausis, "repouso" ou "lugar de repouso". O conceito fundamental de katápausis é o de cessação de trabalho ou de outra atividade mais o estado de inatividade que segue a tal cessação. Katápausis aparece oito vezes nos cap. 3 e 4 (3: 11, 18; 4: 1, 3 [duas vezes], 5, 10-11); e o verbo afim katapáu

acha-se três vezes (cap. 4: 4, 8, 10). Katápausis equivale sempre a "repouso", definido, específico, particular: o "repouso" de Deus. Quando katápausis aparece na LXX, pelo general é uma tradução do Heb. menujah: "lugar de descanso", "repouso", que deriva de núaj, "estabelecer-se", "Permanecer [em um lugar]", "repousar", quer dizer, depois de uma atividade prévia. Katápausis se usa na LXX para referir-se ao lugar permanente do arca no Canaán depois da peregrinação pelo deserto (Núm. 10: 36), e também para significar a herança do Israel no Canaán depois de seus 430 anos de peregrinação (Deut. 12: 9). O verbo afim katapáu geralmente se traduz do Heb. núaj ou shabath, que significa "repousar". Katapáu se usa cinco vezes no Gén. 2: 2-3 e Exo. 34: 21; 31: 17 para referir-se ao "repouso" do sábado. Katapáu e katápausis representam a cessação de qualquer classe de atividade. Também pode incluir o "repouso" que segue a dita cessação. Ver com. Heb. 4: 9.

Para entender bem o tema apresentado nos cap. 3 e 4 é essencial emprestar cuidadosa atenção às quatro aplicações diferentes de katápausis e katapáu.

1. faz-se referência (cap. 3: 11, 18; 4: 3, 5) à ocupação prometida e literal da terra do Canaán por quão israelitas foram liberados de Egito. Esta promessa não se cumpriu por causa da rebelião do Cades-barnea (ver com. cap. 3: 7-11). A geração seguinte entrou no Canaán nesse aspecto Isto repouso é evidente no Deut. 3: 18, 20; Jos. 21: 44; 23: 1, etc.

2. Mas é claro que a entrada do Israel na Canaán literal era só um aspecto do "repouso" que Deus tinha preparado para seu povo. depois de que estabelecessem-se na terra prometida, o Senhor tinha o propósito de capacitá-los como nação para que fossem seus mensageiros escolhidos de salvação para o mundo (ver T. IV, pp. 28-32). Apesar de tudo, séculos mais tarde, no tempo do David, ainda não tinham entrado nesse aspecto do "repouso" de Deus (Heb. 4: 7-8); em realidade, nunca entraram nele (ver T. IV, pp. 32-36). Os israelitas através de toda sua história cometeram em essência e repetidas vezes os mesmos enganos daquela geração cujo tempo de graça terminou em Cades. Por isso Deus finalmente os excluiu como nação de seu "repouso" espiritual, assim como tinha excluído à geração no Cades de entrar na Canaán literal (T. IV, P. 35). Perderam o direito a sua missão como povo escolhido (ver com. Mat. 21:43).

Repetida-las convites de Deus nos dias do David para que entrassem no aspecto espiritual de seu "repouso", são evidência de que o fracasso dos israelitas nos dias de 429 Josué não tinha anulado o propósito divino para Israel como nação. Mais ainda: o convite nos dias do David é uma prova de que Josué não tinha podido dar ao Israel o "repouso" espiritual (cap. 4: 8).

3. No cap. 4: 4 (ver o comentário respectivo) apresenta-se o repouso de Deus no sétimo dia da semana da criação como uma ilustração do "repouso" no qual Deus quer que entrem os cristãos.

4. No cap. 4: 1, 3, 10-11 katapáu e katúpausis se referem ao repouso do cristão das obras do pecado e dos intentos de ganhar a salvação por seus próprios méritos. Compare-se com o convite pessoal de Cristo: "Venham a mim todos os que estão trabalhados e carregados, e eu lhes farei descansar" (ver com. Mat. 11: 28).

O desenvolvimento do raciocínio dos cap. 3 e 4, que se centra na palavra

"repouso", é em essência como segue:

1. Originalmente Deus tinha o propósito de que Moisés fizesse entrar no Israel no "repouso" do Canaán; mas nem entraram eles, nem Moisés, nem a geração que saiu do Egito.

2. Entretanto, Josué presidiu a entrada no Canaán da geração seguinte; mas devido à incredulidade do povo não pôde fazê-los entrar no "repouso" espiritual de Deus.

3. Deus renovou nos dias do David o convite a entrar em seu "repouso" espiritual (ver T. IV, P. 33). Apesar de tudo, era óbvio nos dias do NT que o Israel, como nação, não tinha entrado no "repouso" de Deus.

4. Entretanto, o convite de Deus e sua promessa não tinham caducado pelo descumprimento, pois quando Deus determina certo propósito, finalmente o alcançará apesar dos fracassos humanos (ver com. cap. 4:34).

5. portanto, já que o povo de Deus ainda não entrou no "repouso" divino, é evidente que "fica um repouso para o povo de Deus" (cap. 4: 9).

6. Se os cristãos se aproximarem "confidencialmente ao trono da graça" (cap. 4: 16), onde Cristo ministra como "o apóstolo e supremo sacerdote de nossa profissão" (cap. 3: l; cf. cap. 4: 14-15), encontrarão a Aquele que pode "compadecer-se de nossas debilidades" (cap. 4: 15), e obterão "misericórdia" e acharão "graça para o oportuno socorro" (cap. 4: 16). Se o fizerem, entrarão no "repouso" espiritual de Deus, o "repouso" da alma que ele há preparado para o pecador arrependido. Nesta forma explica o autor que o que o Israel não desfrutou devido a seu fracasso, converteu-se no privilégio do cristão sincero de hoje em dia (cap. 3: 13, 15).

7. "Temamos, pois, não seja que permanecendo ainda a promessa de entrar em seu repouso, algum de vós pareça não havê-lo alcançado... Procuremos, pois, entrar naquele repouso, para que nenhum caia em semelhante exemplo de desobediência" (cap. 4: 1, 11). A fé é a chave para entrar no "repouso" de Deus (cap. 4: 2; cf. cap. 3: 18-19; 4: 6; 11), e devemos estar em guarda para que não haja em nós "coração mau de incredulidade" (cap. 3: 12).

Nos tempos do sacerdócio levítico os homens deviam cumprir com certas "obras", as quais lhes ajudavam a compreender e apreciar o plano de salvação em Cristo Jesus; mas agora, nos tempos da ministración de Cristo como Supremo Sacerdote, todos devem ir diretamente a Cristo sem a mediação de um sacerdote humano. Devem achar "repouso" em Cristo sem necessidade das "obras" que exigia o sistema cerimonioso ou qualquer outro sistema. Nos cap. 3 e 4 o autor roga a seus irmãos cristãos de origem judia que não continuem com essas "obras" inúteis, e que entrem no "repouso" da fé singela nos méritos expiatórios e no ministério de nosso grande Supremo Sacerdote celestial. Cf. ISA. 30: 15;Jer. 6: 16; Mat. 11 :29.

12.

Olhem.

Ou "tomem cuidado", "cuidado com!", "considerem". Aqueles a quem se dirige a epístola e todos quão cristãos a lêem, devem emprestar a mais cuidadosa atenção à experiência do antigo o Israel para não cometer o engano em que caíram os israelitas.

Irmãos.

Ver com. vers. 1.

Coração mau de incredulidade.

Esta foi sempre a raiz das dificuldades nas relações do homem com Deus. Assim aconteceu ao Israel no deserto e mais tarde na terra de Canaán. Esta mesma dificuldade impede que os cristãos nominais de hoje em dia desfrutem de do "repouso" que é possível por meio da fé genuína em Cristo Jesus. A falta de fé do Israel contrasta agudamente com a fidelidade de Moisés e de Cristo (vers. 1-2).

Apartar-se.

Gr. afístemi, "afastar-se", "retirar-se", "apartar-se". A palavra "apostasia" deriva da forma sustantivada apostasia, que o 430 traduziu no Hech. 21: 21 "apostatar" e em 2 Lhes. 2 :3 como "apostasia" (ver os comentários respectivos). Admoesta-se aos cristãos a que não apostatem em seus corações apartando-se "do Deus vivo" enquanto mantêm uma forma ou aparência de religião. As vicissitudes pelas quais passou o antigo o Israel "eles aconteceram como exemplo" ou "para nos admoestar" (1 Cor. 10: 11); tudo foi escrito "para admoestação de nós" (VM). Quando se examina a obstinação do antigo o Israel, os cristãos que se considerem superiores fariam bem em emprestar atenção a este conselho: "que pensa estar firme, olhe que não caia" (1 Cor. 10: 12; cf. vers. 1 - 10).

Deus vivo.

Separar-se da fonte da vida é morrer.

13.

lhes exorte os uns aos outros cada dia.

O verbo está em tempo presente, pelo qual poderia traduzir-se "sigam exortando". Outras acepções do verbo grego são "animar" e "consolar". Cf. com. Hech. 16: 15; 1 Cor. 1: 10.

Enquanto isso que se diz: Hoje.

Quer dizer, enquanto dura o dia da graça e ainda se escuta a misericordiosa convite a entrar no "repouso" de Deus.

Endureça.

Ver com. Exo. 4: 21; cf. Heb. 3: 8.

Engano.

Ou "engano", "fraude". Os homens são seduzidos pelo pecado porque este parece atraente e desejável. Quando Eva "viu" o que Deus lhe tinha advertido que não comesse, pareceu-lhe "bom", "agradável" e "cobiçável" (ver com. Gén. 3: 6). Então cruzou a linha que separa entre a retidão e o pecado. O cristão sincero deve estar alerta quando algo que Deus proibiu começa a lhe parecer atraente e desejável. Se o que Deus houver dito que é completamente

mau começa a lhe parecer completamente bom, pode estar seguro de que se acha no terreno em cantado de Satanás, aonde as coisas parecem ser o oposto do que realmente são.

14.

Somos feitos.

Melhor "viemos a ser" (BJ).

Participantes de Cristo.

Ou"participantes em Cristo". O cristão participa da vitória e o caráter de seu bendito Senhor, e também pode participar dos benefícios e de as bênções que lhe corresponde desfrutar como resultado do grande sacrifício de Cristo na cruz e de seu ministério como Supremo Sacerdote nos átrios celestiales. A união com Cristo aqui e agora é uma experiência preciosa (ver com. Gál. 2: 20). Este é o "repouso" no qual devemos entrar.

Contanto que retenhamos.

Ver com. Mat. 24: 13; Heb. 10: 35-36.

Até o fim.

Ver com. Mat. 24: 13; Apoc. 2: 10. As admoestações de Hebreus foram originalmente dirigidas aos judeus crentes da igreja apostólica, e os mensagens do livro tiveram sua primeira aplicação para esse grupo (ver pp. 401, 404). Era crença comum na igreja dos tempos apostólicos, que o prometida volta do Senhor não demoraria muito (ver Nota Adicional de ROM. 13); mas já tinham acontecido 30 anos ou mais desde que Cristo tinha subido ao céu (ver T. VI, P. 109), e ainda não havia nenhum sinal de sua imediata vinda. O que então sem dúvida parecia uma larga e inesperada demora pode haver produzido um decaimento na fé de muitos. A admoestação a reter "firme até o fim" a "confiança" possivelmente estava dirigida particularmente a esse grupo vacilante. Um claro conceito da obra de Cristo nas moradas celestiales como nosso Supremo Sacerdote, proporcionaria um firme fundamento para a fé de essas pessoas, o que faria possível que fossem "participantes de Cristo" (Heb. 3: 14). Deviam compreender que ainda devia fazer uma grande obra tanto para eles como para outros. Podia haver demora na volta do Jesus, mas tinham o privilegio de entrar no "repouso" de Deus agora (ver com. vers. 7-11) pela fé (ver com. vers. 12). A admoestação que aqui se dá à igreja apostólica é especialmente apropriada para a igreja de nossos dias.

Confiança.

Gr. hupóstasis (ver com. cap. 1: 3), uma palavra diferente da que se há traduzido como "confiança" no vers. 6 (ver o comentário respectivo). Manter nossa confiança firme até o fim é o oposto de endurecer nosso coração (cf. vers. 8, 15).

Do princípio.

A brilhante fé que acompanha a uma genuína conversão pode empanar-se depois de um tempo, e esfriar o coração fervente. Bem-aventurado o cristão que mantém sua primeira fé e seu primeiro ardor sem minguar através de toda seu vida. Ver com. vers. 6.

15.

Enquanto isso que se diz.

O cristão deve manter-se "firme" através do grande dia da salvação de a terra, "enquanto isso que se diz: Hoje".

Hoje.

Quanto ao vers. 15, ver com. vers. 7-8. Aqui se repete parcialmente a entrevista do 431 Sal. 95 para lhe dar mais ênfase.

16.

Quais foram?

Quer dizer, os que se rebelaram no Cades-barnea (ver com. vers. 8-11). Esta é uma declaração bastante modesta, pois quase todos os que foram liberados de Egito estiveram implicados na rebelião e pereceram no deserto.

Tendo ouvido.

Ou "embora ouviram"; quer dizer, embora conheciam bem as coisas.

Provocaram.

Ou se rebelaram (ver com. vers. 8).

Não foram todos?

Melhor "acaso não foram todos ... ?" A primeira pergunta retórica acha seu resposta mediante uma segunda pergunta. Pergunta-a implica que se rebelaram todos os que saíram do Egito. Isto foi certo em geral, embora houve algumas exceções (Núm. 26: 65; cf Jos. 17: 4; 22: 13, 31-32; Núm. 25: 7).

Por mão do Moisés.

Quer dizer, sob a liderança do Moisés.

17.

Aborrecido.

Ver com. vers. 10.

Quarenta anos.

Ver com. vers. 9.

Os que pecaram.

Ou os que continuamente se rebelavam (ver com. vers. 8-10).

O deserto.

Ver com. vers. 8.

18.

Jurou.

Ver Núm. 14: 22-35.

Não entrariam em seu repouso.

Ver com. vers. 11.

19.

Vemos.

O autor conclui o raciocínio que começou com a entrevista que introduziu no vers. 7.

Não puderam entrar.

A geração de israelitas cuja rebelião chegou a seu clímax no Cades-barnea, foi excluída de entrar na terra prometida por causa de um defeito fatal, e não por um ato arbitrário de Deus nem porque Moisés tivesse falhado em lhes proporcionar uma liderança completa e hábil. Moisés tinha sido "fiel em toda a casa de Deus" (vers. 2, 5), e portanto não podia atribuir-se o a responsabilidade pelo fracasso deles. A falta de fé dos israelitas, demonstrada por sua desobediência, impossibilitou-lhes sua entrada.

Incredulidade.

A "incredulidade" do povo se apresenta em agudo e triste contraste com a fidelidade do Moisés. Se o povo tivesse sido mais semelhante a ele, poderia ter entrado no Canaán. Cristo, a semelhança do Moisés, também é "fiel" e não pode ser responsabilizado pelo fracasso de alguns cristãos que não entram no "repouso" prometido da alma (ver com. vers. 11). Esta é a lição que o autor deriva das vicissitudes do antigo o Israel (ver com. cap. 4: 1).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

5-6 PP 513

7-8 DC 33; CM 403; HAd 325; 2JT 70

11 1T 281

12 DC 109; COES 31; HR 130; 2JT 76,

306; PP 300; 1T 377; 2T 656; 5T 72;

TM 355

12-14 1T 429

12-16 8T 115

13 PVGM 29

14 CM 175; Ev 264; HAp 197, 413; 3JT 29,

128, 275; MeM 322; OE 134, 277, 284,

322; PR 437; 6T 60, 250; 8T 11

15 DC 33; CM 403; HAd 325; 2JT 70

19 CS 511; Ev 504 432

CAPÍTULO 4

1 O repouso dos cristãos se obtém por meio da fé. 12 O poder da
Palavra de Deus. 14 Por meio de nosso Supremo Sacerdote, Jesus, o Filho de
Deus, sujeito a nossas debilidades, mas sem pecado, 16 podemos e devemos
nos amealhar confidencialmente ao trono da graça.

1 TEMAMOS, pois, não seja que permanecendo ainda a promessa de entrar em seu
repouso, algum de vós pareça não havê-lo alcançado.

2 Porque também nos anunciou a boa nova como a eles;
mas não lhes aproveitou o ouvir a palavra, por não ir acompanhada de fé nos que
ouviram-na.

3 Mas os que acreditamos entramos no repouso, da maneira que disse:

portanto, jurei em minha ira,

Não entrarão em meu repouso;

embora suas obras estavam acabadas da fundação do mundo.

4 Porque em certo lugar disse assim do sétimo dia: E repousou Deus de todas seus
obra no sétimo dia.

5 E outra vez aqui: Não entrarão em meu repouso.

6 portanto, posto que falta que alguns entrem nele, e aqueles a quem
primeiro lhes anunciou a boa nova não entraram por causa de desobediência,

7 outra vez determina um dia: Hoje, dizendo depois de tanto tempo, por meio
do David, como se disse:

Se oyereis hoje sua voz,

Não endureçam seus corações.

8 Porque se Josué lhes tivesse dado o repouso, não falaria depois de outro dia.

9 portanto, fica um repouso para o povo de Deus.

10 Porque o que entrou em seu repouso, também repousou que suas obras,
como Deus das suas.

11 Procuremos, pois, entrar naquele repouso, para que nenhum caia em
semelhante exemplo de desobediência.

12 Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante que toda espada de dois fios; e penetra até partir a alma e o espírito, as juntas e os tutanos, e discerne os pensamentos e as intenções do coração.

13 E não há coisa criada que não seja manifesta em sua presença; antes bem todas as coisas estão nuas e abertas aos olhos daquele a quem temos que dar conta.

14 portanto, tendo um grande supremo sacerdote que transpassou os céus, Jesus o Filho de Deus, retenhamos nossa profissão.

15 Porque não temos um supremo sacerdote que não possa compadecer-se de nossas debilidades, a não ser um que foi tentado em tudo segundo nossa semelhança, mas sem pecado.

16 Nos aproximemos, pois, confidencialmente ao trono da graça, para alcançar misericórdia e achar graça para o oportuno socorro.

1.

Temamos, pois.

Esta mesma advertência ressona em 1 Cor. 10: 1-12. Os cristãos, esquecendo seu próprio e grave perigo, podem sentir-se inclinados a olhar em forma crítica a estupidez daqueles hebreus que não puderam entrar no Canaán, e também a gerações posteriores que fracassaram em entrar no "repouso" espiritual que Deus preparou para o Israel como nação (ver com. Heb. 3: 11). A partir do cap. 4: 1 o autor procede a aplicar a lição derivada da história de Israel no deserto à igreja cristã nos tempos apostólicos. Em princípio, os cristãos de hoje correm um perigo semelhante e têm necessidade de receber a mesma admoestação à fidelidade.

Perirnaneciendo ainda a promessa.

A promessa de entrar no "repouso" de Deus não tinha sido retirada devido aos repetidos enganos do Israel. A validez da promessa permanece e se repete a cada geração.

Seu repouso.

Ver com. cap. 3: 11.

Vós.

Especificamente os cristãos de origem judia, a quem se dirigia a epístola; mas o mesmo é certamente certo com todos os cristãos.

Não havê-lo alcançado.

Quer dizer, fracassar como lhe acontecesse ao antigo o Israel que não entrou no "repouso" prometido Por Deus. 433

2.

Boa nova.

A frase poderia traduzir-se: "fomos evangelizados como eles também [o

foram]". Nos tempos do AT o Evangelho era "pregado" mediante símbolos e cerimônias, com ritos e sacrifícios, mas era o mesmo Evangelho que pouco antes tinha sido proclamado por Cristo (ver com. Heb. 1: 1-2).

Não lhes aproveitou.

Se os ouvintes ao "ouvir a palavra" não a recebem com fé, não podem beneficiar-se (ver com. Mat. 7: 24-27). A efetividade da mensagem pessoal que deu Cristo também foi limitada pela escassa receptividade de seus ouvintes. Do Nazaret se disse: "Não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles" (Mat. 13: 58). A forma em que atua este princípio está claramente ilustrada na parábola do sembrador (ver com. Mat. 13: 3).

Fé.

Ver com. cap. 3: 12; 11: 1.

3.

Os que acreditamos.

Ou nós os cristãos, especialmente os judeus convertidos que estavam em a igreja apostólica.

Entramos.

Ou "estamos entrando". O convite ainda é válido. Além disso, alguns estão aceitando o convite e entram por fé no "repouso" de Deus.

O repouso.

Quer dizer, o mesmo "repouso" ao qual já se feito referência em cap. 3: 11, 18; 4 :1 (ver com. cap. 3: 11). O "repouso" no qual entram os cristãos-que inclui os judeus convertidos- é o mesmo "repouso" espiritual ao que Deus tinha convidado aos israelitas a que entrassem: o "repouso" da alma que se produz com a entrega plena a Cristo e com a integração da vida ao propósito eterno de Deus (cf. ISA. 30: 15; Jer. 6: 16; Mat. 11: 29).

Da maneira que disse.

O autor acaba de afirmar que os crentes cristãos estão entrando um por um no mesmo "repouso" espiritual no qual teve Deus o propósito que entrassem os israelitas de antigamente, mas do qual se achavam agora excluídos como nação. E começando desde este ponto apresenta até o vers. 8 a evidencia sobre a qual base sua conclusão, uma conclusão ofensiva para os judeus inconversos e possivelmente um enigma para muitos, e acaso para a maioria de os judeus convertidos. No vers. 9 conclui esta sucessão de raciocínios reafirmando a validez de sua premissa principal, ou seja: que a admissão ao "repouso" de Deus é agora por meio da fé cristã como antes foi por médio do judaísmo.

O plano do tema dos vers. 3-8 pode resumir-se assim:

1. Deus tinha jurado que o Israel literal não entraria em seu "repouso".

2. Apesar de tudo, as ,"obras" de Deus -aqui seu propósito para a humanidade-

estavam "acabadas da fundação do mundo". No princípio Deus havia determinado que os homens entrassem em seu "repouso"'; por conseguinte, o juramento de Deus que excluía ao antigo o Israel do "repouso" prometido poderia parecer, a primeira vista, uma contradição a seu propósito original. O juramento significa que Deus anulou seu intuito original? Ou persiste ele em um propósito até que o obtém?

3. Para provar que Deus alcança seus propósitos, o autor se refere (vers. 4) a as "obras"' da criação. Deus começou a criar este mundo; completou seus "obras" de criação, e descansou o sétimo dia, o qual atesta que houve uma criação completa. Notem-nas palavras "acabados" e "acabou" no Gén. 2: 1-3 e a ênfase que fica em que se trata de algo completo.

4. repete-se o juramento de Deus de que o antigo o Israel não entraria em seu "repouso" (Heb. 4: 5) e se estabelece um paralelo com o pensamento do vers. 4, de que Deus termina o que começa a fazer (vers. 4), tal como o ilustram as obras terminadas da criação.

5. Uma criação terminada, como o atesta o descanso de Deus no sétimo dia da semana da criação, é uma evidência da imutabilidade dos propósitos divinos. Esta é a premissa maior do Pablo. Sua premissa menor é o feito de que Deus tinha o propósito de que seu povo escolhido entrasse em seu "repouso", mas que "aqueles a quem primeiro lhes anunciou a boa nova não entraram por causa de desobediência". Isto o faz concluir que "falta que alguns entrem nele" (vers. 6).

6. Como uma nova evidência da validez de sua conclusão, o autor se refere de novo no vers. 7 às palavras do Sal. 95 para mostrar que o fracasso de gerações anteriores não tinha alterado o propósito original de Deus, nem tampouco tinha anulado o convite original. Compare-se isto com as repetidas convites ao grande banquete (ver Luc. 14: 16-24).

7. No vers. 8 extrai a conclusão adicional da observação do vers. 7: que a menção que faz Deus de "outro dia" no tempo 434 do David, demonstra que embora Josué sim lhe tinha dado ao Israel "repouso" na terra literal de Canaán (ver com. cap. 3:11), indubitavelmente não o tinha introduzido no "repouso" espiritual que Deus queria que desfrutasse.

8. De acordo com o desenvolvimento do tema apresentado nos vers. 3-8, o autor conclui que é seguro que "fica um repouso para o povo de Deus" (vers. 9).

Ira.

Ver com. cap. 3: 11.

Repouso.

Ver com. cap. 3: 11.

Embora.

A relação entre as duas declarações unidas por esta conjunção se pode traduzir livremente assim: "A pesar do fato de que seus planos para este mundo foram estabelecidos ao começo do tempo, Deus anulou sua promessa solene de 'repouso' para o Israel na terra prometida". Dá-se por sentado que Deus não troca e que levará a cabo seus planos até sua plenitude (ver T. IV, P. 36; Mau. 3: 6). A imutabilidade de Deus e a anulação de sua promessa ao Israel

parecem, a primeira vista, contradizer-se. O um -diz-o o autor implicitamente- parece incompatível com o outro. A solução deste dilema se apresenta no Heb. 4: 4-8. A resposta é que a imutabilidade do propósito de Deus não foi afetada pela anulação de sua promessa ao Israel; e a conclusão se apresenta no vers. 6: "portanto... falta que alguns entrem nele", e no vers. 9: "portanto, fica um repouso para o povo de Deus". A explicação do dilema demonstra o que já se apresentou nos vers. 1-3: que Deus anunciou" aos cristãos a "promessa de entrar em seu repouso", ao qual se faz referência como a "boa nova" (vers. 2), assim como anteriormente o fez com o Israel literal, e que os crentes cristãos estão entrando sem dúvida no verdadeiro "repouso" espiritual de Deus.

Obras.

Não é uma referência às "obras" do mundo natural, a não ser ao propósito e ao plano de Deus para o homem que chegou a existir na criação. Em outras palavras, aqui se concebem as "obras" da criação como que incluem o propósito de Deus na criação desta terra e seu plano para obter esse propósito. Em realidade, as "obras" materiais da criação dependiam, sem dúvida alguma, do propósito infinito ao qual deviam contribuir No vers. 4 se faz referência especialmente às "obras" materiais da semana da criação.

Acabadas.

Gr. gínomai, "chegar a ser". As obras "deveram existir"; foram "completadas" ou "acabadas" nesse tempo e, portanto, não estavam sujeitas a uma alteração futura. O mundo material, como saiu das mãos do Criador, era um produto perfeito e completo (Gén. 1: 31); e as leis físicas e biológicas que governam o mundo material também "estavam acabadas", é dizer, não seus focinhos de porco a modificações ou mudanças periódicas. Por exemplo, a gravidade ainda atua como ao princípio; e a lei da genética, pela qual cada planta e cada animal se reproduz segundo seu gênero (ver com. Gén. 1: 12), nunca foi revogada ou emendada. A força do argumento do Heb. 4: 3-4 é que o propósito original de Deus foi, como parte integral da semana da criação, que esta terra fora o "repouso" ou a "morada" (ver com. cap. 3: 11) de uma raça de seres justos e felizes. A entrada do pecado no mundo não anulou esse misericordioso propósito, pois o plano de salvação proporcionou um médio pelo qual ainda podia alcançar o plano original a pesar do pecado. Por esta razão, o fato de que a "boa nova" (vers. 2) não "aproveitou" ao Israel antigo (vers. 2), e como resultado Deus teve que anular a promessa que tinha-lhe feito, não podia alterar sua decisão fundamental de que "alguns entrem nele" (vers. 6).

Fundação do mundo.

Ou seja a criação.

4.

Em certo lugar.

Uma entrevista do Gén. 2: 2.

Sétimo dia.

Ver com. Gén. 2: 1-3.

Repousou.

Gr. katapáu, "cessar", "descansar". Este verbo e o substantivo afim katápausis denotam cessação de trabalho ou outra atividade e o estado ou condição de inatividade que se produz (ver com. cap. 3: 11). A palavra hebréia equivalente, shabath, que se traduz "repousou" no Gén. 2 :2, a passagem que aqui cita-se (ver o comentário respectivo), literalmente significa "cessar" de trabalho ou de atividade. portanto, katapáu e shabath incluem tanto cessação de atividade prévia como o estado de inatividade que segue a sorte cessação. Ambos os aspectos desse significado foram reais no "repouso" de Deus nesse primeiro dia sábado. Cessou de criar e depois continuou em um estado de inatividade no que respeita a novos atos de criação. as "obras" da criação estiveram completas em todo respeito, e naquele primeiro dia sábado -que o Senhor estabeleceu como um recordativo da criação- Deus começou seu "repouso" da 435 criação da terra. No que respeita a nosso mundo, Deus nunca reiniciou a obra de criar da qual cessou então, e tampouco anulou ou modificou as leis que estabeleceu para governar o mundo natural. O autor de Hebreus enfoca a atenção sobre a criação -inclusive do mundo natural, das leis que o governam, do homem, e do propósito de Deus para ele e para o mundo- como um ato completo não sujeito a revisões posteriores. A ênfase que se faz aqui é na cessação de Deus de uma atividade criadora posterior.

na sábado da semana da criação foi também o primeiro dia completo da vida do Adão. Suas experiências nesse dia foram uma antecipação do "repouso" eterno que lhe estava reservado se permanecia leal a Deus. Nossa observância do sétimo dia da semana como dia de repouso, atesta de nossa fé no Deus verdadeiro como o Criador de todas as coisas, e é uma expressão visível dessa fé. Também atesta de nosso desejo de viver em harmonia com seu grande propósito eterno para este mundo implícito na criação desta terra e do homem para que vivesse nela- e do propósito divino para nós como indivíduos. Ver com. Exo. 20: 8; Eze. 20: 12, 20; ISA. 58: 13. Assim como permanece imutável o propósito original de Deus para este mundo -seu "repouso"-, da mesma maneira permanece imutável o dia de repouso ou sétimo dia, o dia de "repouso" que ele estabeleceu como um recordativo da criação para que não esquecêssemos seu propósito ao criar este mundo. Por isso a observância do repouso do sétimo dia atesta não só da fé em Deus como Criador de todas as coisas, mas também da fé em seu poder para transformar a vida e fazer idôneos aos seres humanos para que entrem nesse "repouso" eterno que originalmente foi para os habitantes desta terra. De modo que na sábado dá testemunho tanto do poder criador como do poder santificador de Deus, e sua observância é um reconhecimento de fé em seu poder para criar e voltar a criar, ou santificar a vida dos seres humanos.

Todas suas obras.

No Gén. 2: 2 se faz referência às "obras" criadas no mundo natural como descrevem-se no capítulo anterior.

O sétimo dia.

Ver com. Gén. 2: 1-3.

5.

Outra vez.

repete-se pela terceira vez esta entrevista (cf. cap. 3: 11; 4: 3). Todo este tema (cap. 3: 7 a 4: 10) gira ao redor de que Deus retirou seu convite a entrar em seu "repouso". Esta entrevista de Sal. 95: 11 se justapõe no Heb. 4: 4 a do Gén. 2: 2 para poder explicar o significado da referência nos vers. 3 e 4 ao "repouso" de Deus no sétimo dia da semana da criação. O autor introduz a referência a que as "obras" de Deus foram "acabadas" (ver com. vers. 3) e ao feito de que o Senhor "repousou" (vers. 4.), para provar que o retiro de sua promessa ao antigo o Israel não foi algo absoluto. Em outras palavras, a promessa não foi retirada completamente de todos os seres humanos a não ser só dos que "não entraram por causa de desobediência" (vers. 6).

Aqui.

Quer dizer, em Sal. 95: 11.

Repouso.

Ver com. cap. 3: 11; cf. com. cap. 4: 4.

6.

portanto, posto que.

No vers. 6 se apresenta a conclusão a que se chega no tema dos vers, 3-5.

Falta.

Gr. apoléipo, em voz passiva "ser deixado", "ficar"; "fica" (NC). A promessa de entrar no "repouso" de Deus ainda é válida embora fora retirada ao antigo o Israel.

Que alguns entrem.

Apesar da obstinação dos "que não puderam entrar por causa de incredulidade" (cap. 3: 19), finalmente terá êxito o plano original de Deus para esta terra de ser habitada por uma raça de seres justos e felizes. Mas os que o façam, devem entrar por fé no "repouso" espiritual de Deus, o repouso da alma liberada do pecado e de seus próprios esforços para salvar-se. Aqui se faz referência ao "repouso" da alma (ver com. cap. 3: 11).

Nele.

Quer dizer, no "repouso" da alma.

Aqueles a quem.

Ver com. vers. 2.

Primeiro lhes anunciou.

Ou seja a primeira proclamação do convite evangélico mencionado no vers. 2.

Não entraram.

A geração de israelitas que saíram do Egito "não entraram" na terra da promessa, e os que entraram na Canaán literal nunca entraram, como nação, no "repouso" espiritual que Deus tinha para eles (ver com. cap. 3: 11; T. IV, pp. 32-36).

Por causa de desobediência.

Ver com. cap. 3: 19.

7.

Outra vez.

Nos vers. 7 e 8 o autor acrescenta outro ponto para provar seu argumento de que permanece um "repouso" para o povo de Deus.

Determina.

Deus é o que o "determina" falando com o Israel por meio do David. 436

Um dia.

Deus determinou o reinado do David como outro tempo apropriado para que o Israel entrasse em seu "repouso" (ver T. IV, P. 33). No texto grego é evidente que "hoje" (semeron)refere-se a "um dia". "Volta a assinalar um dia, 'hoje' " (BJ); "de novo determina um dia, 'hoje' " (BC).

depois de tanto tempo.

Não é parte da entrevista de Sal. 95: 7-8. Entre a época do Josué e a do David transcorreu "tanto tempo", mais de três séculos.

Por meio do David.

Ou em um de seus salmos: o 95 (ver com. Heb. 3: 7-8). Cf. ROM. 11: 2.

Como se disse.

Melhor "como se há dito antes" (BA); quer dizer, em uma passagem anterior (cap. 3: 7, 15).

Hoje.

Ver com. cap. 3: 7. A promessa de Deus de que entrariam em seu "repouso" espiritual, originalmente estendida aos israelitas quando saíram do Egito, permanecia ainda válida séculos depois de que fora feita. Embora a partir de então tinha sido sempre descuidada ou rechaçada por sucessivas gerações, ainda era válida nos dias do David. Além disso, o convite de Deus para os israelitas nos dias do David, prova (cap. 4:8) que Josué não havia introduzido ao Israel no "repouso" espiritual que Deus tinha para eles como nação (ver com. cap. 3: 7).

O "dia" de salvação foi um dia comprido. Começou quando Adão caiu, e terminará com a conclusão do tempo de graça para a humanidade. Os pecadores deram a Deus abundante motivo para que termine o "dia" da graça (cf. PP 80; DTG 28); mas ele é "misericordioso e piedoso... e grande em misericórdia" (Exo. 34: 6). Não quer "que nenhum pereça, mas sim todos

procedam ao arrependimento" (2 Ped. 3: 9).

8.

Porque se.

Pelo afirmado no vers. 7 a respeito da renovação do convite para entrar no "repouso" de Deus no tempo do David, chega-se à conclusão de que Josué não tinha dado "repouso" ao Israel. Se tivessem entrado no "repouso" espiritual que Deus lhes brindava como nação nos dias do Josué, Deus não lhes tivesse repetido seu convite nos dias do David mais de três séculos mais tarde.

Tivesse-lhes dado o repouso.

Josué deu "repouso" literal ao Israel ou o introduziu no Canaán, comandou-o em uma conquista de êxito e em seu estabelecimento em uma grande parte do território do país (ver T. II, pp. 44-46); mas não o conduziu ao "repouso" espiritual que Deus lhe tinha reservado porque não estiveram dispostos a entrar (ver com. cap. 3: 11).

Falaria.

Uma referência a Sal. 95: 7-11.

Depois.

depois dos dias do Josué, nos dias do David.

Outro dia.

O "dia" do David, o que é evidente pelo vers. 7 (ver o comentário respectivo). Nos dias do David e Salomón o Israel possuía toda a terra de Canaán, o qual é uma evidência de que o "repouso" que aqui se menciona não era a ocupação do Canaán a não ser a gloriosa missão que Deus queria que desempenhasse a nação hebréia (ver T. IV, pp. 28-32).

9.

portanto, fica.

Ver com. vers. 6. No vers. 9 se apresenta a conclusão a qual se aludiu no vers. 6, a qual se deduziu de uma série de raciocínios que começam em o vers. 3 com o fim de provar a premissa dos vers. 1 e 3. Esses raciocínios podem resumir-se assim:

1. O "repouso" de Deus como originalmente foi prometido ao antigo o Israel, incluía: (a) um estabelecimento permanente na terra do Canaán, (b) uma transformação de caráter que faria da nação um adequado representante de os princípios do reino de Deus, e (c) faria deles o agente escolhido de Deus para a salvação do mundo (ver T. IV, pp. 28-32; com. cap. 3: 11).

2. A geração a qual originalmente foi feita a promessa do "repouso", fracassou; não entrou no Canaán devido a "incredulidade" (ver com. cap. 3: 19) e "desobediência" (cap. 4: 6).

3. Josué presidiu a seguinte geração na entrada à terra que se

tinha-lhes prometido (ver com. cap. 3:11), mas como eram espiritualmente duros de nuca não pôde fazê-los entrar no "repouso" espiritual que Deus queria que desfrutassem (ver com. cap. 4: 7-8).

4. A mesma promessa foi repetida nos dias do David (vers. 7). Isto demonstra que o Israel ainda não tinha entrado no "repouso" espiritual, e também que seu fracasso nos dias do Moisés e do Josué não tinha invalidado a promessa original.

5. É seguro o cumprimento final dos propósitos de Deus a pesar do fracasso de sucessivas gerações (ver com. vers. 3 e 4).

6. O autor suplica fervientemente ao povo de Deus dos dias apostólicos que entre "naquele repouso" (vers. 11, 16). É uma comprovação 437 mais de que continuava a validez do convite e de que o povo de Deus não havia entrado em conjunto nesse "repouso" nem mesmo nos tempos apostólicos.

7. Em conclusão, continua a validez da promessa de entrar no "repouso" espiritual de Deus (vers. 6 e 9), e os cristãos devem procurar "entrar em aquele repouso" (vers. 11).

Deve notar-se que o "repouso" que fica nos tempos do cristianismo é o mesmo "repouso" espiritual prometido originalmente ao Israel (ver com. vers. 3). É evidente que se "fica" é porque antes existiu.

Repouso.

Gr. sabbatismós, "descanso de sábado", "repouso sabático". Esta é a única vez que aparece esta palavra na Bíblia. Não aparece nos escritos extrabíblicos a não ser em uma obra do Plutarco (Moralia, 166A) e em escritos dos séculos II e III. Por isso alguns pensaram que o autor de Hebreus pôde ter cunhado a palavra. Entretanto, o sentido não é discutido. A derivação do Sabbatismós é clara. No AT se emprega 70 vezes o verbo shabath, "cessar" ou "repousar". Dessas vezes, 7 têm que ver repousando o dia sábado; as restantes 63 se referem a outras formas de cessar ou repousar Como exemplos deste segundo uso, podem citar-se: Gén. 8: 22; Jos. 5: 12; Neh. 6: 3; Lam. 5: 14; ISA. 14: 4; 24: 8; 33: 8. O essencial shabbath, derivado do verbo shabath, significa "repouso" ou "dia de repouso", e aparece no AT 101 vezes. Geralmente designa o dia de repouso semanal, o sétimo da semana, ou seja sábado. De ter um sentido geral, "repouso", passou a ter um sentido específico, "sábado". Também se emprega a palavra shabbath para referir-se a a semana, um período de sete dias que conclui com na sábado. Em alguns casos, usa-se shabbath como designação do ano sabático, o ano quando a terra devia descansar (Lev. 25: 6; 26: 34, 43; 2 Crón. 36: 21). Um derivado de shabbath, a palavra shabbathon, usa-se 10 vezes, geralmente na construção shabbath shabbathon, às vezes traduzida como "sábado de repouso" em a RVA. Designa pelo general às "festas sabáticas": o dia da expiação (Lev. 16: 31; 23: 32); a festa das trompetistas (Lev. 23: 24); ao primeiro e último dia da festa dos tabernáculos (Lev. 23: 39). Também aplica-se ao ano sabático (Lev 25: 45) e ao dia de repouso semanal (Exo. 16: 23; 31: 15; 35: 2). A LXX, em idioma grego, emprega a palavra sábbaton para designar à sábado, dia de repouso semanal. Também se usa sábbaton no NT, embora às vezes tem a forma plural sábbata com sentido singular (ver com. Mat. 28: 1 e Couve. 2: 16). Sempre se refere ao dia sábado ou à semana, período de sete dias que culmina com na sábado.

O verbo grego sabbatíz, "sabatizar", se se quiser, ou melhor, "guardar o

sábado"; deriva de sábbaton. Não aparece no NT. usa-se sete vezes na LXX como tradução de shabath, "cessar", "descansar". Uma vez se refere a repousar na sábado semanal (Exo. 16: 30); uma vez a repousar o dia da expiação (Lev. 23: 32); cinco vezes se relaciona com o repouso da terra durante o ano sabático (Lev. 26: 34-35; 2 Crón. 36: 21).

A palavra sabbatismós, "descanso sabático", deriva de sabbatíz. É evidente sua derivação do original hebreu shabath, "cessar". Mas sua derivação mais próxima é de sábbaton, "sábado", pelo qual reflete melhor o conteúdo dessa palavra que o do original hebreu shabath. Por isso, o sentido de sabbatismós é claro: "descanso de sábado" ou "repouso sabático".

Até aqui, o autor de Hebreus usou o verbo katapáuo e o substantivo katápausis para referir-se ao descanso ao qual devem aspirar seus leitores (cap. 4: 1, 3-4, 5, 8). Este é o repouso de Deus, ao qual os israelitas sob o Josué não entraram, mas que ainda está aberto aos que acreditam. Katapáuo e katápausis se usam no AT como tradução de shabath, "cessar". São palavras ricas em sentido. Mas no vers. 9, usa-se uma nova palavra: sabbatismós, "repouso sabático", que embora sinônima da primeira, tem um conteúdo mais amplo que o de katápausis.

Sabbatismós, que se refere especificamente ao descanso "sabático", sugere um repouso especial, não só a cessação das atividades. Este repouso que Deus promete aos fiéis tem, como o dia sábado, cós de bênção (Gén. 2: 2-3; ISA. 58: 13-14), de redenção (Deut. 5: 15) e de santificação (Eze. 20: 20). O descanso que oferece Deus é o que cada semana olham pela fé os que observam o dia de repouso ordenado Por Deus. Este texto sugere a importância cósmica do dia sábado, como símbolo do repouso eterno que Deus quer que tenham os seus.

Corresponde notar que no vers. 3, o autor insiste a que "entremos" em descanso, como se não fizesse falta esperar à eternidade para gozar do repouso que Deus oferece. O repouso 438 simbolizado pelo "repouso sabático" é o repouso da graça (ver Material Suplementar do EGW, com. Heb. 4: 9; cf. CS 295). Esse é o "verdadeiro repouso da fé" (DMJ 9).

Entramos no "repouso" de Deus quando consideramos o Jesus (cap. 3: 1) e escutamos sua voz (cap. 3: 7, 15; 4: 7), quando depositamos nossa fé nele (cap. 4: 2-3), quando desistimos de nossos próprios esforços para ganhar a salvação (vers. 10), quando retemos nossa profissão (vers. 14) e quando aproximamo-nos do trono da graça (vers. 16). Os que queiram participar de esta experiência devem livrar-se de um "coração mau de incredulidade" (cap. 3: 12), devem deixar de endurecer seu coração (cap. 3: 8, 15; 4: 7), e devem esforçar-se por entrar no "repouso" de Deus (cap. 4: 11). Os que entrem em o "repouso" de Deus reterão seu "profissão" (vers. 14). Aproximarão-se "confidencialmente ao trono da graça, para alcançar misericórdia e achar graça para o oportuno socorro" (vers. 16).

Alguns pensaram que nesta passagem Pablo indica que os cristãos devem deixar de guardar na sábado semanal, próprio dos judeus, e pensar, em troca, em entrar no repouso cósmico e espiritual de Deus. Esta interpretação carece de base. A passagem simplesmente emprega uma figura, a do repouso de sábado, com todas suas bênções e símbolos, para ilustrar a idéia do repouso de Deus. A epístola aos Hebreus está dirigida a quem observava o sábado e gozavam de suas bênções. Este texto contém um convite aos cristãos hebreus de lhe dar ao repouso sabático semanal uma amplitude maior, a saber, reconhecê-lo como um símbolo claro do repouso eterno que Deus promete.

Este mesmo convite é para os cristãos observadores do sábado no século XX.

Povo de Deus.

Quer dizer, quão cristãos agora são o povo escolhido de Deus como foi antigamente o povo do Israel (Exo. 19: 5-6; 1 Ped. 2: 9-10; ver T. IV, pp. 37-38).

10.

que entrou.

Melhor "quem entrou; quer dizer, qualquer do "povo de Deus" (vers. 9). A sintaxe grega esclarece que alguns já entraram no "repouso" de Deus.

Repouso.

Gr. katápausis (ver com. cap. 3: 11), que é diferente de sabbatismós (vers. 9); entretanto, o contexto demonstra que ambos os vocábulos se referem ao mesmo (ver com. vers. 9). É evidente que o "repouso" que fica (vers. 9) é o mesmo "repouso" do vers. 10, no qual entra o crente cristão.

A conjunção causal "porque" do vers. 10 une duas orações ou elementos análogos, faz que o vers. 10 dependa do vers. 9 e também a conclusão à qual se chega.

Também.

Quer dizer, além de Deus ou na mesma maneira.

repousou.

Gr. katapaú, o mesmo verbo que se traduz como "repousou" no vers. 4 e "dado o repouso" no vers. 8 (ver com. cap. 3: 11). Embora a tradução "há cessado" (VM) obscurece a relação entre esta afirmação e outros casos em que aparecem katapaú e katápau, e katápausis nos cap. 3 e 4, entretanto corresponde com mais propriedade com o pensamento do vers. 10 porque destaca a idéia de cessação de "obras" mais que de continuar em um estado de "repouso" depois dessa cessação.

Suas obras.

Ao entrar no "repouso" de Deus -que significa confiança na graça salvadora do Jesucristo-, o cristão necessariamente já cessou" que tratar de alcançar a justiça por suas próprias obras. O autor também pode ter em conta o "repouso" cristão das "obras" do pecado, obras que impediram que entrassem na terra prometida quão israelitas foram liberados de Egito, e que mais tarde lhe fecharam o passo a outras gerações para que não entrassem no "repouso" espiritual de Deus (ver com. cap. 3: 8-9; 4: 8).

11.

Procuremos.

"Sejamos ciumentos", "façamos todo esforço". Para entrar no "repouso" de Deus é necessário fazer esforços diligentes, determinados.

Pois.

Os vers. 11-16 equivalem a uma aplicação prática do princípio estabelecido no tema apresentado nos cap. 3: 7 a 4: 10 que "fica um repouso para o povo de Deus" (vers. 9). Esta aplicação prática à vida cristã consta de uma triplo exortação: (1) a trabalhar para entrar no "repouso" de Deus, cap. 4: 11; (2) a reter "nossa profissão", vers. 14; e (3) a nos aproximar "confidencialmente ao trono da graça", vers. 16. que faça caso desta admoestação desfrutará de do "repouso" da alma que Deus quer que experimente em esta vida cada cristão sincero.

Repouso.

Gr. katápausis (ver com. cap. 3: 11).

Para que nenhum.

que se esforça de todo coração para "entrar naquele repouso", evita o abismo de incredulidade em que caiu o antigo o Israel.

Caia.

O oposto a entrar. Se os antigos 439 israelitas "caíram no deserto" (cap. 3: 17), quer dizer que tinham saído do Egito com o propósito de entrar na terra prometida. Quando um homem não alcança o "repouso" de Deus, deduz-se que uma vez teve o propósito de entrar nele. Os cristãos mornos de hoje em dia são os que caem agora "em semelhante exemplo de desobediência". Na parábola do sembrador há claras advertências a respeito de esta dificuldade (ver com. Mat. 13: 5-7).

Semelhante exemplo.

Quer dizer, o exemplo de eleição do antigo o Israel e seu destino: primeiro em Cades-barnea e posteriormente quando se estabeleceu na terra prometida.

Desobediência.

Ver com. cap. 3: 19.

12.

Porque.

A primeira vista parece que os vers. 12 e 13 não tivessem relação direta com o tema dos cap. 3 e 4; entretanto, como o indica a conjunção causal "porque", há uma estreita e lógica relação. Os vers. 12 e 13 explicam como evitar o cair em desobediência (vers. 11) e como cessar das "obras" próprias (vers. 10), e apresentam o meio que Deus proporcionou para capacitar a seus filhos a fim de que entrem em seu "repouso".

Palavra.

Gr. logotipos (ver com. Juan 1: 1). A "palavra" a qual se faz referência é quão mesma foi "anunciada" tanto ao antigo o Israel como aos cristãos, e foi ouvida por ambos (Heb. 4: 2), especialmente quanto ao convite para entrar no "repouso" de Deus. Como é claro no vers. 2, esta "palavra" se

faz equivaler com a mensagem da "boa nova"; e em sentido mais genérico, a "palavra" do vers. 12 poderia pensar-se que inclui todos os escritos do Canon Sagrado, pois toda a Bíblia é a "Palavra" de Deus e apresenta a "boa nova" do Jesucristo.

Viva.

necessita-se uma força vivente e ativa para criar no homem um coração novo e renovar um espírito reto dentro dele (cf. Sal. 51: 10). A "palavra" de Deus é viva, reparte vida. Assim aconteceu na obra da criação (Sal. 33: 6, 9) e assim acontece na nova criação da imagem de Deus no alma do homem. Cristo, a Palavra encarnada (ou "Verbo"), também tem vida em si mesmo (Juan 1: 4, 12; 5: 26). A "palavra de Deus" é a força que dá poder em e para a conversão. O cristão renasce "pela palavra de Deus que vive e permanece para sempre" (1 Ped. 1: 23).

Eficaz.

Gr. energes "efetiva", "ativa", "poderosa" (cf. com. 1 Cor. 12: 6). A palavra "energia" deriva de energes. Na "palavra" de Deus há poder para transformar a pecadores em Santos.

Mais cortante.

No resto do vers. 12 se explica por que é tão cortante essa espada. A "palavra" de Deus é viva, eficaz e cortante: pode cumprir plenamente sua obra em benefício da humanidade (ver ISA. 46: 10; 55: 10-11).

Espada de dois fios.

Ver F. 6: 17; com. Apoc. 1: 16.

Penetra até partir.

Melhor "penetra até a divisão da alma e do espírito" (BA, BC, NC); "penetra até as fronteiras entre a alma e o espírito" (BJ).

A alma e o espírito.

Gr. psuje, "alma", "vida" (ver com. Mat. 10: 28) e pnéuma, "espírito", "fôlego" (ver com. Luc. 8: 55). Esta expressão e "as juntas e os tutanos" usam-se em sentido figurado. A divisão entre "a alma e o espírito" e "as juntas e os tutanos" descreve até onde penetra a "palavra" de Deus. O valor desta figura de linguagem radica em que "vida" e "fôlego" são, pelo menos para os propósitos práticos, inseparáveis.

As juntas e os tutanos.

É de presumir que na figura de linguagem também sejam virtualmente inseparáveis.

Discerne.

Gr. kritikós, "capaz de discernir", "capaz de julgar", "capaz de discriminar"; quer dizer, que possui a faculdade de discernimento ou discriminação. A palavra "crítica" deriva de kritikós. Mediante uma resposta favorável à impressão feita na consciência pela "palavra" de Deus, o sincero cristão evita

cair em "desobediência", abandona suas próprias "obras" e entra no "repouso" de Deus (vers. 6, 10-11; cf. cap. 3: 10, 12).

Os pensamentos e as intenções.

Ou "pensamentos e motivos"; "sentimentos e pensamentos" (BJ, BC). Como uma espada cortante que separa "juntas" e "tutanos", os claros princípios de a "palavra de Deus" discernem entre bons e maus pensamentos, entre motivos corretos e incorretos.

Coração.

Quer dizer, a mente.

13.

Coisa criada.

Sem dúvida se trata do homem do vers. 12, cujos pensamentos e motivos hão sido julgados pela "palavra" de Deus. Os homens podem julgar tendo em conta unicamente as palavras de outro e seus feitos; mas a "palavra" de Deus penetra muito além das palavras e ações 440 humanas; chega até o lugar onde se originam e julga tendo em conta o que ocorre na mente. "O homem olhe o que está diante de seus olhos, mas Jehová olhe o coração" (1 Sam. 16: 7).

Não seja manifesta em sua presença.

Ou fique "oculta diante dele". Ninguém pode lhe ocultar a Deus seus pensamentos e motivos. Não importa como tente fazê-lo, é impossível fugir de Deus (cf. Sal. 139: 7-10).

Todas as coisas.

Quer dizer, os pensamentos e motivos de cada homem.

Nuas e abertas.

Ou "descobertas e expostas". Nada pode ocultar-se da presença de Deus.

Aquele a quem temos que dar conta.

A compreensão de que deve dar conta das palavras e os fatos ante um Juiz que todo o discerne, pode fazer sensato ao pecador mais endurecido. Este conhecimento deveria impulsionar a quem se chama cristão a emprestar a mais completa atenção a seus pensamentos e motivos. Cf. ROM. 14: 10-12; 2 Cor. 5: 10.

14.

portanto.

Quer dizer, já que "a palavra de Deus" discerne a natureza dos pensamentos e motivos de um homem e que nada concernente a nós está oculto de Deus (vers. 12-13), e mais particularmente porque temos um "supremo sacerdote" compassivo e que simpatiza conosco, e que sofreu os mesmos problemas que temos que enfrentar (cap. 2: 17; 4: 15).

Supremo sacerdote.

Ver com. cap. 2: 17. Cristo como nosso grande Supremo Sacerdote é o tema de Hebreus (ver P. 404). depois de apresentar-se a Cristo nessa função (cap. 3: 1), os cap. 3 e 4 desenvolvem o conceito de nossa necessidade de seu ministério nos átrios celestiales e da experiência do "repouso" da alma que se alcança quando nos apropriamos desse ministério. Os cap. 5- 10 tratam diversos aspectos do ministério de Cristo a nosso favor. O sistema cristão de salvação pela fé tem seu centro na pessoa de Cristo como nosso grande Supremo Sacerdote.

Transpassou.

Literalmente "que passou através"; "penetrou" (BJ, NC). Significa sem dúvida alguma que passou através do céu atmosférico e o estelar. Ver Hech. 1: 9; cf. com. Gen.: 8.

Jesus.

Ver com. Mat. 1: 1 .

Filho de Deus.

Ver com. Luc. 1: 35; Juan 1: 14; 3: 16.

Retenhamos.

Gr. kratéo, "aferrar-se", "conservar", como se se tratasse da própria vida.

Cristo é digno de toda nossa fé e nossa confiança, e não devemos permitir que nada se interponha entre nós e ele (ver com. ROM. 8: 38-39). Ver com. Mat. 24: 13; Heb. 10: 35- 36.

Nossa profissão.

Ver com. cap. 3: 1.

15.

Compadecer-se.

Gr. sumpathéo, "simpatizar", literalmente "sofrer ou padecer junto com". Cristo simpatiza completamente com o cristão sincero que tem que enfrentar-se a miúdo com problemas e dificuldades, porque ele sofreu em sua própria natureza humana -mas sem pecar- as debilidades que são inerentes ao gênero humano. Um dos propósitos da encarnação foi que a Deidade se aproximasse tanto a a humanidade, que pudesse experimentar as mesmas debilidades e problemas de os quais participamos nós. Quando Cristo o fez, ficou capacitado para chegar a ser nosso Supremo Sacerdote e nos representar ante o Pai.

Debilidades.

A forma negativa em que se expressa esta declaração a destaca ainda mais do que tivesse feito uma declaração afirmativa.

Em tudo.

Ou em toda classe de tentações. Quanto a algumas das formas em que foi tentado Jesus, ver com. Mat. 4: 1-11, cf. DTG 638-644. Em uma forma misteriosa que não podemos compreender, nosso Senhor suportou todo o peso de cada tentação imaginável que "o príncipe deste mundo" (Juan 12: 31) pôde pôr sobre ele, mas sem que no menor grau, nem mesmo com um pensamento, cedesse ante qualquer delas (ver Juan 14: 30). Satanás não encontrou em Jesus nada que obedecesse a suas ardilosas tentações (ver DTG 98; com. Heb. 2: 18).

Segundo nossa semelhança.

Em todos os respeitos -exceto no pecado- fez-se um conosco (ver T. V, pp. 895-896; com. Fil. 2: 6-8).

Sem pecado.

Aqui radica o insondável mistério da perfeita vida de nosso Salvador. A natureza humana foi conduzida pela primeira vez à vitória sobre seu tendência natural ao pecado, e por causa da vitória de Cristo sobre o pecado nós também podemos triunfar sobre ele (ver com. ROM. 8: 1-4). Nele podemos ser "mais que vencedores" (ROM. 8: 37), pois Deus "dá-nos a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Cor. 15: 57) tanto sobre o pecado como sobre seu pagamento ou conseqüência: a morte (ver com. Gál. 2: 20). 441

16.

nos aproximemos, pois.

No vers. 16 se apresenta a conclusão prática de todo o desenvolvimento do pensamento apresentado nos cap. 3 e 4. O "repouso" da graça de Deus fica para o povo de Deus (vers. 9), "nos aproximemos, pois, confidencialmente ao trono da graça".

Confidencialmente.

Gr. parresía, que se traduz como "confiança" em cap. 3: 6 (ver o comentário respectivo; cf. cap. 10: 35). Aproximamo-nos com confiança não porque Deus tenha uma dívida conosco, mas sim porque ele oferece gratuitamente sua graça a todos os que a buscam.

Trono da graça.

Isto é, um trono que se caracteriza pela qualidade da graça que oferece (ver com. ROM. 3: 24; 1 Cor. 1: 3). O cristão tem a máxima oportunidade do livre acesso "ao trono da graça" de um Pai amante, em vez de fazer vãos e difíceis intentos para ganhar a salvação por meio de um rigoroso cumprimento do sistema legal do judaísmo ou de qualquer outro sistema de justificação pelas obras.

Obter misericórdia.

Ou um seguro perdão dos pecados (ver com. Juan 1: 9). Diante do trono do julgamento todos acharão uma estrita justiça não moderada pela misericórdia. A única esperança do pecador é a misericórdia de Deus que se oferece enquanto dure o tempo de graça.

Graça.

Gr. járis (ver com. Juan 1: 14; ROM. 1: 7; 3: 24; 1 Cor. 1: 3).

Para o oportuno socorro.

Ou seja no tempo da tentação. Necessitamos a graça para suportar as penas e os sofrimentos, e também para vencer a tentação. que cultiva o hábito de apresentar-se cada dia ante o "trono da graça" para receber uma nova e fresca porção da misericórdia e da graça de Deus, entra no "repouso" da alma que Deus proporciona a todo crente fiel.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

3 Ed 126; PP 107

7 FÉ 335, 367; PVGM 223

9 1JT 48; MeM 369; P 31

9- 10 DTG 177; 1JT 496

10-12 P 25

11 2JT 306

12 Ev 112, 114, 175, 247, 506; FV 338;

HAp 449; 3JT 155; OE 282, 339, 369,

397; 2T 560; 8T 55; TM 144

12-13 CH 412; 1JT 548, 588; 2JT 38; NB

354; 3T 82; 4T 583; TM 463

13 DMJ 60, 85; Ed 249; 1JT 56; 3JT 267;

MeM 10; PP 217, 780; PR 188; 1T 468;

4T 646; 5T 485

14-16 DTG 138; HR 159; TM 20, 355

15CC 36, 93; CH 528; CS 469; DTG 16,

296, 354; Ed 74; FÉ 106, 276; 1JT 141,

218, 233, 476; 2JT 115-116, 135; MC

47, 121, 193, 331; MeM 301, 309; MJ

163; MM 19; OE 281; 2T 313,438,509;

3T 371; 4T 294; 5T 422, 639, 649; 8T

287; Lhe 107; TM 187, 391; 5TS 182

15-16 CS 395; 2T 509

16 CN 490; 3JT 91

CAPÍTULO 5

1 A autoridade e a honra do sacerdócio de nosso Salvador; 11 portanto, reprova-se a negligência em conhecê-lo.

1 PORQUE tudo supremo sacerdote tirado de entre os homens é constituído a favor dos homens no que a Deus se refere, para que presente oferendas e sacrifícios pelos pecados;

2 para que se mostre paciente com os ignorantes e extraviados, posto que ele também está rodeado de debilidade;

3 e por causa dela deve oferecer pelos pecados, tanto por si mesmo como também pelo povo.

4 E ninguém toma para si esta honra, a não ser o que é chamado Por Deus, como foi Aarón.

5 Assim tampouco Cristo se glorificou a si mesmo fazendo-se supremo sacerdote, a não ser o que lhe disse: 442 Você é meu Filho, Eu te engendrei hoje.

6 Como também diz em outro lugar: Você é sacerdote para sempre, Segundo o ordem do Melquisedec.

7 E Cristo, nos dias de sua carne, oferecendo rogos e súplicas com grande clamor e lágrimas ao que lhe podia liberar da morte, foi ouvido por causa de seu temor reverente.

8 E embora era Filho, por isso padeceu aprendeu a obediência;

9 e tendo sido aperfeiçoado, deveu ser autor de eterna salvação para todos os que lhe obedecem;

10 e foi declarado Por Deus supremo sacerdote segundo a ordem do Melquisedec.

11 A respeito disto temos muito que dizer, e difícil de explicar, por quanto vos fizeram tardos para ouvir.

12 Porque devendo ser já professores, depois de tanto tempo, têm necessidade de que lhes volte a ensinar quais são os primeiros rudimentos das palavras de Deus; e chegastes a ser tais que têm necessidade de leite, e não de alimento sólido.

13 E todo aquele que participa do leite é inexperiente na palavra de justiça, porque é menino;

14 mas o alimento sólido é para os que alcançaram maturidade, para os que pelo uso têm os sentidos exercitados no discernimento do bem e do mau.

1.

Supremo sacerdote.

apresentam-se as qualidades essenciais do ministério do supremo sacerdócio (vers. 1-4) para mostrar que Cristo as possuía (vers. 5-10).

Tirado de entre os homens.

refere-se ao "supremo sacerdote". O autor trata primeiro dos supremos sacerdotes humanos; depois (vers. 5-10) ocupará-se de Cristo como Supremo Sacerdote.

Constituído.

Gr. kathístemi, "nomear", "pôr em cargo". Deus era quem o constituía (cf. vers. 4).

A favor dos homens.

A função do supremo sacerdote era em favor dos homens como mediador entre eles e Deus.

No que a Deus se refere.

Ver com. cap. 2: 17.

Para que presente.

Sem dúvida esta era a função mais significativa do ministério do supremo sacerdote.

Oferendas.

Gr. doron, que na LXX designa especialmente à oferenda de grão (Heb. minjah, ver com. Lev. 2: l), embora no Gén. 4: 4 se usa para nomear a oferenda do Abel.

Sacrifícios.

Gr. thusía, vocábulo que na LXX geralmente se aplica aos sacrifícios cruentos, embora haja exceções. No Gén. 4: 5 se usa para a oferenda incruenta do Caín. É duvidoso que terei que buscar uma diferença entre doron, e thusía. Ambas as palavras possivelmente se usem para denotar o conjunto de oferendas e sacrifícios implicados no sistema cerimonioso judaico.

Pelos pecados.

As oferendas e os sacrifícios tinham que ver com os pecados do povo. O sistema cerimonioso tinha o propósito de ensinar aos adoradores o aborrecimento de Deus pelo pecado e seu plano para enfrentar-se a ele.

2.

Para que se mostre paciente.

Melhor "é capaz de ser moderado", "pode tratar com bondade". É capaz de fazê-lo graças a sua humanidade.

Ignorantes.

Gr. agnoé, "não saber", "não entender", "ignorar"; por extensão , "pecar por ignorância", o que é particularmente apropriado aqui. Os que pecam por ignorância precisam ser tratados amavelmente pois sua falta não é voluntária. Precisam ser ensinados e animados. Estão inconscientes de seu pecado, e não devem ser classificados com os que cometem as mesmas faltas conhecendo cabalmente a maldade de seu proceder.

Extraviados.

Melhor "os que se estão extraviando", ou "os que estão sendo enganados".

Rodeado de debilidade.

O supremo sacerdote estava submetido a debilidades semelhantes às de seu povo. Seu conhecimento pessoal e experimental das debilidades e tentações da carne deviam induzi-lo a ser pormenorizado e a simpatizar com as debilidades e faltas de outros, o qual o capacitava para dar conselho e ajudar aos tentados. Cf. com. cap. 2: 17; 4: 15.

3.

Por causa dela.

Ou "devido a isto"; quer dizer porque ele mesmo estava acossado pelas debilidades. Sentia as mesmas tendências ao pecado que tinha seu povo, e por esta razão o antigo sistema cerimonioso ordenava que oferecesse sacrifícios por seus próprios pecados.

Débito.

Gr. oféilo, "dever", "ter obrigação". 443 A obrigação se apoiava nas regulamentos da lei cerimoniosa (ver Lev. 16: 6; cf. cap. 4: 3). O fato de que se exigia que o supremo sacerdote oferecesse sacrifícios por seus próprios pecados, induzia-o a ter compaixão do povo. Como podia culpar a outros quando ele mesmo cometia as mesmas faltas, ou possivelmente piores? Precisava manter uma atitude humilde e considerar com profunda compaixão aos que cometiam faltas. Quando um homem medita em suas próprias debilidades, é menos propenso a condenar implacavelmente a outros. Cf. Gál. 6: 1.

Por si mesmo.

Ver com. "débito".

Pelo povo.

Possivelmente seja uma referência ao dia da expiação, quando o supremo sacerdote fazia "expiação... por todos os pecados do Israel" (Lev. 16: 34).

4.

Honra.

Gr. teme, "honra", "respeito", "lugar de honra", "ofício". "Ofício" ou "lugar de honra" seriam traduções adequadas. O ofício de supremo sacerdote era um cargo de honra.

Chamado Por Deus.

O cargo de supremo sacerdote tinha sido instituído divinamente. Deus foi quem escolheu ao Aarón para o cargo (Exo. 28: 1). A sucessão na família do Aarón também foi ordenada Por Deus como está implícito no texto que consideramos. No transcurso da história do Israel houve muitos sacerdotes indignos de esse cargo; mas o autor não está tratando este tema. Seu propósito é pôr de relevo a eleição divina como uma condição essencial do verdadeiro supremo sacerdócio, para mostrar que Cristo cumpriu com este e com outros requisitos (Heb. 5: 5-10).

5.

Assim tampouco Cristo.

Os vers. 5-10 mostram que Cristo cumpriu com os requisitos para o supremo sacerdócio apresentados nos vers. 1- 4: (1) o supremo sacerdote devia participar da natureza humana (vers. 1- 3); (2) devia ser constituído por Deus (vers. 4).

Tampouco... glorificou-se a si mesmo.

Cristo não assumiu a honra do supremo sacerdócio sem ser convidado; foi Deus quem designou-o. Cf. com. Juan 8: 54,

Você é meu Filho.

Ver com. cap. 1: 5. Com esta entrevista se prova que a excelsa posição de Cristo deveu-se à eleição de seu Pai. Ver com. Hech. 13: 32-33.

6.

Diz.

Deus é o que fala do vers. 5.

Você é sacerdote.

Uma entrevista de Sal. 110: 4; apresenta-se como uma evidência de que Deus havia designado a seu Filho para o ofício sacerdotal. O sacerdócio de Cristo se estuda a fundo nos cap. 7- 10.

para sempre.

Em contraste com os supremos sacerdotes terrestres quem, devido à morte, tinham seu cargo durante períodos limitados.

Ordem.

Gr. táxis, "sucessão estabelecida", "ordem", "posição", "dignidade", "categoria", "posto", "hierarquia". Os matizes de significado "sucessão estabelecida" ou "ordem" não parecem adequados, pois Melquisedec não teve uma linhagem de sucessores. Seriam preferíveis matizes como "dignidade" ou "categoria": segundo a categoria do Melquisedec. A palavra hebréia em Sal. 110: 4, dibrah que significa "maneira" ou "semelhança", traduziu-se como "Isto ordem apóia a idéia de que a sucessão não é o objeto da comparação que aqui se apresenta.

Melquisedec.

Transliteración do Gr. Meljisédek, que a sua vez deriva do Heb. Malki-tsedeq. Quanto à identidade do Melquisedec, ver com. Heb. 7: 2.

7.

Cristo.

Gr. hós, "quem", quer dizer, Cristo (ver com. vers. 5). A sintaxe grega é aqui um pouco difícil. O verbo principal desta larga declaração é "aprendeu" (vers. 8), e o pensamento principal é que Cristo aprendeu obediência.

Dias de sua carne.

Quer dizer, o período de sua vida terrestre (ver com. Juan 1: 14).

Oferecendo.

A idéia básica de toda a declaração é que Jesus aprendeu obediência enquanto oferecia orações e súplicas, e era ouvido. A obediência se aprendia mediante essas experiências.

Rogos.

Gr. déesis, "petição", "súplica", "oração", do Gr. déomai, "pedir", "suplicar um favor".

Súplicas.

Gr. hiketería. Uma sinédoque. Assim se chamavam os ramos de olivo sustentadas pelas mãos dos suplicantes; depois deveu significar as mesmas súplicas ferventes.

Grande clamor e lágrimas.

Parece referir-se especialmente à experiência do horta do Getsemaní. Os escritores evangélicos não mencionam lágrimas em relação com a agonia que ali sofreu Cristo, mas é fácil imaginar. Alguns acreditam que o autor se está refiriendo aos sofrimentos na cruz. Ver Mat. 26: 36-44; 27: 46; Mar. 14: 32-41; 15: 34; Luc. 22: 39-44, 23: 46.

Podia-lhe liberar.

O fato de que o Pai pudesse liberar ao Filho da morte fez que 444 a prova fora ainda maior. A humanidade do Filho de Deus se estremeceu de horror ante a idéia da separação do Pai. Cristo esteve disposto a beber a taça, mas ao mesmo tempo orava fervientemente para ser liberado de bebê-la, se era possível; mas não pôde ser, e a bebeu.

Da morte.

O grego diz "de dentro da morte", o que poderia indicar que Cristo morreria, mas Deus o tiraria da morte; quer dizer, ressuscitaria-o.

Foi ouvido.

Esta afirmação causou certa dificuldade porque Cristo não foi sacado da morte, e entretanto se afirma que Cristo "foi ouvido". Se "da morte" se entende conforme se acaba de explicar, "foi ouvido" não apresenta nenhuma dificuldade. Mas se se interpreta que Cristo não sofreria "a morte" então caberia a seguinte explicação: o texto não diz que Cristo pediu ser liberado "da morte" mas sim orou a Aquele "que lhe podia liberar da morte". O relato de os sinóticos claramente afirma que Cristo "orou que se fosse possível, passasse dele aquela hora" (Mar. 14: 35); e também diz que exclamou: "meu pai, se não pode passar de mim esta taça sem que eu a bebê, faça-se sua vontade" (Mat. 26: 42). Estas declarações se podem entender unicamente se se tiver em conta que Cristo desejava ser sacado da morte se era possível e estava de acordo com a vontade de Deus.

Se Cristo tivesse rogado em forma absoluta ser liberado "da morte" então sim teria que admitir-se que foi negado seu pedido; mas não o fez assim. Quando acrescentou as palavras de submissão "faça-se sua vontade", deixou livre o caminho para que o Pai procedesse da maneira que lhe parecesse melhor, e se comprometeu a aceitar sua decisão. A vontade de Cristo era também a vontade do Pai, e por esta razão algo que decidisse também seria a decisão de Cristo. Cristo, pois, foi ouvido, e sob tal condição -submetendo-se à vontade divina- será ouvida toda oração que sobe a Deus.

Nenhum cristão deve pensar que sua oração não é ouvida. Toda oração fervente é ouvida embora não seja respondida em forma positiva. "Não" é uma resposta tão definida como "sim", embora com freqüência a resposta não é nem "sim" nem "não", a não ser "espera". O grande secreto da oração eficaz é submissão à vontade de Deus.

Por causa de seu temor.

Gr. apó chás eulabéias, "da piedade", "do temor"; quer dizer, devido a sua piedade ou a seu temor. "Em atenção à submissão incondicional com que orava" (BC, nota). Os comentadores estão divididos quanto a se eulábeia (nominativo de eulabéias) deve considerar-se como um "temor reverente" ou como um temor comum. Se se tratava de um temor comum, a passagem significaria: "Foi ouvido [quer dizer, liberado] de sua ansiedade"; entretanto, o uso bíblico de eulábeia e suas formas derivadas favorece o significado de "piedade" ou "temor reverente". Por exemplo, eulábeia se traduz como "temor e reverência" (cap. 12: 28). Compare-se com o uso do adjetivo eulabes no Luc. 2: 25; Hech. 2: 5; 8: 2, e do verbo eulabéomai no Hech. 23: 10; Heb. 11: 7.

8.

Embora era Filho.

Isto se refere à divindade de Cristo. Embora Cristo se revestiu de humanidade, era divino. Nele estavam misteriosamente combinadas as duas naturezas (ver com. Juan 1: 14). A ressurreição demonstrou de um modo incontrovertível que era o Filho de Deus (ver com. ROM. 1: 4); mas antes de esse acontecimento já era Filho (ver com. Luc. 1: 35). O pensamento do passagem é que embora era divino aprendeu "a obediência pelas coisas que sofreu".

Aprendeu.

Gr. mantháno, "aprender", "chegar ou seja", "compreender", "inteirar-se". Cristo

chegou a entender o que significava a obediência, mas esta lhe ocasionou sofrimentos e morte: fez-se "obediente até a morte, e morte de cruz" (Fil. 2: 8). Veio a esta terra para fazer a vontade de Deus (Heb. 10: 9) e nada pôde desviar o desse propósito. Cristo sustentou uma luta constante porque fazia a vontade de seu Pai; mas nenhuma só vez cedeu à tentação. Como sabe por experiência pessoal tudo o que implica a obediência humana à vontade divina, pode "socorrer" aos que são tentados a desviar do caminho da obediência (cap. 2: 18).

Às vezes surge a pergunta quanto a como poderia dizer-se que Cristo -que foi, é e será perfeito em todo momento- precisava aprender obediência. Dois observações podem ajudar a responder este interrogante: (1) No que se refere a sua vida terrestre, Cristo se desenvolveu como os outros seres humanos. "Crescia em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens" (ver com. Luc. 2: 52); e como acontece com outros, aprendia pela observação e a experiência. 445 (2) Embora Cristo era omnisapiente em seu caráter de Deus anterior à encarnação, entretanto não conhecia por experiência os problemas que enfrentam os seres humanos quando procuram obedecer a Deus. Mas ao fazer-se homem e enfrentar-se às tentações da vida como homem, obteve esse conhecimento experimental. Nessa forma cumpriu com um dos requisitos e qualidades essenciais para o supremo sacerdote, a saber: que o eleito pertence à família humana(ver com. Heb. 5: 1-3).

9.

Tendo sido aperfeiçoado.

Gr. teleióo (ver com. cap. 2: 10). A flexão do verbo que aqui se emprega também poderia traduzir-se "tendo sido completado", sugiriendo a idéia de ter alcançado uma meta ou terminado uma tarefa. Cristo obteve o que se havia proposto alcançar por meio de sua humanidade. Tinha demonstrado sua obediência até a morte, e foi aperfeiçoado. Assim ficou capacitado para o cargo de supremo sacerdote (ver com. cap. 5: 1-3).

Autor.

Gr. apartamentos de cobertura, "causa", "fonte", "autor". O cumprimento do plano estabelecido antes da fundação do mundo, referente a sua encarnação, vida, morte, ressurreição e glorificação, foi o que fez de Cristo a fonte de salvação. Ver Hech. 4: 12.

Obedecem-lhe.

A obediência está diretamente implicada no plano de salvação. Não se trata de que a salvação ganhe com a obediência, mas sim a fé produz a obediência. Quanto à relação das obras com a fé, ver com. ROM. 3: 31.

10.

Declarado.

Gr. prosagoréuo, "nomear", "designar". Este verbo só aparece aqui no NT. Para "chamar" ou "declarar" geralmente se usa kalé, vocábulo que aparece no vers. 4. Prosagoréuo se refere a que Cristo foi formalmente designado Por Deus como supremo sacerdote.

Supremo sacerdote.

O mundo cristão conhece cristo geralmente como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Juan 1: 29); conhece-o como o Crucificado que se entregou por nós para que pudéssemos ser salvos. Mas não todos os cristãos conhecem cristo como o Supremo Sacerdote que oferece seu próprio sangue no santuário celestial. Entretanto, sem esse ministério o plano de salvação seria ineficaz. Quando a páscoa foi instituída no Egito, Deus não só ordenou a quão israelitas matassem o cordeiro, mas sim pusessem seu sangre nos postes e lhes dente de suas casas (ver Exo. 12: 7-13); e na realidade simbolizada, o sangue de Cristo, nossa Páscoa (1 Cor. 5: 7), não só se derrama mas sim é aplicada em favor de nós no céu, por nosso grande Supremo Sacerdote, como uma parte vital do plano de Deus para nos salvar.

Ordem do Melquisedec.

Ver com. vers. 6.

11.

A respeito disto.

Ou "a respeito de quem". O texto grego pode entender-se em uma ou outra forma. "A respeito de quem" aplicaria-se ao Melquisedec, sobre o qual o autor diz muitas coisas (vers. 7); "a respeito disto" aplicaria-se ao supremo sacerdócio de Cristo, segundo a ordem do Melquisedec.

Difícil de explicar.

O autor compreendia a dificuldade de seu tema e o fato de que a igreja necessitava percepção espiritual para captá-lo. É evidente que conhecia bem a seus leitores, ou do contrário não se teria atrevido a falar tão abertamente quanto a eles.

Tardos para ouvir.

Melhor "lentos" ou "preguiçosos" para ouvir. Esta condição lhe dificulta ao autor apresentar seu tema. Sua dificuldade é dupla: um tema difícil e uns ouvintes lentos. As limitações do aluno se convertem em limitações do professor.

12.

Devendo ser já professores.

Não eram conversos novos; do contrário esta declaração não se aplicaria. É evidente que não tinham avançado como poderiam havê-lo feito.

depois de tanto tempo.

Ou "pelo tempo transcorrido".

Lhes volte a ensinar.

Já lhes tinha ensinado, mas tinham esquecido suas lições e necessitavam que lhes ensinasse de novo. Esta mesma condição existe agora. Jovens e adultos esbanjam seu tempo no que não é essencial, não aproveitam suas oportunidades,

e precisam aprender de novo os rudimentos do cristianismo. É uma condição espiritual lamentável.

Rudimentos.

Gr. stoijéia, "elemento", "princípio fundamental" (ver com. Gál. 4: 3; Couve. 2: 8).

Palavras.

Gr. logía (ver com. Hech. 7: 38; ROM. 3: 2).

Leite... alimento sólido.

Uma metáfora que se refere aos rudimentos do Evangelho e aos princípios mais avançados, respectivamente. Quanto a esta mesma figura, ver com. 1 Cor. 3: 1-2. Deus quer que todos cresçam até a estatura plena da natureza humana de Cristo para "que já não sejamos 446 meninos flutuantes, levados por onde quer de todo vento de doutrina" (ver com. F. 4: 14).

13.

Inexperiente.

Gr. úpeiros, "inexperiente", "desconhecedor", "inábil". Este ápeiros não necessariamente desconhece completamente a Palavra de justiça, mas sim tem um conhecimento limitado e um crescimento espiritual muito lento. Assim como as pessoas se capacitam em um ofício ou profissão, Deus também deseja que cheguemos a ser hábeis e experimentados no uso da Palavra.

Palavra de justiça.

Uma frase que é sem dúvida sinônima de "Evangelho".

Nio.

Em sentido figurado, falto de desenvolvimento (cf. com. F. 4: 14).

14.

Alimento sólido.

Ver com. vers. 12. O autor está preparando a seus leitores para que recebam uma instrução mais avançada em certos assuntos relacionados com a verdadeira hierarquia de Cristo. Deseja estimular a seus leitores a interessar-se em maior grau no que está a ponto de lhes repartir. Pensa que chegou o tempo para que avancem e abandonem seus hábitos infantis e se convertam em adultos espirituais.

Os que alcançaram maturidade.

Gr. téleios, "amadurecido", "completo". Ver com. Mat. 5: 48.

Uso.

Gr. héxis, "exercício", "prática"; "costume" (BJ).

Sentidos.

Gr. aisthtrion, "órgão de sentido"; em sentido figurado, "os sentidos"; as faculdades que capacitam para tomar devidas decisões morais. A passagem poderia traduzir-se: "Têm as faculdades exercitadas para discernir entre o bem e o mal".

Exercitados.

Gr. gumnázo, "adestrar", "exercitar". "Ginásio" deriva desta raiz (cf. com. 2 Ped. 2: 14).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 CM 187-188; COES 200

2 DTG 264, 462; Ed 263, 286; 2T 509 2-3 FÉ 268

7 CN 396; 3JT 91; MeM 31; 2T 508

9 1T 370; 3T 18

12 Ev 26; FÉ 266; 3JT 86 13-14 Ev 149, 186, 221

CAPÍTULO 6

1 Exortação a não abandonar a fé, 11 a não ser a permanecer firmes, 12 diligentes e pacientes para esperar em Deus, 13 porque ele é infalível em suas promessas.

1 portanto, deixando já os rudimentos da doutrina de Cristo, vamos adiante à perfeição; não jogando outra vez o fundamento do arrependimento de obras mortas, da fé em Deus,

2 da doutrina de batismos, da imposição de mãos, da ressurreição de os mortos e do julgamento eterno.

3 E isto faremos, se Deus na verdade o permite.

4 Porque é impossível que os que uma vez foram iluminados e gostaram de do dom celestial, e foram feitos partícipes do Espírito Santo,

5 e deste modo gostaram da boa palavra de Deus e os poderes do século vindouro,

6 e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento, crucificando de novo para si mesmos ao Filho de Deus e lhe expondo a vituperio.

7 Porque a terra que bebe a chuva que muitas vezes cai sobre ela, e produz erva proveitosa a aqueles pelos quais é lavrada, recebe bênção de Deus;

8 mas a que produz espinheiros e abrojos é reprovada, está próxima a ser amaldiçoada, e seu fim é o ser queimada.

9 Mas quanto a vós, OH amados, estamos persuadidos de coisas melhores, e que pertencem à salvação, embora falemos assim.

10 Porque Deus não é injusto para esquecer sua obra e o trabalho de amor que mostrastes para seu nome, tendo servido aos Santos e lhes servindo ainda. 447

11 Mas desejamos que cada um de vós mostre a mesma solicitude até o fim, para plena certeza da esperança,

12 a fim de que não lhes façam preguiçosos, a não ser imitadores daqueles que pela fé e a paciência herdam as promessas.

13 Porque quando Deus fez a promessa ao Abraham, não podendo jurar por outro maior, jurou por si mesmo,

14 dizendo: De certo te benzerei com abundância e te multiplicarei grandemente.

15 E tendo esperado com paciência, alcançou a promessa.

16 Porque os homens certamente juram por um maior que eles, e para eles o fim de toda controvérsia é o juramento para confirmação.

17 Pelo qual, querendo Deus mostrar mais abundantemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade de seu conselho, interpôs juramento;

18 para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos um fortísimo consolo os que fomos para nos agarrar da esperança posta diante de nós.

19 A qual temos como segura e firme âncora da alma, e que penetra até dentro do véu,

20 onde Jesus entrou por nós como precursor, feito supremo sacerdote para sempre segundo a ordem do Melquisedec.

1.

portanto.

O autor continua com a exortação que começou no cap. 5. Seus leitores se estiveram alimentando com leite quando já deveriam estar comendo um alimento mais sólido. Ainda eram meninos, e se sentiam satisfeitos de sério. Mas o autor quer que penetrem mais profundamente nas coisas de Deus e que não continuem satisfeitos com o que alcançaram.

Rudimentos.

Literalmente "a palavra do começo"; quer dizer, os princípios elementares de a doutrina de Cristo. São definidos na última parte do vers. 1 e no vers. 2.

Perfeição.

Ou "maturidade".

Fundamento.

É necessário pôr um bom fundamento, mas o que não edifica sobre ele nunca

terá um edifício completo. O autor propõe que se deixem os primeiros rudimentos, pois dá por sentado que a gente já está bem fundada neles; mas deixá-los não é abandoná-los. O autor os "deixa" como "fundamento" para construir sobre eles, assim como um construtor levanta o edifício sobre seu base.

O autor menciona seis princípios fundamentais sobre os quais está construído o cristianismo. Menciona-os, mas não os discute porque considera que já foi feito, e bem.

Arrependimento.

Gr. metánoia, "mudança de mente" (ver com. 2 Cor. 7: 9). Este é o primeiro em a lista dos princípios fundamentais. que de verdade se arrepende, avalia suas ações passadas, pesa-as na balança moral, repudia todos os motivos e atos indignos, e pela graça de Deus troca a antiga mente carnal pela mente de Cristo. É transformado mediante a renovação de seu mente (ROM. 12: 2). O arrependimento não é primariamente uma experiência apoiada em emoções; é mas bem um profundo processo que afeta a mente e a vida, o que dá lugar a uma "nova criatura", até que possa dizer-se "as coisas velhas passaram;... todas são feitas novas" (2 Cor. 5: 17).

Obras mortas.

"Mortas" possivelmente no sentido de que são pecaminosas. O pecador está morto em "delitos e pecados" (F. 2: 1). Estas são obras que deve desprezar antes de que possa converter-se em cristão. Cf. Heb. 9: 14

Fé em Deus.

Está em segundo lugar na lista de princípios fundamentais. O arrependimento significa apartar-se "de obras mortas"; a fé é ir para Deus. O velho deve ser abandonado; o novo deve ser adquirido. O arrependimento de obras mortas significa uma mudança completa de mente -uma nova atitude espiritual- que induz ao crente a abandonar as obras mortas, e a voltar-se a Deus.

O arrependimento e a fé estão entre os princípios fundamentais do Evangelho. Se um homem estiver completamente convertido, se se apartou que seu vida passada e renunciou às "obras mortas", se tiver depositado sua fé em Deus, tem um fundamento sólido que não lhe faltará quando vierem os dias maus.

2.

Batismos.

Gr. baptismós, "lavamiento ritual", "ablução". A palavra aqui aparece no plural; não é a mesma que se aplica geralmente ao batismo cristão (báptisma, 448 ver com. Mat. 3: 6). Baptismós se usa além em Mar. 7: 4, 8 e Heb. 9: 10, embora a evidência textual se inclina (cf. P. 10) por seu uso também em Couve. 2: 12. Claramente em Mar. 7: 4, 8 e Heb. 9: 10 se refere a os diferentes atos de purificação do ritual judaico. Entretanto, este não poderia ser aqui seu significado básico pois os regulamentos a respeito desses lavamientos não se consideravam como uma doutrina fundamental do cristianismo. É possível que o autor estivesse pensando no batismo cristão, mas que empregue o plural de baptismos para representar o rito em seus aspectos mais

elementares.

Alguns vêem em baptismós uma referência aos dois batismos da igreja cristã: batismo com água e o batismo com o Espírito, a respeito dos quais disse Juan o Batista: "Eu à verdade lhes batizei com água; mas ele batizará-lhes em Espírito Santo" (Mar. 1: 8). Jesus disse depois de seu ressurreição: "Juan certamente batizou com água, mas vós serão batizados com o Espírito Santo dentro de não muitos dias" (Hech. 1: 5; cf. Juan 3: 5; Hech. 11: 16; 1 Cor. 12: 13). Entretanto, se estas duas formas de batismo cristão tivessem estado basicamente no pensamento do autor, é de esperar que usasse o plural de báptisma em vez do de baptismos, especialmente porque este último aparece posteriormente na epístola com uma clara referência aos lavamientos cerimoniosos (Heb. 9: 10). portanto, parece preferível a explicação que considera o plural de baptismós como equivalente do batismo cristão em seus aspectos mais elementares.

Imposição de mãos.

Esta é quarta das doutrinas fundamentais que se apresentam. A imposição das mãos nos tempos do AT significava a transferência de uma bênção ou de um cargo (Gén. 48: 9-14; Núm. 8: 10-11; Deut. 34: 9). No NT se seguiu o mesmo costume. Era especialmente significativa a imposição das mãos dos apóstolos depois do batismo, ato pelo qual os crentes recebiam o Espírito Santo (Hech. 8: 17-18; 19: 6). Como o autor imediatamente antes mencionou "batismos", possivelmente estava pensando nesta função especial. Quanto à ordenação, ver Hech. 6: 6; 1 Tim. 4: 14.

Ressurreição dos mortos.

Com referência à importância desta doutrina, ver com. 1 Cor. 15.

Julgamento eterno.

A doutrina do julgamento ocupa um lugar proeminente tanto no AT (cf. Sal. 9: 3-8, 15-16; Dão. 7: 9-10; cf. Jud. 14-15) como no NT (Mat. 12: 41-42; 25: 31-46; Luc. 11: 31-32; 2 Cor. 5: 10). Deve aderir-se que os cristãos de origem judia não tinham dificuldades com estes seis princípios, pois todos se destacam no AT. O perigo a que estavam expostos era que se sentissem satisfeitos com o que haviam trazido do judaísmo e se negassem a aceitar com agrado as doutrinas do cristianismo.

3.

Isto faremos.

Embora a evidência textual favorece (cf. P. 10) o texto "faremos", alguns MSS dizem "façamos". O autor anima a seus leitores a ir além dos rudimentos (vers. 1) do Evangelho, pois esperava e acreditava que eram bem compreendidos. Deixava atrás esses rudimentos assim como um menino deixa o alfabeto para ocupar-se de seu primeiro livro de leitura; mas a realidade é que nenhum menino nem tampouco o homem mais sábio abandonam jamais o alfabeto. Sempre usam suas 28 letras. O mesmo acontece com estes princípios fundamentais. Não se abandonam; edifica-se sobre eles. O autor ia das verdades elementares a as mais profundas, do conhecido ao desconhecido.

Se Deus... permite-o.

Cf. com. Hech. 18: 21; 1 Cor. 4: 19; cf. 1 Cor. 16: 7.

4.

É impossível.

Os vers. 4-6 tratam da sorte que correm os que se separam de Deus. O tema que se apresenta é a possibilidade de restaurar aos que passaram por uma profunda experiência cristã, mas logo se apartaram. Poderão ser restaurados à comunhão cristã e receber outra vez misericórdia? Este passagem causou grande perplexidade e desânimo a muitos. Parece como se ensinasse que os que se separam da fé estão irremisiblemente perdidos.

Entre os diversos pontos de vista que se hão sustenido, dois são dignos de consideração: (1) Que a apostasia da qual aqui se fala, é haver incorrido no pecado imperdoável (ver com. Mat. 12: 31-32). pois é a única forma de apostasia sem esperança; (2) que a passagem, corretamente entendido, não ensina que esta apostasia seja absolutamente sem esperança, a não ser que essa falta de esperança é condicional (ver com. Heb. 6: 6). A maioria de os comentadores aceitam o primeiro ponto de vista, embora o segundo tem seus fundamentos e pode ser sustenido usando o texto grego. A idéia de que era impossível arrepender-se

depois de chegar a certas circunstâncias, era comum entre os judeus. Por exemplo, ensinavam que esse era o caso do homem que pecava desenfrenadamente confiando em um futuro arrependimento. "Se a gente disser: pecarei e me arrependerei, pecarei e me arrependerei, não lhe dará oportunidade de arrepender-se. [Se um diz]: pecarei, e o dia da expiação procurarei expiação para mim, o dia de a expiação não lhe concede nenhuma expiação" (Mishnah Yoma 8. 9). Ensinavam também que o arrependimento era impossível para o homem que induzia a muitos a pecar: "Qualquer que faz que muitos sejam justos, o pecado não ocorre por causa dele; e qualquer que faz que muitos pequem, eles não o concedem a faculdade de arrepender-se" (Mishnah Aboth 5. 18). É interessante também uma passagem do Eclesiástico: "Não diga: 'Pequei, e o que me passou?', porque o Senhor é paciente. Do perdão não se sinta tão seguro que acumule pecado detrás pecado. Não diga: 'Sua compaixão é grande, ele me perdoará a multidão de meus pecados'. Porque nele há misericórdia, mas também há cólera, e nos pecadores se desafoga seu furor. Não te demore para voltar para Senhor, não o difira de um dia para outro, pois de repente salta a ira do Senhor, e perecerá ao tempo do castigo" (cap. 5: 4-7, BJ).

Iluminados.

Ver com. F. 1: 18.

Gostaram.

Gr. géuomai (ver com. cap. 2: 9). Aqui parece aplicar o significado "experimentaram". Cf. Sal. 34: 8.

Dom celestial.

Quer dizer, o dom da salvação ou possivelmente um dom especial do Espírito (ROM. 5:

15; 1 Cor. 12).

Partícipes do Espírito Santo.

Ou que receberam um derramamento do Espírito já seja como energia divina em a conversão (Juan 3: 5), ou mediante o impartimiento de algum dom especial (1 Cor. 12).

5.

Gostaram.

Gr. géuomai (ver com. vers. 4). Este verbo sugere algo mais que um conhecimento superficial: dá a entender estudo, meditação e aceitação.

Poderes.

Gr. dúnamis (ver com. Hech. 1: 8), aqui talvez o plural tenha o sentido de "milagres" como no Heb. 2: 4. Nos começos da época apostólica se faziam muitos milagres, endemoninhado-los eram liberados; os doentes eram curados e até mortos eram ressuscitados (Hech. 3: 6-9; 5: 15-16; 6: 8; 8: 6; 12: 7; 20: 9-12). Gostar desses poderes era participar deles, já fora recebendo pessoalmente uma cura ou outro benefício, ou fazendo um milagre, ou havê-lo presenciado. Aqueles a quem aqui se faz referência tinham visto o grande poder de Deus para fazer o que não era possível que fizesse o ser humano.

Século vindouro.

Ou "mundo vindouro". Possivelmente se refira à era futura, da qual a era evangélica, com seus milagres, era uma antecipação ou garantia.

enumeram-se estas diferentes qualidades para mostrar que essas pessoas haviam tido uma experiência autêntica. Tinham sido testemunhas do grande poder de Deus em sua vida e na de outros. Lhes tinha crédulo muito, e muito se os pediria.

6.

E recaíram.

Ou "e tendo apostatado". Os alcances da queda podem ser julgados por os privilégios concedidos. O contexto sugere uma grande apostasia.

Renovados para arrependimento.

Quer dizer, para que se produza o desejo de arrepender-se. Este não é o caso de um homem que procura voltar-se para Deus, mas que lhe é impossível arrepender-se, a não ser o de um homem que não deseja retornar à vida da qual se apartou. Em quanto ao significado do arrependimento, ver com. vers. 1.

Crucificando de novo.

Gr. anastaurá, crucificar", "crucificar de novo". Nos escritos extrabíblicos significa simplesmente "crucificar", mas nesta passagem o contexto favorece o sentido figurado de "crucificar de novo". Este sentido é especialmente significativo pois aqueles a quem se dirige a epístola

são cristãos de origem judia, cuja raça tinha sido culpado de crucificar ao Filho de Deus a primeira vez (Hech. 3: 14-15). Se estes cristãos rechaçavam a seu Salvador e voltavam para sua vida anterior, era como se o tivessem crucificado de novo.

A interpretação desta passagem depende muito da compreensão do particípio grego que se traduz "crucificando". A construção grega com um particípio pode expressar tempo, causa, condição ou propósito. Alguns comentadores sugerem que o sentido é aqui temporário e que a passagem devesse traduzir-se: "é impossível renovar o arrependimento enquanto continuem crucificando ao Filho de Deus". É comum este uso temporário do particípio. Se assim se aceitar, então a passagem ensina que os que apostataram não podem ser restaurados enquanto continuem sem arrepender-se. 450

Se se aceitar o uso causal do particípio ("em vista de", "posto que", "devido a", etc.), então deve considerar-se que a passagem se ocupa do pecado imperdoável, pois os culpados deste pecado são quão únicos não podem ser renovados para arrependimento. Este pecado geralmente se manifesta em um contínuo rechaço dos convites de Deus e das súplicas do Espírito. trata-se de um endurecimento do coração, até que já não há nenhuma resposta à voz de Deus. Por esta razão uma pessoa que pecou contra o Espírito não sente arrependimento, nem experimenta dor por seu pecado, nem deseja apartar-se dele, pois não há uma consciência que o acuse. Se algum tem o sincero desejo de fazer o correto, pode acreditar confidencialmente que ainda há esperança para ele.

Isto deveria ser uma fonte de consolo para a alma desanimada, mas de nenhuma maneira deveria usar-se como um incentivo para o descuido. Deus deseja consolar aos desconsolados, mas também quer advertir a seu povo em quanto ao perigo de chegar ao ponto sem retorno.

lhe expondo a vituperio.

Ou "expõem-no à ignomínia pública". Esta oração poderia traduzir-se: "Enquanto continuem expondo a Cristo a vituperio" (ver com. de "crucificando de novo").

7.

Bebe a chuva.

A terra que recebe chuva a sua vez produz erva e alimento para os seres humanos. É uma ilustração do coração humano que recebe a chuva e o rocio celestial e, por comparação, espera-se que produza frutos para a glória de Deus.

Bênção de Deus.

Quer dizer, em sua produtividade.

8.

Espinheiros e abrojos.

Deus tinha bento aos cristãos hebreus e esperava que produziram fruto. Se com todas as bênções que lhes tinha dado e com toda a luz que havia iluminado seu atalho, ainda se negavam a dar fruto, ou se se descarnavam, só

haveria um fim para eles: a separação de Deus e o esquecimento.

Próxima a ser amaldiçoada. Cf. Gén. 3: 17-18. O autor não quer dizer que os cristãos hebreus já estavam na condição se desesperada descrita no Heb. 6: 4-6; mas sem frutificar, essa condição está "próxima". Os aconselha devidamente para que não sigam um caminho que produza seu rechaço (cf. cap. 2: 1-3; 10: 26-29).

Queimada.

Cf. Deut. 29: 23.

9.

Amados.

Esta é a única vez em que aparece este afetuoso término em Hebreus.

Coisas melhores.

O autor pronunciou palavras de advertência e admoestação para seus leitores; agora os consola. Está persuadido de que não têm a intenção de rechaçar o convite de Deus, e entretanto devem ser admoestados pois estão em perigo de ir à deriva, de não emprestar atenção às coisas que ouviram (cap. 2: 1-3). Correm o perigo de repetir o engano do antigo o Israel e não entrar no repouso (cap. 4: 1). Não progrediram nem crescido satisfatoriamente, mas sim ainda são meninos quando já devessem ser adultos (cap. 5: 11-14). E no caso presente lhes está dizendo que estão em verdadeiro perigo de perder-se. Suaviza isto um pouco lhes dizendo que está persuadido "de coisas melhores" de parte deles, e entretanto deixa a impressão de que seu condição é séria e que devem estar alerta para não perder a vida eterna.

Pertencem à salvação.

O autor não declara quais são essas coisas, mas pelo que já tem escrito os leitores poderiam saber do que se trata.

10.

Deus não é injusto.

O autor recorre à justiça e eqüidade de Deus.

Para esquecer.

Deus não esquece nenhum ato de bondade por pequeno que seja. Tudo se registra e tomará-se em conta no dia do julgamento. Não se esquece nem sequer um copo de água fria (Mat. 10: 42); a lágrima de dor ou simpatia se registra e recorda (cf. Sal. 56: 8).

Trabalho.

A evidência textual favorece (cf. p.10) a omissão da frase "o trabalho de". Omitem-na a BJ, BA, BC e NC.

Para seu nome.

Quer dizer, para Deus. "Nome", como é freqüente, está aqui em lugar de pessoa (cf. com. Sal. 7: 17).

Servido aos Santos.

Isto poderia parecer algo sem importância, não digno de ser mencionado quando havia tantos assuntos de maior importância que precisavam ser atendidos. Mas a ajuda em tempo de desgraça, a hospedagem de noite, o alimento e a bebida para o forasteiro, a hospitalidade e a bondade: tudo se registra no livro de Deus; e ele não esquece tais atos de bondade (cf. Mat. 10: 42; 25: 31-40).

11.

Desejamos.

Gr. epithuméÇ, "desejar fervientemente".

Solicitude.

Gr. spoudL (ver com. ROM. 12: 8).

Até o fim.

É bom começar, mas é 451 melhor terminar. Não importa quão bom seja o começo, será sem valor a menos que se continue até o fim. A promessa de Deus é que "que começou em vós a boa obra, aperfeiçoará-a" (Fil. 1: 6). São muitos os que começam, mas não terminam.

Plena certeza da esperança.

Cf. Couve. 2: 2. Os crentes a quem se dirigia a epístola tinham sido ciumentos em sua hospitalidade para com os Santos. Precisavam continuar com essa obra, mas também deviam ser diligentes em outros assuntos relativos à salvação.

12.

Preguiçosos.

Gr. nÇthrós, "lento", "preguiçoso"; se se usar em relação ouvindo se traduz como "tardos" em cap. 5: 11. A preguiça é o oposto à diligência. A religião é para muitos algo circunstancial, que pode cultivar-se perezosamente. Não ocupa o primeiro lugar em seu programa, a não ser perto do fim da lista. Tudo deve fazer-se antes, e Deus pode ficar com o que fica. Esta conduta deve ser investida.

Fé.

Esta qualidade essencial se trata ampliamente no cap. 11 (ver o comentário respectivo).

Paciência.

Gr. makrothumía, "longanimidad", "paciência", "perseverança".

Herdam as promessas.

Cf. cap. 4: 1.

13.

Deus fez a promessa ao Abraham.

apresenta-se ao Abraão como um exemplo de alguém que mediante seu paciente perseverança "alcançou a promessa" (vers. 15).

Jurar por outro major.

Ver com. vers. 16.

Jurou por si mesmo.

Referência ao Gén. 22: 16-17.

14.

De certo te benzerei com abundância.

Literalmente "benzerei-te benzendo". Esta frase idiomática hebréia dá muito ênfase à ação do verbo.

Multiplicarei-te grandemente.

Literalmente "multiplicando te multiplicarei". Ver com. "de certo lhe benzerei com abundância".

15.

Tendo esperado com paciência.

Ver com. vers. 12. apresenta-se ao Abraão como um exemplo digno de ser imitado por outros.

Alcançou a promessa.

Isto é, com o nascimento do Isaac. Este filho da promessa foi como uma objeto ou sinal da multidão de descendentes por meio dos quais viria uma bênção a todas as nações, e especialmente mediante a "semente", Cristo (Gál. 3: 16).

16.

Maior.

Os homens têm o costume de jurar Por Deus; mas Deus, não tendo outro maior pelo qual pudesse jurar, jurou por si mesmo (vers. 13).

Confirmação.

Gr. bebáiÇsis, que aqui se usa como um término legal que significa "objeto" ou "garantia". Um juramento tem um efeito positivo: proporciona uma segurança legal, e um efeito negativo: põe fim a uma controvérsia.

17.

Querendo Deus mostrar.

Não era necessário que Deus jurasse. Sua palavra vale tanto como seu juramento. Foi, portanto, algo admirável que se colocasse ao mesmo nível do homem e que consentisse em emprestar juramento pela verdade da promessa.

Aos herdeiros.

Não só ao Abraão mas também a todos os herdeiros, inclusive os descendentes espirituais do Abraão (Gál. 3: 29).

Interpôs juramento.

Gr. mesitéuÇ, "mediar", "atuar como fiador", "garantir". A confirmação de a palavra de Deus mediante um juramento se registra no Gén. 22: 16-18.

18.

Duas coisas imutáveis.

Quer dizer, a promessa de Deus e seu juramento. A palavra de Deus é intrinsecamente imutável. Nenhum juramento pode a acrescentar nada ou ao que Deus há dito, ou fazê-lo mais seguro; mas ele o confirmou com um juramento unicamente por causa de nós. Os homens juram para confirmar algo, e Deus condescendeu a fazer o mesmo para nos ajudar em nossa fé. Este juramento era sem dúvida uma ajuda definida para a gente que viveu antes de Cristo. Se alguma dúvida surgia em sua mente podiam depender do fato de que Deus não só o tinha prometido, mas também o tinha confirmado com um juramento, e que, portanto, com segurança cumpriria sua palavra. Desse modo o juramento ajudaria a fortalecer sua fé.

Fortísimo consolo.

Ou "forte fôlego"; "veemente consolação" (BC).

acudimos.

"Procuramos um refúgio" (BJ). A ilustração pode haver-se tirado da antiga costume de uma pessoa que, acreditando-se em perigo, fugia ao tabernáculo como lugar de refúgio (ver Exo. 21: 13-14; 1 Rei. 2: 28-34).

Para nos agarrar.

Ou "para nos aferrar".

Esperança.

Ver com. ROM. 5: 4; 8: 24; 12: 12.

Posta diante de nós.

A esperança da salvação se pôs diante de todos, e todos podem aferrar-se a ela. 452

19.

Âncora.

Uma mudança na metáfora. Uma âncora sustenta a um navio na tormenta e impede que se estrele contra as rochas. As âncoras às vezes escapam; mas não acontece assim com a âncora deste esperança é o único lugar das Escrituras onde aparece a metáfora da âncora.

Que penetra.

Quer dizer, penetra a esperança.

Dentro.

Gr. es^teros, "interior"; "mais à frente" (BJ); "detrás" (BA). Esta palavra aparece no NT só aqui e no Hech. 16: 24, aonde se descreve o calabouço "de mais dentro" onde foram encerrados Pablo e Silas. Esoteros é mais freqüente em a LXX (Exo. 26: 33; Lev. 16: 2, 12, 15, etc,).

Véu.

Gr. katapétasma, "cortina", "véu". Esta palavra aparece seis vezes no NT. Três vezes se usa para referir-se ao véu do templo que foi rasgado quando Cristo morreu (Mat. 27: 51; Mar. 15: 38; Luc. 23: 45). As restantes se acham em Hebreus (cap. 6: 19; 9: 3; 10: 20). Nas referências ao santuário, tal como estão na LXX, katapétasma se usa para descrever (1) a cortina que separava o lugar santo do lugar muito santo (Exo. 26: 31, 33); (2) a cortina da porta do tabernáculo (Exo. 26: 37; 36: 37; Núm. 3: 26); (3) a cortina da entrada do átrio (Exo. 38: 18). O fato de que a cortina da entrada do tabernáculo e a cortina interior que separava o lugar santo do lugar muito santo fossem chamadas katapétasma, proporciona uma explicação singela para o uso da expressão "segundo [velo katapétasma]" no Heb. 9: 3, para descrever a cortina interior. Surge a pergunta: A qual cortina se refere o autor como aquela dentro da qual "penetra" nossa esperança?

Alguns escrituristas não adventistas ensinam que Cristo imediatamente depois de sua ascensão começou sua obra no lugar muito santo do santuário celestial. Sustentam que katapétasma se refere aqui à cortina que separava o lugar santo do muito santo. Fazem notar que "dentro do véu" é uma tradução de as palavras gregas es^teron tóu katapetásmatos, que nas quatro vezes que aparece na LXX (Exo. 26: 33; Lev. 16: 2, 12, 15) sempre descreve o lugar muito santo. Entretanto, não necessariamente pode deduzir-se que "o véu" que aqui se menciona é o véu que dividia o lugar santo do muito santo, e que, portanto, Cristo imediatamente depois de sua ascensão começou sua obra mediadora no lugar muito santo.

A seguir há três possíveis explicações da expressão "dentro do véu", todas as quais concordam com a posição da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre o tema do santuário.

L. "O véu" significa a cortina divisória entre os lugares santo e muito santo; mas Pablo está falando da entrada de Cristo dentro do lugar muito santo do santuário celestial para dedicá-lo, junto com o resto do santuário, quando assumiu seu ministério de Supremo Sacerdote. Essa dedicação está mencionada em Dão. 9: 24 (ver o comentário respectivo) e se simboliza com o unção do santuário terrestre depois de que foi edificado (Exo. 40; cf. cap. 30: 26-29).

2. No Heb. 6: 19 Pablo deixa sem definir a palavra "véu", pois seu propósito é chamar a atenção não ao véu a não ser ao que está dentro [ou 'detrás'] do véu", ou seja: o lugar onde ministra Cristo, nosso Supremo Sacerdote. Em outras palavras, Pablo está usando a palavra "véu" (katapétasma) não em términos de uma explicação técnica ou detalhada da estrutura do santuário celestial, mas sim como uma figura de linguagem para descrever o que divide o visível do invisível, o terrestre do celestial. Por esta razão "dentro do véu" significa simplesmente estar na presença de Deus. Segundo este ponto de vista, personifica-se à "esperança", pois "penetra até dentro do véu", até a mesma presença de Deus, onde entrou Cristo (vers. 20; cf. cap. 9: 24).

3. Pablo descreve especificamente em outro lugar de Hebreus o véu que separava o lugar o lugar muito santo, como "o segundo véu" (cap. 9: 3); portanto, quando fala do "véu" (cap. 6: 19) deve referir-se simplesmente ao véu da entrada do tabernáculo. Além disso, como o santuário celestial e a ordem de seus serviços estavam prefigurados pelo santuário terrestre, quando Cristo subiu ao céu "entrou" no lugar santo -o primeiro compartimento- para começar a primeira fase de seu ministério celestial (ver CS 472-473).

20.

Precursor.

Gr. pródromos, "que corre diante". Esta palavra só aparece aqui no NT. Na LXX se encontra duas vezes: no Núm. 13: 20 e na ISA. 28: 4; neste último texto se refere à fruta "temprana" (pródromos). Quando se aplica a Jesus, o pensamento parece ser que ele foi adiante para estar na presença de Deus e nós iremos detrás 453 ele. A idéia é similar a que se expressa no Heb. 2: 10 com o término arjégós (ver o comentário respectivo)

Supremo sacerdote para sempre.

Ver com. cap. 5: 6. O autor volta habilmente para tema do qual se apartou do cap. 5: 11. Este tema se trata detalladamente no cap. 7.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 CS 523; 2T 124

5 CH 33; FÉ 173; 2JT 343; MeM 302; 6T 444

6 DMJ 14; FÉ 284; HAd 297; MJ 127; PP 628; 3T 438; TM 39, 147

7-8 Ed 212

13 1JT 74

17 1JT 74; PR 121

18 PP 388, 553

19 1JT 99, 178; P 72; 2T 304; 5T 113

19-20 CS 473, 543; 2JT 339; MeM 8

CAPÍTULO 7

1 Cristo é um sacerdote segundo a ordem do Melquisedec 11 e, portanto, muito mais excelente que os sacerdotes da ordem do Aarón.

1 PORQUE este Melquisedec, rei de Salem sacerdote do Deus Muito alto, que saiu a receber ao Abrabam, que voltava da derrota dos reis, e lhe benzeu,

2 a quem deste modo deu Abraham os dízimos de tudo; cujo nome significa primeiro Rei de justiça, e também Rei de Salem, isto é, Rei de paz;

3 sem pai, sem mãe, sem genealogia; que nem tem princípio de dias, nem fim de vida, a não ser feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.

4 Considerem, pois, quão grande era este, quem até Abraham o patriarca deu dízimos do bota de cano longo.

5 Certamente os que de entre os filhos do Leví recebem o sacerdócio, têm mandamento de tirar do povo os dízimos segundo a lei, quer dizer, de seus irmãos, embora estes também tenham saído dos lombos do Abraham.

6 Mas aquele cuja genealogia não é contada de entre eles, tirou do Abraham os dízimos, benzeu ao que tinha as promessas.

7 E sem discussão alguma, o menor é bento pelo major.

8 E aqui certamente recebem os dízimos homens mortais; mas ali, um de quem se dá testemunho de que vive.

9 E por dizê-lo assim, no Abraham pagou o dízimo também Leví, que recebe os dízimos;

10 porque ainda estava nos lombos de seu pai quando Melquisedec lhe saiu ao encontro.

11 Se, pois a perfeição fora pelo sacerdócio levítico (porque baixo ele recebeu o povo a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem do Melquisedec, e que não fosse chamado segundo a ordem do Aarón?

12 Porque trocado o sacerdócio, necessário é que haja também mudança de lei;

13 E aquele de quem se diz isto, é de outra tribo, de -a qual -ninguém serve ao altar.

14 Porque manifesto é que nosso Senhor veio da tribo do Judá, da qual nada falou Moisés referente ao sacerdócio.

15 E isto é até mais manifesto, se a semelhança do Melquisedec se levanta um sacerdote distinto,

16 não constituído conforme à lei do mandamento a respeito da descendência, a não ser segundo o poder de uma vida indestrutível.

17 Pois se dá testemunho dele:

Você é sacerdote para sempre,

Segundo a ordem do Melquisedec.

18 Fica, pois, anulado o mandamento anterior por causa de sua debilidade e ineficácia

19 (pois nada aperfeiçoou a lei), e da introdução de uma melhor esperança, pela qual nos aproximamos de Deus.

20 E isto não foi feito sem juramento;

21 porque os outros certamente sem juramento foram feitos sacerdotes; mas este, 454 com o juramento do que lhe disse:

Jurou o Senhor, e não se arrependerá:

Você é sacerdote para sempre,

Segundo a ordem do Melquisedec.

22 portanto, Jesus é feito fiador de um melhor pacto.

23 E os outros sacerdotes chegaram a ser muitos, devido a que pela morte não podiam continuar;

24 mas este, por quanto permanece para sempre, tem um sacerdócio imutável;

25 pelo qual pode também salvar perpetuamente aos que por ele se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder por eles.

26 Porque tal supremo sacerdote nos convinha: santo, inocente, sem mancha, afastado dos pecadores, e feito mais sublime que os céus;

27 que não tem necessidade cada dia, como aqueles supremos sacerdotes, de oferecer primeiro sacrifícios por seus próprios pecados, e logo pelos do povo; porque isto o fez uma vez para sempre, oferecendo-se a si mesmo.

28 Porque a lei constitui supremos sacerdotes a débeis homens; mas a palavra do juramento, posterior à lei, ao Filho, feito perfeito para sempre.

1.

Melquisedec.

Os fatos históricos mencionados neste versículo são uma recapitulação de Gén. 14: 18-20 (ver o comentário respectivo).

2.

Deu Abraham os dízimos.

Ver com. Gén. 14: 20. Abraão não teria dado ao Melquisedec "os dízimos de tudo" se não tivesse sabido que era sacerdote, e portanto tinha direito a receber o dízimo.

discutiu-se muito quanto a quem era Melquisedec. É pouca a

informação que há a respeito dele. No AT só é mencionado no Gén. 14: 18-20 e Sal. 110: 4, e no NT unicamente no livro de Hebreus. Alguns acreditam que era Cristo; outros, o Espírito Santo; outros, Sem; outros, um ser sobrenatural de outro mundo. Como não há uma boa comprovação para qualquer dessas hipóteses, este Comentário sustenta que Melquisedec era um dos contemporâneos do Abraão, rei de um dos pequenos Estados desse tempo (ver com. Gén. 14: 18). Aparece em Hebreus como um símbolo de Cristo, simbolismo que se apóia na profecia messiânica de Sal. 110: 4.

Rei de justiça.

chama-se a atenção no nome devido a seu significado quando se aplica ao Mesías (ver com. Sal. 72: 3; 85: 10).

Rei de Salem.

Ver com. Gén. 14: 18.

Paz.

Término que corretamente se aplica ao Mesías (ISA. 9: 5-6; Zac. 9: 10). Ver as passagens de Sal. 72: 3 e 85: 10, onde se mencionam a justiça e a paz como características do reino messiânico.

3.

Sem pai, sem mãe.

Estas palavras deram lugar à especulação de que Melquisedec era um ser sobrenatural, o qual teria que ter sido assim se na verdade não tivesse tido pais, "nem... princípio de dias nem fim de vida". Esta afirmação pode ser total e literalmente certa só se se aplicar às pessoas da Deidade; sem embargo, não é necessário chegar a esta conclusão quanto a estas palavras. O autor simplesmente poderia estar dizendo que não havia registro de quem foram o pai e a mãe do Melquisedec.

Sem genealogia.

Os judeus eram muito cuidadosos em registrar e conservar suas genealogias. Este cuidado se aplicava especialmente aos sacerdotes (ver Esd. 2: 61-63). Ninguém podia servir no sacerdócio a menos que pertencesse à família do Aarón, da tribo do Leví, e isto devia demonstrar-se sem que ficasse a menor duvida. Se em alguma parte havia uma interrupção na linhagem, ficava eliminado, com o qual perdia os privilégios próprios dos sacerdotes. Por isso cada judeu, e particularmente os sacerdotes, registravam contudo cuidado seus registros genealógicos. Mas não havia nenhuma genealogia do Melquisedec.

Princípio de dias.

Quer dizer, não há registro de seu nascimento nem de sua morte, como o indicam as palavras "nem fim de vida".

Feito semelhante.

Ou "assemelhado" (Ao); "assemelha-se" (NC). Melquisedec era um símbolo de Cristo. Nada se sabe de seu nascimento nem de sua morte porque não há nenhum registro, o qual concorda em tudo com Cristo, quem não teve princípio nem fim de dias (ver

com. Juan 1: 1-3).

Permanece sacerdote.

Ou seja que não há registro algum da terminação de seu ministério como supremo sacerdote.

4.

Quão grande.

Os judeus tinham ao Abraão 455 em alta estima (ver Juan 8: 52). O autor de Hebreus prossegue seu tema para provar que Melquisedec era até maior. E se era maior, então o sacerdócio de Cristo -que era segundo a ordem de Melquisedec (ver com. Heb. 5: 6)-, era maior que o aarónico.

Patriarca.

Gr. patriárj's, "primeiro de uma pátria" ou de um clã. Abraão é chamado "patriarca" para destacar que Melquisedec era tão grande que "até Abraão o patriarca" entregou-lhe o dízimo. Abraão reconhecia com este ato a autoridade sacerdotal superior do Melquisedec.

Dízimos.

Cf. vers. 2.

Bota de cano longo.

Sem dúvida o bota de cano longo da recente batalha (Gén. 14: 14-16).

5.

Mandamento de tirar do povo os dízimos.

Levita-os tinham direito de receber os dízimos em virtude de uma ordem divina (ver Núm. 18: 21); mas não foram os primeiros em receber os dízimos; Melquisedec os recebeu antes que eles. Se os levita tinham tido a autorização divina, Melquisedec também a teve. E o fato de que "até Abraão o patriarca" entregasse os dízimos ao Melquisedec, demonstra que este estava plenamente autorizado para recebê-los. Se os levita estavam autorizados Por Deus para receber os dízimos, com mais razão o tinha estado Melquisedec.

6.

Genealogia não é contada de entre eles.

Ver com. vers. 3. Só os levita podiam receber os dízimos. Melquisedec não era levita, e entretanto recebeu os dízimos do Abraão. O patriarca se encontrou com um homem "maior" que ele. Reconheceu a superioridade de Melquisedec e, como sacerdote que era, entregou-lhe o dízimo.

Benzeu ao que.

Ver Gén. 14: 19.

Tinha as promessas.

Ver com. cap. 6: 13, 15.

7.

Sem discussão alguma.

Ou "fora de toda controvérsia" (BC).

O menor. . . o major.

O assunto da superioridade fica definido pelo fato de que Abraão foi o que entregou o dízimo e recebeu uma bênção.

8.

Aqui.

Ou no sistema levítico.

Ali.

Uma referência ao sacerdócio do Melquisedec.

De que vive.

Isto não poderia ser literalmente certo quanto ao Melquisedec, nenhuma adequada explicação de que simplesmente significa que não há registro na Bíblia de a morte do Melquisedec. Conforme parece estas palavras vão além de Melquisedec, ou seja ao Superior a quem representa: a Cristo, de quem se afirma que vive "sempre" (vers. 25). O sacerdócio do Melquisedec se perpetúa no sacerdócio do Jesucristo.

9.

Pagou o dízimo... Leví.

apresenta-se esta observação para destacar mais que o sacerdócio do Melquisedec era superior ao levítico. A forma em que Leví pagou dízimo ao Melquisedec se mostra no vers. 10.

10.

Nos lombos.

Tudo o que o patriarca Abraão fizesse, também o faria sua posteridade; por esta razão quando ele pagou dízimo, também o pagou Leví. Isto o cita o autor como outra prova da grandeza do Melquisedec.

11.

Perfeição.

O sacerdócio levítico e a lei cerimoniosa eram temporárias, e sombras que assinalavam a obra que Cristo faria. A perfeição não veio por meio da lei mas sim por meio de Cristo, a quem ela assinalava. Este pensamento se amplia em

os cap. 9 e 10.

Lei.

Equivale aqui a todo o sistema judeu instituído no Sinaí, incluindo os Dez Mandamentos (ver com. Gál. 3: 17).

Que necessidade haveria?

O sistema levítico não se deu com o propósito de que fora um fim em si mesmo; era para mostrar a Cristo diante dos homens, pois só nele há salvação. Se dito sistema tivesse proporcionado a salvação além da obra de Cristo, não tivesse havido necessidade do ministério de Cristo.

12.

Trocado o sacerdócio.

Ou seja do levítico ao do Melquisedec.

Também mudança de lei.

A lei ordenava que unicamente os levita podiam servir no tabernáculo e que só os filhos do Aarón podiam ser sacerdotes; também dispunha os serviços dos sacerdotes com referência à ordem ou partilha em que serviam. Se se tivesse eleito um sacerdote de outra tribo (vers. 13) teria sido necessário trocar a lei, e com isto se introduziu uma nova ordem de coisas (cap. 8: 13).

13.

Aquele.

Quer dizer, Cristo (vers. 14).

Outra tribo.

Ver com. vers. 14.

Serve.

Ou "oficiou".

14.

Judá.

Ver Miq. 5: 2; Mat. 1: 1; Mar. 10: 47-48; Luc. 3: 33; ROM. 1: 3; Apoc. 5: 5.

Nada falou Moisés.

As leis que regulamentavam o sacerdócio foram dadas por meio do Moisés (Núm. 3; 4). 456

15.

Mais manifesto.

Parece referir-se à proposição apresentada no vers. 12: que era necessário que houvesse uma mudança na lei. Alguns afirmam que se refere ao caráter transitivo do sacerdócio levítico. A profecia a que se faz referência no vers. 17, que predizia que o novo sacerdócio seria de uma ordem diferente, faz mais claro que devia haver uma mudança na lei do sacerdócio, ou que o sacerdócio levítico era provisório.

16.

Mandamento a respeito da descendência.

Havia uma linhagem de descendentes segundo a carne (Exo. 29: 29-30; Núm. 20: 26, 28).

Poder.

Note o contraste entre "poder" e "lei".

17.

Sacerdote para sempre.

O autor volta uma e outra vez à declaração de Sal. 110: 4 (Heb. 5: 6, 10; 6: 20; 7: 21). Seu tema se apóia no seguinte: nenhum homem como tal podia ser "sacerdote para sempre". Os sacerdotes levita serviam só enquanto viviam; portanto, se tinha que vir um que serviria "para sempre", tinha necessariamente que ser mais que um simples homem, mais que um levita. Por esta razão -se tinha que oficiar "para sempre" essa classe de sacerdote- era "até mais manifesto" (vers. 15) que devia haver uma mudança na lei sacerdotal.

18.

Fica, pois.

De acordo com o texto grego, a relação entre os vers. 18 e 19 é como segue: "Por um lado há a abrogación do mandamento,... e pelo outro, a apresentação de uma melhor esperança".

Anulado.

Término mais significativo que "trocado" (vers. 12). O intuito era que a lei do sacerdócio levítico só operasse até que Jesucristo, o grande Supremo Sacerdote, começasse seu ministério; então seria anulado o sacerdócio levítico.

Debilidade e ineficácia.

Não o era intrinsecamente assim, pois Deus o tinha instituído; mas fracassou devido à atitude do povo para ele. Fizeram da lei um fim; acreditavam que obedecendo-a alcançavam a salvação. Lhes tinha pregado o Evangelho, mas não lhes aproveitou por não lhe acrescentar fé (cap. 4: 2).

19.

Nada aperfeiçoou a lei.

Quer dizer, a lei em si e por si mesmo, o qual não significa que a salvação era impossível para os que viveram nos tempos do AT. A perfeição era possível mas pelo mesmo meio pelo qual se adquire hoje: pela fé em Jesucristo. "A lei foi nosso tutor, para nos levar a Cristo... Mas vinda a fé, já não estamos sob o tutor" (ver com. Gál. 3: 24-25).

Introdução de uma melhor esperança.

Quanto à relação desta frase com seu contexto, ver com. vers. 18. A melhor esperança se centra em Cristo. O tomou o lugar do sacerdócio levítico. Esta é a esperança que é "posta diante de nós... [como] segura e firme âncora.... que penetra até dentro do véu" (cap. 6: 18-20).

Aproximamo-nos de Deus.

Este tinha sido o propósito do sacerdócio levítico, mas devido a uma instrução e uma administração defeituosas os homens acreditavam que Deus estava muito longe deles. Agora Jesucristo, o Supremo Sacerdote, entrou "dentro do véu" (cap. 6: 19). Está sentado "à mão direita da Majestade nas alturas" (cap. 1: 3). Por isso os seres humanos podem aproximar-se "confidencialmente ao trono da graça" (cap. 4: 16), podem amealhar-se a Deus com plena confiança.

20.

Não foi feito sem juramento.

Ver com. cap. 6: 17.

21.

Com o juramento.

apresenta-se o contraste para mostrar a superioridade do supremo sacerdócio de Melquisedec. Quanto à importância do juramento, ver com. cap. 6: 17.

Arrependerá.

Gr. metamélomai, "trocar de opinião", "sentir pesar" (ver com. 2 Cor. 7: 8-9).

Segundo a ordem do Melquisedec.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão desta frase. Sem embargo, está plenamente estabelecida sua inclusão no vers. 17. Omitem-na a BJ, BA, BC e NC.

22.

portanto.

Quer dizer, porque foi confirmado por um juramento, enquanto que o sacerdócio levítico se apoiava em uma ordem transitiva.

Jesus.

Este nome põe de relevo seu aspecto humano (ver com. Mat. 1: 1).

Fiador.

Gr. égguos, "fiador" ou "fiança", "fiador" ou "garantia". Aqui tem o significado de um que se faz responsável por algo, ou garante a execução de algum convênio; aqui, o "melhor pacto".

Pacto.

Gr. diathLk' (ver com. Gál. 3: 15). Esta palavra se traduziu como "testamento" (Heb. 9: 16-17) e como "pacto" (Mat. 26: 28; Luc. 1: 72; 1 Cor. 11: 25; 2 Cor. 3: 6; Gál. 3: 15; Heb. 8: 6-10). No texto que consideramos, "pacto" é a melhor tradução porque o autor está falando do novo pacto (diathekeLk'), tema que desenvolverá depois (cap. 8: 6-13). 457

23.

Sacerdotes... muitos.

O contraste radica entre os muitos sacerdotes do sistema levítico e o único sacerdote segundo a ordem do Melquisedec.

24.

Imutável.

Gr. aparábatos, "permanente", "invariável". Os sacerdotes do sistema levítico não podiam continuar porque morriam; mas Cristo vive "sempre para interceder" (Heb. 7: 25; cf. Apoc. 1: 18).

25.

Perpetuamente.

Gr. pantelLs, "completamente", "plenamente", "cabalmente", "para sempre", "perpetuamente". Os comentadores estão divididos quanto ao significado que aqui corresponde. Ambos são verdadeiros, pois Cristo salva completamente e também por todo o tempo. "Salvar perfeitamente" (BJ); "perfeito seu poder para salvar" (NC).

aproximam-se de Deus.

Ver com. vers. 19.

Vivendo sempre.

Ver com. vers.

24.

Interceder.

Gr. entugjánÇ (ver com. ROM. 8: 34).

26.

Convinha-nos.

Era apropriado que tivéssemos um supremo sacerdote da natureza de Cristo.

Santo.

Gr. hósios, "piedoso", "pio", "agradável a Deus" (ver com. Heb. 2: 27).

Inocente.

Gr. ákakos, "cândido", "inocente", não vingativo.

Sem mancha.

Gr. amíantos, "puro" no sentido religioso e moral. Compare-se com o uso de esta palavra no Heb. 13: 4; Sant. 1: 27; 1 Ped. 1: 4.

Afastado dos pecadores.

Ou "que foi separado dos pecadores". Alguns acreditam que se refere à disposição de Cristo de reunir-se com os pecadores durante sua vida terrestre e, entretanto, permanecer separado deles. Outros acreditam que a descrição não refere-se a Cristo durante sua vida terrestre a não ser em sua obra como supremo sacerdote, e que, portanto, "afastado dos pecadores" refere-se a haver completado sua obra pelos pecadores no que se refere a sua morte expiatória (cf. cap. 9: 28). Acreditam que sortes palavras devem interpretar-se em concordância com a frase que segue, a qual se refere a que Cristo foi tirado deste mundo e, como conseqüência, de seu contato literal com os pecadores, para apresentar-se diante de Deus. Os que sustentam um e outro ponto de vista acreditam com plena certeza que Cristo foi sempre "santo, inocente, sem mancha".

Feito mais sublime que os céus.

Cristo foi exaltado à mão direita do Pai. Esta classe de supremo sacerdote é o que é completamente adequado para nós.

27.

Que não tem necessidade cada dia.

Não se registra que o supremo sacerdote oferecesse diariamente uma oferenda expiatório. Ao Aarón e a seus sucessores lhes tinha ordenado que apresentassem diariamente uma oferenda, mas a preparava com flor de farinha e não era uma oferenda pelo pecado (Lev. 6: 20-22). portanto, a dificuldade desta afirmação consiste em que o supremo sacerdote da antigüidade apresentava diariamente uma oferenda pelo pecado, e que Cristo não precisava fazer isto.

Esta dificuldade foi explicada tendo em conta que em todos os serviços em que participavam os sacerdotes o faziam como representantes do supremo sacerdote. Oficiavam em lugar dele, e o que faziam era considerado como se tivesse-o feito o mesmo supremo sacerdote. Eram só seus ajudantes, e como ofereciam diariamente oferenda pelo pecado, pode dizer-se que o supremo sacerdote também as oferecia.

Por seus próprios pecados.

O supremo sacerdote apresentava no dia da expiação uma oferenda por seus próprios pecados, e depois outra pelos pecados do povo (Lev. 16: 11, 15).

Isto era necessário. Como era pecador não podia apresentar-se diante de Deus em o lugar muito santo a menos que já tivesse apresentado uma oferenda por si mesmo. Cristo não precisava fazê-lo porque é sem pecado.

Isto o fez uma vez. surgiu a pergunta quanto a que significa o isto pronome". Apresentou uma oferenda Cristo uma vez por seus próprios pecados, como o fazia o supremo sacerdote, e depois pelos do povo? Cristo não tinha pecados próprios. Os únicos pecados que tinha foram os que levou por nós. O foi feito pecado por nós (2 Cor. 5: 21). Mas quando se ofereceu a si mesmo "uma vez" pagou por todos quão pecados levava sobre si. Esses pecados, que eram nossos pecados, levou-os em seu corpo no madeiro. Eram seus unicamente no sentido de que tomou sobre si mesmo a responsabilidade por eles. Levou-os como nosso substituto e fiador.

Oferecendo-se a si mesmo.

Cristo foi tanto sacerdote como vítima.

28.

A lei.

Ver com. vers. 11-12, 16.

Constitui.

Ou "institui" (BJ).

Débeis.

Ou "frágeis" (BJ). Cf. cap. 5: 2.

Juramento.

Cf. vers. 20-21. 458

Posterior à lei.

O sistema cerimonioso expirou na cruz (ver com. ROM. 6: 14; F. 2: 15; Couve. 2: 14). Cristo assumiu seu cargo de sismo sacerdote uma vez que terminou a lei que regia o sacerdócio levítico.

Ao Filho.

Ou "constitui a Um que é Filho". No texto grego não há artigo; mas se traduz-se "a um Filho" em vez de "ao Filho", não se expressa corretamente o ênfase do texto. A ausência do artigo destaca a qualidade. Por isso é preferível a tradução: "Um que é Filho" (cf. com. Dão. 7: 9, 13).

Perfeito.

Ver com. cap. 2: 10.

para sempre.

Em contraste com o serviço transitivo dos sacerdotes do sistema levítico.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 DTG 532; PP 130, 153, 761; 3T 393

5 HAp 271

24 DTG 36

25 DC 103; COES 124; CS 536; DMJ 13; DTG 138, 700, 775; FÉ 178, 184; HAd 493; 2JT 59, 338, 488; MB 201; MC 187, 331; MeM 33; MJ 405; MM 33, 181; OE 162; PVGM 115, 121; 1T 543; 2T 60, 32 l; 5T 633; 6T 123; 8T 287; Lhe 248; TM 20

26 DTG 17; HAp 455

CAPÍTULO 8

1 O sacerdócio levítico do Aarón foi abolido pelo sacerdócio eterno de Cristo, 7 e o pacto temporário com os Pais pelo pacto eterno do Evangelho.

1 AGORA BEM, o ponto principal do que vamos dizendo é que temos tal supremo sacerdote, o qual se sentou à mão direita do trono da Majestade nos céus,

2 ministro do santuário, e daquele verdadeiro tabernáculo que levantou o Senhor, e não o homem.

3 Porque tudo supremo sacerdote está constituído para apresentar oferendas e sacrifícios; pelo qual é necessário que também este tenha algo que oferecer.

4 Assim, se estivesse sobre a terra, nem sequer seria sacerdote, havendo ainda sacerdotes que apresentam as oferendas segundo a lei;

5 os quais servem ao que é figura e sombra das coisas celestiales, como advertiu ao Moisés quando ia erigir o tabernáculo, lhe dizendo: Olhe, faz todas as coisas conforme ao modelo que te mostrou no monte.

6 Mas agora tão melhor ministério é o seu, quanto é mediador de um melhor pacto, estabelecido sobre melhores promessas.

7 Porque se aquele primeiro tivesse sido sem defeito, certamente não se houvesse procurado lugar para o segundo.

8 Porque repreendendo-os diz: Hei aqui vêm dias, diz o Senhor,

Em que estabelecerei com a casa do Israel e a casa do Judá um novo pacto;

9 Não como o pacto que fiz com seus pais

O dia que os tirei da mão para tirar os da terra do Egito;

Porque eles não permaneceram em meu pacto,

E eu me desentendi deles, diz o Senhor.

10 Pelo qual, este é o pacto que farei com a casa do Israel

depois daqueles dias, diz o Senhor:

Porei minhas leis na mente deles,

E sobre seu coração as escreverei;

E serei a eles Por Deus,

E eles me serão por povos;

11 E nenhum ensinará a seu próximo,

Nem nenhum a seu irmão, dizendo:

Conhece senhor;

Porque todos me conhecerão,

Do menor até o major deles.

12 Porque serei propício a suas injustiças,

E nunca mais me lembrarei de seus 459 pecados e de suas iniqüidades.

13 Ao dizer: Novo pacto, deu por velho ao primeiro; e o que se dá por velho e se envelhece, está próximo a desaparecer.

1.

Ponto principal.

Gr. kefálaion, "ponto capital", "o mais importante", "substância do assunto". O autor apresenta o ponto fundamental do que veio dizendo.

Tal supremo sacerdote.

Cristo não é um supremo sacerdote comum como os que havia no sacerdócio aarónico, os quais serviam na terra (vers. 4). Cristo serve junto ao trono de Deus.

À mão direita.

Ver com. cap. 1: 3.

2.

Ministro.

Gr. leitourgós, "servo", "ministro" (cf. com. ROM. 13: 6; cf. Fil. 2: 25; Heb. 1: 7).

Santuário.

Aqui se emprega pela primeira vez na Epístola aos Hebreus uma palavra em plural para referir-se ao santuário celestial, a que logo aparece nove vezes mais no livro. As discussões quanto ao por que deste uso foram prolongadas. O tema se trata em detalhe na Nota Adicional deste

capítulo. Você hágia, "os lugares Santos", é o lugar onde Cristo leva a cabo seu ministério sacerdotal. Por quanto nos diz que o santuário terrestre era uma "imagem" do verdadeiro (cap. 9: 24) que está no céu, podemos supor que o santuário celestial, você hágia, tem dois grandes divisões. Cf. com. Exo. 25: 9; Dão. 8: 14; cf. Nota Adicional do Heb. 10.

E de.

Melhor, "quer dizer de".

Verdadeiro.

Gr. alLthinós, forma feminina de "genuíno", "real". O santuário terrestre era só um símbolo do celestial.

Tabernáculo.

Gr. sk'nL, "loja" (BJ). A terminologia do santuário terrestre se usa para o celestial.

Levantou.

Uma expressão figurada porque se descreve ao santuário celestial como um "tabernáculo" ou uma "loja". Mas não devemos pensar que há uma loja literal no céu, levantada literalmente Por Deus. Cf. Exo. 33: 7.

A idéia de um santuário celestial não era nova para os judeus, como o demonstram os seguintes extratos de sua literatura do C. século I A. C.: "O anjo me abriu os portais do céu, e vi o santo templo, e ao Muito alto sobre um trono de glória" (Testamento do Leví 5: 1). "Você me ordenou levantar um Templo em seu monte santo, um altar na cidade onde tem estabelecida você morada, imagem da Loja Santa que preparou desde o começo" (Sabedoria 9: 8, BJ).

3.

Constituído para apresentar oferendas.

A obra dos sacerdotes no tabernáculo era principalmente oferecer "oferendas e sacrifícios"; com esse fim tinham sido ordenados. Ofereciam-nos amanhã e tarde pela nação, e durante o dia pelos indivíduos.

Tenha algo que oferecer.

Cf. cap. 5: 1; 9: 25.

4.

Se estivesse sobre a terra.

O autor se situa no tempo em que escreve, quando provavelmente ainda existia o templo (ver pp. 403-404).

Nem sequer seria sacerdote.

Se os regulamentos do sacerdócio levítico se cumpriam estritamente, Cristo não poderia ter sido sacerdote nesta terra. Só podiam sê-lo os da tribo

do Leví, e Cristo pertencia à tribo do Judá. O sacerdócio de Cristo era independente e celestial segundo a ordem do Melquisedec.

Sacerdotes que apresentam.

Esta declaração é um bom argumento para se localizar a redação desta epístola antes da destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d. C. (ver pp. 403- 404).

Segundo a lei.

Quer dizer, o sistema legal instituído no Sinaí.

5.

Figura.

Gr. hupódeigma, "exemplo", "modelo", "cópia", "representação". Entretanto, é necessário recordar que uma "cópia" terrestre nunca pode representar fielmente, em todos seus detalhes, ao original celestial; por exemplo, todos os diversos sacrifícios pelos pecados que se ofereciam continuamente no santuário terrestre, acharam seu cumprimento no único sacrifício de Cristo.

Sombra.

"Figura e sombra" é possível as entender porque equivalem a uma expressão figurada que significa "figura imprecisa".

Advertiu.

Gr. jrLmatízÇ, "repartir uma revelação"; quem a reparte é Deus. "Depende... foi revelado ao Moisés" (BJ, NC).

Faz todas as coisas.

Ver Exo. 25: 40; Núm. 8: 4; Hech. 7: 44.

6.

Tão melhor ministério.

O autor começa neste versículo a tratar a respeito de Cristo como "mediador de um melhor pacto". A base deste mais excelente ministério de Cristo se demonstra pelo fato de que é o 460 mediador de um melhor pacto estabelecido sobre melhores promessas.

Mediador.

Gr. mesít's, "árbitro", "mediador", um que medeia entre duas partes para eliminar um desacordo ou para chegar a uma meta comum (cf. com. Gál. 3: 19). Esta palavra aparece seis vezes no NT; em quatro ocasiões se refere a Cristo. O é o mediador entre Deus e o homem (1 Tim. 2: 5), e pode fazer de ponte entre ambos. Como Deus que é, compreende a Deus e pode falar por ele. Como homem que é, compreende ao homem e pode interceder com simpatia a favor dele ante o Pai.

Melhor.

Esta superioridade se trata nos vers. 8-12.

Pacto.

Gr. diathLk' (ver com. cap. 7: 22).

Melhores promessas.

Ver com. vers. 10- 12.

7.

Aquele primeiro.

O autor designa com esta expressão ao sistema que esteve em vigência nos dias do AT a partir do Sinaí. O sacerdócio levítico era uma parte integral de dito sistema. Quanto à relação deste sistema com o pacto feito em o Sinaí, ver com. Eze. 16: 6 ; e respeito ao significado da palavra pactuo (diathéke), ver com. Heb. 7: 22. Este sistema e suas leis caducaram quando Jesus se converteu em supremo sacerdote segundo a ordem do Melquisedec (ver com. cap. 7: 12, 18-19).

Sem defeito.

A frase implica que era defeituoso; mas a imperfeição não radicava inerentemente no pacto a não ser no povo que o aplicou mau (ver com. Eze. 16: 60; F. 2: 15). Essa lei em si e de por si não aperfeiçoou nada (ver com. Heb. 7: 22), mas corretamente empregada lhes teria famoso ao Salvador e a salvação. Repetida-las exortações dos profetas ao povo para que aceitasse as estipulações do pacto eterno, foram sempre inúteis.

Para o segundo.

Quer dizer, o novo (vers. 8).

8.

lhes repreendendo.

A debilidade do novo pacto não radicava no pacto, nem a falta estava em Deus. O defeituoso era o povo (ver com. Heb. 8: 7; cf. ROM. 9: 30 a 10: 3; Heb. 3: 18 a 4: 2).

Vêm dias.

Os vers. 8-12 são uma entrevista do Jer. 31: 31-34 que concorda mais com a LXX que com o texto hebreu, embora as diferenças são leves. Compare-se com o comentário destes versículos em jeremías. Estas palavras constituíram originalmente uma predição do que Deus estava disposto a fazer pelo Israel e Judá se aprendiam as lições do cativeiro no qual estavam por entrar, e se voltavam realmente para ele. A partir do Sinaí, Deus sempre tratou de conduzir ao povo a uma experiência espiritual mais elevada, como a que se apresenta no novo pacto; mas os israelitas, dominados por sua rebeldia, se resistiram a progredir além de seus estreitos conceitos do que constituía a verdadeira religião. aferravam-se à crença de que a salvação podia alcançar-se por meio do estrito cumprimento de uma lei,

especialmente das leis referentes aos ritos e as oferendas cerimoniosas. A ocasião era propícia; possivelmente aprenderiam mediante a rigorosa disciplina do cativeiro aquilo que se negaram a aceitar em seu próprio país. Mas nem sequer o cativeiro produziu neles um verdadeiro reavivamiento. A grande maioria dos repatriados continuaram escravizados a sua interpretação do antigo pacto.

A experiência espiritual característica do novo pacto era possível nos dias do AT, e se tivesse cristalizado se o povo tivesse completo com as condições; mas os judeus, em conjunto, rechaçaram-na. Embora o ensino de Cristo e os apóstolos fizeram duplamente clara a "boa nova [ou Evangelho]" que os judeus poderiam ter aceito antes (Heb. 4: 2), eles resultou difícil renunciar ao antigo sistema de formas e cerimônias. O livro de Hebreus tinha o propósito de lhes ajudar a fazer essa transição.

O autor de Hebreus recorre à profecia para apoiar sua tese do supremo sacerdócio de Cristo e da introdução de uma nova ordem. Jeremías havia predito uma nova ordem; agora tinha chegado.

Com a casa do Israel.

Aqui se menciona o novo pacto como se tivesse sido feito com a casa de Israel e com a casa do Judá, pois foi devotado primeiro a essas duas casas (Jer. 31: 31-34). Mas quando os judeus menosprezaram seus privilégios religiosos, "o reino de Deus" foi tirado (ver com. Mat. 21: 33-43). A igreja cristã é agora a herdeira dos privilégios e as responsabilidades espirituais que uma vez pertenceram ao Israel literal (ver T. IV, pp. 37-38).

Novo.

Novo com respeito ao "primeiro" (vers. 7). Com a vinda de Cristo se cumpriram os símbolos da lei cerimoniosa, com o que se deu fim ao sistema levítico (ver com. F. 2: 15). O derramamento do sangue de Cristo ratificou o pacto feito muito antes 461 com o Adão e confirmado com o Abraão (ver com. Eze. 16: 60).

Pacto.

Gr. diathLk' (ver com. cap. 7: 22).

9.

Não como.

Quanto ao antigo pacto, ver com. Eze. 16: 60.

Não permaneceram.

Este é um rápido resumo da história dos israelitas como se registra em o AT. "Eles faziam escárnio dos mensageiros de Deus.... até que... não houve já remédio" (2 Crón. 36: 16), e Deus os desprezou.

10.

Porei minhas leis.

No monte Sinaí o Senhor escreveu suas leis em pranchas de pedra (Deut. 4: 13) e em um livro (cap. 31: 24, 26). Deus tinha o propósito de que essas leis também estivessem escritas nos corações do povo; mas os israelitas se contentaram considerando esses estatutos simplesmente como um código externo e sua observância como um assunto de cumprimento também externo. Deus não tinha o propósito de que suas leis fossem consideradas assim. Ofereceu a seu povo que desfrutasse da experiência de ter um coração novo (ver com. Eze. 36: 26); mas os israelitas se contentaram com uma religião de formas e aparências. Agora, sob os términos do novo pacto, transformam-se os corações e as mentes das pessoas (ver com. ROM. 12: 2; 2 Cor. 5: 17). Os homens procedem corretamente não por sua própria força mas sim porque Cristo mora no coração e manifesta sua vida no crente (ver com. Gál. 2: 20). São nascidos do Espírito e produzem os frutos do Espírito (Gál. 5: 22-23). O poder divino é quão único pode efetuar a mudança. Só Deus pode "pôr" sua lei no coração de seus seguidores, mas, é obvio, não sem o consentimento do homem e de sua cooperação (Apoc. 22: 17; cf. DMJ 120).

Serei a eles Por Deus.

Este é o propósito de todos os pactos divinos (cf. Exo. 6: 7). Deus deseja ocupar seu lugar devido, e a gente desejará reconhecê-lo como a seu Deus.

11.

Nenhum ensinará.

Não haveria necessidade de admoestações e conselhos contínuos pois os seres humanos desfrutariam de uma experiência religiosa pessoal. Os cristãos poderiam

agora amealhar-se diretamente a Deus sem o sacerdócio levítico como intermediário. Seriam "guiados pelo Espírito de Deus" (ROM. 8: 14), haveriam "aprendido de Deus" (1 Lhes. 4: 9) e teriam "a unção do santo" que os faria conhecer "todas as coisas" (1 Juan 2: 20). Há muitos séculos os cristãos tiveram todo o canon das Escrituras para que aprendam aproxima de Deus; mas isto não supre a necessidade de instrutores espirituais. Deus há dado à igreja como dons "pastores" e "professores" (F. 4: 11).

Todos me conhecerão.

Quer dizer, todos os cristãos terão um conhecimento pessoal de Deus, não importa qual seja sua idade, condição social ou capacidade mental.

12.

Serei propício.

Quando Jeremías escreveu estas palavras ao aproximar o cativeiro, foram uma promessa do que Deus estava disposto a fazer por seu povo extraviado se voltava-se para ele. Para os cristãos são uma promessa de pleno e gratuito perdão mediante o sangue do Jesus, sem derramamento do sangue de animais como era no tempo do sistema levítico.

Nunca mais me lembrarei.

Quer dizer, Deus não terá mais nesses conta pecados contra o transgressor (cf. com. ISA. 65: 17). Deus jogará todos nossos pecados atrás de suas costas (ISA. 38: 17); jogará-os no profundo do mar (Miq. 7: 19).

13.

Pacto.

Este substantivo foi acrescentado. Não está no texto grego, mas é correto acrescentá-lo. O adjetivo traduzido "novo" está no mesmo gênero e número que corresponde a "pacto". O acréscimo de "pacto" é também correta porque a frase "ao dizer" faz retornar à entrevista deixem 31: 31-33, mencionada nos vers. 8-12, onde se emprega a expressão "novo pacto".

deu por velho ao primeiro.

A entrevista do Jeremías (vers. 8-12) claramente mostra que o "novo" devia substituir ao "antigo" e não serie um acréscimo. Este era um assunto difícil de compreender pelos cristãos hebreus.

O que se dá por velho.

Ou "envelhece". Pode surgir a pergunta quanto a por que estas palavras estão em tempo presente se já o antigo pacto terminou na cruz. Alguns comentadores pensam que a referência é ao tempo quando Jeremías pronunciou esta profecia sobre o novo pacto (Jer. 31: 31-33); mas também é possível entender que se refere ao tempo quando foi escrito o livro de Hebreus. É certo que o sistema cerimonioso caducou quando Cristo morreu na cruz (ver com. F. 2: 15); entretanto, até para os cristãos piedosos foi gradual a transição do sistema antigo ao novo (ver com. Heb. 9: 9; cf. com. ROM. 14: 1).

Próximo a desaparecer.

Os leitores da 462 epístola estão sendo preparados para o tempo quando desapareceria completamente o sistema antigo (ver com. cap. 9: 9).

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 8

Desde o Heb. 8: 2 em adiante, emprega-se nove vezes uma expressão plural, lha hágia, para referir-se ao santuário celestial (cap. 8: 2; 9: 2-3, 8, 12, 24-25; 10: 19; 13: 11). Em alguns casos a RVR a traduziu como "santuário" (cap. 8: 2; 9: 24; 13: 11); em outros, "Lugar Santo" (cap. 9: 2) ou "Lugar Muito santo" (cap. 9: 3, 8, 12, 25; 10: 19). A tradução -melhor dizendo, a interpretação- feito-se em apóie ao contexto, pois o grego sempre usa o adjetivo hágia.

A frase lha hágia é um adjetivo plural neutro, com s correspondente artigo definido. O neutro singular é to hágion, "o santo"; está acostumado a referir-se a uma coisa, "o santo", ou acaso a um lugar, "lugar santo". O neutro plural se usa em forma intercambiável com o neutro singular, pelo qual to hágion, "o santo" e lha hágia, "as coisas santas", têm aproximadamente o mesmo sentido. Tão comum é este intercâmbio que pode usar o adjetivo (ou essencial) plural neutro com um verbo singular.

A razão do uso desta frase para designar ao santuário celestial não se encontra no sentido da frase, a não ser no uso que lhe dá a LXX. No AT grego se emprega o adjetivo sustantivado neutro hágion, tanto no singular como no plural hágia, 170 vezes para referir-se ao tabernáculo ou ao templo. Destes usos, 142 casos se referem ao tabernáculo, santuário ou

tempero em geral. Nos outros casos se faz referência a partes específicas do conjunto, às vezes ao lugar santo ou ao lugar muito santo. Em 45 dos 142 casos se emprega o singular e em 97, o plural. Das 142 vezes que se usa hágion ou hágia para designar ao santuário, só quatro não têm artigo. Por o tanto, o uso de lha hágia, neutro plural, "as coisas santas" ou "os lugares Santos", para designar ao santuário inteiro, está bem estabelecido no AT.*

Em fontes extrabíblicas se emprega a frase to hágion para significar templo ou santuário. Assim se vê em uma inscrição do Tolomeo III, do 239 A. C. Filão a usa com este sentido. Também o faz Josefo, quem assim designa ao templo de Jerusalém (Antiguidades, 3. 6. 4), o santuário interior (Guerra I. 7. 6) e o santuário com o átrio e os muros do templo (Guerra iV. 3. 10; vi. 2. 1; Antiguidades xII. 10. 6).*

interpretou-se que os judeus usavam o término to hágion ou lha hágia para referir-se ao templo a fim de não usar a palavra hierón, que tinha matizes muito pagãos. Em todo caso, o uso desta designação não é nova para o autor de Hebreus, quem devia entender que lha hágia era um nome apropriado para o santuário de Deus, já fora na terra ou no céu.

Para nós, a fins do século XX, esta ambigüidade que uma mesma palavra pudesse usar-se com distintos significados causa moléstia. Queremos precisão. Resulta-nos difícil compreender que no ambiente mediterrâneo do século I a precisão do método científico, do qual tanto alarde fazemos hoje, não tinha maior importância.

Na RVA, todas as vezes que aparece ta hágia, traduz-se "santuário", exceto no cap. 9: 3, onde diz "Lugar Muito santo". Quando apareceu a RVR, com suas três diferentes interpretações da frase, mais de um se queixou do que parecia um engano de tradução. Sobre tudo em relação com o Heb. 9: 12, a afirmação de que Jesus entrou no "Lugar Muito santo" incomodou a quem supunham que era um intento de desacreditar a doutrina adventista do julgamento celestial. Entretanto, deve ensinar que o problema não radica em má vontade, nem em falta de honestidade, mas sim mas bem na interpretação individual de uma frase ambígua, empregada por judeus e cristãos helenistas em o primeiro século, para referir-se ao santuário inteiro ou a parte do mesmo.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 CS 465 463

2 CS 469; DTG 138; HR 395-396; PP 370; PR 505

5 CM 61; CS 466-467, 470, 473; DTG 179; Ed 33; HR 396-397; NB 374; PP 364, 370

6 PP 389

7-8 PP 387

10 3JT 49; P 58

CAPÍTULO 9

1 Descrição dos ritos e dos Cantos sacrifícios da lei cerimoniosa, 11 completamente inferiores à dignidade e perfeição do sangue e o sacrifício de Cristo.

1 AGORA BEM, até o primeiro pacto tinha regulamentos de culto e um santuário terrestre.

2 Porque o tabernáculo estava disposto assim: na primeira parte, chamada o Lugar Santo, estavam o candelabro, a mesa e os pães da proposição.

3 Depois do segundo véu estava a parte do tabernáculo chamada o Lugar Muito santo,

4 o qual tinha um incensario de ouro e o arca do pacto coberta de ouro por todas partes, em que estava uma urna de ouro que continha o maná, a vara de Aarón que reverdeceu, e as pranchas do pacto;

5 e sobre elas os querubins de glória que cobriam o propiciatorio; das quais coisas não se pode agora falar em detalhe.

6 E assim dispostas estas coisas, na primeira parte do tabernáculo entram os sacerdotes continuamente para cumprir os ofícios do culto;

7 mas na segunda parte, só o supremo sacerdote uma vez ao ano, não sem sangue, a qual oferece por si mesmo e pelos pecados de ignorância do povo;

8 dando o Espírito Santo a entender com isto que ainda não se manifestou o caminho ao Lugar Muito santo, enquanto isso que a primeira parte do tabernáculo estivesse em pé.

9 O qual é símbolo para o tempo presente, segundo o qual se apresentam oferendas e sacrifícios que não podem fazer perfeito, quanto à consciência, ao que pratica esse culto,

10 já que consiste só de comidas e bebidas, de diversas abluções, e regulamentos a respeito da carne, impostas até o tempo de reformar as coisas.

11 Mas estando já presente Cristo, supremo sacerdote dos bens vindouros, por o mais amplo e mais perfeito tabernáculo, não feito de mãos, quer dizer, não de esta criação,

12 e não por sangue de machos caibros nem de bezerros, mas sim por seu próprio sangue, entrou uma vez para sempre no Lugar Muito santo, tendo obtido eterna redenção.

13 Porque se o sangue dos touros e dos machos caibros, e as cinzas de a becerra orvalhadas aos imundos, santificam para a purificação da carne,

14 quanto mais o sangue de Cristo, o qual mediante o Espírito eterno se ofereceu a si mesmo sem mancha a Deus, limpará suas consciências de obras mortas para que sirvam ao Deus vivo?

15 Assim, por isso é mediador de um novo pacto, para que intervindo morte para a remissão das transgressões que havia sob o primeiro pacto, chamado-los recebam a promessa da herança eterna.

16 Porque onde há testamento, é necessário que intervenha morte do testador.

17 Porque o testamento com a morte se confirma; pois não é válido entre

tanto que o testador vive.

18 De onde nem mesmo o primeiro pacto foi instituído sem sangue.

19 Porque tendo anunciado Moisés todos os mandamentos da lei a todo o
povo, tomou o sangue dos bezerros e dos machos caibros, com água, lã
escarlate e hisopo, e orvalhou o mesmo livro e também a todo o povo,

20 dizendo: Este é o sangue do pacto que Deus lhes mandou. 464

21 E além disto, orvalhou também com o sangue o tabernáculo e todos os
copos do ministério.

22 E quase tudo é desencardido, segundo a lei, com sangue; e sem derramamento de
sangue não se faz remissão.

23 Foi, pois, necessário que as figuras das coisas celestiales fossem
desencardidas assim; mas as coisas celestiales mesmas, com melhores sacrifícios que
estes.

24 Porque não entrou Cristo no santuário feito de mão, figura do verdadeiro,
a não ser no céu mesmo para apresentar-se agora por nós ante Deus;

25 e não para oferecer-se muitas vezes, como entra o supremo sacerdote no Lugar
Muito santo cada ano com sangue alheio.

26 De outra maneira lhe tivesse sido necessário padecer muitas vezes do
princípio do mundo; mas agora, na consumação dos séculos, apresentou-se
uma vez para sempre pelo sacrifício de si mesmo para tirar de no meio o
pecado.

27 E da maneira que está estabelecido para os homens que morrem uma sozinha
vez, e depois disto o julgamento,

28 assim também Cristo foi devotado uma só vez para levar os pecados de
muitos; e aparecerá pela segunda vez, sem relação com o pecado, para salvar a
os que lhe esperam.

1.

O primeiro pacto.

A palavra "pactuo" foi acrescentada, mas é um acréscimo correto como no
cap. 8: 13 (ver o comentário respectivo). Faz-se referência ao pacto que se
fez com o Israel no Sinaí (ver com. Heb. 8: 7; cf. com. Eze. 16: 60).

Tinha.

"Também tinha" (VM). Se o primeiro pacto também tinha regulamentos, quer
dizer que o novo pacto as tem. O autor já apresentou o serviço de
Cristo como supremo sacerdote (cap. 5: 5-6; 6: 19-20; 7: 22-25; 8: 12). Agora se
ocupa mais detalladamente desse serviço.

Regulamentos.

Gr. dikáiÇma, "regulamento", requisito", "mandamento".

De culto.

Gr. latréia; quanto a latréia, ver com. ROM. 9: 4; 12: 1.

Santuário terrestre.

Um contraste com o santuário do novo pacto, "aquele verdadeiro tabernáculo que levantou o Senhor, e não o homem" (cap. 8: 2).

2.

Tabernáculo.

Gr. sk'nL, "loja", "albergue", "cabana".

A primeira parte.

O grego diz "primeiro tabernáculo" ou "primeira loja". O primeiro compartimento e o segundo (vers. 3) também são chamados "loja" (BJ) ou "estadia" (BC, NC). Durante todo o ano se entrava só no primeiro compartimento ou "loja"; mas no segundo compartimento ou lugar muito santo entrava unicamente o supremo sacerdote uma só vez cada ano: no dia da expiação.

O Lugar Santo.

Gr. hágia; ver Nota Adicional do cap. 8. Embora a evidência textual estabelece o texto hágia, o Códice Vaticano diz ta hágia, e alguns MSS dizem hágia hagíÇn (ver com. cap. 9: 3). É evidente que a palavra neutra plural não satisfazia aos copistas, pelo qual uns poucos manuscritos tardios trocam a acentuação para que o adjetivo seja feminino e concorde com sk'nL. Corresponde assinalar que durante os primeiros séculos da era cristã não se usaram os acentos ortográficos no grego, pelo qual não haveria como definir onde estava o acento. Por outra parte, o problema do uso de lha hágia para referir-se ao santuário ou a uma parte do mesmo deve entender-se à luz do uso tradicional refletido na LXX.

Apesar de todas as especulações quanto à palavra que se usa, é totalmente claro que aqui se faz referência ao primeiro compartimento do santuário.

O candelabro.

descrevem-se os móveis na ordem em que estavam no antigo tabernáculo e não no templo desse então (cf. com. vers. 3). No Exo. 25: 31-40 há uma descrição do candelabro.

A mesa.

Ver Exo. 25: 23-30.

Os pães da proposição.

Ver Lei 24: 5-9.

3.

Depois de.

Gr. metá, "detrás", "além de", "mais longe", "ao outro lado de".

O segundo véu.

O véu que separava o lugar santo do lugar muito santo. chama-se "segundo" porque tanto este como o véu que estava na entrada do lugar santo se denominam com a mesma palavra: katapétasma (ver com. cap. 6: 19).

Tabernáculo.

Cf. vers. 2.

Lugar Muito santo.

Gr. hágia hagíon. "Santo dos Santos" (BJ, NC). Aqui aparece novamente o neutro plural, hágia, usado usualmente 465 para designar a todo o santuário, refiriéndose a uma parte do santuário. Ver Nota Adicional do cap. 8.

4.

Incensario.

Gr. thumiatLrion, literalmente "lugar ou recipiente para queimar o incenso"; portanto, poderia tratar-se de um incensario ou do altar do incenso. Como exemplos deste último significado, pode ver-se no Josefo, Guerra V. 5. 5; Antiguidades iII. 6. 8; S. 3; cf. Herodoto 2. 162. É possível que em Hebreus faça-se referência ao altar do incenso. Esse altar era o móvel mais importante do lugar santo, e seria estranho que o autor não o mencionasse, tendo especialmente em conta que está enumerando os móveis de cada compartimento.

I.a tradução "altar do incenso" apresenta um problema; pois esse altar parece apresentar-se aqui como se estivesse no lugar muito santo, mas esse móvel estava no primeiro compartimento do antigo tabernáculo (Exo. 30: 6). Débito se ter em conta que o autor não afirma que o altar do incenso estava dentro do segundo compartimento; só diz que o lugar muito santo "tinha" esse altar ou "incensario" (RVR). Isto poderia simplesmente indicar que o altar tinha relação com e lugar muito santo.

A relação entre o altar e o lugar muito santo que aqui se indica poderia ser que sua função estava intimamente relacionada com o lugar muito santo. O incenso que se oferecia diariamente sobre esse altar no lugar santo era dirigido ao propiciatorio do lugar muito santo. Deus manifestava ali seu presencia entre querubins, e à medida que o incenso subia com as orações dos que rendiam culto, enchia tanto o lugar muito santo como e1 santo. O véu que separava a ambos os compartimentos não chegava até o teto, e o incenso que se oferecia no lugar santo -o único lugar onde podiam entrar os sacerdotes- chegava até o segundo compartimento, o lugar para onde era dirigido. Em Rei. 6: 22 se diz que o altar do incenso o templo do Salomón estava "frente ao lugar muito santo", quer dizer, que estava relaciona com ele, ou que pertencia -por função- ao lugar muito santo.

Arca.

Ver Exo. 25: 10-16.

Do pacto.

chama-se assim à arca porque continha "as pranchas do pacto", as duas pranchas de pedra sobre as quais Deus tinha escrito os Dez Mandamentos. No Deut. 4: 13 se declare que os Dez Mandamentos são o pacto que Deus ordenou a seu povo que pusesse "por obra".

Urna de ouro.

"Vasilha". Ver Exo. 16: 33-34. Na LXX se acrescenta "de ouro".

Vara do Aarón.

Ver Núm. 17: 1-11. Aqui aparentemente se declara que a vasilha e a vara de Aarón estavam no arca. No AT se diz que estavam "diante do Jehová" ou "diante do testemunho" (Exo. 16: 33- 34; Núm. 17: 10). Isto não significa necessariamente que haja uma discrepância, pois estas últimas expressões poderiam também indicar uma posição dentro do arca. A declaração de 1 Rei. 8: 9 de que "no arca nada havia a não ser as duas pranchas de pedra que ali tinha posto Moisés", poderia implicar que uma vez houve no arca outras coisas tais como as que aqui se mencionam (ver o comentário respectivo).

Alguns trataram que resolver esta aparente discrepância fazendo que a frase "em que" refira-se a "a parte do tabernáculo chamada o Lugar Muito santo" (Heb. 9: 3). Embora seja gramaticalmente possível, a sintaxe geral não aceita tal relação. Além disso, o fato de que as pranchas do pacto estejam incluídas na lista de coisas que vêm depois de "em que", é um poderoso argumento para indicar que aqui se está fazendo referência à arca e não ao lugar muito santo.

Pranchas do pacto.

Ver Exo. 25: 16; 32: 15-16; Deut. 9: 9, e com. de "do pacto".

5.

Querubins.

Para uma descrição dos querubins, ver Exo. 25: 18-20.

De glória.

Possivelmente os chame assim para fazer referência à glória de Deus que se manifestava em meio deles (Exo. 25: 22; Núm. 7: 8-9; 1 Sam. 4: 4; Sal. 80: 1).

Propiciatorio.

Gr. hilastLrion (ver com. ROM. 3: 25).

Não se pode agora falar.

O autor não deseja entrar em detalhes pois seu propósito não era tratar extensamente estes assuntos.

6.

Dispostas.

Melhor "preparadas", "aparelhadas". O tabernáculo tinha sido bem ereto e preparado.

Primeira parte do tabernáculo.

Quer dizer, o primeiro compartimento (ver com. vers. 2).

Entram.

O tempo presente do verbo grego apresenta esta ação como algo habitual (cf. com. vers. 9).

Para cumprir os ofícios.

Parte do serviço era a oferenda diária de incenso no lugar santo e o acerto dos abajures (Exo. 27: 20-21; 30: 7-8). Os pães da proposição 466 eram colocados cada semana em ordem sobre a mesa (Lev. 24: 5-9). Além disso, cada vez que o sacerdote ungido ou toda a congregação pecavam, sacrificava-se um bezerro, e o sacerdote tirava desse sangue e a levava dentro do primeiro compartimento; colocava seu dedo nela e a orvalhava sete vezes diante do véu, e também punha algo do sangue sobre os chifres do altar do incenso aromático diante do Jehová (Lev. 4: 5-7, 16-18).

7.

Na segunda.

O supremo sacerdote era o único a quem lhe permitia entrar no segundo compartimento uma só vez no ano: o dia da expiação (Lev. 16: 2, 24; 23: 27).

Não sem sangue.

O supremo sacerdote entrava pela primeira vez no lugar muito santo com o sangue de um bezerro como oferenda pelo pecado por si mesmo e por sua casa (Lev 16: 34, 11-14). Quando entrava pela segunda vez levava o sangue do macho caibro do Jehová, com a qual eram limpos tanto o santuário como o povo (Lev. 16: 15-17).

Por.

Gr. hupér, "a favor de", "por causa de", "com referência a". Neste contexto poderia traduzir-se "para fazer expiação por" (ver Lev. 16: 30).

Pecados de ignorância.

Gr. agnóema, "ignorância", "engano"; "pecado cometido por ignorância" (cf. Lev. 4: 2, 13). Não se pode admitir a idéia de que não se feito provisão para o perdão dos pecados no dia da expiação.

8.

Espírito Santo.

O Espírito é o intérprete divino da verdade (ver com. Juan 14: 26).

A entender.

Cf. 1 Ped. 1: 11.

Lugar Muito santo.

Aqui o texto grego outra vez emprega a hágia (ver Nota Adicional do cap. 8), pelo qual pode designar-se tanto o santuário inteiro como uma parte do mesmo. O contexto esclarece que a hágia (nominativo de tom hagíon) refere-se ao "mais amplo, e mais perfeito tabernáculo, não feito de mãos" (cap. 9:11); é dizer, o santuário celestial (cf. vers. 24-25).

A interpretação dos tradutores da RVA, BC, BJ e NC se ate melhor ao grego: "santuário". Mas também podem ter pensado no ciclo, onde foi Jesus (vers. 24), como o lugar mais santo de todos, correspondente ao "Muito santo" do tabernáculo terrestre.

Primeira parte do tabernáculo. Alguns sustentam que esta frase se refere ao primeiro compartimento do santuário terrestre. Este ponto de vista se apóia em que nos vers. 2 e 6 se usa a mesma frase para referir-se ao primeiro compartimento do santuário. Como os vers. 6-8 estão estreitamente relacionados, os que sustentam a opinião mencionada afirmam que a força e a lógica desta passagem se debilitariam se se traduzira "primeiro tabernáculo" no vers. 8, enquanto lhe dá outro significado nos vers. 2 e 6. Outras traduções desta frase são: "primeira Loja" (BJ); "primeiro tabernáculo" (RVA, BA, NC e VM); "primeira estadia" (BC).

Outros sustentam que "primeiro tabernáculo", tal como se usa aqui, refere-se a todo o tabernáculo mosaico em contraste com o tabernáculo celestial (cap. 8:2). Afirmam que o propósito do Pablo é o de estabelecer um contraste entre os santuários dos dois pactos (cap. 9: 1), e que o vers. 8 insígnia que o serviço no céu não podia começar enquanto não terminasse o serviço terrestre.

Ambos os pontos de vista concordam com a tese do Pablo, de que o ministério de Cristo como supremo sacerdote no "mais perfeito tabernáculo" (vers. 11) não podia começar enquanto não terminasse o serviço terrestre.

Estivesse em pé.

Melhor "esteja ainda em pé". O texto grego não denota necessariamente a permanência do edifício como tal, mas sim pode ter referência à validez das funções do edifício. Quanto ao sentido em que o "primeiro tabernáculo" ainda estava em pé, ver como. vers. 9. A frase "estivesse em pé" pode significar: "ocupa seu lugar estabelecido" ou "retém sua condição legal divinamente assinalada".

9.

O qual.

O texto grego esclarece que o antecedente de "o qual" é "primeira parte do tabernáculo" ou "primeiro tabernáculo". portanto, a interpretação do vers. 9 depende da definição dada a "primeira parte do tabernáculo" ou "primeiro tabernáculo".

Símbolo.

Gr. parabole, "parábola" (ver T. V, pp. 193-194; cl T. 111, P. 1129).

Tempo presente.

Pablo concede, possivelmente por razões de delicadeza, que o serviço no santuário terrestre ainda era eficaz, embora em realidade Cristo, como o Mediador de um melhor pacto (cap. 8: 6), já se tinha sentado à mão direita da Majestade nos céus (cap. 1: 3; 9:11-12). Ainda se celebravam serviços no templo (cap. 8: 4), nos quais evidentemente tomavam parte muitos dos cristãos de origem judia (ver HAp 153-154). 467 Esses conversos judeus pouco a pouco chegaram a compreender que os símbolos do sistema cerimonioso se haviam completo em Cristo, e que portanto tinha terminado esse sistema. O concílio de Jerusalém tinha disposto que não se exigisse aos gentis que se circuncidassem nem guardassem a lei do Moisés (ver Hech. 15; cf. HAp 153-163); mas não se registra que esse concílio tivesse legislado sobre algo para os cristãos de origem judia. É evidente que se deixou que eles decidissem, de acordo com sua consciência, o assunto de cumprir, ao menos com certos ritos da lei cerimoniosa (cf. como. ROM. 14: 1, 5). Por isso parece que o autor, como os serviços no templo continuavam e muitos cristãos de origem judia mostravam respeito pelos ritos e as cerimônias da lei mosaica, sentiu-se em liberdade para referir-se ao sistema como se ainda tivesse estado em vigência. Seu propósito era mostrar que algo melhor já tinha sido inaugurado.

Oferendas e sacrifícios.

Uma expressão genérica que abrange as diversas oferendas levíticas.

Não podem fazer perfeito.

O autor já tratou que a insuficiência do antigo sistema (ver como. cap. 7: 18-19).

Consciência.

Gr. sunéidesis (ver como. ROM. 2: 15). O adorador podia cumprir com todos os requisitos externos e entretanto não sentir paz nem ter a segurança de que tinha sido aceito Por Deus. Essa paz só podia encontrá-la por meio de sua fé pessoal em Cristo. Mas poucos obtinham esta elevadora experiência. A maioria dos judeus dependiam do minucioso cumprimento de uma multidão de regulamentos para ser aceitos Por Deus.

10.

Consiste.

Esta flexão verbal não está no texto grego; mas se usa em concordância com os tempos pressente do vers. 9 e para unir ou dar continuidade a ambos versículos.

Só.

destaca-se a natureza externa do sistema levítico.

Comidas e bebidas.

Uma referência às diversas comidas de cereais e libações da lei cerimonioso feijão (Exo. 29: 40-4l; Lev. 2: 1-15; 23: 13, 18, 37; Núm. 6: 15; etc.).

Diversas abluções.

Ver Mar. 7: 3-4, 8; cf. Exo. 29: 4; Lev. 11:25; Núm. 8:7; etc. Algumas das "abluções" serviam para ensinar higiene e limpeza pessoal, além das aplicações espirituais que poderiam ter tido. Mas aos regulamentos originais os judeus tinham acrescentado muitas outras que Deus nunca ordenou. Essas "abluções" foram ordenadas para que desempenhassem um papel importante na religião.

E regulamentos a respeito da carne.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão da conjunção "e"; em esta forma "regulamentos a respeito da carne" fica em aposto com "oferendas e sacrifícios" (vers. 9), ou possivelmente também com "comidas... bebidas... [e] abluções" (vers. 10). "Regulamentos" é literalmente "regulamentos" (cf. como. vers. l). "Carnais" tem aqui evidentemente o propósito de estabelecer um contraste com "espirituais". Os regulamentos carnais não puderam proporcionar satisfação espiritual. Seu cumprimento não fez que os homens fossem perfeitos quanto à consciência (vers. 9).

Impostas.

Gr. epíkeimai, literalmente "estar em cima", "ser imposto", "incumbir".

Tempo de reformar.

Literalmente "tempo de enderezamiento". Deste modo se mostra claramente que o sistema levítico era transitivo. Seus regulamentos preanunciaban a obra do Mesías e tinham o propósito de estar em vigência até sua vinda. A transição do sistema antigo ao novo pode ser chamada aqui uma "reforma" devido a que se abusou do sistema antigo (ver como. F. 2: 15).

11.

Mas... Cristo.

Agora apresenta a obra do supremo sacerdócio de Cristo para ser considerada, e mostra-se que é imensamente superior aos serviços que celebravam os supremos sacerdotes do santuário terrestre.

Estando já presente.

Gr. paragínomai, "vir", "chegar", "estar presente", "aparecer". O tempo verbal grego indica que a ação ocorreu no passado: "tendo vindo", ou "tendo aparecido". Aqui se apresenta a Cristo no momento em que é investido como supremo sacerdote do santuário celestial, coisa que já havia ocorrido.

Bens vindouros.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto "bens já aparecidos. Ambas as variantes têm sentido lógico. Com a frase "bens vindouros" se

reconheceria que o período quando Pablo escreveu era um momento de transição, e que o novo ainda não tinha substituído completamente ao antigo. Isto era especialmente certo quanto aos cristãos de origem judia (ver como. vers. 9). A tradução "bens que vieram" tomaria em conta o fato de que quando Jesus foi investido como supremo sacerdote 468 no céu, também se faziam pressentem os bens do novo pacto.

Por.

Gr. diá, "através de" (BJ, BA), "por meio do" (VM), "com". Esta preposição também tem outros significados. O contexto deve determinar o significado preciso. O contexto não favorece aqui a idéia de passar através de algo. Certos comentadores, apoiando-se nesta idéia, interpretam "tabernáculo" como os céus inferiores através dos quais passou Jesus em caminho ao céu; mas aqui não há razão suficiente para lhe dar a "tabernáculo" um significado diferente ao que lhe dá no cap. 8:2 (ver o comentário respectivo). Além disso, os céus inferiores são "desta criação". depois de tudo, a idéia de passar "através de" é só um dos vários significados de diá. A idéia instrumental é muito comum, e esse significado aqui -no sentido de "empregando"- é completamente lógico dentro do contexto. Por esta razão o passagem poderia traduzir-se: "Mas Cristo, tendo aparecido como supremo sacerdote de bens vindouros, empregando o mais amplo e mais perfeito tabernáculo,... entrou uma vez para sempre no lugar [ou 'lugares'] Santo(s)". Os sacerdotes levavam a cabo seus serviços no tabernáculo "feito de mãos"; mas Cristo cumpre com os seus em "o mais amplo e perfeito tabernáculo".

Poderia mencionar-se além outro ponto de vista. A maioria dos chamados "pais da igreja", tão gregos como latinos, sustentavam que a palavra "tabernáculo" se refere aqui ao corpo de Cristo, ou a sua humanidade. Davam a diá um significado instrumental; ensinavam que foi por meio da encarnação como Cristo foi preparado para seu ministério de supremo sacerdote. Este é um feito que o autor já destacou (ver com. cap. 5:7-9). Os que apóiam este ponto de vista fazem notar que Jesus falou do templo de seu corpo Juan 2: 2l) e que a palavra "habitou" no Juan 1: 14 literalmente é "morou em loja" (Gr. skenáo, cujo substantivo correspondente, skene, é a palavra que se traduz como "tabernáculo" no Heb. 9:11). Também citam outros textos para mostrar que faz-se referência ao corpo humano como a um "tabernáculo" (2 Cor. 5: 1, 4) ou "templo" (1 Cor. 6: 19). A principal objeção a este ponto de vista é que não parece concordar bem com o contexto. Introduz uma definição de "tabernáculo" que altera o uso uniforme consistente que lhe dá o autor a esta palavra, pelo menos até chegar a este ponto. Por isso é mais seguro lhe atribuir a "tabernáculo" uma definição que já se deu no contexto, especialmente porque não se encontra nenhuma dificuldade ao interpretar o passagem dessa maneira.

Mais amplo e mais perfeito.

Nenhum edifício terrestre pode representar a amplitude e a glória do templo celestial onde mora Deus (ver PP 37 l).

Tabernáculo.

Ver com. cap. 8: 2; cf. cap. 9: 24.

Não feito de mãos.

Quer dizer, não feito com mãos humanas. Os supremos sacerdotes terrestres atuavam

em templos feitos de mãos. Cristo, o grande Supremo Sacerdote, atua em um tabernáculo muito superior que "levantou" o Senhor (cap. 8: 2).

Não desta criação.

Possivelmente com o sentido de criação visível. "Não deste mundo" (BJ). Cf. com. ROM. 8: 19.

12.

Não por sangue de machos caibros nem de bezerros.

Quanto à parte que representavam os machos caibros e os bezerros nas oferenda pelo pecado no dia da expiação, ver Lev. 16: 59, 11-16.

Seu próprio sangue.

confirma-se assim a superioridade do ministério de Cristo. Já se demonstrou que sobressai porque se leva a cabo em um "mais amplo e mais perfeito tabernáculo" (vers. 11). Agora se demonstra sua superioridade porque o sangue necessária para seus serviços era a do Filho de Deus em contraste com o sangue de animais. Quanto ao significado do sangue de Cristo, ver com. ROM. 3: 25.

Uma vez.

Gr. efápax, "uma vez por todas" ou "para sempre" (cf. com. ROM. 6: 10). Cristo não precisa oferecer repetidos sacrifícios para continuar como supremo sacerdote no santuário celestial (Heb. 9: 24-26).

O Lugar Muito santo.

Gr. você hágia, "o santo", "os lugares Santos", "o santuário". Melhor é a tradução "santuário" (BJ, BC, NC, RVA). Ver Nota Adicional do cap. 8. O códice porfiriano (século IX) diz ta hágia tom hagíon, "santo dos Santos", mas a evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto lha hágia. depois de que Cristo teve devotado "seu próprio sangue" no Calvário e subido ao céu, entrou "dentro do véu" (ver com. cap. 6: 19; cf. Nota Adicional do cap. 10).

Tendo obtido.

Uma evidente referência à redenção que se obteve na cruz como se indica nos vers. 13-17. 469

Eterna.

Em contraste com as disposições transitivas do sistema levítico.

Redenção.

Gr. lútrosis, "resgate", "liberação", "redenção". Esta palavra aparece no NT só aqui e no Luc. 1: 68; 2: 38. A palavra afim lútron, "resgate", se acha no Mat. 20: 28 (ver o comentário respectivo); lutrotés, "libertador" ou "redentor" se encontra no Hech. 7: 35 (ver o comentário respectivo), e apolútrosis, que também significa "redenção", em ROM. 3: 24 (ver o comentário respectivo).

13.

Sangue dos touros.

Ver com. vers. 12.

Cinzas da becerra.

A respeito da purificação efetuada pelas cinzas da becerra, ver com. Núm. 19.

Orvalhadas aos imundos.

Ou "aos poluídos". Ver Núm. 19: 18.

Santificam.

Gr. hagiázo, "consagrar", "dedicar", "santificar", "desencardir". Este verbo parece ter aqui o significado de "desencardir como no Núm. 6: 11 na LXX; em a RVR se traduz "santificará".

Purificação da carne.

Em contraste com a limpeza das consciências (vers. 14). Destaca-se que os ritos levíticos eram externos. Proporcionavam pureza cerimoniosa, mas não um verdadeiro descanso espiritual da alma (ver com. cap. 3:1l). Cf. cap. 7: 11, 19.

14.

Quanto mais?

destaca-se a superioridade da oferenda de Cristo.

Sangue de Cristo.

Em contraste com o sangue de animais (cf. com. vers. 12).

Mediante o Espírito eterno.

O artigo não se encontra no texto grego o qual sugere, embora não prova, que não se está falando do Espírito Santo mas sim da natureza divina de Cristo, que é eterna. Enquanto ainda se achava em seu estado eterno, anterior a sua vida terrestre, Cristo se ofereceu para dar sua vida pelos seres humanos (Apoc. 13: 8).

A si mesmo.

Cristo se entregou a si mesmo como sacrifício voluntário. Tinha poder para dar sua vida, e tinha poder para tomá-la outra vez (Juan 10: 18).

Limpará.

Gr. katharízo, "fazer limpo", "limpar", "desencardir". Compare-se com o uso que tem no Hech. 10: 15; 15: 9; 2 Cor. 7: 1; F. 5: 26; Tito 2: 14; Sant. 4: 8; 1 Juan 1:7, 9. O fato de que o verbo esteja em tempo futuro sem dúvida tem

aplicação para aqueles a quem foi escrita a epístola, quem ainda não tinham participado plenamente da experiência que lhes aguardava no novo pacto (Heb. 8: 10-12; ver com. cap. 9: 9). Para muitos, o antigo sistema só tinha reportado pureza cerimoniosa; o novo pacto lhes oferecia limpeza total por meio do Jesus.

Consciências.

Ver com. vers. 9.

Obras mortas.

Ver como. cap. 6: L.

Para que sirvam.

O objeto da purificação é preparar para o serviço. Os homens e as mulheres são redimidos para que sirvam. A limpeza não é um fim em si mesmo, mas sim prepara aos que são limpos para que sirvam a Deus de tina maneira aceitável (ver como. ROM. 12: l)

Deus vivo.

Título corrente de Deus tanto no AT como no NT (Deut. 5: 26; Jos. 3: 10; Heb. 3: 12; etc.). Aqui parece haver-se utilizado em contraste com as "obras mortas". Os que servem ao Deus vivo produzem frutos vivos para justiça.

15.

Por isso.

Quer dizer, devido à eficácia do sangue de Cristo para limpar a consciência.

Mediador de um novo pacto.

O autor já apresentou a Cristo como "mediador de um melhor pacto" (ver como. cap. 8: 6). Quanto ao novo pacto, ver com. cap. 8:812.

Intervindo morte.

Melhor "tendo ocorrido morte". Uma referência à morte na cruz (cf com. cap. 2: 14).

Remissão.

Gr. apolútrosis (ver com. ROM. 3:24).

Sob o primeiro pacto.

Ver com. cap. 7: 22; 9: 16. Durante o sistema de sacrifícios se concedia o perdão dos pecados tendo em conta o sangue do Cordeiro de Deus que seria derramada. O sangue dos animais não tinha intrinsecamente poder para perdoar os pecados. Seu ofício era simbolizar a morte de Cristo pelos pecados do mundo. Se Jesus não tivesse dado sua vida, o perdão que se oferecia sob o primeiro pacto não tivesse tido nenhuma validez.

Chamados.

Ver com. ROM. 8: 28, 30.

Recebam.

A recepção da herança dependia do sacrifício de Cristo. Se ele não tivesse devotado sua vida, teria sido vã a esperança dos que estavam baixo o antigo pacto.

Herança.

Ver com. Gál. 3: 18.

16.

Testamento.

Gr. diatheke, palavra que pode significar "pacto", ou "testamento" como se faz antes de morrer (ver com. Heb. 7: 22; Gál. 3: 15). No Heb. 9: 15-18 se aplica este dobro significado. A "herança" mencionada no vers. 15 possivelmente sugira a idéia de um testamento, e a frase "intervindo 470 morte", possivelmente recorde que Cristo tinha morrido deixando uma herança, e que esta nos tinha sido deixada em um testamento.

É necessário.

Um testamento não tem nenhuma vigência enquanto viva o testador; este débito morrer para que então se faça efetivo.

17.

Pois não é válido.

destaca-se novamente o fato bem conhecido de que um testamento não tem vigência a não ser quando morre o testador.

18.

Primeiro pacto.

O autor está falando do pacto feito com o Israel no Sinaí (ver com. cap. 8: 7).

Foi instituído.

Gr. egkainízó, "inaugurar", "dedicar". Esta palavra só aparece aqui e no cap. 10: 20, onde o autor fala de um caminho novo e vivo que foi aberto, ou inaugurado.

19.

Tendo anunciado Moisés.

Quanto ao que aqui se refere, ver com. Exo. 24: 3-8.

Machos caibros.

Não são mencionados no Exo. 24: 3-8; ali só se especificam os animais oferecidos como sacrifícios de paz (Exo. 24: 5).

Água, lã escarlate e hisopo.

Estas coisas não se mencionam no Exo. 24: 3-8. Seu uso se menciona em outras ocasiões: Lev. 14 e Núm. 19. No relato de Êxodo não há nada que não admita os detalhes que acrescenta o autor de Hebreus.

Livro.

Não se menciona no Exo. 24: 3-8 que o livro fora orvalhado com sangue, mas isso bem poderia haver-se feito nas cerimônias que ali se descrevem.

20.

Dizendo.

A redação é aqui algo diferente a do Exo. 24:8, mas o pensamento general é o mesmo (ver a Nota 2, ao término do Mat. 3). Há uma notável similitude entre a linguagem de Hebreus e o de Cristo quando serve o vinho ao instituir o Jantar do Senhor (Mat. 26: 28).

21.

Orvalhou também com o sangue.

Este detalhe não se menciona no relato do AT, onde só se refere à unção com azeite (Exo. 40: 9-1l). Josefo descreve a consagração do tabernáculo, e fala de sangue orvalhado sobre o tabernáculo e sobre os utensílios pertencentes a ele (Antiguidades iII. 8.6). O autor de Hebreus confirma esta tradição.

22.

Quase tudo.

Havia certas exceções. Algumas costure eram limpas com fogo ou água, e não com sangue (Núm. 19; 31: 23-24).

Desencardido.

Gr. katharízo (ver com. vers. 14).

Segundo a lei.

A lei do Moisés (cf com. cap. 7: 12, 19).

Sem derramamento de sangue.

Cf. Lev. 17: 11. Mas em certas circunstâncias podia haver expiação pelos pecados com farinha em lugar de sangue (Lev 5: 11-13). Mas como régia general o ritual levítico exigia derramamento de sangue para a expiação.

Remissão.

Gr. áfesis, "perdão" (ver com. Mat. 26: 28). Quase sempre que se usa esta palavra no NT é seguida pelo substantivo "pecados". Afesis aparece só aqui e em Mar. 3: 29 sem indicar o que é o que se perdoa; evidentemente a palavra tácita é "pecados". A grande verdade que ensinava a prescrição de que era necessário o derramamento de sangue para o perdão, era que a salvação dos seres humanos exigia em seu devido momento a morte do Filho de Deus (cf. Mat. 26: 28). Cada sacrifício de animais antecipava o supremo sacrifício do "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Juan 1: 29).

23.

Pois.

Quer dizer, devido ao princípio geral estabelecido no vers. 22.

Figuras.

Gr. hupodeigma (ver com. cap. 8: 5). O tabernáculo do deserto e seus móveis eram uma representação das realidades celestiales que antecipavam a obra que faria nosso grande Supremo Sacerdote pelos pecadores.

Desencardidas.

Gr. katharízo, "limpar" (ver com. vers. 14).

Assim.

Quer dizer, com as coisas mencionadas nos vers. 18-22.

As coisas celestiales.

Gr. você epouránia, "o celestial", "as coisas celestiales". O autor está contrastando as coisas celestiales com as diversas coisas terrestres que já há mencionado. O término é genérico e poderia referir-se a algo relacionada com o serviço celestial de Cristo. A ênfase da passagem não se faz sobre o ato de limpar a não ser sobre a necessidade de uma limpeza por meio de um sacrifício melhor, ou seja: o sangue de Cristo.

O céu é um lugar de pureza, e por isso se discutiu muito entre os comentadores por que alguma coisa celestial precisava ser limpeza e o que foi o que desencardiu o sangue de Cristo. Alguns afirmam que é completamente impossível compreender o que quis dizer o autor; outros sugerem que a limpeza consistiu no apaziguamento da ira de Deus. Esta opinião deve rechaçar-se, pois revela uma incompreensão da natureza de 471 Deus e da expiação (ver com. ROM. 5: 10).

A dificuldade radica possivelmente em que se trata de levar muito longe a comparação do autor. A essência do que há dito é clara: está mostrando que o sacrifício de Cristo foi imensamente superior aos sacrifícios de animais. O sangue dos bezerros e os machos caibros limpava (Heb. 9: 22) relacionado-o com o santuário terrestre, o santuário do antigo pacto (vers. 1); mas o sangue de Cristo está intimamente relacionada com o serviço no "verdadeiro tabernáculo"(cap. 8: 2), o santuário do novo pacto (cap. 9: 11, 15). No primeiro caso se obtinha a pureza cerimoniosa; no segundo, a moral (ver com. vers. 13-14).

Cristo se apresentou "por nós ante Deus" (vers. 24). Vive "sempre

para interceder " por nós (cap. 7: 25). A razão pela que necessitamos que alguém se presente diante de Deus por nós e interceda por nós, é porque pecamos. Cristo "apresentou-se... pelo sacrifício de si mesmo para tirar de no meio o pecado" (cap. 9: 26). Agora está oferecendo a eficácia de sua expiação em favor do pecador. O resultado disto é a limpeza da consciência do pecador (vers. 14). A palavra que se traduz "limpará", é uma flexão do verbo katharízo, outra de cujas flexões se há traduzido "desencardidas" (vers. 23). Cf. 1 Juan 1: 9, aonde katharízo se há traduzido como "nos limpar". De modo que Jesus, como ministro do verdadeiro tabernáculo, apresentando-se ante Deus por nós e intercedendo por nós, está levando a cabo uma obra de limpeza, limpeza que se aplica aos pecados de todos os que se arrependem.

Mas Cristo faz além disso uma obra especial de limpeza do santuário celestial, que corresponde com o serviço que efetuava o supremo sacerdote no santuário terrestre no dia da expiação (ver com. Lev. 16). O profeta Daniel fala desta obra especial de Cristo: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; logo o santuário será desencardido [katharízo, LXX]" (Dão. 8:14). Quando se aplica o princípio de um dia por cada ano, este período termina em 1844 d. C. (ver com. Dão. 8: 14). Quando chegou esse ano, fazia muitos séculos que tinha desaparecido o templo terrestre, construído segundo o modelo das costure celestiales; portanto, esta referência (Dão. 8: 14) deve corresponder com o santuário do novo pacto, o "verdadeiro tabernáculo que levantou o Senhor, e não o homem" (Heb. 8: 2). Ver com. Dão. 8: 14.

Melhores sacrifícios.

Aqui se usa o plural para o único sacrifício de Cristo, possivelmente porque esse único sacrifício cumpriu cada um dos requisitos que simbolizavam os sacrifícios do sistema antigo.

24.

Santuário.

Gr. hágia (ver Nota Adicional do cap. 8). Aqui falta o artigo, mas o adjetivo neutro plural bem pode traduzir-se "santuário" ou "o santo".

Feito de mão.

Ver com. vers. 11.

Figura.

Gr. antítupos, "cópia", "figura", "imagem". "Antitipo" deriva desta palavra, embora usemos "antitipo" para expressar o que é anunciado pelo "tipo".* A palavra grega pode referir-se tanto ao original como à cópia. Este término grego aparece uma vez mais no NT (1 Ped. 3: 2l).

O céu mesmo.

"O mais amplo e mais perfeito tabernáculo, não feito de mãos" (vers. 11) se ajuste aqui com "o céu mesmo". "Nenhum edifício terrestre poderia representar a grandeza e a glória do templo celestial, a morada do Rei de reis onde milhares de milhares lhe servem e milhões de milhões estão diante dele (Dão. 7: 10), daquele templo cheio da glória do trono eterno, onde os serafines, seus guardiães resplandecentes, cobrem-se o rosto em seu

adoração" (PP 371).

Agora.

O autor põe de relevo o pensamento de que Cristo já está ministrando como supremo sacerdote, e precatória a seus leitores a que deixem de depender do antigo sistema levítico e desfrutem plenamente das gloriosas prerrogativas que dispensa o novo pacto (cf. com. vers. 9).

Por nós.

Ou "em favor de nós"; intercede por nós (cap. 7: 25). "Se algum tivesse pecado, advogado temos para com o Pai" (ver com. 1 Juan 2: l).

Ante Deus.

Em contraste com o supremo sacerdote do santuário terrestre (ver com. vers. 8), que só podia chegar até diante da manifestação da Deidade na glorifica sobre o propiciatorio (ver com. Gén. 3: 24), e isso só uma vez ao ano. 472

25.

Oferecer-se.

Cf. "seu próprio sangue" (ver com. vers. 12).

Muitas vezes.

O oferecimento voluntário de Cristo e sua entrada "no ciclo mesmo" (vers. 24) foram atos únicos, consumados uma só vez.

Como entra o supremo sacerdote.

Ver com. vers. 7.

O Lugar Muito santo.

Gr. você hágia (ver Nota Adicional do cap. 8). "Lugar Muito santo" é uma interpretação provável, embora o grego emprega o neutro plural, o qual pode referir-se tanto ao tudo, como a uma parte do santuário.

Sangue alheio.

Ou sangue não dela. apresenta-se um contraste entre a entrada do supremo sacerdote com a do Jesus, quem entrou "por seu próprio sangue" (vers. 12).

26.

De outra maneira.

Quer dizer, se a oferenda do Jesus só tivesse tido uma eficácia transitiva, como acontecia com as oferendas do sum sacerdote terrestre.

Padecer muitas vezes.

Sua encarnação e morte se tiveram que repetir muitas vezes.

Na consumação dos séculos.

Esta expressão se usa aqui como sinônimo de "estes últimos dias" (cap. 1: 2), e deve entender-se de acordo com a explicação que se dá para esta passagem.

apresentou-se.

Quer dizer, seu primeiro advento.

Uma vez para sempre.

Gr. hápax, "uma vez por todas".

Sacrifício de si mesmo.

Ver com. vers. 14.

Para tirar de no meio o pecado.

Cristo veio para salvar "a seu povo de seus pecados" (Mat. 1: 21). O era "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Juan 1: 29). Ver ISA. 53:6; 1 Ped. 2:24; cf. Dão. 9:24; Heb. 9:23.

27.

E da maneira.

Os vers. 27 e 28 são um parêntese. O tema do vers. 26 se reata no cap. 10: L.

Está estabelecido.

Gr apókeimai, "existir", estar guardado", "estar assegurado". Compare-se com o uso que lhe dá no Luc. 19: 20; Couve. 1: 5; 2 Tim. 4: 8. A menção de que Cristo morreu uma vez sugere, sem dúvida, o pensamento de que os homens morrem uma vez. Por causa do pecado do Adão, a morte passou a todos os homens (ROM. 5: 12).

Morram uma só vez.

Deus estabeleceu que os homens morram uma só vez antes do julgamento; mas isto não contradiz a idéia de que se o julgamento os condenar, tenham que morrer outra vez (Apoc. 20: 15).

depois disto o julgamento.

A morte não é o fim do homem. Um dia todos teremos que comparecer ante o tribunal de Cristo (ver com. 2 Cor. 5: 10). Este fato se menciona aqui aparentemente para mostrar um paralelo com a obra de Cristo, cuja primeira vinda não seria sua última, pois virá "pela segunda vez" (vers. 28).

28.

Foi devotado uma só vez.

A Bíblia diz que Cristo se deu a si mesmo (Gál. 1: 4), ou se ofereceu a si

mesmo (Heb. 9: 14), e que o Pai deu a seu Filho (Juan 3: 16); mas também diz que Cristo foi apressado, crucificado e morto por mãos ímpias (Hech. 2: 23).

Levar os pecados.

Ver com. Heb. 9: 26; cf. com. 2 Cor. 5: 2l.

De muitos.

Literalmente "dos muitos"; "a multidão" (BJ); "da multidão" (BC), o que equivale a "de todos" (NC; ver com. ROM. 5: 15).

Aparecerá.

Gr horáo; segundo o significado que aqui lhe dá, equivale a "fazer-se visível", "aparecer". Compare-se com o significado que tem no Luc. 24: 34, Hech. 7: 2, 1 Tim. 3: 16.

Segunda vez.

Sua encarnação foi sua primeira vinda. Este é o único texto do NT aonde usa-se o segunda adjetivo" para referir-se à vinda de Cristo em poder e glória.

Sem relação com o pecado.

Um contraste com a frase "para levar os pecados de muitos". Em seu primeiro advento Cristo tomou sobre si os pecados do mundo (cf. 1 Juan 2: 2); "por nós" foi feito "pecado, para que nós fôssemos feitos justiça de Deus nele" (2 Cor 5: 21); mas a obra que deveu fazer em relação com o pecado, completará-se antes de que volte pela segunda vez.

Esperam-lhe.

Gr. apekdéjomai, "esperar avidamente" (ver com. ROM. 8: 19).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 CS 465

1-5 CS 463

2-3 P 251 473

3-5 P 251

4-5 P 32

8-12 DTG 138

9 CS 465; HR 394; PP 370; PR 505

12 COES 124; CS 473; DTG 705; 1JT 485

13-14 1JT 485; TM 98

14 HAp 451

19-20 PP 321

21 PP 370

22 CS 470; HR 52; PP 58

22-23 CS 470

23 PP 370; PR 505

23-24 CS 465; HR 395; PP 356

24 CS 473, 536; HAp 452; PP 371, 384

28 CS 361, 539; DTG 390; PP 436; 5T 15

CAPÍTULO 10

1 A inferioridade dos sacrifícios da lei cerimoniosa. 10 O sacrifício do corpo de Cristo devotado só uma vez, 14 tirou para sempre os pecados. 19 Exortação a manter firmemente a fé com paciência e ação de obrigado.

1 PORQUE a lei, tendo a sombra dos bens vindouros, não a imagem mesma das coisas, nunca pode, pelos mesmo sacrifícios que se oferecem continuamente cada ano, fazer perfeitos aos que se aproximam.

2 De outra maneira cessariam de oferecer-se, pois os que coletam este culto, limpos uma vez, não teriam já mais conscientiza de pecado.

3 Mas nestes sacrifícios cada ano se faz memória dos pecados.

4 porque o sangue dos touros e dos machos caibros não pode tirar os pecados.

5 Pelo qual, entrando no mundo diz: Sacrifício e oferenda não quis; Mas preparou-me corpo.

6 Holocaustos e expiações pelo pecado não lhe agradaram.

7 Então disse: Hei aqui que venho, OH Deus, para fazer sua vontade. Como no cilindro do livro está escrito de mim.

8 Dizendo primeiro: Sacrifício e oferenda e holocaustos e expiações pelo pecado não quis, nem lhe agradaram (as quais coisas se oferecem segundo a lei),

9 e dizendo logo: Hei aqui que venho, OH Deus, para fazer sua vontade; tira o primeiro, para estabelecer isto último.

10 Nessa vontade somos santificados mediante a oferenda do corpo de Jesucristo feita uma vez para sempre.

11 E certamente todo sacerdote está dia detrás dia ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar os pecados;

12 mas Cristo, tendo devotado uma vez para sempre um só sacrifício por

os pecados, sentou-se à mão direita de Deus,

13 daí em adiante esperando até que seus inimigos sejam postos por estrado
de seus pés;

14 porque com uma só oferenda fez perfeitos para sempre aos santificados.

15 E nos testemunha o mesmo o Espírito Santo; porque depois de haver dito:

16 Este é o pacto que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor:

Porei minhas leis em seus corações, E em suas mentes as escreverei,

17 acrescenta:

E nunca mais me lembrarei de seus pecados e transgressões.

18 Pois onde há remissão destes, não há mais oferenda pelo pecado.

19 Assim, irmãos, tendo liberdade para entrar no Lugar Muito santo por
o sangue do Jesucristo,

20 pelo caminho novo e vivo que ele nos abriu através do véu, isto é, de
sua carne,

21 e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus,

22 nos aproximemos com coração sincero, em plena certeza de fé, desencardidos
os corações de má consciência, e lavados os corpos com água pura.

23 Mantenhamos firme, sem flutuar, a profissão de nossa esperança, fiel 474
é o que prometeu.

24 E nos consideremos uns aos outros para nos estimular ao amor e às boas
obras;

25 não de ando de nos congregar, como alguns têm por costume, a não ser
nos exortando e tão mais, quanto vêem que aquele dia se aproxima.

26 Porque se pecaremos voluntariamente depois de ter recebido o
conhecimento da verdade, já não fica mais sacrifício pelos pecados,

27 a não ser uma horrenda espera de julgamento, e de fervor de fogo que tem que
devorar aos adversários.

28 O que viola a lei do Moisés, pelo testemunho de duas ou de três testemunhas
morre irremisiblemente.

29 Quanto maior castigo pensam que merecerá o que pisoteasse ao Filho de Deus,
e tuviere por imunda o sangue do pacto na qual foi santificado, e hiciere
afronta ao Espírito de graça?

30 Pois conhecemos que disse: Minha é a vingança, eu darei o pagamento, diz o
Senhor. E outra vez: O Senhor julgará a seu povo.

31 Horrenda coisa é cair em mãos do Deus vivo!

32 Mas tragam para a memória os dias passados, nos quais, depois de haver sido iluminados, sustentaram grande combate de padecimentos;

33 por uma parte, certamente, com vituperios e tribulações foram feitos espetáculo; e por outra, chegaram a ser companheiros dos que estavam em uma situação semelhante.

34 Porque dos detentos também lhes compadeceram, e o despojo de seus bens sofreram com gozo, sabendo que têm em vós uma melhor e perdurável herança nos céus.

35 Não percam, pois, sua confiança, que tem grande galardão;

36 porque lhes é necessária a paciência, para que tendo feito a vontade de Deus, obtenham a promessa.

37 Porque ainda um poquito, E o que tem que vir virá, e não demorará.

38 Mas o justo viverá por fé; E se retrocedesse, não agradará a minha alma.

39 Mas nós não somos dos que retrocedem para perdição, mas sim dos que têm fé para preservação da alma.

1.

A lei.

Esta palavra se emprega aqui como no cap. 7:11: para descrever o sistema judeu de leis instituídas no Sinaí quase equivalente à expressão "aquele [pacto] primeiro", tal como o autor a usa (ver com. cap 8: 7). "Lei" ou "primeiro pacto" equivaliam ao sistema levítico, em vigência nos dias do a partir do Sinaí.

Sombra.

Uma sombra só projeta o contornos do original; portanto, não deve esperar uma similitude muito estreita entre a sombra e o objeto que a projeta "Sombra" se usa aqui em contraste com "imagem" (éikon), que indica uma representação muito mais precisa (ver com. 2 Cor. 4: 4 Apoc. 13: 14).

Bens vindouros.

Quer dizer, os que começariam com a vinda da realidade, ou seja Cristo.

Não a imagem mesma.

"Não a realidade" (BJ); "não a expressão real" (BC). Ver com "sombra".

Nunca.

Uma intensa ênfase sobre a incapacidade da "lei" para aperfeiçoar ao ser humano.

Mesmos sacrifícios.

Embora o que aqui s afirma se aplica aos sacrifícios diários, e evidente que se refere aos sacrifícios do dia da expiação. A razão pela qual

destacam-se os sacrifícios anuais é, conforme parece porque eram oferecidos por o supremo sacerdote, e Jesus é apresentado em Hebreus como o grande supremo sacerdote do novo e melhor pacto (cap. 8: 1; 9: 11). Cf. cap. 9: 25-26, onde se contrasta de novo a obra de Cristo com a do supremo sacerdote terrestre no dia da expiação.

Continuamente.

Gr. eis to dienekés, "sem interrupção", "continuamente", "para sempre". Os comentadores estão divididos e quanto a se esta frase adverbial corresponder com a flexão verbal "oferecem" ou com a frase "fazer perfeitos". A sintaxe sugere "oferecem sem interrupção"; mas ao comparar é versículo com o 14, se pode preferir "faz perfeitos para sempre", pois ali se diz que a única oferenda de Cristo fez perfeito "para sempre" (eis to dienekés) aos santificados. Os antigos sacrifícios tinham um valor temporário, serviam para instruir; mas de por si nunca tiveram o propósito de aperfeiçoar aos que rendiam culto. Era necessário repeti-los até o tempo quando chegasse a realidade com o sacrifício único de Cristo, feito "uma vez para sempre". 475

Perfeitos.

Ver com. cap. 7:18-19; 9: 9; 10: 14.

Os que se aproximam.

Ou participavam dos serviços do dia da expiação.

2.

Cessariam de oferecer-se.

Teriam cessado se pudessem ter feito o que consumou o sacrifício de Cristo: aperfeiçoar "para sempre" (vers. 14). Cristo fez frente ao problema do pecado "uma vez para sempre"; portanto, não havia necessidade de repetir seu sacrifício (cf. cap. 9: 25-26).

Limpos uma vez.

"Uma vez desencardidos" (BJ). Esta limpeza não se efetuou até que Cristo "se ofereceu a si mesmo" (cap. 9: 14). Foi então quando houve remissão para as transgressões cometidas sob o primeiro pacto (cap. 9: 15).

Não teriam já mais conscientiza.

Cf. cap. 9: 9. Os que rendiam culto nos tempos do AT podiam, no melhor dos casos, antecipar o momento quando se ofereceria o verdadeiro sacrifício pelo pecado. Sem essa fé seu culto era morto, só aparência.

3.

faz-se memória.

Os sacrifícios que se ofereciam ano detrás ano recordavam constantemente o fato de que o verdadeiro sacrifício pelos pecados ainda não se ofereceu.

4.

Não pode.

Já se destacou a incapacidade do sangue dos animais para tirar os pecados (cap. 9: 9-14).

5.

Entrando no mundo.

Ou seja na encarnação. apresenta-se a Cristo como se estivesse pronunciando as palavras do Sal. 40: 6-8 no momento de sua entrada no mundo. Aqui está claramente implícita a preexistência de Cristo.

Sacrifício e oferenda.

A afirmação de que Deus não queria "sacrifício e oferenda" sem dúvida se refere à apresentação desses sacrifícios só para cumprir com um requisito ritual, sem verdadeira consagração do coração. Foi Cristo quem instituiu o sistema de sacrifícios. Se se tivesse completo devidamente teria sido uma bênção para os adoradores sinceros, porque Deus não sente agrado com os sacrifícios dos adoradores descuidados (cf 1 Sam. 15: 22; Ouse. 6: 6).

Preparou-me corpo.

Assim traduz a LXX. Quanto ao texto hebreu e seu significado, ver com. Sal. 40: 6. O autor de Hebreus sem dúvida conhecia ambos os textos, e escolheu o da LXX. A redação da LXX destaca uma verdade muito significativa, e o uso de esse texto reforça a verdade que se acostumava, o qual não necessariamente respalda que essa tradução seja uma versão totalmente fiel ao texto hebreu.

Com referência ao significado que o autor dá a "corpo", ver com. vers. 10.

6.

Não lhe agradaram.

Ver com. vers. 5. O adorador não sincero acreditava que Deus se agradava muito com seus sacrifícios formais, externos.

7.

Venho.

Melhor "vim". A palavra parece expressar uma resposta imediata a uma situação que exigia remédio.

Para fazer sua vontade.

No contexto original estas palavras descreviam obediência moral à vontade de Deus. O autor de Hebreus as usa para mostrar que o sacrifício de Cristo tinha completo com a vontade de Deus ao proporcionar uma expiação aceitável, expiação que os sacrifícios de animais não tinham podido proporcionar. Continua ampliando este Ponto.

Cilindro.

Ver com. Sal. 40: 7.

8.

Primeiro.

Ou "mais acima". Faz-se referência aos vers. 5 e 6, já citados. A maior parte desses versículos se repete nos vers. 8 e 9.

Sacrifício e oferenda.

Ver com. vers. 5 e 6.

Segundo a lei.

Quanto a esta lei ver com. vers. 1.

9.

Para fazer sua vontade.

Ver com. vers. 7.

Tira o primeiro.

O primeiro autor citou Sal. 40: 5-7, depois repetiu a parte mais importante para o propósito que procurava (vers. 8 e 9), e agora faz sua aplicação. Usa esta passagem para provar que o antigo sistema tinha caducado quando Cristo veio para fazer a vontade de Deus, mais especificamente, para oferecer o sacrifício eficaz. Afirma que o antigo caducou, dizendo que Deus não se agradava nos sacrifícios oferecidos segundo a lei; destaca o estabelecimento do novo, afirmando que Cristo fez a vontade de Deus ao proporcionar o verdadeiro sacrifício. Cf. com. cap. 8: 13. O fato de que o sistema antigo fora obsoleto era um ponto difícil de aceitar por parte dos cristãos de origem judia. O autor de Hebreus está tratando de lhes provar que isto estava predito no AT, as Escrituras que eram consideradas como sagradas pelos que viviam sob o antigo sistema.

10.

Nessa vontade.

Possivelmente significa que ao cumprir-se essa vontade mediante o perfeito sacrifício de Cristo, somos santificados, ou que nessa vontade que entregou ao Jesus como sacrifício pelos homens, está incluída nossa 476 santificação (cf. 1 Lhes. 4: 3).

Somos santificados.

Ou "fomos santificados". O texto grego insinúa o pensamento de que fomos santificados e agora permanecemos em estado de santificação. A santificação se contempla aqui não do aspecto de um processo contínuo (para o qual, ver com. ROM. 6: 19), a não ser em términos de uma mudança radical do pecado à santidade e como uma continuação nesse estado. Este significado encontra-se em outras partes. Dirigindo-se aos crentes corintios, Pablo fala-lhes, por exemplo, como "aos santificados em Cristo Jesus" (ver com. 1 Cor. 1: 2); também lhes recorda que "já" hão "sido santificados" (1 Cor. 6: 11).

Oferenda do corpo.

Aqui se acha a aplicação que lhe dá o autor à declaração "amas me preparou corpo" (ver com. vers. 5). Cristo tomou um corpo humano, corpo que foi devotado (cf. com. cap. 2: 14); e por meio da oferenda desse corpo os homens obtiveram a santificação. Jesucristo "foi-nos feito Por Deus sabedoria, justificação, santificação e redenção (1 Cor. 1: 30).

Uma vez para sempre.

Não era nem é necessário que se repita o sacrifício de Cristo, pois proveu a verdadeira limpeza do pecado (cap. 9: 14). Não foi só uma "sombra" como o eram os sacrifícios da "lei".

11.

Está.

"Está em pé" (BJ); "de pé" (BA). Nesta expressão parece recalcar uma tarefa inconclusa; mas Cristo, por contraste, "sentou-se" (vers. 12), o qual significa que sua obra -no que corresponde a seu sacrifício tinha sido completada. A natureza contínua dos sacrifícios sacerdotais se destaca ainda mais com as frases "dia detrás dia" e "muitas vezes".

Tirar.

Ver com. vers. 4.

12.

para sempre.

Gr. eis to dienekés (ver com. vers. l). Aqui a tradução "para sempre" parece ser mais apropriada. Os benefícios desse único sacrifício foram de valor permanente.

Um Só sacrifício.

Em contraste com os muitos oferecidos pelos sacerdotes terrestres (vers. 11).

sentou-se.

Quer dizer, completou sua tarefa (ver com. vers. 11)

Mão direita de Deus.

Ver com. cap. 1: 3.

13.

Desde aí em adiante.

Gr. to loipón, "de agora em mais", "daqui em diante", "no futuro".

Esperando.

Agora se apresenta a Cristo como em espera do momento do triunfo final sobre todos seus inimigos.

Até que seus inimigos.

Alusão a Sal. 110: 1 (ver com. Heb. l: 13; cf. com. 1 Cor. 15: 24-28).

14.

Uma só oferenda.

Este pensamento se destaca repetidas vezes (ver com. vers. 10, 12).

Perfeitos.

O sacrifício único de Cristo obteve o que não era possível pelos contínuos sacrifícios dos sacerdotes, pois não podiam desencardir a consciência (ver com. cap. 9: 9, 14; 10: 2). Quando o pecador aceita por fé os benefícios disso único sacrifício, é aceito no Amado, é considerado como perfeito porque Cristo, seu substituto, ocupa seu lugar (ver com. ROM. 5: l; cf. DC 62).

para sempre.

Gr. eis to dienekés (ver com. vers. 1). Não significa que o homem uma vez que foi salvo já não pode cair da graça, pois o autor de Hebreus já há negado semelhante raciocínio (ver com. cap. 6: 46). A ênfase radica na eficácia contínua do sacrifício único de Cristo (cf. com. cap. 10: 10, 12).

Santificado-los.

A forma do particípio grego que aqui se usa é diferente da que se traduz "santificados" no vers. 10 (ver o comentário respectivo). O significado é "os que estão sendo santificados", entretanto, esta forma não implica necessariamente que o autor esteja falando agora da santificação como um processo contínuo. É improvável que tivesse usado a mesma palavra com um significado tão diferente em uma relação textual tão estreita. "Sendo santificados" usa-se aqui provavelmente para descrever a afluência contínua de novos crentes dentro da igreja cristã.

15.

Espírito Santo.

O testemunho das Escrituras se apresenta como o testemunho do Espírito Santo (ver com. 2 Ped. 1: 2l).

depois de haver dito.

Nesta passagem fica ênfase no perdão dos pecados (vers. 17-18). O vers. 16 simplesmente serve de introdução para mostrar que o novo pacto é que proporciona esse glorioso benefício.

16.

Este é o pacto.

Ver com. cap. 8: 10. A redação é diferente a do cap . 8: 10. O autor

possivelmente cita de cor a passagem, ou simplesmente pode ter eleito os pontos mais resaltantes da profecia do Jeremías, que são suficientes para o propósito que 477 agora está perseguindo,

17.

Nunca mais me lembrarei.

Ver com. cap. 8: 12. Os pecados podiam ser esquecidos agora, pois se havia devotado o supremo sacrifício expiatório, o qual não tinha acontecido sob o antigo pacto (ver com. cap. 10: 2).

18.

Remissão.

Gr. áfesis (ver com. cap. 9: 22).

Não há mais oferenda.

Ver com. vers. 1-2.

19.

Assim... tendo. Aqui começa uma nova seção. O autor resume brevemente suas conclusões, ou seja: que por meio do Jesucristo temos acesso direto a Deus, e deduz lições práticas para os cristãos de origem judia. Esta seção prática continua até o fim da epístola.

Irmãos.

Ver com. cap. 3: esta L. é a segunda vez que aparece esta maneira familiar de falar (ver cap. 3:12).

Liberdade.

Gr. parresía, "franqueza", "claridade para falar", "valor", "confiança", "ousadia", "intrepidez".

Para entrar.

Sob o antigo isto pacto era privilégio exclusivo do supremo sacerdote, e só uma vez ao ano (cap. 9: 7, 25). Agora cada crente tem livre acesso.

O Lugar Muito santo.

Aqui se emprega novamente a frase lha hágia, "os lugares Santos", nominação que se aplica ao santuário celestial (ver Nota Adicional do cap. 8).

Pelo sangue do Jesucristo.

Não como o supremo sacerdote terrestre, com o sangue de animais que não podia tirar os pecados (vers. 4), mas sim pelo sangue do sacrifício eficaz de Cristo, feito "uma vez para sempre".

20.

Novo.

Era novo no sentido de que não tinha existido antes. O antigo pacto não tinha esse "caminho". E também é novo porque sempre é original, sempre é eficaz.

Vivo.

Cristo vive "sempre para interceder por" nós (cap. 7: 25). O caminho novo se centra em uma pessoa que vive eternamente. é "o caminho, a verdade, e a vida" (Juan 14: 6). Está em agudo contraste com os sacrifícios mortos que se ofereciam sob o antigo ato.

Abriu-nos.

Gr. egkainízó, "inaugurar", "dedicar". Este caminho foi inaugurado pela morte de Cristo.

Véu.

Gr. katapétasma (ver com. cap. 6: 19). Os antigos comentadores geralmente tendiam que este véu representa o meio entrada; quer dizer, a porta pela qual se leiga à presença divina. Mas este "véu" parece usar-se aqui com o sentido de algo que oculta a presença divina. Esta interpretação parece concordar com o simbolismo do momento de véu do cap. 6: 19, e também com o significado da rasgadura do véu no a morte de Cristo (ver com. Mat. 27: 51). Essa rasgadura não só significou que o sistema de sacrifícios tinha chegado a seu fim, mas também que "tinha sido preparado para todos um caminho novo e vivente" (DTG 705).

Isto é, de sua carne.

"Carne" se refere à humanidade do Jesus (cf. cap. 5:7). O término abrange tudo o que esteve comprometido no primeiro advento de Cristo a esta terra, inclusive sua morte expiatório.

Pergunta-a que deve responder-se é esta: "Carne" acha-se em aposto com "véu" ou com "caminho"? Gramaticalmente qualquer dos dois casos é possível no texto grego, embora o segundo parece ser mais natural; entretanto, a interpretação da passagem é mais singela com a primeira relação' As opiniões dos comentadores estão divididas quanto a isto. Se "carne" está em aposto com "caminho", então a encarnação, a vida e a morte de Cristo se apresentam como o caminho através do véu até a presença de Deus. Neste caso o vers. 20 é simplesmente uma ampliação do vers. 19, aonde se apresenta "o sangue do Jesucristo" como o meio pelo qual temos entrada ao santuário celestial.

Se "carne" estiver em aposto com "véu", então significa que Cristo fez possível nossa entrada no santuário celestial quando passou pela experiência da encarnação (vers. 19). Não há problema com esta interpretação se não a força muito. Devem evitar-se comparações mais detalhadas entre "carne" e "véu"; por exemplo, que Cristo depois de passar por a humanidade já não possui mais sua natureza humana (ver com. Juan 1: 14), ou que a humanidade de Cristo atuou em um ou outro sentido como uma barreira que impede aos homens chegar a Deus.

Qualquer que seja o significado específico deste texto, o significado

general é claro. A maioria das dificuldades desta passagem se produzem quando se lê nele mais do que quis dizer o autor.

É bom notar que este é uma das várias passagens onde o autor de Hebreus recalca que, mediante Cristo Jesus, o homem tem acesso direto a Deus. Este parece ser o pensamento central de toda a mensagem do 478 livro de Hebreus. Devido ao sacrifico de Cristo em favor de nós, já não existe um velo entre nós e nosso Deus. Nossa esperança "penetra até dentro do véu, onde Jesus entrou por nós como precursor" (cap. 6: 19-20). "Não entro Cristo no santuário feito de mão..., a não ser no céu mesmo para te apresentar agora por nós ante Deus" (cap. 9: 24). O autor de Hebreus procura estabelecer a superioridade do ministério celestial de nosso Senhor sobre o ministério celestial de nosso Senhor sobre o ministério terrestre completo por sacerdotes terrestres. E como uma das melhores prova entrevista o glorioso feito de que não há um véu ou barreira entre nós e nosso Deus. Ver a Nota Adicional ao fim do capítulo; com. Êxodo 25: 9; Dão. 8: 14.

21.

Um grande sacerdote.

O autor reafirma o tema do livro de Hebreus: o sacerdócio de Cristo no santuário celestial (ver P. 404). Ver com. cap. 2: 17; 4: 14.

Casa de Deus.

Quer dizer, a igreja (ver com. cap. 3: 3-6).

22.

nos aproximemos.

Não é suficiente acreditar em Cristo e em seu ministério sacerdotal nos átrios celestiales. O crente sincero tem que fazer uso das facilidades que o céu proporcionou tão bondosamente e por meio das quais pode "alcançar misericórdia e achar graça para o oportuno socorro" (ver. com. cap. 4: 16). "Aproximar-se" equivale a íntima comunhão e participação.

Coração sincero.

Esta é primeira de quatro condições que se apresentam, e que deverão cumprir quem se beneficie com os méritos de nosso grande Supremo Sacerdote. que se aproxima com "coração sincero" faz-o sem fingimento, sem hipocrisia nem reservas de nenhuma classe. Compare-se com o íntegro coração" da ISA. 38: 3.

Plena certeza.

Os que se aproximam devem fazê-lo com uma fé firme no poder de Cristo para limpar a alma de pecado e repartir graça para viver a salvo do pecado. A dúvida e a incredulidade privam a uma pessoa da capacidade de valer-se a dos méritos redentores de Cristo. A importância da fé para uma experiência cristã viva constitui o tema que vai do cap. 10: 38 a 11: 40.

Fé.

Gr. pístis (ver com. cap. 11: 1).

Desencardidos os corações.

O ato de orvalhar às pessoas e a seus vizinhos era antigamente um símbolo de consagração a um serviço sagrado (cf. Lev. 8: 30; etc.). O pacto antigo foi ratificado, ou confirmado, orvalhando sangue (Heb. 9: 19.). Deste modo o que se aproxima de Cristo aceitará de todo coração as estipulações do novo pacto e consagrará-se à nova forma de vida que proporciona esse pacto.

Má consciência.

Ou seja o "velho homem" de ROM. 6: 6; F. 4: 22; Couve. 3: 9. Um coração novo substituiu ao velho, e se abandonaram os desejos carnais que antes motivavam a vida. Preponderam a mente e o amor de Cristo (ver com. 2 Cor. 5: 14; Fil. 2: 5).

Lavados os corpos.

Uma evidência externa que dá testemunho da transformação interna que se há efetuado. O rito do batismo proclama diante de todos a intenção de cada candidato de participar dos privilégios que seguem à conversão e de aceitar suas responsabilidades. Sobre o significado do rito do batismo, ver com. ROM. 6: 3-6.

Água pura.

A água é um fator de soma importância e valioso para a limpeza em geral, e é um símbolo adequado da eliminação dos pecados da vida.

23.

Mantenhamos firme.

Cristo e os escritores do NT destacam vez detrás vez a importância da paciência e a perseverança (ver Mat. 10: 22; 24: 13; Couve. 1: 23; etc.). Há perigo de que os que entraram na nova vida em Cristo cheguem a cansar-se "de fazer bem" (Gál. 6: 9), que deixem de aferrar-se das verdades eternas da Palavra de Deus. Ver com. Heb. 3: 6.

Sem flutuar.

"Flutuar" é o oposto a manter firme (ver com. Mat. 24: 13; cf. Heb. 4: 14; 10: 35-36). como resultado de "flutuar" no Cades-barnea, a geração de israelitas que saiu do Egito não pôde entrar na terra prometida. Seu flutuação foi o resultado da falta de fé (ver com. Heb. 3: 12, 18-19; 11: 1).

Profissão.

Ver com. cap. 3: 1.

Nossa esperança.

A esperança de salvação mediante Cristo (ver com. Tito 2: 13; cf. Heb. 3: 6; 6: 11, 18-19).

Fiel.

Deus é fiel em cumprir suas promessas: de liberação do Egito e de entrar em Canaán, de liberação do poder do pecado e de entrar nas bênções do poder do pecado e de entrar nas bênções da salvação em Cristo Jesus. Posto que Deus é fiel e não fluctúa no cumprimento de suas promessas, devemos ser fiéis e não "flutuar" ou vacilar nas aceitar. destaca-se a fidelidade de Cristo como nosso grande supremo sacerdote em cap. 3: 2, 5-6. 479

que prometeu.

O autor está pensando sem dúvida nas promessas feitas ao Abraham e a seus descendentes quanto à terra do Canaán (ver com. Gén. 15: 18; Heb. 4: 1); mas em sua mente prepondera a promessa de salvação mediante Jesucristo (cf. Juan 3: 16; ver com. Mat. 1: 21).

24.

Consideremos.

Este versículo poderia também traduzir-se: "Consideremos como nos animar uns a outros ao amor e as boas obras". Em lugar de fazer e dizer coisas que façam mais difícil que outros se mantenham firmes "sem flutuar (ver. 23), o verdadeiro cristão procurará ativamente animar a outros no amor e as boas obras. Esta é uma aplicação do grande princípio do amor para o próximo, que se reflete na segunda tabela do Decálogo (ver com. Mat. 5: 43-44; 22: 39). O sincero interesse pelo bem-estar temporário e eterno de outros, é a medida por a qual o céu determina a sinceridade do amor que o homem professa por Deus (ver com. 1 Juan 2: 9-11; 3: 10, 14).

Amor

Ver com. Mat. 5: 43-44.

Boas obras.

Quer dizer, o amor em ação, o amor expresso em atos de bondade e de misericórdia. Animamos a outros a que sejam bondosos e considerados se nós somos considerados e bondosos. Este exemplo é irresistível. Ver com. Sant. 1: 27; 2: 18.

25.

Não deixando.

Ou "não descuidando".

De nos congregar.

O autor aqui se refere às reuniões dos cristãos com o propósito de render culto e para animar-se mutuamente se celebravam nos lares dos crentes (ver T. VI. P. 48).

Alguns têm por costume.

É evidente que alguns descuidavam a comunhão com seus irmãos nas reuniões de culto e devoção, o qual os prejudicava. Sua maneira de obrar descuidava o conselho do vers. 24 de animar aos crentes "ao amor e as boas obras". devido à tensa situação política que havia quando se

escreveu Hebreus, alguns podiam haver-se ausentado pelo temor de incorrer em o desagrado das autoridades civis e possivelmente de ser castigados. Outros se ausentavam dos serviços religiosos por descuido e indiferença (ver os vers. 26 e 27).

nos exortando.

Ou "nos animando". As palavras de exortação animam a outros a manter-se firmes e a que sua fé permaneça "sem flutuar" (vers. 23). Os que estão firmemente estabelecidos na fé nunca devem esquecer que alguns de seus irmãos na fé podem estar passando por momentos de dúvida e desânimo. "Saber falar palavras ao cansado" (ISA. 50: 4), poderia ser o meio, na providência de Deus, para fazer voltar para um "pecador do engano de seu caminho", para salvar "da morte uma alma" e para cobrir "multidão de pecados" (Sant. 5: 20).

Quanto mais.

À medida que aumentassem as tribulações, dificuldades e perseguições, a exortação e o ânimo mútuos proporcionariam um benefício ainda maior. O perigo que ameaçasse a segurança pessoal, que poderia apresentar-se ao assistir aos cultos públicos, seriam ampliamente superado pelo valor e a fortaleza que infundiria a comunhão cristã.

Aquele dia.

Uma referência ao dia "de julgamento, e de fervor de fogo" (ver. 27), o dia quando "que tem que vir virá, e não demorará" (ver. 37). A expressão "vêem que aquele dia se aproxima sem dúvida se refere à admoestação de nosso Senhor em resposta à pergunta dos discípulos: "Quais serão estas coisas, e o que sinal terá que sua vinda, e do fim do mundo?" (Mat. 24: 3). A pergunta de os discípulos e a resposta de nosso Senhor abrange tanto a destruição de Jerusalém no ano 70 d. C. (ver pp. 403-404), é possível que o autor também estivesse antecipado os funestos acontecimentos deste ano; mas, como é evidente pelo contexto (ver especialmente Heb. 10: 27, 37), em primeiro lugar está pensando na segunda vinda de Cristo (ver a Nota Adicional de ROM. 13).

26.

Porque se.

Nos vers. 26-31 o autor explica mais plenamente a natureza da flutuação do vers. 23 e o estado mental dos que menciona no vers. 23 e o estado mental dos que menciona no vers. 25, quem era negligentes em assistir às reuniões estabelecidas para os crentes.

Pecarmos voluntariamente.

A flexão do verbo grego que se usa indica continuar pecando voluntariamente. "Se continuamos pecando deliberadamente" (BA). Como é evidente no contexto (ver vers. 29), não se está fazendo referência a feitos pecaminosos isolados, cometidos com pleno conhecimento de seu detestável caráter, a não ser à atitude mental que prevalece quando uma pessoa deliberadamente renuncia a Cristo, 480 rechaça a salvação e despreza ao Espírito Santo. Este é um pecado deliberado, persistente e desafiante: é uma reversão voluntária da decisão anterior de aceitar a salvação em Cristo e de lhe entregar o coração e a vida, uma apostasia premeditada que conduz ao

pecado imperdoável (ver com. Mat. 12: 31-32), um estado contínuo de rebeldia contra Deus.

depois de.

Todos os pecadores estão em realidade em estado de rebeldia contra Deus (ver com. ROM. 8: 7); mas, como Pablo o explicou aos atenienses, Deus tem em conta sua ignorância até que recebem o conhecimento da verdade (Hech. 17: 30). Deus não faz responsáveis aos homens pelas trevas em que vivem antes de que a luz brilhe em seus corações (ver Juan 15: 22; cf. Eze. 3:18-21; 18: 2-32; 33: 12-20; Luc. 23: 34; 1 Tim. l: 13). Deus ama aos pecadores, e por isso enviou a seu Filho para salvá-los (ver com. Juan 1: 45, 9-12; 3: 16; cf. Mat. 9: 13). Mas quando chega a luz e os homens preferem as trevas, condenam-se a si mesmos diante de Deus (Juan 3: 19), "e não fica mais sacrifício pelos [seus] pecados" (Heb. 10: 26; cf. Sant. 4: 17).

Conhecimento.

Gr. epígnosis, "pleno conhecimento" (BJ). As pessoas aqui incluídas estão plenamente conscientes dos resultados da conduta que escolheram.

Verdade.

A "verdade" sobre o amor do Pai pelos pecadores, como se revela no plano de salvação e na dádiva de seu Filho (cf cap. 2:1-3).

Não fica mais sacrifício.

A lei mosaica opinava pena de morte -não sacrifícios para os renegados persistentes (ver com. vers. 28) como o foram Nadab e Abiú (Lev. 10: 1-5), Coré, Datam e Abiram e seus 250 seguidores (Núm. 16: 1-35). O Senhor não houvesse aceito sacrifícios por ou a favor dessas pessoas pois os sacrifícios só tinham valor se representavam corações arrependidos.

27.

Horrenda espera.

"Uma terrível espera".

Julgamento.

Gr. krísis, "julgamento", com o sentido da execução da sentença, neste caso a sentença final, como é evidente pela expressão adicional "fervor de fogo" (ver com. Hech. 17: 3l; Heb. 9: 27).

Fervor de fogo.

Ou "fúria do fogo" (BJ); quer dizer, o fogo do último dia (2 Ped. 3: 7, 10-12; Apoc. 20: 9-15). Faz-se referência à intensidade do fogo, não à atitude divina que acha expressão no fogo (ver com. ROM. l: 18).

Devorar.

Ou "acabar", "consumir".

Os adversários.

Os pecadores deliberados e obstinados do vers. 26.

28.

Viola.Gr. athetéÇ, "negar-se a reconhecer", "rechaçar", "anular". Os que "desprezavam" a lei do Moisés o faziam atuando em aberta violação de seus preceitos. Desprezavam a autoridade da lei e desafiavam a jurisdição que tinha sobre eles.

Lei do Moisés.

faz-se referência a todo o código legal promulgado pelo Moisés sob a direção divina, particularmente como se registra no livro do Deuteronomio (cap. 31: 24-26).

Desde duas ou de três testemunhas.

No caso de um crime grave, por exemplo, um assassinato, Moisés estipulava que deviam concordar pela menos duas testemunhas quanto aos detalhes essenciais, antes de que pudesse pronunciar um veredicto de culpabilidade (Estréia. 17: 6; cf. com. Mat. 26: 60; ver T. V, P. 527). Esta estipulação misericordioso e sábia tinha o propósito de desalentar falsas acusações, e de assegurar que houvesse justiça. Este mesmo princípio é válido na atualidade.

Morre irremisiblemente.

Não havia possibilidade de apelação. Não havia uma corte superior que estendesse misericórdia. Não havia escapatória para o castigo que prescrevia a lei. Os apóstatas reconhecidos como tais, deviam morrer para que sua influência não se propagasse a outros.

29.

Maior castigo.

Ou "mais severo retribuição". A morte era o castigo mais severo possível baixo a lei do Moisés. Privava à pessoa da vida. Mas o "fervor de fogo que tem que devorar aos adversários" do Senhor (vers. 27) no último dia, privará aos desobedientes da vida eterna. Haverá uma ressurreição logo depois de a primeira morte, mas não depois da segunda e, portanto, a segunda morte será um "maior castigo".

Pensam ... ?

A verdade que aqui se expõe é muito mais enfática, pois se apresenta em forma de pergunta.

Merecerá.

A decisão do castigo depende do grande juiz do universo.

Pisotear.

Quer dizer, um desprezo deliberado (cf. Mat. 7: 6). Estas pessoas não só rechaçam a oferta de misericórdia de Cristo, mas sim não regulam esforços para fazer saber que menosprezam o oferecimento de Cristo. 481

Filho de Deus.

Ver com. Luc. 1: 35.

Tuviere por.

Quer dizer, considerasse.

Imunda.

Literalmente "comum". O que rechaça o amor de Deus não aprecia o valor supremo desse dom. Seu proceder está em agudo contraste com o do mercado de boas pérolas (ver Mat. 13: 45-46) e o do homem que descobriu um tesouro escondido no campo (vers. 44).

Sangue do pacto.

Quer dizer, o sangue de Cristo, pela qual se fazem efetivas as estipulações do novo pacto (ver cap. 9: 11 26).

Foi santificado.

Este apóstata professou uma vez aceitar a salvação por meio da graça expiatório de Cristo, que apreciava o que agora despreza; dessa maneira deu um testemunho inconsciente de que seu proceder atual não se deve a seu ignorância.

Hiciere afronta.

Gr. enubrízo, "insultar", "ultrajar". O rechaço persistente às insinuações do Espírito Santo reflete um desprezo por elas. A respeito das diversas formas em que os homens podem afrontar ao Espírito Santo e cometer o pecado imperdoável, ver com. Mat. 12: 31-32; F. 4: 30.

Espírito de graça.

O Espírito é o instrumento mediante o qual a graça de Cristo é aplicada a cada pecador arrependido.

30.

Vingança.

A entrevista é de Estréia. 32: 35. Ver com. ROM. 12: 19.

Eu darei o pagamento.

O Senhor "pagará a cada um conforme a suas obras (ROM. 2: 5-10; cf. Apoc. 22: 12). No grande dia do julgamento final, os que tenham desprezado a misericórdia de Deus e afrontado a seu Espírito, não poderão esperar misericórdia. Receberão plenamente seu castigo.

Julgará.

Entrevista de Estréia. 32: 36 que repete o pensamento do vers. 35.

31.

Horrenda coisa.

É espantoso imaginar o terror que sobressaltará aos pecadores quando compareçam ante a presença do Deus justo (cf. Apoc. 6: 14-17). Quanto mais espantoso será passar por essa experiência!

Cair em mãos.

Muitos esquecem que embora Deus é, sem dúvida alguma, "misericordioso e piedoso,... não terá por inocente ao malvado" (Exo. 34: 67). Os que desprezam a misericórdia de Deus nunca devem esquecer que "tudo o que o homem semear, isso também segará" (Gál. 6: 7).

Do Deus vivo.

Deus vive! Suas advertências de castigo não devem ser tomadas como puras

ameaças, parecidas com as que se pronunciam em nome de uma deidade pagã que não é mais que madeira ou pedra (ver ISA. 37: 19).

32.

Tragam para a memória.

O autor se dirige de novo a seus leitores, quem podia compreender o que ele queria lhes dizer se refletiam em sua experiência passada como cristãos.

Os dias passados.

Quer dizer, as experiências pelas que tinham acontecido pouco depois de seu conversão. Os leitores que em primeiro lugar foram tidos em conta no livro de Hebreus, eram judeus (ver pp. 403- 404). Como pode ver-se em vários passagens do livro dos Fatos, os judeus incrédulos perseguiram do principio a seus irmãos na carne que aceitavam o cristianismo.

depois de ter sido iluminados.

Iluminados pela luz do Evangelho.

Sustentaram.

"Tiveram que suportar" (BJ). Aqueles a quem se dirige o autor haviam suportado pacientemente perseguições e penalidades no passado, por que tinham agora que desanimar-se?

Combate.

Gr. áthelesis, "luta", "luta", "prova". depois de ter liberado um "grande combate", deveriam estar bem preparados para enfrentar-se às aflições pressente. A natureza deste "grande combate de padecimentos" continua explicando-se nos vers. 33-34.

33.

Por uma parte.

Ou "umas vezes" (BJ).

Vituperios.

Gr. oneidismós, "insulto", "injúria", "desonra".

Tribulações.

Ou "sofrimentos", inclusive possivelmente vicissitudes como ser deserdados, sofrer o ostracismo social e a privação dos meios para ganhá-la vida.

Feitos espetáculo.

Gr. theatrízo, "oferecer como espetáculo", "expor à vergonha".
Antigamente os criminosos eram expostos freqüentemente ao ridículo público, e depois eram executados em um circo ou teatro.

Companheiros.

Embora não tivessem sido perseguidos diretamente, tinham estado dispostos a participar dos "vituperios e tribulações" a que estavam submetidos seus irmãos. No versículo seguinte se cita um exemplo específico de seu companheirismo no sofrimento.

34.

Dos detentos.

Embora alguns manuscritos dizem "das prisões" e outros rezam "de meus prisões", a evidência textual favorece (cf P. 10) o texto da RVR.
devido às variantes do texto grego, não se sabe com 482 certeza se o autor refere-se especificamente a uma experiência pessoal anterior, ou se possivelmente se inclui entre os vários detentos que menciona coletivamente com "os que estavam" (vers. 33). Cf F. 3: 1, 2 Tim. 1: 8.

Compadeceram-lhes.

Literalmente "sofreram com". Esta compaixão sem dúvida incluía as visitas que recebeu Pablo enquanto estava na prisão e também alimento que lhe haviam levado para complementar a escassa ração do cárcere.

Despojo.

Ou "arrebatamento". Alguns tinham sofrido a confisco de suas propriedades e pertences pessoais.

Com gozo.

Ver com. Mat. 5: 12; Sant. 1: 2; cf. 1 Ped. 4: 13.

Sabendo que têm em vós.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a variante "sabendo vós mesmos que têm"; quer dizer, sabendo que vós têm.

Melhor.

Ou "preferível", "mais útil", "mais vantajosa".

Herança.

Ou "riqueza" (BJ), "posse".

Nos céus.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão destas palavras. As omitem a BJ, BA, BC e NC. Mas não pode haver dúvida de que a "perdurável herança" está "nos céus" (cf. Mat. 6: 19-2l).

35.

Não percam.

Como evidentemente acontecia a alguns (ver. 25). "Não perder" equivale a "manter-se firme" (vers. 23). Ver com. Mat. 24: 13; Heb. 3: 14.

Confiança.

Gr. parresía (ver com. cap. 3: 6).

Galardão.

O "galardão" da fidelidade é a vida eterna (ver com. ROM. 2: 6-7).

36.

Paciência.

A paciência é uma virtude positiva; significa perseverança, persistência e ação a pesar do cansaço, o desânimo e os obstáculos que possam interpor-se no caminho.

Fazendo a vontade de Deus.

Quanto à importância de fazer a vontade de Deus, ver com. Mat. 7: 21-27.

A promessa.

Quer dizer, o galardão prometido, a vida eterna. Assim como um atleta recebe o premio depois de uma atuação triunfante, assim também o cristão recebe "a promessa" depois de haver "feito a vontade de Deus". No livro de Hebreus "a promessa" refere-se especificamente ao que se chama o "repouso" de Deus e "a herança eterna" (cap. 4: l; 9: 15; cf. cap. 11: 13).

37.

Um poquito.

O grego denota pouquíssimo tempo; "um poquito, tantico, tantico" (BC). Ver Nota Adicional de ROM. 13.

que tem que vir.

Ou Aquele que prometeu voltar (Juan 14: 1-3). Cf. Luc. 21: 27; Sant. 5: 8.

Demorará.

Gr. jronízo, "passar tempo", "demorar". Cf. Hab. 2:3 (LXX), onde se usa o mesmo verbo grego. Pode parecer que as promessas de Deus demoram muito em cumprir-se, mas seu cumprimento é finalmente seguro.

38.

O justo.

A primeira parte do versículo é uma entrevista do Hab. 2: 4 (ver este comentário e o de ROM. 1: 17; cf. Gál. 3: 11). "O justo" deve viver "por fé" enquanto espera a prometida- vinda de Cristo; por fé deve suportar pacientemente os tempos difíceis que precederão ao advento do Senhor.

Se retrocedesse.

Quer dizer, se perder sua confiança (vers. 35).

Não agradará.

Os que "retrocedem" no caminho da fé nunca poderão esperar ouvir as palavras: "Bem, bom servo e fiel;... entra no gozo de seu senhor" (Mat. 25: 21).

Minha alma.

Uma expressão bíblica usual que significa "eu" (ver com. Sal. 16: 10).

39.

Nós não somos dos que retrocedem.

O autor inclui habilmente a todos seus leitores no grupo dos que viverão "por fé" (vers. 38). A admoestação dos vers. 23-36 sugere que alguns de eles estavam em perigo de retroceder "para perdição"; mas o autor despreza agora o pensamento de que em realidade algum deles retroceda.

Perdição.

Quer dizer, a destruição final (ver com. Juan 17: 12).

Preservação.

Gr. peripóiesis, "aquisição", "conservação". Ver com. F. l: 14, aonde peripóiesis se traduziu "posse adquirida".

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 10

Na Bíblia repetidas vezes se faz referência ao grande plano que Deus ideou para a salvação dos seres humanos, plano que tem como centro e fundamento O sacrifício de nosso Senhor no Calvário e seu ministério no céu por nós. Quando Deus chamou um povo escolhido como dele, uma de seus primeiras revelações a esse povo foi sobre o plano de salvação. Deus

instruiu ao Moisés 483 para que lhe construíra um santuário a fim de poder habitar "em meio deles" (ver com. Exo. 25: 8). Esse santuário estava dividido em dois compartimentos (ver com. Exo. 26: 31-37), em cada um dos quais se colocaram certos móveis muito importantes. No primeiro compartimento estavam a mesa dos pães da proposição, o castiçal de sete braços e o altar do incenso; cada dia se celebravam ali determinados serviços. No segundo compartimento estava o arca do pacto, e nesse lugar se celebrava só um serviço no dia cúpula do ciclo anual: o dia de a expiação. Em relação com os serviços que se celebravam em ambos compartimentos, ofereciam-se sacrifícios de animais e se derramava seu sangue (ver T. I, pp. 710-723).

Este santuário foi feito de acordo com um "modelo" que foi mostrado a Moisés "no monte" (Exo. 25: 40; ver com. Exo. 25: 9; Hech. 7: 44). No céu se acha o original, do qual o santuário terrestre era uma "sombra" (ver com. Heb. 8: 5; 9: 23). O apóstolo Juan, a quem lhe foram reveladas repetidas vislumbres proféticas do céu, diz que "foi aberto no céu o templo do tabernáculo do testemunho" (ver com. Apoc. 15: 5). Nesse templo viu em visão celestial o "arca" (cap. 11: 19), e também o altar do incenso (ver com. cap. 8: 3). Pablo, o autor de Hebreus, fala de nosso "supremo sacerdote" no céu (Heb. 3: 1; 9: 24), quem se sacrificou "uma vez para sempre" e derramou seu sangue em favor dos pecadores que se arrependam (ver com. cap. 9: 24-26; 10: 12).

Por estas e outras passagens que poderiam citar-se é evidente que o santuário terrestre com seus dois compartimentos e seu ciclo de serviços, é uma "sombra" ou bosquejo da obra de Cristo pelos pecadores no Calvário e no céu.
É muito provável que possamos falar com mais segurança a respeito dos serviços do santuário que de qualquer outro aspecto do que Deus tem feito para relacionar-se com o homem, porque ali se apresenta diante de nós, tão fielmente como podem fazê-lo-os símbolos do santuário terrestre, o grande original que se acha no ciclo.

Por isso nos ensina o santuário terrestre podemos deduzir certas conclusões sobre o celestial. O ministério terrestre não podia começar até que o sacerdote não tivesse devotado um sacrifício; Cristo começou seu obra como nosso supremo sacerdote no santuário celestial depois de oferendar-se a si mesmo. O santuário terrestre tinha duas fases ou etapas que se levavam a cabo em seus dois compartimentos ou divisões; o celestial tem também essas duas etapas. O serviço do santuário terrestre se desenvolvia em sua primeira etapa e compartimento até que chegava o dia mais solene de todos: o dia de expiação. O serviço do santuário celestial esteve vinculado com a primeira etapa até esse dia, já perto do fim do IA historia da terra, quando nosso grande supremo sacerdote entrou na segunda fase ou etapa de seu ministério sacerdotal. A profecia de Dão. 8: 14 (ver comentário respectivo) e a de Dão. 9: 25, mostram-nos que Cristo começou essa segunda fase em 1844.

Entretanto, como se tem feito notar no comentário do Exo. 25: 9, é vão especular quanto às dimensões, a aparência exata, ou a disposição precisa do santuário celestial, pois "nenhum edifício terrestre poderia representar a grandeza e a glória do templo celestial" (PP 371). O homem é a "imagem de Deus" (Gén. 1: 27), e entretanto só Cristo é "a mesma imagem de sua substância" (Heb. 1: 3). O santuário terrestre foi feito conforme ao modelo celestial; era, pois, uma vívida representação dos diferentes aspectos do ministério de Cristo em favor do homem cansado (PP 371). Podemos falar corretamente do "lugar santo" e do "lugar muito santo" do santuário

celestial, pois ao fazê-lo usamos a linguagem e os símbolos do santuário terrestre (Exo. 26: 33-34) para entender, da melhor maneira possível, a verdade concernente ao santuário celestial. Mas ao nos apoiar no que conhecemos do terrestre, não devemos permitir que nenhum tipo de perplexidade na compreensão do santuário celestial opaque em nossa mente as grandes verdades ensinadas por essa "sombra" terrestre, uma das quais é que o ministério de Cristo em nosso favor se leva a cabo em duas fases ou em "duas grandes divisões", empregando as palavras da Elena G. do White (PP 371). Esta verdade é vital para a devida compreensão da obra de nosso grande supremo sacerdote. Para um estudo mais completo deste tema, podem lê-los comentários dos textos citados.

A Epístola aos Hebreus tráfico da obra de Cristo como nosso supremo sacerdote. Em certos casos, por exemplo o cap. 9, Pablo fala de dois compartimentos do tabernáculo terrestre e lhe dá certa aplicação ao ministério 484 de Cristo no céu. portanto, este libero vezes foi o centro de uma discussão teológica quanto à interpretação das palavras do Pablo a respeito de dito tema, particularmente quanto a se insígnia que há dois compartimentos no santuário celestial, ou "dois grandes divisões" do ministério sacerdotal de Cristo.

Este Comentário sustenta firmemente que o ministério celestial de Cristo se leva a cabo em "duas grandes divisões", ou empregando o simbolismo das Escrituras, no "lugar santo" e depois no "lugar muito santo" do santuário celestial (ver especialmente com. Exo. 25: 9; Dão. 8: 14); mas considera que não tem que buscar-se no livro de Hebreus uma apresentação definitiva deste assunto.

Os primeiros cristãos de origem judia estavam muito perplexas com o problema de se deviam participar ou não nos serviços realizados no santuário terrestre, que eles e seus antepassados tinham considerado durante mil e quinhentos anos como centro e fundamento da verdadeira vida religiosa (ver T. VI, pp. 32-35), Pablo procura mostrar por meio de uma série de paralelos e de contrastes, que já não deviam consagrar sua lealdade e dedicação ao santuário terrestre porque Deus já tinha estabelecido aquilo do qual o terrestre não era a não ser uma "sombra" (ver a Introdução a Hebreus, pp. 404-407), onde há uma ampla lista desses paralelos). Por exemplo, o autor de Hebréias fala do sacerdote imortal do céu, comparado com os sacerdotes mortais da terra (ver com. Heb. 7: 23-24, 28), do sacrifício incomparável de Cristo em contraste com o sacrifício de animais (ver com. cap. 9: 11-14, 23-26; 10: 11-14); e chega à grandiosa conclusão de que agora há um "tão melhor ministério" (ver com. cap. 8: 6) ao alcance dos filhos de Deus. Já não precisamos recorrer mais a sacerdotes terrestres para apresentar ante Deus nossas súplicas em busca de perdão. Nós podemos agora ir direta e confidencialmente ao trono da graça em virtude de nosso grande supremo sacerdote celestial (ver com. cap. 4: 14-16; 10: 19-22).

Pablo tinha que estabelecer esta verdade fundamental da imensa superioridade do santuário celestial, para persuadir aos cristãos de origem judia a apartar para sempre sua atenção dos sacerdotes e do santuário terrestre para fixá-la no grande Sacerdote e no santuário celestial. Pablo concentra sobre esta verdade seu apaixonado tema sobre o santuário. Este Comentário sustenta que se as declarações do Pablo em Hebreus se comparam com outros passagens bíblicas que tratam mais ampliamente com as "duas grandes divisões" do serviço do santuário, aparece nitidamente um quadro bíblico muito completo quanto à natureza e a preeminencia do ministério de Cristo por nós como supremo sacerdote.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-39 7T 40

5-7 DTG 14

7 DGT 705; 1JT 484

16 DC 60; DMJ 47

19-20 FÉ 309 21 DGT 36

21-22 1JT 484

22 MeM 133; TM 515 23 1JT

23 HR 257; 5T 630; 7T 274

25 CRA 55; FV 248; 3JT 31

26-27 PP 429, 554; TM 97

27 DC 22; DMJ 26

29 CS 659; FÉ 434; 3JT 310; IT 429; TM

31 PP 339; 3TS 385

32 CS 43; HR 336; 3JT 30; 8T 113

32-33 3T 319

35 CS 460; ECFP 118; 2JT 222; MJ 109; 2T 509

35-37 3JT 434; PR 541; PVGM 140

35-39 CS 459; HR 392; P 25

37 3JT 281; 5T 485

37-38 CS 459

38 DC 69; 4T 237; TM 424

38-39 5T 693 485

CAPÍTULO 11

1 O que é a fé. 6 Sem fé é impossível agradar a Deus. 7 As obras dignas, fruto da fé, dos antigos patriarcas.

1 É, POIS, a fé a certeza do que se espera, a convicção do que não se vê.

2 Porque por ela alcançaram bom testemunho os antigos.

3 Pela fé entendemos ter sido constituído o universo pela palavra de
Deus, de modo que o que se vê foi feito do que não se via.

4 Pela fé Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício que Caín, pelo qual
alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho de suas oferendas; e
morto, ainda fala por ela.

5 Pela fé Enoc foi transposto para não ver morte, e não foi achado, porque o
transpôs Deus; e antes que fosse transposto, teve testemunho de ter agradado
a Deus.

6 Mas sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que o que se
aproxima de Deus cria que lhe há, e que é galardonador dos que lhe buscam.

7 Pela fé Noé, quando foi advertido Por Deus a respeito de coisas que ainda não se
viam, com temor preparou o arca em que sua casa se salvasse; e por essa fé
condenou ao mundo, e foi feito herdeiro da justiça que vem pela fé.

8 Pela fé Abraham, sendo chamado, obedeceu para sair ao lugar que tinha que
receber como herança; e saiu sem saber aonde ia.

9 Pela fé habitou como estrangeiro na terra prometida como em terra alheia,
morando em lojas com o Isaac e Jacob, coherederos da mesma promessa;

10 porque esperava a cidade que tem fundamentos, cujo arquiteto e
construtor é Deus.

11 Pela fé também a mesma Sara, sendo estéril, recebeu força para
conceber; e deu a luz até fora do tempo da idade, porque acreditou que era
fiel quem o tinha prometido.

12 Pelo qual também, de um, e esse já quase morto, saíram como as
estrelas do céu em multidão, e como a areia inumerável que está à
borda do mar.

13 Conforme à fé morreram todos estes sem ter recebido o prometido, a não ser
olhando-o de longe, e acreditando-o, e saudando-o, e confessando que eram
estrangeiros e originais sobre a terra.

14 Porque os que isto dizem, claramente dão a entender que procuram uma pátria;

15 pois se tivessem estado pensando naquela de onde saíram, certamente
tinham tempo de voltar.

16 Mas desejavam uma melhor, isto é, celestial; pelo qual Deus não se
envergonha de chamar-se Deus deles; porque lhes preparou uma cidade.

17 Pela fé Abraham, quando foi provado, ofereceu ao Isaac; e o que havia
recebido as promessas oferecia seu unigénito,

18 havendo lhe dito: No Isaac te será chamada descendência;

19 pensando que Deus é capitalista para levantar até de entre os mortos, de
onde, em sentido figurado, também lhe voltou a receber.

20 Pela fé benzeu Isaac ao Jacob e ao Esaú respeito a coisas vindouras.

21 Pela fé Jacob, ao morrer, benzeu a cada um dos filhos do José, e adorou apoiado sobre o extremo de seu estribilho.

22 Pela fé José, ao morrer, mencionou a saída dos filhos do Israel, e deu mandamento a respeito de seus ossos.

23 Pela fé Moisés, quando nasceu, foi escondido por seus pais por três meses, porque lhe viram menino formoso, e não temeram o decreto do rei.

24 Pela fé Moisés, feito já grande, recusou chamar-se filho da filha de Faraó,

25 escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus, que gozar dos deleites temporários do pecado,

26 tendo por maiores riquezas o vituperio de Cristo que os tesouros dos egípcios; porque tinha posta o olhar no galardão.

27 Pela fé deixou ao Egito, não temendo a ira do rei; porque se sustentou como vendo o Invisível.

28 Pela fé celebrou a páscoa e a aspersão do sangue, para que o que destruía aos primogênitos não os tocasse a eles.

29 Pela fé passaram o Mar Vermelho como, 486 por terra seca; e tentando os egípcios fazer o mesmo, foram advogados.

30 Pela fé caíram os muros do Jericó depois de rodeá-los sete dias.

31 Pela fé Rahah a rameira não pereceu junto com os desobedientes, tendo recebido aos espiões em paz.

32 E que mais digo? Porque o tempo me faltaria contando do Gedeón, do Barac, do Sansón, do Jefté, do David, assim como do Samuel e dos profetas;

33 que por fé conquistaram reino, fizeram justiça, alcançaram promessas, tamparam bocas de leões,

34 apagaram fogos impetuosos, evitaram fio de espada, tiraram forças de debilidade, fizeram-se fortes em batalhas, puseram em fuga exércitos estrangeiros.

35 As mulheres receberam seu mortos mediante ressurreição; mas outros foram atormentados, não aceitando o resgate, a fim de obter melhor ressurreição.

36 Outros experimentaram vituperios e açoites, e a mais disto prisões e cárceres.

37 Foram apedrejados, serrados, postos a prova, mortos a fio de espada; andaram daqui para lá talheres de peles de ove . ás e de cabras, pobres, angustiados, maltratados;

38 dos quais o mundo não era digno; errando pelos desertos, pelos Montes, pelas covas e pelas cavernas da terra.

39 E todos estes, embora alcançaram bom testemunho mediante a fé, não receberam o prometido;

40 provendo Deus alguma coisa melhor para nós, para que não fossem eles aperfeiçoados além de nós.

1.

Fé.

Gr. pístis, "fé", "esperança", "confiança"; também "fidelidade", "confiabilidade". Pístis pode significar uma atitude mental ou uma conduta fiel que é o produto de uma atitude de fé. Os dois matizes de significado -fé e fidelidade- estão intimamente ligados em todo o capítulo, pois em cada exemplo de fé que se cita, uma atitude de fé foi o que induziu a atos fiéis. A ênfase se faz nos fatos fiéis.

O capítulo 11 ilustra ampliamente o princípio que se apresenta em forma mais breve no cap. 10, especialmente nos vers. 35-39: que a fé e a fidelidade são a necessidade suprema dos que esperam a vinda do Senhor. Existe o perigo de que alguns percam sua confiança porque o Senhor demora sua vinda. Para estes é necessária a paciência" a fim de que possam viver "pela fé". Nenhum dos personagens exemplares que se mencionam nesta lista "receberam prometido-o" (cap. 11: 39); só o viram "de longe" (vers. 13). Sem embargo, "todos estes... alcançaram bom testemunho mediante a fé". Mas agora dentro de "um poquito, e o que tem que vir virá, e não demorará" (cap. 10: 37). Se esses dignos personagens dos séculos passados acreditavam tão plenamente nas promessas, embora estavam 'longe de seu cumprimento (cap. 11: 13), nós que temos que as ver cumpridas dentro de "um poquito", não devêssemos ser também pacientes e fiéis?

Certeza.

Gr. hupóstasis, "natureza substancial", "essência", "ser real", "garantia", e em um sentido mais amplo como aqui, "segurança confiada". Compare-se com a palavra arrabón, "penhor" (ver com. 2 Cor. 1: 22). A fé cega não existe. A fé genuína sempre descansa sobre a firme "substância" subjacente de uma suficiente evidencia que garante a confiança no que ainda não se viu. Hupóstasis se usava nos papiros antigos para referir-se aos documentos legais por meio dos quais uma pessoa demonstrava que uma propriedade era dela. Os documentos não eram a propriedade; só demonstravam sua existência e seu direito a ela. portanto, hupóstasis poderia traduzir-se aqui como "título de propriedade": "a fé é o título de propriedade..."

O cristão considera por fé que já possui o que lhe foi prometido. Seu plena confiança naquele que tem feito as promessas não deixa lugar para incerteza alguma quanto a seu cumprimento ao seu devido tempo. Pelo tanto, a fé capacita ao cristão não só para pedir as bênçõe prometidas a não ser para as receber e desfrutar delas agora. A herança prometida se converte desse modo em uma posse presente. Os bens vindouros não deixam de ser só um sonho que se cumprirá no futuro, a não ser viventes realidades pressente. Para o olho da fé se faz visível o que de outra maneira é invisível.

O que se espera.

Quer dizer, a herança prometida que possuirão os Santos quando Cristo venha.

Convicção.

Gr. élegjos, que aqui significa "prova" (BJ, NC, VM); "argumento" (BC). " fé não é uma crença abstrata de que existe uma evidência, a não ser uma segurança estabelecida, apoiada na convicção de que Deus cumpre suas promessas. Pode ser que nunca tenhamos visto a dínamo que produz a eletricidade que usamos, mas estamos seguros de que a presença da eletricidade é evidência suficiente da existência da dínamo. Assim também devemos acreditar que nossa energia física, mental e espiritual é uma prova da existência de uma Fonte Sobrenatural de vida e poder. Mas a fé não deve confundir-se com credulidade, pois a fé se reforça em certa medida com a evidência (ver com. cap. 12: l).

O que não se vê.

Ou seja "o que se espera": a herança prometida.

2.

Alcançaram bom testemunho.

Ou "deu-se testemunho deles", "foram creditados", "foram passados"; "mereceram testemunho favorável" (BC). A fé de "os antigos" induziu-os a observar uma conduta fiel, a qual a sua vez creditou a realidade de sua fé. Seu fé lhes granjeou a aprovação divina. Possivelmente nos perguntemos como alguns dos que se mencionam neste capítulo puderam alcançar "bom testemunho". Se em esta lista só se incluíram heróis da fé impecáveis, o relato proporcionaria muito pouco ânimo para a pessoa comum. Se quem estiver submetidos "a paixões semelhantes às nossas" (Sant. 5: 17) puderam alcançar "bom testemunho", há toda a razão para acreditar que até os mais fracos dos filhos de Deus podem fazer outro tanto.

3.

Pela fé.

Ou "por meio da fé", como acontece no resto do capítulo.

O universo.

Gr. aion , "século", "idade", "mundo", geralmente considerado do ponto de vista do tempo. Aqui aparece em plural idades ou mundos sugiriendo a criação inteira através dos tempos.

Pela palavra de Deus.

Ver como. Gén. l: 3; cf. Sal. 33: 6, 9. Quanto ao fíat da criação em contraste com a evolução, ver T. L. pp. 50-74.

O que se vê.

Quer dizer, o mundo natural da terra, o mar e o céu atmosférico, junto com seus diferentes forma de vida.

Foi feito.

Deus não dependeu de matéria lhe preexistam. Mediante seu omnímodo poder Deus fez

aparecer a matéria, e depois por meio desse mesmo poder repartiu vida aos seres formados com ela. Antes do amanhecer da chamada Era Atômica, um de os primeiros postulados da ciência era que a matéria é eterna, que não pode ser criada nem destruída; mas os cientistas declaram agora que a matéria e a energia são intercambiáveis. Então, porquê parece estranho que um Deus todo-poderoso pudesse criar a matéria que ainda não existia?

O que não se via.

O mundo e tudo o que há nele foi feito de um nada, mediante a ação de um poder infinito.

4.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Abel.

O registro do caso do Abel se encontra no Gén. 4: 3- 10.

Alcançou testemunho.

Ou "deu-se testemunho de que era justo" (ver com. vers. 2). Abel recebeu por a fé a promessa de um Redentor Sua oferenda não tinha em si valor expiatório, mas sua fé na promessa o induziu a apresentar o sacrifício que Deus havia ordenado. Deus aceitou suas "oferendas" como evidência de sua fé.

Dando Deus testemunho.

Deus aceitou a "oferenda" do Abel e rechaçou a do Caín. A diferença radicava não só no caráter das oferendas mas também também no caráter e a atitude dos oferentes, o que se refletia nos sacrifícios que apresentaram (ver PP 58-59).

Ainda fala.

A fé do Abel deu um testemunho vivo através dos séculos. Havia poder na fé do Abel que o induziu a cumprir com o proceder que Deus havia ordenado, e a poderosa influência de sua fé perdura até hoje; "ainda fala".

5.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Enoc.

Ver com. Gén. 5: 22.

Transposto.

"Transladado" (BJ, BC, NC). O autor não quer dizer que Enoc tinha fé em que Deus o transladaria, mas sim foi transladado como resultado de sua fé e seu fidelidade; ele agradou "a Deus". A inspiração diz que só Enoc e Elías

foram transladados sem ver a morte.

Enoc tinha, segundo a cronologia sagrada, um pouco mais de 300 anos de idade quando morreu Adão (ver o quadro do T. 1, P. 195). Para os que eram fiéis a Deus, a morte do Adão teve que ter projetado uma sombra de incerteza sobre o futuro; pois apesar de sua vida de arrependimento e piedade, morreu como morre todo pecador Deus, para limpar a nuvem de incerteza que se abatia sobre o futuro e dar a seus filhos fiéis 488 os a segurança de que seria recompensada sua vida de fé, transladou ao Enoc, o sétimo patriarca a partir de Adão. Deus demonstrou no caso do Adão que "o pagamento do pecado é morte"; com Enoc, que "a dádiva de Deus é vida eterna" (ROM. 6: 23). A translação de Enoc provou que embora o pecado separa ao homem de Deus, aberto-se um caminho para evitar essa separação e o homem pode voltar para Deus. Esse caminho é o atalho da fé.

Enoc é um símbolo dos da última geração que serão transladados sem experimentar a morte. Enoc se converteu em amigo de Deus, caminhava com ele, e ao fim foi se viver com ele. portanto, todos podem ter bom ânimo.
Tudo o que serve a Deus com coração cheio de fé e caminhe com ele dia detrás dia em meio das cambiantes vicissitudes da vida, terá uma segura entrada em o paraíso de Deus.

Para não ver morte.

Quer dizer, para não morrer.

Não foi achado.

Por estas palavras se deduz que se buscou o Enoc depois de que desapareceu. Uma busca semelhante também ocorreu depois de que Elías foi transladado (ver 2 Rei. 2: 16-18).

Antes que fosse transposto.

A piedade da vida do Enoc era bem conhecida por seus contemporâneos.

Teve testemunho.

Ou "atestou-se dele". Deus tinha proporcionado ao mundo por meio do Enoc uma demonstração da classe de caráter que merece sua aprovação. Não havia nenhuma possibilidade de que os homens perguntassem depois de sua translação: "como pode Deus aceitar a um homem semelhante?"

Agradado a Deus.

A fé do Enoc e sua fidelidade a Deus mereceram a aprovação divina. Sua vida e seu caráter eram uma demonstração do que Deus quer que sejam todos os seres humanos.

6.

Sem fé.

Ou "além da fé", ou "além da fidelidade" (ver com. vers. 1). O Criador é infinito e suas criaturas são irremediavelmente limitadas, portanto há coisas que devem aceitar por fé. Acreditar exatamente o que Deus diz é o exercício mais elevado de que seja capaz a mente humana. Não há dúvida de que

devemos acreditar exatamente o que Deus diz para que possamos ocupar perfeitamente o lugar designado para nós em um universo perfeito, pois uma compreensão do amor de Deus culmina na fé. Na pessoa divino-humana do Salvador pela primeira vez se uniram um amor semelhante ao de Deus e a fé humana.

Impossível agradar a Deus.

Quer dizer, impossível estar à altura de seus requerimentos, Em um universo perfeito não há lugar para um ser criado que não tem fé no Governante do universo. Se não haver fé em Deus, só pode haver temor e ressentimento, e finalmente desespero.

aproxima-se de Deus.

Quer dizer, professa-lhe fidelidade.

Cria que lhe há.

Acreditar que Deus realmente existe é o fundamento primário da fé cristã. Por meio da natureza, de sua Palavra e de sua condução providencial, Deus proporcionou aos homens toda a comprovação de sua existência que necessitam e podem utilizar os seres inteligentes (cf. ROM. 1: 20). O autor descarta os conceitos distorcidos de Deus, como os que sustentam os panteístas.

Galardonador.

O autor exclui os conceitos referentes a Deus, como os do deísmo e o universalismo. É de soma importância que os homens respondam ao amor de Deus e cumpram com sua vontade revelada, pois "estabeleceu um dia no qual julgará ao mundo" (Hech. 17: 31), um dia quando "pagará a cada um conforme a suas obras" (ROM. 2: 6). A tremenda perspectiva de que algum dia estaremos ante o grande juiz do universo é, indubitavelmente, um poderoso incentivo para viver rectamente. Um grande temor ao fogo do inferno nunca salvará a nenhum homem, mas pode ser um fator -um poderoso fator- para sacudi-lo e fazê-lo sair de sua letargia. O infinito amor de Deus, como se revela em Cristo Jesus, proporciona ao homem o único incentivo eficaz para a salvação.

Os que lhe buscam.

Ou "procuram encontrá-lo". "Procurar" a Deus é esforçar-se por entender mais plenamente seu caráter e sua vontade para os homens. O autor não quer dizer que Deus deliberadamente tem feito difícil que os homens o achem; o que destaca é a necessidade de um desejo fervente de entender a Deus e chegar a ser como ele em pensamento e caráter.

7.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Noé.

Quanto ao caso do Noé, ver Gén. 6: 13-22.

Coisas que ainda não se viam.

Não havia nenhuma evidência de que pudesse acontecer alguma 489 vez uma catástrofe como a do dilúvio. O fato de preparar-se para esse acontecimento foi um ato de fé de parte do Noé.

Com temor preparou.

Noé ficou profundamente impressionado pela revelação de que Deus tinha o propósito de destruir a terra mediante um dilúvio, e emprestou atenção às instruções que lhe deram. Entretanto, não foi tanto o temor ao dilúvio que viria o que induziu ao Noé a construir o arca, a não ser a fé no que Deus tinha-lhe revelado a respeito da catástrofe.

Condenou ao mundo.

A construção do arca foi um testemunho da decisão do Noé contra o "mundo", ou seja os ímpios e sua maneira de viver. Seu renunciamiento ao mundo de esse então atestou de sua fé em Deus.

Herdeiro da justiça.

A fé do Noé, como se refletiu por sua fidelidade dinâmica em harmonia com essa fé, pela graça de Deus lhe deu o direito a ser contado como 'justo". Assim que à justificação pela fé, ver com. ROM. 1: 17.

8.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Abraham.

Quanto à experiência do Abraão, ver com. Gén. 12: 15.

Obedeceu.

Acreditou o que Deus lhe disse, e procedeu de acordo com o que acreditava. Sua fé se manifestou por meio de uma fiel obediência.

Sem saber aonde.

Abraão e sua família "saíram para ir a terra do Canaán" (Gén. 12: 5). Isto não significa necessariamente que no momento de sua partida ele sabia qual seria seu destino. Simplesmente "saíram para ir a [o que resultou ser a] terra do Canaán". É óbvio que Deus o instruiu quanto à direção para a qual deviam ir e a rota que deviam seguir.

9.

Como estrangeiro.

Abraão e seus descendentes estiveram nesta condição durante 215 anos (ver T. I, P. 194). Os acontecimentos que ocorreram enquanto Abraão habitou "na terra prometida", estão registrados no Gén. 12 a 25.

A terra prometida.

Quer dizer, a terra que Deus prometeu ao Abraão.

Terra alheia.

Ou "terra estranha" (BJ, BA, BC, NC). Abraão, Isaac e Jacob viveram como estrangeiros na terra que Deus lhes tinha prometido. Deus não deu a Abraão herdade na terra do Canaán, "nem mesmo para assentar um pé" (Hech. 7: 5).

Coherederos.

A promessa original incluía os descendentes do Abraão; mas Deus repetiu as promessas do pacto ao Isaac e mais tarde também ao Jacob.

10.

A cidade.

Não há dúvida de que não se refere a nenhuma das cidades do Canaán disso então. O propósito final do Abraão era a herança eterna que Deus há preparado para aqueles que o amam e lhe servem. Cf. cap. 12: 22; 13: 14.

Fundamentos.

Os fundamentos implicam permanência; as "lojas" (vers. 9) não têm fundamentos.

11.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Sara.

Este caso se registra no Gén. 17: 15-21; 18: 9-15; 21: 1-5.

Recebeu força.

Sara tinha 90 anos quando nasceu Isaac. Sua esterilidade até esse tempo fez que a concepção fora um milagre extremamente impressionante.

Acreditou que era fiel.

Humanamente não havia apóie para acreditar a promessa de Deus de que ela daria a luz um filho. O único caminho era aceitar a promessa por fé. Sara a aceitou só porque acreditava em Deus, e sua aceitação da promessa atestou de sua fé.

12.

Pelo qual... saíram.

Quanto ao nascimento do Isaac, ver Gén. 21:1-5.

Já quase morto.

Abraão tinha 100 anos, quando nasceu Isaac. Ninguém pode ler o relato dos sucessos que chegam até o nascimento do Isaac sem ficar impressionado pela falta de fé demonstrada pelo Abraão (Gén. 15: 2-4; 16: 1-3; 17: 16-17) e Sara (cap. 18: 9-15). Mas finalmente ambos venceram suas dúvidas naturais, e Isaac -pela linhagem paterna e pelo materno- foi um filho da fé.

Como as estrelas.

Ver Gén. 15: 5; 22: 17, 13.

Conforme à fé morreram.

Por fé viram as promessas à distância; estavam persuadidos da realidade da herança prometida. Sua fé nessas promessas os fez renunciar ao presente e viver exclusivamente para o futuro. Não entraram em posse da herança, nem da Canaán terrestre prometida nem do reino eterno.

Todos estes.

Os fiéis desde o Abel (vers. 4) até o Abraão (vers. 8-12). Sem dúvida muitos outros durante esse comprido lapso foram passados em Por Deus; mas os personagens aqui mencionados se escolheram como exemplos resplandecentes do princípio de que a fé é o fator decisivo em uma vida piedosa.

Acreditando-o.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão desta palavra. A omitem a BJ, BA, BC e NC. Mas é óbvio que acreditavam na realidade substancial da herança 490 prometida, do contrário não tivessem "saudado" essas promessas.

Saudando-o.

Ou "lhe dando a bem-vinda". Cf. Juan 8: 56.

Confessando.

Ou "reconhecendo".

Peregrinos sobre a terra.

Embora estavam no mundo se davam conta que não eram do mundo. Tinham em vista outro propósito mais grandioso. Compreendiam a condição transitiva de as coisas desta vida e a permanência das coisas que só viam "de longe" pela fé. Viviam para o futuro, não para o presente.

14.

Isto dizem.

Quer dizer, declaram de si mesmos que são "estrangeiros e originais sobre a terra".

Pátria.

Quer dizer, "terra natal"; "pátria própria" (BA). Os dignos personagens de

antigamente deixaram muito em claro que este mundo não era seu lar definitivo, e que eram "estrangeiros e originais sobre a terra". Compreendiam que havia algo melhor pelo qual viver que o que este mundo oferece.

15.

Se tivessem estado pensando.

0 "se tivessem tido em mente", "se se tivessem acordado".

Tinham tempo de voltar.

Abraão tinha sem dúvida um boa casa em Farão, como antes a tinha tido no Ur dos caldeos. Quando a fome açoitou a terra do Canaán (Gén. 12: 10), é razoável que tivesse podido pensar em voltar a Farão, onde tinha amigos e parentes próximos. Mas Abraão não retornaria a um país do qual o Senhor o tinha ordenado que saísse.

16.

Desejavam.

Gn orégo, em voz medeia, "aspirar a", "esforçar-se por", "desejar". Os homens de fé vivem com os olhos fixos em algo melhor que o que este mundo oferece. Para eles só as realidades eternas merecem nosso esforço; contemplam os assuntos do tempo e da eternidade em sua verdadeira perspectiva (ver com. Mat. 6: 24-34).

Deus não se envergonha.

Deus não se sente envergonhado de ser conhecido como Deus deles porque refletem seu caráter. Cristo advertiu que no grande dia final ele se "envergonhará" de todo aquele que tenha tentado "salvar sua vida" para ganhar o que o mundo oferece (ver Mar. 8: 34-38). Além disso, quem está disposto a "perder" sua vida, renunciando a ela por Cristo, em realidade a estará salvando.

Preparou-lhes.

Cf. Juan 14: 1-3; Apoc. 21: 2.

Uma cidade.

A Jerusalém celestial (ver cap. 12: 22; 13: 14).

17.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Abraham.

Este episódio do Abraão se encontra no Gén. 22: 1-9.

Provado.

Ou "submetido à prova" (BJ); "posto a prova" (BC, NC). Este caso que se registra em Gênese, começa com a afirmação de que "provou Deus ao Abraão" (Gén. 22: 1). Deus sabia de antemão com toda segurança o que ia fazer Abraão; a prova não era necessária para que Deus soubesse o que faria o patriarca. Mas Abraão precisava passar por essa vicissitude que o poria a prova para que sua fé pudesse maturam Esta foi a experiência cúpula de seu vida.

Ofereceu ao Isaac.

Ver Gén. 22: 1-19.

Unigénito.

Gr. monogenes, "único", "único de sua classe" (ver com. Juan 1: 14). No que respeita a número, Isaac não foi o "unigénito" do Abraão e nem sequer seu primogênito. Isaac foi o "único" filho do Abraão no sentido especial de que foi o único de seus filhos com direito a ser o herdeiro do pacto (ver com. vers. 18).

18.

No Isaac.

Em vista das repetidas e enfáticas declarações de Deus de que Isaac seria aquele por meio do qual se cumpririam as promessas do pacto, foi uma demonstração extremamente extraordinária de fé de parte do Abraão o fato de que estivesse disposto a cumprir com as instruções de Deus de que oferecesse a Isaac em sacrifício. Ao Abraão deve lhe haver parecido que Deus lhe pedia algo que fazia completamente impossível o cumprimento de suas promessas.

A inserção desta entrevista tirada do Gén. 21: 12, no comentário a respeito da fé do Abraão, explica o sentido no qual se refere ao Isaac como o "unigénito" do Abraão. Isaac era o único filho do Abraão que podia ser idôneo como herdeiro das promessas do pacto feito com o Abraão.

19.

Pensando.

Ou "considerando". A fé do Abraão no poder de Deus para ressuscitar ao Isaac deu-lhe o valor para ficar em caminho com o propósito de oferecer a seu filho em sacrifício. Só assim podia o ancião patriarca reconciliar a promessa de Deus de que Isaac seria seu herdeiro com a ordem de Deus de que lhe tirasse a vida. Ter fé na integridade de uma pessoa que faz uma promessa e ordena algo que parece anular essa promessa, é o grau máximo na perfeição da fé.
Abraão teve que haver-se dado conta de 491 que Deus estava provando-o; teve que ter chegado à conclusão de que se era necessário Deus ressuscitaria a Isaac dos mortos. Até esse momento nenhum ser humano tinha sido ressuscitado dos mortos, portanto, a fé do Abraão era do caráter mais elevado.

Desde onde... também lhe voltou a receber.

Para o Abraão seu filho Isaac já estava morto. Quando Deus deteve a prova e devolveu ao Isaac a seu pai, foi sem dúvida alguma como se Isaac houvesse retornado de entre os mortos.

20.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Benzeu Isaac ao Jacob.

O relato deste fato está no Gén. 27: 1-40.

Coisas vindouras.

Quando Isaac se deu conta do engano ao qual tinha sido submetido, teve, sem dúvida, que lhe haver parecido tenebroso o futuro de sua família. Seus planos para Esaú tinham sido desbaratados. Estava fisicamente cego, mas elevou os olhos de sua fé e discerniu o desenvolvimento das "coisas vindouras", a maneira na qual se cumpriria o propósito infinito de Deus.

21.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Jacob.

Este caso se registra no Gén. 48: 1-22. Jacob viveu e morreu no exílio. Por isso manifestou fé nas promessas divinas quando pronunciou bênções sobre seus filhos.

22.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

José.

Quanto a este episódio, ver Gén. 50: 24-25; cf. Exo. 13: 19. José não tinha uma evidência concreta na qual apoiar sua esperança de que a família retornaria ao Canaán e ocuparia o país. Seu pedido de que o sepultassem na terra prometida quando sua família voltasse para viver ali, apoiava-se em sua fé nas promessas de Deus.

23.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Moisés.

Este episódio se acha no Exo. 2: 1-10. Durante a infância do Moisés a fé de seus pais triunfou sobre "o decreto do rei". A fé em um destino superior ao da escravidão no Egito induziu ao Amram e ao Jocabed a não obedecer o decreto real; e quando Moisés chegou à maturidade mostrou essa mesma classe de fé, como o

segue dizendo o autor de Hebreus (ver cap. 11: 24-29).

24.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Moisés.

Quanto ao relato dos fatos registrados nos vers. 24-29, ver Exo. 2: 11-25; 12: 18-36; 14: 10-3l.

Recusou.

Moisés rechaçou as honras, a hierarquia e o poder do momento devido a seu confiança no elevado destino que Deus lhe tinha famoso a ele e a seu povo. Segundo todas as aparências, nada podia ser de menos valor que pôr a esperança em tais coisas, pois o povo hebreu estava submetido a mais vil servidão na nação mais capitalista da terra. Só a fé nas promessas de Deus pôde havê-lo induzido a rechaçar o trono do Egito.

Filho da filha de Faraó.

Ver com. Exo. 2: 5, 10, 15; cf T. 1, P. 202.

25.

Escolhendo antes.

Moisés tinha que escolher entre o trono do império maior do mundo, e vincular-se com uma raça de escravos.

Ser maltratado.

Foi submetido a maus tratos até como caudilho do povo hebreu. Os israelitas eram irremediavelmente duros de nuca e rebeldes, e murmuravam sempre. Moisés escolheu um destino que, desde qualquer ponto de vista, muito pouco o podia oferecer quanto a poder terrestre e renome.

Deleites... do pecado.

Moisés poderia ter raciocinado que como rei do Egito estaria em uma situação ideal para liberar a seu povo; mas o Faraó do Egito também tinha que ser sacerdote da religião idólatra egípcia. Além disso, sempre teria estado submetido às influências corruptoras da vida da corte. Ver com. Exo. 2:11.

26.

Vituperio de Cristo.

Quer dizer, o "vituperio" sofrido por Cristo ou por causa de Cristo. Moisés entendia a promessa do Mesías, e se dava conta de que na liberação do povo hebreu do Egito estava comprometido mais do que os israelitas ou os egípcios podiam compreender nesse tempo. Viu ao longe por fé a vinda de a semente prometida ao Abraão, por meio da qual seriam bentas todas

as nações (ver Gén. 22: 18; cf. Gál. 3: 8, 16).

Tesouros dos egípcios.

Estes incluíam o país com todas suas riquezas, o serviço de todo seu povo, o esplendor de seu corte, o poder de seu trono e seus exércitos.

Tinha posta o olhar.

Seus olhos estavam fixos nas promessas e os privilégios da relação do pacto. Moisés, como Pablo 15 séculos depois (ver Fil. 3: 7-8), trocou voluntariamente a impressionante e brilhante glorifica e o poder momentâneos por as menos aparentes, até invisíveis, promessas e privilégios do pacto.

Galardão.

O galardão que era mais remoto, que só podia ver-se com os olhos da fé, 492 atraía mais fortemente ao Moisés que as recompensas materiais imediatas que acompanhavam ao trono do Egito.

27.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Deixou ao Egito.

Cf. Exo. 2: 15.

Não temendo.

Alguns, apoiados nas circunstâncias da fuga do Moisés do Egito a Madián, à idade de 40 anos, fizeram equivaler esta saída do vers. 27 ao êxodo, à idade de 80 anos. É certo que a flexão do verbo que se traduz "deixou" (Gr. kataléipo) pode significar simplesmente "sair", mas sem implicar nada mais que o fato de partir. Também é certo que Moisés se enfrentou audazmente com um governante iracundo durante todo o tempo das pragas, e que o vers. 27 tomado aisladamente poderia entender-se como que se aplica ao êxodo. Mas nesta breve sinopse de acontecimentos da vida de Moisés que refletem sua fé, parece que os vers. 28 e 29 têm o propósito de abranger o êxodo. A repetição da expressão "pela fé" no vers. 27, parece implicar que o autor considerava a ocasião ali referida como diferente de outros episódios na sucessão de acontecimentos referentes à fé do Moisés (cf. vers. 23-24, 28-29; cf. Ed 59-60).

Segundo o relato do Exo. 2:11-15 (cf cap. 4:19), parece que o temor do Moisés por sua segurança pessoal, jogou um importante papel em sua decisão de fugir de a terra do Egito. Mas apesar de tudo, o que mais se destaca em seu pensamento era a sorte de seu povo e a perspectiva do papel que o corresponderia aos hebreus pela promessa feita ao Abraão. O intento infrutífero do Moisés de iniciar uma série de sucessos que ele esperava que conduziriam à liberação de seu povo, foi o que em realidade fez necessária sua fuga ao Madián (ver Hech. 7: 25). Apesar de seu engano, é indubitável que tinha fé em que, de algum jeito, Deus ainda o usaria para concretizar a liberação dos seus. Por isso procurou um refúgio transitivo de onde pudesse esperar o desenvolvimento dos acontecimentos.

Até antes do incidente com o capataz egípcio (Exo. 2: 11-12) Moisés necessitou uma grande fé, sendo como eram as circunstâncias, para acreditar que pudessem cumpri-las promessas do pacto, E agora, quando um equívoco o havia banido completamente do Egito, Moisés teve que ter necessitado uma fé ainda maior para acreditar no cumprimento das promessas. Como poderia um desamparado exilado no Madián, cuja morte tinha sido decretada por um decreto imperial, ter a menor esperança de liberar os escravos do monarca que procurava matá-lo? Se alguma vez teve necessidade de demonstrar fé foi em tais circunstâncias.

28.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Celebrou a páscoa.

O registro dos acontecimentos que se mencionam nestes versículos se acha no Exo. 12: 1-36. depois da novena praga Faraó ameaçou de morte a Moisés se se apresentava outra vez diante dele (Exo. 10: 28). Moisés teve que ter necessitado uma grande fé para dar as instruções quanto à décima praga, a páscoa e o êxodo. Durante as primeiras nove pragas Faraó se havia negado obstinadamente a permitir a saída do Israel. Não havia nenhuma razão humana para acreditar que permitiria fazê-lo durante a décima praga.

29.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Passaram o Mar Vermelho.

No Exo. 14: 10-31 se registra este episódio. A liberação no mar Vermelho do povo eleito de Deus se menciona com mais freqüência em todo o AT que qualquer outra manifestação do cuidado divino em favor do Israel em toda seu história. A grandeza da liberação reflete a magnitude da crise, e a magnitude dessa crise é uma medida do grau de fé que necessitava Moisés, o representante instituído Por Deus.

30.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Muros do Jericó.

O registro deste fato está no Jos. 6: 1-24. Do ponto de vista militar, o procedimento empregado pelo Josué para submeter a jericó era uma completa necedad; mas as ordens que repartiu concordavam com as instruções que Deus lhe tinha dado. Como experiente general ele poderia as haver substituído pelo que lhe tivesse parecido ser um melhor plano; mas Josué, um homem de grande fé e também de grande experiência militar, estava preparado para depositar mais confiança na vontade revelada de Deus que em seus próprios

conhecimentos bélicos. Sua fidelidade ao riscar o plano de batalha que Deus o tinha revelado, atestou eloqüentemente de sua proeza como homem de fé.

31.

Pela fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Rahab.

Este episódio está registrado nos. 2: 1-24; 6: 23-25. O nome do Rahab pode parecer com primeira vista desconjurada nesta contagem de heróis de a fé, pois era pagã e, além disso, rameira. Mas estas mesmas circunstâncias fazem que seu ato de fé seja ainda 493 mais notável. pode-se entender melhor a mentalidade do Rahab lendo Jos. 2: 8-13. Seu nome também aparece na genealogia do Mateo (ver com. Mat. 1: 5) como um dos honoráveis progenitores de Cristo.

32.

Que mais digo?

A lista poderia alargar-se indefinidamente, mas já se apresentaram suficientes exemplos para mostrar o princípio de que a fé e a fidelidade são a essência de um viver piedoso.

O tempo me faltaria.

O propósito do autor não era fazer uma lista de todos os fiéis de Deus a través dos séculos, a não ser só ilustrar seu tema: que a fé e a fidelidade são essenciais para a paciente espera da vinda do Senhor e o cumprimento de suas promessas. A emocionante contagem possivelmente já se estendeu mais à frente do propósito que o autor tinha tido ao princípio, e se dá conta de que o espaço não lhe permite prolongar o que proporcionou um clímax apropriado para o tema do livro. Começou com o propósito de mostrar que temos um grande supremo sacerdote que ministra a nosso favor no santuário celestial, para logo exortar a todos os cristãos a entrar na presença de Cristo por fé (cap. 4: 14, 16); mas no cap. 11 argumenta que os dignos personagens da antigüidade viveram por fé diante da presença de Deus. Posto que eles desfrutaram desse privilégio e puderam permanecer fiéis, também nós o podemos.

Gedeón.

Ver Juiz. 6 e 7.

Barac.

Ver Juiz. 4 e 5.

Sansón.

Ver Juiz. 13 a 16.

Jefté.

Ver Juiz. 11.

David.

As proezas do David formam uma grande parte dos livros históricos de 1 e 2 Samuel e porções de outros livros.

Samuel.

O ministério do Samuel como sacerdote, profeta e juiz se registra em 1 Sam. cap. 2 a 25.

Os profetas.

Os profetas sofreram quase sem exceção devido a seu fiel testemunho em favor de Deus (ver Hech. 7: 52).

33.

Por fé.

Ver com. vers. 1, 3. O autor não se cansa de mencionar a fé como a essência do triunfo sobre cada obstáculo. poderiam-se escrever largas listas de heróis quase para cada categoria das proezas enumeradas nos vers. 33-37; mas basta dizendo que cada caso era um brilhante exemplo de vitória pela fé.

Conquistaram reino.

Como Josué e David.

Fizeram justiça.

Como Samuel e Elías. Nesta categoria se poderiam incluir numerosos juizes e reis.

Alcançaram promessas.

Como Abraão, Josué e Daniel.

Tamparam bocas de leões.

Como Sansón, David e Daniel.

34.

Apagaram fogos.

Como os três heróis hebreus em Babilônia.

Evitaram... espada.

Como os dois espiões no Jericó, e como David ante o Saúl.

De debilidade.

Como os reis Ezequias e Josafat.

fizeram-se fortes.

Como Sansón.

Puseram em fuga.

Como Josué, Débora e Barac, e Gedeón.

35.

Receberam seus mortos.

Como no caso da sunamita e a viúva da Sarepta.

Atormentados.

Como o profeta Jeremías.

Não aceitando o resgate.

Quer dizer, não foram desleais a seus princípios a fim de livrar-se da tortura.

A fim de obter.

Estes dignos personagens da antigüidade demonstraram, sem exceção, que eram valentes e fiéis frente às dificuldades e os perigos, devido à fé que tinham em seu coração de que Deus cumpriria todas suas promessas. Acreditavam que a herança futura dos justos era digna de qualquer sacrifício e sofrimento que pudessem confrontar ou pelo que pudessem passar nesta vida.

36.

Vituperios e açoites.

Isto, mais "prisões e cárceres", sofreram-no homens como José, Jeremías, Pablo, etc.

37.

Apredeados.

Como Nabot do Jezreel e Esteban.

Serrados.

De acordo com a tradição assim morreu Isaías.

Postos a prova.

Poderia apresentar uma larga lista de homens e mulheres nobres que aconteceram êxito pelas grandes prova de suas vidas.

Mortos a fio de espada.

Como Gedalías, os sacerdotes do Nob e Jacobo o irmão do Juan.

Andaram daqui para lá.

Como Elías e David.

38.

O mundo não era digno.

O mundo se dava conta de quanto devia a esses dignos personagens, que em realidade eram "o sal da terra" (ver com. Mat. 5: 13). O mundo não aprecia hoje a contribuição para o bem-estar da humanidade feita por aqueles que procuraram aplicar princípios cristãos à solução dos problemas do mundo. 494

Errando.

Ver com. vers. 37.

39.

Alcançaram bom testemunho.

Ou "embora bem passados". Ver com. vers. 1, 4.

Mediante a fé.

Ver com. vers. 1, 3.

Não receberam o prometido.

Sua fidelidade em momentos de crise com freqüência lhes proporcionou uma evidente ajuda ou liberação; mas não desfrutaram da herança prometida ao Abraão e a os pais. Ver com. vers. 13.

40.

Provendo.

Gr. problépo, "prever". "Prover" também significa "prever", do latim pró, "antes", e videre, "ver". Deus previu o fim desde o começo. Sabia que em os séculos futuros haveria uma multidão muito grande de homens, mulheres, jovens e meninos fiéis; e em sua infinita sabedoria dispôs que os fiéis de todos os séculos entrassem juntos na herança eterna (ver com. 1 Cor. 15: 51-52; 1 Lhes. 4: 16-17; 2 Tim. 4: 7-8). No que se refere a receber a grande dádiva da vida eterna, ninguém terá vantagem ou prioridade sobre outro.

Alguma coisa melhor.

Não alguma coisa melhor da que ele se propôs dar aos fiéis dos séculos passados, mas sim, desde nosso ponto de vista, foi melhor que Deus nos tenha concedido uma oportunidade de nos unir a suas filas.

Aperfeiçoados.

Gr. teleióo, que se usa aqui em voz passiva: "ser completado", "ser levado a perfeição". Quanto ao adjetivo afim téleios, ver com. Mat. 5: 48. Ser "aperfeiçoados" equivale a entrar na herança eterna prometida ao Abraão e aos pais (ver com. Heb. 10: 35-38).

Além de nós.

"Sem nós" (BJ, BA, BC, NC). Deus, em sua providência, concedeu-nos tempo para nos preparar para a entrada na herança eterna dos Santos. A oportunidade é nossa como foi dos heróis mencionados. Nos primeiros versículos do cap. 12, o autor apresenta sua conclusão: "nos despojemos de todo peso,... corramos com paciência..."

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-40 7T 40

1 EC 459; FÉ 341; HR 133; 1JT 453; 3JT 420; MJ 104; MM 227; OE 274; PP 118; 5T 69; 7T 41

3 Ed 130; 3JT 258; MC 322

4 PP 59

5 OE 55- HR 61; St 331

5-6 PP 76-77

6 DC 95; CS 80, 489; DTG 101; Ev .212; 1JT 109; 2JT 140, 267; MeM 8, 99; MJ 100, 259; P 115; PR 116; PVGM 38; IT 645; 3T 415; TM 149

7 3JT 90; PP 82

8 DGT 42; FÉ 505; MC 380; OE 26, 117; PVGM 19- 3TS 374

8-9 PP 118

9-10 PP 167

10 CM 62, 440; Ev 407; PR 205; 8T 125; TM 131

13 CMC 42; 3JT 74, 82; P 113; PP 67, 167; PR 516; St 215; TM 131

13-16 FÉ 328; 2T 194; 5T 188

14-16 CS 733; HR 451

15-16 MeM 365

16 1JT 563; 2JT 44, 166; 3JT 82; PP 67, 167

19 PP 147

23 MC 288; PP 248

24-26 CV 84; Ed 58; 1JT 387; PP 251; IT 656; 3T 89

25 PP 506; IT 78

25-26 2T 101

26 CS 513; CV 84; Ed 64; Ev 164, 181; M 51; PVGM 329

26 27 2JT 267

27 CM 99; CW 19; DMJ 31; DGT 204; Ed 60; FÉ 346; HAp 292; 2JT 267; MC 97, 404;
8T 45, 188

29 1JT 452; PP 294

30 PP 526

31 PR 274; PVGM 232

32-40 Ed 153

33-34 PP 549; PR 116; PVGM 136

34 DMJ 55-56; Ev 219; SC 123

35 CS 45

35-36 DMJ 31

36 HR 337

36-37 IT 657

36-38 CS 43-44; HAp 477; PR 281 39 1JT 443 495

CAPÍTULO 12

1 Exortação à perseverança na fé, a paciência e a santidade. 22
Diferencia entre o Antigo e o Novo Testamento.

1 portanto, nós também, tendo em redor nossa tão grande nuvem de
testemunhas, nos despojemos de todo peso e do pecado que nos assedia, e corramos com
paciência a carreira que temos por diante,

2 postos os olhos no Jesus, o autor e consumador da fé, o qual pelo
gozo posto diante dele sofreu a cruz, menosprezando o oprobio, e se sentou
à mão direita do trono de Deus.

3 Considerem a aquele que sofreu tal contradição de pecadores contra si mesmo,
para que seu ânimo não se canse até deprimir.

4 Porque ainda não resististes até o sangue, combatendo contra o pecado;

5 e hão já esquecido a exortação que como a filhos lhes dirige, dizendo:

meu filho, não menospreze a disciplina do Senhor,

Nem deprima quando é repreendido por ele;

6 Porque o Senhor ao que ama, disciplina,

E açoita a tudo o que recebe por filho.

7 Se suportarem a disciplina, Deus lhes trata como a filhos; porque que filho é aquele a quem o pai não disciplina?

8 Mas se lhes deixa sem disciplina, da qual todos foram participantes, então são bastardos, e não filhos.

9 Por outra parte, tivemos a nossos pais terrestres que nos disciplinavam, e venerávamo-los. por que não obedeceremos muito melhor ao Pai dos espíritos, e viveremos?

10 E aqueles, certamente por poucos dias nos disciplinavam como os parecia, mas este para o que nos é proveitoso, para que participemos de seu santidade.

11 É verdade que nenhuma disciplina à presente parece ser causa de gozo, a não ser de tristeza; mas depois dá fruto aprazível de justiça aos que nela hão sido exercitados.

12 Pelo qual, levantem as mãos quedas e os joelhos paralisados;

13 e façam caminhos direitas para seus pés, para que o agarro não se saia do caminho, mas sim seja sanado.

14 Sigam a paz com todos, e a santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor.

15 Olhem bem, não seja que algum deixe de alcançar a graça de Deus; que brotando alguma raiz de amargura, estorve-lhes, e por ela muitos sejam poluídos;

16 não seja que haja algum fornicario, ou profano, como Esaú, que por uma sozinha comida vendeu sua primogenitura.

17 Porque já sabem que até depois, desejando herdar a bênção, foi descartado, e não houve oportunidade para o arrependimento, embora a procurou com lágrimas.

18 Porque não lhes aproximastes do monte que se podia apalpar, e que ardia em fogo, à escuridão, às trevas e à tempestade,

19 ao som da trompetista, e à voz que falava, a qual os que a ouviram rogaram que não lhes falasse mais,

20 porque não podiam suportar o que se ordenava: Se até uma besta tocar o monte, será apedrejada, ou passada com dardo;

21 e tão terrível era o que se via, que Moisés disse: Estou espantado e tremendo;

22 mas sim lhes aproximastes do monte do Sion, à cidade do Deus vivo, Jerusalém a celestial, à companhia de muitos milhares de anjos,

23 à congregação dos primogênitos que estão inscritos nos céus, a Deus o juiz de todos, aos espíritos dos justos feitos perfeitos,

24 ao Jesus o Mediador do novo pacto, e ao sangue orvalhado que fala melhor que a do Abel.

25 Olhem que não desprezem ao que fala. Porque se não escaparam aqueles que desprezaram ao que os admoestava na terra, muito menos nós, se desprezaremos ao que admoesta dos céus.

26 A voz do qual comoveu então a terra, mas agora prometeu, dizendo: Ainda uma vez, e comoverei não somente a terra, mas também o céu.

27 E esta frase: Ainda uma vez, indica a remoção das coisas mutáveis, como coisas feitas, para que fiquem as inconmovibles. 496

28 Assim, recebendo nós um reino inconmovible, tenhamos gratidão, e mediante ela sirvamos a Deus lhe agradando com temor e reverência;

29 porque nosso Deus é fogo consumidor.

1.

portanto.

Os vers. 1 e 2 deste capítulo constituem a conclusão do cap. 11. Seria melhor ter fechado o capítulo depois do Heb. 12: 2.

Em redor.

Ou "rodeados". Onde quer olhemos na história sagrada, encontraremos "testemunhas" de que a fé e a fidelidade triunfam sobre tudo obstáculo.

Nuvem de testemunhas.

Ou "hoste de testemunhas". A metáfora do vers. 1 compara ao cristão com um atleta que faz os últimos preparativos para competir em uma carreira em um estádio da antigüidade, enquanto os espectadores observam sentados nas degraus circundantes. O atleta, que tem o propósito de ganhar a carreira, contempla por um momento a massa de rostos que o rodeiam como uma nuvem. Os "testemunhas" são aqui os incontáveis heróis da fé que se mencionam no cap. 11, cada um dos quais, apesar de desvantagens e obstáculos de toda classe, terminou sua carreira com gozo. Sua fidelidade e perseverança lhes proporcionaram a vitória na carreira da vida. O atleta cristão que, por assim dizê-lo, sabe que os olhos dos fiéis de todos os séculos estão agora completamente fixos nele, sente um ardente impulso de esforçar-se ao máximo para triunfar na carreira que tem "por diante".

Os concursos atléticos gregos foram durante vários séculos muito populares em o mundo mediterrâneo, portanto esta ilustração era bastante familiar para todos os leitores de Hebreus. O autor usa com freqüência a figura da carreira para representar sua carreira como missionário entre os gentis (Gál. 2: 2; Fil. 2: 16; 2 Tim. 4: 7) ou, como aqui, para ilustrar o que experimentam os cristãos na vida (ver 1 Cor 9: 24-27).

Peso.

Gr. ógkos, "peso", "carga", "impedimento"; aqui, neste último sentido. Em esta metáfora ógkos se refere ao peso de todo o supérfluo, como, por exemplo, o vestido que estorvasse ou impedisse ao corredor. Os que estão motivados por a fé não vacilam em desprender-se de tudo -pequeno ou grande- o que possa impedir de chegar a sua meta.

Os achados arqueológicos demonstraram que os atletas se exercitavam levando pesos de pedra nas mãos. Na carreira não as levavam, aliviando-se assim para correr com mais presteza. Este costume poderia refletir-se aqui.

O autor deixa que cada leitor descubra o que é o que pode estorvar seus progressos como corredor cristão. Nesta carreira, pela graça de Cristo, pode ganhar cada participante, pois não está competindo com outros a não ser consigo mesmo. Não lhe exige que avantaje a seus competidores ou que ultrapasse uma marca imposta por outro competidor prévio. O eu é o único competidor, e o único requisito é que em sua competência com o eu ponha em ação fidelidade e paciência, e que pela graça de Cristo vença cada "peso", cada tendência ao mau.

Do pecado.

Cada ser humano tem algum pecado que o assedia, alguma tendência ao mal que ameaça lhe impedindo que corra a carreira cristã, e quando obstinado a Jesucristo ganha a vitória sobre essa tendência ao mal, outra ocupa seu lugar e tratará de dominá-lo. No atalho da salvação terá que liberar uma batalha depois de outra; mas cada cristão tem o privilégio de obter a vitória a cada passado do caminho. Qualquer que seja o pecado que facilmente nos acosse, devemos deixá-lo a um lado como os corredores antigos se desprendiam de seus ondeantes mantos ou dos pesos com que se exercitaram, e se atiam devidamente para a carreira.

Assedia-nos.

Ou "facilmente nos envolve" (BA). Alguns MSS dizem 'distrai facilmente", mas a evidência textual favorece (cf. P. 10) o texto "enreda fortemente". Não importa quão fortemente possa nos enredar um pecado e quão penoso possa ser o processo de separação, deve deixar-se a um lado para poder conquistar a vitória na carreira da vida.

Paciência.

Gr. hupomoné, "paciência", "resistência", "fortaleza", "tenacidade", "perseverança". Como a carreira cristã dura toda a vida, exige paciência e perseverança: perseverança ante as sucessivas decepções e dificuldades, e paciência para esperar o galardão ao final da carreira. Em Hebreus há admoestação detrás admoestação quanto a suportar pacientemente (cap. 3: 6; 4: 14; 6: 1, 11-12; 10: 23, 36-39; etc.). 497

A carreira.

Quer dizer, a carreira cristã, a experiência permanente por meio da qual o crente se vai parecendo cada vez mais ao Jesus.

2

Postos os olhos no Jesus.

Para obter a graça e a fortaleza para vencer cada dificuldade e suportar até o fim. É perigoso apartar os olhos do Jesus embora seja por um momento, como aconteceu ao Pedro quando tentou caminhar sobre as agitadas ondas do mar da Galilea (Mat. 14: 24-32). Manter "postos os olhos no Jesus" é

sustentar uma relação contínua com Aquele que é a fonte de tudo poder, com Aquele que pode nos fortalecer para que resistamos e triunfemos.

Autor.

Gr. arjegós, "caudilho", "originador", "fundador", "iniciador". Arjegós se há traduzido no Hech. 3: 15 como "Autor" (RVR), "Chefe" (BJ), "Caudilho" (BC), "Príncipe" (NC); no Hech. 5: 31 como "Príncipe" (RVR), "Chefe" (BJ), "Caudilho" (BC), "Príncipe" (NC); no Heb. 2: 10 como "autor" (RVR, BC, NC), "ao que ia a guiá-los [o condutor]" (BJ). Em cada caso se faz referência a Cristo como o centro do plano de salvação e a fonte de toda graça cristã. O é quem chama os homens cansados a sair das lúgubres trevas do pecado a fim de levá-los a gloriosa luz do Evangelho. O os limpa do pecado que manchou sua vida anterior e os capacita para que se convertam em filhos e filhas de Deus. O os justifica por sua graça em virtude de sua expiação no Calvário. O afirma os pés deles em seu caminho ao ciclo.

Consumador.

Gr. teleiotés, "perfeccionador". " obra da justificação é apenas o começo da vida cristã. Não só devemos pôr "o fundamento do arrependimento de obras mortas", sítio seguir "adiante à perfeição" (ver com. cap. 6: l). Devemos crescer "na graça e o conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesucristo" (2 Ped. 3:18). Mediante sua fortaleza devemos conquistar vitória detrás vitória sobre os pecados que nos assediam (ver com. Heb. 12: l) e crescer "em tudo naquele [Cristo] que é a cabeça" (F. 4: 15). Nossos caracteres devem ser transformados "por meio da renovação" de nosso "entendimento" (ROM. 12: 2). Esta é a obra do Cristo que amora interiormente (Gál. 2: 20) como "perfeccionador" da fé; esta é a obra de a santificação. Ver com. Mat. 5: 48.

Da fé.

"Da fé" como um princípio ativo em nossas vidas.

Por.

Gr. antí, "em vez de", "em troca de", "em consideração de". Cristo sofreu o martírio da cruz em troca da gozosa perspectiva de um universo livre de pecado.

Gozo.

Se para antí se aceita o significado "em consideração de" (ver o comentário de "por"), a passagem poderia entender-se assim: Olhando à cruz de um ponto de vista humano, poderíamos dizer que foi a fé em lhes resultados futuros de seu sofrimento e morte o que fortaleceu a Cristo para suportar o oprobio e a ignomínia da cruz. Sabia que viveria para ver "o fruto da aflição de sua alma" e que ficaria "satisfeito" (ISA. 53:11). Compartilhar a eternidade com os redimidos de todos os séculos e com os seres não cansados de outros mundos, foi uma perspectiva que produziu intenso gozo a nosso Senhor quando sofreu no Getsemaní e na cruz do Calvário. Ver com. Mat. 5: 12; Sant. l: 2.

Se para antí se aceita o significado "em vez de" (ver o comentário de "por"), então a passagem ensina que em vez do gozo que estava a seu alcance, já fora por sua existência antes da encarnação, ou por sua existência da

encarnação, com exceção da cruz, Cristo preferiu suportar a cruz.

Sofreu a cruz.

Cristo "sofreu a cruz" para que pudéssemos ter fortaleza para suportar nossos conflitos individuais com os poderes das trevas. Sofreu a cruz para poder ganhar a coroa. O Autor de nossa salvação foi aperfeiçoado "por aflições" (cap. 2: 10), e à medida que aprendemos a agüentar a cruz que é necessário que agüentemos, também poderemos ser achados perfeitos nele em sua vinda. Assim como o gozo futuro inspirou a Cristo para suportasse cruz, da mesma maneira, nas dificuldades e duras vicissitudes da vida temos o privilégio de olhar para frente ao gozo que nos reserva a eternidade.

Menosprezando o oprobio.

Ou "sem fazer caso da ignomínia" (NC), "sem lhe importar a vergonha". "As aflições do tempo presente" são nada em comparação "com a glória vindoura" (ROM. 8: 18) e, portanto, não devem ser tomadas em conta. Podemos nos regozijar muito, "embora agora por um pouco de tempo, se for necessário", tenhamos "que ser afligidos com diversas provas" (1 Ped. 1: 6). Como Pablo, podemos considerar todas as coisas terrestres como perda pelo gozo inefável de conhecer cristo Jesus como o Senhor (ver Fil. 3: 8). 498

sentou-se.

A evidência textual estabelece (cf P. 10) o texto "sentou-se" (BA). A flexão do verbo grego da variante preferida implica que Cristo se sentou a a mão direita do Pai e que permaneceu nesse posto de honra: "Está sentado" (BJ, BC, NC).

À mão direita.

Ver com. cap. 1: 3.

3.

Considerem a aquele.

Os vers. 3-11 tratam da natureza, o propósito e os resultados da disciplina divina. A nenhum cristão lhe impõe que acontecer um atalho de disciplina mais estrito que o que percorreu Cristo. Podemos evitar o cansaço ou desfalecer se considerarmos a forma em que ele fez frente às provas e tentações. Cristo suportou, e por sua graça nós também podemos suportar.

Sofreu.

Ver com. vers. 1.

Contradição.

Ou "hostilidade". A hostilidade dos sacerdotes, governantes, escribas e fariseus, perseguiu as pisadas de Cristo durante todo seu ministério terrestre; mas a corrente de popularidade finalmente se voltou contra ele, e seu próprio povo pediu seu sangue. A hostilidade acumulada de uma raça de pecadores foi dirigida contra o Príncipe dos sufrientes com toda a força da

criatividade diabólica.

Para que seu ânimo não se canse.

Se contemplarmos as cargas que Cristo agüentou, por comparação as nossas parecerão livianas (ver Mat. 11: 28-30). Se só olhássemos ao Jesus e considerássemos o que ele suportou, cada dificuldade e decepção que tenhamos que enfrentar seria mais fácil de levar.

4.

Resistido até o sangue.

Ou até a morte. Aqui troca ligeiramente a metáfora dos vers. 1 e 2. O cristão ainda está no centro do estádio, sendo contemplado fixamente por a simbólica "nuvem de testemunhas"; mas agora tem que fazer frente a um adversário que espera para travar-se com ele em uma luta mortal. O cristão ainda não experimentou tudo o que o maligno pode lançar contra ele; por isso não deve pensar que está sofrendo em sua luta com o pecado mais do que Deus pode, em justiça, esperar dele (ver 1 Cor. 10: 13). Não obstante, ao desprender do pecado que o impossibilite lhe exorta que resista a tentação com toda a resolvida firmeza que desdobrará ao enfrentar-se a um adversário em uma luta mortal.

Cristo se travou uma vez em mortal combate com os poderes das trevas, combate que chegou a seu clímax no Getsemaní e na cruz. Os mártires também resistiram "até o sangue". Mas aqueles a quem foi escrito o livro de Hebreus ainda não tinham sido chamados a enfrentar-se ao que Cristo e os mártires se enfrentaram.

5.

Hão já esquecido.

O texto grego pode entender-se aqui como uma pergunta ou como uma afirmação. Uma pergunta parece imprimir mais força e, ao mesmo tempo, ser menos severo. O menino que suporta a disciplina pode dar-se conta de que seu castigo é justo, que o merece; mas possivelmente não capta que é administrado com amor. Os cristãos muito freqüentemente tendem a passar por cima o valor disciplinador das vicissitudes difíceis, e esse descuido os priva de preciosas lições que de outra maneira poderiam aprender. Com muita freqüência se resienten porque Deus permite que lhes sobrevenham essas dificuldades, e se queixam de sua sorte.

Exortação.

Gr. paráklesis, "ânimo", "exortação", "consolo". Quanto a paráklesis e outras palavras afins, ver com. Mat. 5: 4; Juan 14: 16.

Filhos.

A sucessão de instruções contidas nos vers. 5-11 se centra na relação pai-filho, e chega a seu clímax com o desejo do pai de que seu filho aprenda certas lições necessárias para que tenha êxito na vida.

Lhes dirige.

A entrevista dos vers. 5 e 6 provém do Prov. 3: 11-12.

meu filho.

Uma forma comum de dirigir a palavra no livro de Provérbios, de onde se toma esta entrevista. Equivale à solicitude de um pai amoroso.

Menosprezem.

Gr. oligré, "ter em pouco", "tomar livianamente"; quer dizer, não tomá-lo em sério. O propósito da disciplina é fazer uma impressão. " disciplina que não produz grande impressão, não serve para um propósito útil.

Disciplina.

Gr. paidéia, "educação de um menino", "instrução", "disciplina", "correção" (ver com. F. 6: 4), de paidíon, "menino pequeno". Disciplina é a preparação que corrige, modelo, fortalece e aperfeiçoa o caráter. Esta palavra se restringe muito freqüentemente ao estreito significado de castigo; mas a disciplina foi definida como a refinação arte de fazer discípulos, pois um verdadeiro discípulo se submete a um molde especial de disciplina ou de preparação. Embora paidéia pode incluir -mas não o denota especificamente- 499 disciplina corretiva como é o caso na palavra castigo, refere-se a todo o processo pelo qual os meninos são preparados para desempenhar seus responsabilidades ao chegar à vida adulta.

Do Senhor.

Tudo o que nos ocorre na vida está sob o controle "do Senhor"; nada pode acontecemos a menos que o permita o Muito alto. Deus nunca foi o autor do sofrimento e do pesar, embora às vezes pode permitir que eles aconteçamos. Ver com. 2 Crón. 18: 18; Job 42: 5; Sal. 38: 3;

39: 9.

Deprima.

Gr. eklúo, em voz passiva, "cansar-se", "esgotar-se", "desanimar-se". Um discípulo que deprime nunca se graduará da escola da experiência. que se descorazona e se sente inclinado a dar-se por vencido, recebe o convite de dirigir seus olhos ao Jesus e meditar no Senhor (ver com. vers. 23). Por sobre tudo deve recordar que Deus não está zangado com ele, mas sim o ama como um pai amoroso e está tratando de ajudá-lo para que aprenda uma lição muito necessária. Freqüentemente o que nos faz difícil a vida é a atitude que adotamos frente à disciplina, e não esta.

Repreendido.

Gr. elégjo, "reprovar", "corrigir", "castigar", "disciplinar". Nunca é agradável ser reprovado ou corrigido, muito menos sofrer o castigo; a reação natural é desprezá-lo. A forma fácil de escapar é deprimir ante ele; mas a atitude sábia é a de tirar proveito dele.

6.

O Senhor ao que ama.

A disciplina paciente e contínua é uma expressão de solícito afeto. As

vicissitudes que têm o propósito de enobrecer e aperfeiçoar o caráter, constituem a melhor evidencia de que o Senhor nos ama. A disciplina é essencial para o caráter, já se trate de um menino ou de um cristão adulto,

Açoita.

Deus administra qualquer tipo de disciplina que considere necessária para a formação do caráter, ou permite experiências que alcancem esse propósito (ver com. vers. 5); mas esta afirmação não deve tomar-se muito literalmente, como se Deus pessoal ou diretamente autorizasse ou ordenasse o sofrimento e o pesar que acompanham a algumas das vicissitudes disciplinadoras da vida. Ver com. vers. 5.

que recebe.

Quer dizer, a todo aquele que recebe como seu filho. Cada filho de Deus desta terra chegou a sê-lo por sua adoção na família celestial.

Por filho.

Quanto a nossa relação como filhos do Pai celestial, ver com. Mat. 6: 9; 1 Juan 3: L.

7.

Se suportarem a disciplina.

Ver com. vers. 3, 5. A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão do "se" condicional: "para disciplina suportam" ou "suportem". Bem pode ser uma frase imperativa, uma admoestação apoiada no princípio expresso no vers. 6. Muito freqüentemente oramos para pedir a vitória sobre pecados particulares; mas Deus nos responde permitindo circunstâncias que nos fortaleçam precisamente naqueles pontos em que somos débeis. Reconheçamos então a resposta de Deus a nossas orações, e não vacilemos. Suportemos "a disciplina" com valor e humildade.

Como a filhos.

Geralmente os pais são resistentes a castigar a quem não é seus filhos; mas um pai sábio não vacila em castigar a seus filhos quando o necessitam. O castigo é uma prerrogativa, um dever e uma responsabilidade dos pais; por o tanto, castigar é em certo sentido uma evidência de paternidade.

Que filho?

Nenhum menino nasce com um caráter amadurecido; por isso cada filho deve ser disciplinado para que possa ocupar um lugar de utilidade no mundo e seja uma honra para a família.

8.

Se lhes deixa sem disciplina.

Os filhos que não recebem castigo são privados precisamente da preparação que necessitam para os deveres e as responsabilidades da vida. Os pais que não aplicam a devida disciplina terão que render um dia uma terrível conta diante de Deus. Não seria correto nem justo que nosso Pai celestial

deixasse de nos disciplinar, ou que nos liberasse das circunstâncias e situações que têm um valor disciplinador.

Bastardos.

Ou "filhos ilegítimos".

9.

Por outra parte.

estabelece-se um ponto mais de comparação entre a disciplina paterna terrestre e a de nosso Pai celestial.

Venerávamo-los.

Ou "respeitávamo-los" (BJ, BA, NC); algo oposto a desprezá-los (ver com. vers. 5). O respeito pela autoridade devidamente constituída -já seja a do lar, da sociedade ou de Deus- é básico para a paz, a harmonia e a segurança.

Obedeceremos.

Ou "submeteremo-nos" (BJ). Deixaremos de reconhecer e apreciar a disciplina do Senhor e de beneficiamos com ela? Devemos ser menos receptivos à disciplina 500 de nosso Pai celestial que os filhos a de seus pais terrestres?

Espíritos.

Gr. pnéuma, "espírito", "sopro", ou, possivelmente, "vida" (ver com. Luc. 8: 55). "Pai dos espíritos" refere-se a Deus como a fonte de toda vida e de tudo ser. Esta expressão contrasta com "pais terrestres", como o faz evidente Heb. 12: 10. O argumento vai do menor ao major: se respeitarmos a disciplina de um pai terrestre, a quem devemos nossa existência corporal, quanto mais não devêssemos ser obedientes ou nos submeter à correção de nosso Pai celestial, a quem devemos a vida?

"Espíritos" contrasta com "terrestres". Ambos se referem a seres humanos viventes, como se vê claramente no contexto e a sintaxe do texto grego. Todo o contexto tráfico da forma em que Deus, como nosso Pai celestial, castiga a seus filhos terrestres. "Os espíritos" é tradução de uma frase grega idiomática que equivale a "nossos espíritos" (BA).

10.

Por poucos dias.

Ou durante a infância e a juventude; mas nosso Pai celestial nos disciplina durante toda a vida.

Disciplinavam-nos.

Ver com. vers. 8.

Como lhes perecia.

Quer dizer, como lhes parecia bom ou melhor.

Para o que nos é proveitoso.

Quer dizer, para nosso bem. Pode ser que nossos pais terrestres se equivocaram com sua disciplina devido a seu critério defeituoso ou a motivos egoístas; entretanto, "venerávamo-los". Mas quanto mais não devêssemos apreciar e emprestar atenção à disciplina de nosso Pai celestial, um Pai cuja sabedoria e amor permite só o que é para nosso bem?

Participemos de sua santidade.

O propósito de toda disciplina divina é a transformação do caráter; seu meta é a perfeição (ver com. Mat. 5: 48).

11.

Nenhuma disciplina.

Ou "nenhuma correção" (BJ, NC). Ver com. vers. 5.

À presente.

A perspectiva do tempo e da experiência geralmente é necessária para apreciar plenamente a disciplina que se recebe. Quando os meninos e os jovens chegam à maturidade -e só então- podem compreender tudo o que seus pais, professores e amigos contribuíram no desenvolvimento de seu caráter. Esta avaliação é, sem dúvida, um indício seguro de maturidade. Os cristãos amadurecidos apreciam o valor disciplinador das diversas vicissitudes da vida enquanto estão passando por elas. Compreendem que o ressentimento frente à disciplina divina é sinal de infantilidade e imaturidade.

Causa de gozo.

Ou "agradável" (BJ, NC).

Tristeza.

Não no sentido de ser severo, intensa ou opressiva, mas sim porque causa aflição, sofrimento ou dor.

Depois.

As bestas só vivem no presente e para o presente; mas uma das características distintivas dos seres inteligentes é que podem projetar-se para o passado ou o futuro por meio da memória ou da imaginação. Em esta forma podem estimar sua situação atual dentro da perspectiva do tempo e da experiência, e decidir e atuar com inteligência.

A maneira como uma pessoa pode contemplar o presente em relação com o passado e o futuro é uma medida bastante segura de que passou que a infância a a maturidade. Outro tanto é certo no caso da maturidade cristã, especialmente em relação com as vicissitudes disciplinadoras da vida. Felizes aqueles cristãos que aprenderam a considerar as coisas do tempo à luz da eternidade.

Dá fruto.

A disciplina sempre dá "fruto aprazível de justiça", se se aceitar; estranha vez,

se é resistida; nunca, se é rechaçada.

De justiça.

A disciplina se faz necessária quando surge um conflito entre as tendências e os desejos naturais e os princípios corretos. O propósito da disciplina é resolver esse conflito harmonizando as tendências e os desejos naturais com os princípios. Assim, a disciplina produz paz. As pessoa submetida à disciplina se encontra em paz com Deus, consigo mesma e com seus próximos.

Exercitados.

Ou "adestrados". Os que aceitam a preparação que proporcionam as vicissitudes disciplinadoras, têm o privilégio de desfrutar de do "fruto aprazível de justiça", que cresce na árvore da obediência à vontade revelada de Deus.

12.

Pelo qual.

Quer dizer, já que as vicissitudes disciplinadoras são permitidas por um Pai celestial sábio e amoroso, com o propósito de que haja o "fruto aprazível de justiça" que dê maturidade a nossa vida.

Levantem.

"As mãos quedas e os joelhos paralisados" são símbolos de desânimo e inatividade. Representam a antítese da paciência (ver com. vers. 2). O cristão amadurecido não se cansa nem deprime (vers. 3) quando 501 passa pela disciplina; não deixa cair as mãos nem vacilam seus joelhos. Como entende não pouco da natureza e do propósito da disciplina e tem confiança na sabedoria e a bondade de seu Pai celestial, desterra o ressentimento, o desânimo e a inatividade. Cumpre suas tarefas com valor e confiança.

São muitos quão cristãos sofrem de "joelhos paralisados" e de "mãos quedas". Em vez de aceitar a disciplina do ciclo, começam a culpar a outros pelas circunstâncias desfavoráveis em que se encontram. Rechaçam a oportunidade que lhes proporciona seu Pai celestial para desenvolver o caráter. Sua vida começa logo a dar frutos de dissensão e amargura (ver com. vers. 13, 15) em vez do "fruto aprazível de justiça" (vers. 11). Cf. ISA. 35:3.

Quedas.

"Quedas" por causa do desânimo e as decepções.

Joelhos paralisados.

Os joelhos paralisados são uma desvantagem na carreira cristã (ver com. vers. 1-2).

13.

Caminhos direitas.

A relutância a aceitar a disciplina da vida, leva com freqüência a uma pessoa por caminhos tortuosos. O cristão amadurecido avança por um caminho direita porque aceita com valor e confiança, sem vacilações nem queixa, as vicissitudes disciplinadoras necessárias para a formação de um caráter cristão simétrico. Não trata de encontrar um desvio para evitar a disciplina, mas sim prossegue pelo caminho verdadeiro e aproveita as boas oportunidades que a vida oferece.

Agarro-o.

Outra referência às pessoas de "mãos quedas", "joelhos paralisados" e pés que necessitam "caminhos direitas" (vers. 12-13). Sua claudicação lhes dificulta caminhar pelas desagradáveis experiências disciplinadoras com o passar do caminho da vida.

Saia do caminho.

Gr. ektrépo, em voz medeia "desviar-se", "apartar-se", "deixar o caminho". O sentido em que este verbo se usa aqui, não é completamente claro. É possível uma destas duas interpretações: (1) os pés coxos se saem "do caminho", ou separam-se das "caminhos direitas' a "caminhos" torcidos onde é mais possível tropeçar e cair; (2) ektrépo deve entender-se em sentido médico: "deslocado", "desconjuntado". A claudicação faria difícil caminhar; um deslocamento o faria impossível. Se a admoestação se entender dessa maneira, diria a menos que se ofereçam "caminhos direitas e para os pés coxos, existe o perigo de que se produzam deslocamentos das articulações. O segundo sentido, "deslocado" ou "desconjuntado", concorda melhor com o contexto, pois é mais provável que "o coxo" desloque-se e não que se extravie. Além disso, a admoestação 'que seja sanado" apresenta um sentido mais apropriado se houver descoyuntamiento que se houver extravio. "Não se desconjunte" (BA, BJ); "não se desloque" (NC).

Mas sim seja sanado.

A relutância a aceitar a disciplina produzirá dificuldades ainda maiores; mas o cristão sábio não o permite, mas sim aplica o remédio apropriado. Os males físicos tendem a piorar, não a melhorar, quando não se os disposta a devida atenção. As condições da mente e do coração, como a relutância a aceitar a disciplina ou o ressentimento devido a ela, agravam-se indevidamente, a menos que se façam esforços inteligentes para diagnosticar a situação e aplicar o remédio apropriado.

14.

Sigam a paz.

Literalmente "persigam a paz". O autor deixa os problemas pessoais do cristão individual, e se ocupa das relações do cristão com seus próximos. Quanto à admoestação de seguir "a paz", ver com. ROM. 12: 18; 1 Ped. 3: 11; cf. Sal. 34: 14.

Santidade.

Só os de coração puro podem esperar que verão deus (ver com. Mat. 5: 8).

Verá o Senhor.

Quer dizer, em paz.

15.

Olhem bem.

Ninguém entrará no céu indo à deriva. "É necessário que através de muitas tribulações entremos no reino de Deus" (Hech. 14: 22; ver com. Mat, 7: 21-27; 10: 23). Devemos nos esforçar para entrar (Luc. 13: 24). Nenhum esforço pela metade alcançará o tesouro celestial (ver Mat. 13: 44-46).

Deixe.

Gr. husteréo, "carecer de", "faltar", "chegar tarde". A forma em que se usa aqui implica um descuido contínuo, não uma só deserção. Quanto a cair de a graça, ver com. Gál. 5: 4.

Raiz de amargura.

A declaração se apóia no Deut. 29: 18 (LXX). Originalmente foi uma advertência contra a idolatria (ver com. Deut. 29: 18); aqui parece ser um conselho contra qualquer pessoa da igreja dada às discussões com o deliberado propósito de fomentar má vontade e divisão entre os irmãos. Uma "raiz de amargura" geralmente germina na escuridão de alguma alma murcha, e logo floresce convertendo-se 502 em uma crítica pública e maligna contra os dirigentes da causa de Deus na terra, e faz que os irmãos dividam-se entre si.

Muitos sejam poluídos.

Os que têm a alma amargurada procuram sempre implicar tantos como podem em sua descontente e rebelião.

16.

Fornicario.

"Pessoa imoral".

Profano.

Gn bebe-os, "Profano", "vulgar", "irreligioso". Bebe-os descreve no NT a uma pessoa que não aprecia nem deseja as coisas sagradas, cujos desejos e ambições não se elevam por cima das coisas desta terra.

Esaú.

Quanto ao caráter do Esaú e o episódio ao qual se faz referência, ver com. Gén. 25: 27-34.

Primogenitura.

Quanto ao significado da primogenitura, ver com. Gén. 25: 31.

17.

Descartado.

Gr. apodokimázo, "refere-se a rechaçar, depois de submeter a prova, por não alcançar a medida das normas exigidas". Quanto ao episódio a que aqui menciona-se, ver Gén. 27: 1-40.

Não houve oportunidade para o arrependimento.

Os largos anos durante os quais Esaú foi em detrás de propósitos terrestres, o incapacitaram para cumprir com as responsabilidades mais sérias da vida. Seu própria eleição havia modelado sua maneira de pensar e seu caráter O autor de Hebreus não quer dizer que Esaú desejou realmente arrepender-se de seus maus hábitos, a não ser simplesmente que se arrependeu de ter vendido seu primogenitura. Desejava recuperá-la; mas sabia que sua decisão tinha sido irrevogável: tinha-a perdido para sempre. Nenhum ato arbitrário de Deus impediu que Esaú recebesse a herança que normalmente tivesse sido dela; foi seu caráter o que o desqualificou para os privilégios e as responsabilidades da primogenitura.

Com lágrimas.

Quando Esaú se deu conta do que tinha perdido, "clamou com uma muito grande e muito amarga exclamação" (Gén.27: 34).

18.

Não lhes aproximastes.

Ver Exo. 19: 9-25 quanto ao sucesso ao qual se faz referência nos vers. 18-21. Assim como o antigo o Israel ouviu no monte Sinaí a voz de Deus (Heb. 12: 18-21), também os cristãos se hão "aproximado do monte do Sion" (vers. 22-23) e devem emprestar atenção à voz de Cristo (vers. 24- 27).

Que se podia apalpar.

Não se trata de um monte literal na terra.

Que ardia em fogo.

Quanto às frases descritivas dos vers. 18-19, ver Exo. 19: 16.

19.

Voz que falava.

Ou seja a voz de Deus.

Rogaram.

Ver Exo. 20: 19; Deut. 5: 5.

21.

Tão terrível.

destaca-se quão impressionante foi o que se viu e se ouviu, especialmente o som da voz de Deus. Quando o povo esteve frente a frente com o Doador da lei e juiz de toda a terra, experimentou algo do "temor do Senhor" (2 Cor. 5: 11). Entrega-a da lei no Sinaí foi acompanhada por uma

exibição tremendamente impressionante do poder e da majestade de Deus. Nunca antes nem tampouco depois contemplou o mundo um pouco tão impressionante e aterrador.

22.

Aproximaste-lhes.

O autor deixa agora aquela experiência do antigo o Israel para referir-se aos cristãos. Fala em sentido figurado dos cristãos como se estivessem congregados ao redor do trono de Deus no céu, ou em uma grande reunião de a igreja invisível.

Monte do Sion.

O nome de uma das colinas sobre os quais estava situada a antiga Jerusalém (ver com. Sal. 48: 2). Este chegou a ser um nome poético favorito para a cidade de Jerusalém. Aqui se faz referência a "Jerusalém a celestial".

Deus vivo.

Ver com. cap. 3: 12; 9: 14; 10: 31.

Jerusalém a celestial.

Quanto à aplicação do nome Jerusalém ou nova Jerusalém a cidade do Deus vivo", ver com. Apoc. 3: 12; 21: 2.

Companhia de muitos milhares.

Literalmente "miríades". Ver com. Apoc. 5:11.

23.

Congregação dos primogênitos.

No texto grego há dois essenciais nesta passagem, ambos com relação a "os primogênitos": paneguris, "convocação festiva" e ekklesía, "congregação" ou "igreja". "À assembléia geral e igreja dos primogênitos" (BA). Esta igreja "dos primogênitos" constituem-na os que nasceram de novo. Se alude à igreja invisível.

Inscritos nos céus.

Ou "registrados nos céus", quer dizer no livro da vida do Cordeiro (ver com. Fil. 4: 3; Apoc. 3:5).

Deus o juiz.

Deus foi o que deu a lei no monte Sinaí. No monte do Sión aparece como "o juiz de todos" os homens para julgá-los pela lei que proclamou do Sinaí. Não será menos aterrador encontrar-se 503 frente a Deus quando julgar a todos os seres humanos de acordo com a norma de sua lei.

Espíritos.

Gr. pnéuma (ver com. vers. 9). " idéia de que pnéuma signifique alguma entidade do ser humano que é consciente e capaz de existir separada do corpo, não é parte essencial desta palavra, nem tampouco pode fazer-se derivar dela objetivamente tal significado pelo uso que tem no NT. O conceito de espírito imortal se apóia unicamente em opiniões preconcebidas dos que acreditam que uma entidade consciente sobrevive ao corpo quando este morre, preconcepto que aplicam a palavras como "espírito" e "alma". Quanto a rúaj, o equivalente hebreu do grego pnéuma, ver com. Anexo 12: 7. Ver também com. Sal. 16: 10 e Mat. 10: 28.

Justos feitos perfeitos.

Ou cristãos amadurecidos (ver com. Mat. 5: 48). As palavras "aproximaste-lhes" (Heb. 12: 22) são dirigidas a cristãos vivos, como o demonstra o contexto. O autor não se está dirigindo aos justos mortos dos séculos passados, como se estivessem realmente reunidos diante do "Juiz de todos" os homens, no "monte do Sion", em "Jerusalém a celestial" (vers. 22-23). Todos convirão em que unicamente em sentido figurado podem, todos os cristãos que vivem, congregar-se diante do trono de Deus como se descreve nos vers. 22-24. O autor os convida no mesmo sentido a aproximar-se "confidencialmente ao trono da graça" (cap. 4: 16), e na mesma forma figurada podem imaginar-se a "os espíritos" de todos os outros "justos feitos perfeitos" reunidos ali em espírito, não em um estado imaginário de seres desencarnados. Afirmar que a expressão "os espíritos dos justos feitos perfeitos" refere-se a supostos "espíritos" desencarnados, seria pôr em antagonismo ao autor de Hebreus com as claras afirmações das Sagradas Escrituras a respeito da inconsciência do homem na morte (ver com. Anexo 3: 21; 12:7; Juan 11: 11; cf. com. Gén. 2: 7).

24.

Mediador.

Quanto a Cristo como mediador do novo pacto, ver com. cap. 8: 6; 9: 15.

Novo pacto.

Ver com. cap. 8: 8- 10.

Sangue orvalhado.

Ver com. Exo. 24: 6, 8; Heb. 9: 19, 21; 10: 22. É uma referência ao sangue expiatório de Cristo, por meio da qual foi ratificado o novo pacto e por cujo meio é perdoado o pecado.

Fala.

Ver com. Gén. 4: 10; cf. com. Heb. 11: 4.

Melhor.

O sangue do Abel clamou pedindo vingança; a de Cristo fala eloqüentemente de a misericórdia e o perdão de Deus.

25.

Olhem que não desprezem.

Nos vers. 25-29 o autor extrai sua conclusão de toda a série de argumentos apresentados nos vers. 18-24. O antigo o Israel ficou aterrorizado pela voz de Deus que falava do monte Sinaí (vers. 18-21). Se os cristãos penetram por fé até a presença de "Deus o juiz de todos" e de "Jesus o Mediador do novo pacto" (vers. 23-24), não se sentirão menos profundamente impressionados; entretanto, Israel não quis escutar a voz de Deus (Exo. 20: 18-19), e esse rechaço prefigurava uma desobediência persistente (ver T. IV, pp. 34-35). Os cristãos devem cuidar-se para não cair no mesmo engano que cometeu o antigo o Israel (ver com. 1 Cor. 10: 1-12; Heb. 3: 11; 4: 1).

Ao que fala.

No cap. I: 1-2, Deus o Pai é apresentado como se nos falasse por meio de seu Filho. Aqui não é claro se o que fala for o Pai ou é o Filho. Em tudo caso, a mensagem é o mesmo.

Se não escaparam.

Ver com. cap. 2: 2-3; 4: 1.

Admoestava-os na terra.

Quer dizer, do monte Sinaí.

Muito menos.

Ver com. cap. 2: 3.

Dos ciclos.

Ou seja a quão cristãos vivem agora na terra.

26.

A voz do qual comoveu.

Cf. Exo. 19: 18.

Ainda uma vez.

A entrevista está adaptada do Hag. 2: 6-7 (LXX; ver o comentário respectivo). Esta profecia se aplicou ao templo quando foi restaurado depois do cativeiro babilônico e ao primeiro advento de Cristo; aqui se refere ao segundo advento de Cristo (ver Apoc. 16: 17-18).

27.

Indica a remoção.

A frase "ainda uma vez" indica que a segunda sacudida será final, definitiva. Não se necessitará outra sacudida mais. portanto, tudo o que possa ser sacudido e removido o será na segunda sacudida que se produzirá com a vinda de Cristo.

Coisas mutáveis.

Quer dizer, que podem ser sacudidas. Serão removidos o pecado e todas seus conseqüências. Terminará este mundo e tudo o que há nele.

Como coisas feitas.

Não se vê com facilidade a relação desta frase com toda a argumentação. O texto grego nesta passagem é breve e pouco clara. O autor possivelmente aluda ao feito de 504 que assim como Deus no princípio chamou à existência os céus e a terra mediante sua palavra (ver com. Gén. 1: 3; Heb. 11: 3; cf. Sal. 33: 6, 9), assim também falará outra vez para fazer desaparecer todo o mutável.

Para que fiquem.

Quando a voz de Deus sacuda de novo os céus e a terra, só permanecerá o que é reto, puro e verdadeiro.

As inconmovibles.

Quer dizer, o "reino inconmovible" (vers. 28), inclusive todos "os justos feitos perfeitos" (vers. 23).

28.

Um Reino

O autor descreve ao povo de Deus na terra como se já estivesse em posse de sua herança eterna (ver com. cap. 11: 1).

Tenhamos gratidão.

Ter járis pode significar ter "graça" ou "favor".

Sirvamos a Deus lhe agradando.

Nada pode ser mais agradável a Deus que a gratidão pelas bondosas disposições do plano de salvação, pois a gratidão indevidamente conduz a um serviço leal.

Temor e reverência.

Ou "devoção e profundo respeito". Ver com. Sal. 19: 9; Heb. 5: 7. O temor reverente que os seres humanos sentem na presença de Deus, destaca-se em cap. 12: 18-21, 26-27.

29.

Fogo consumidor.

Isto ficou demonstrado no monte Sinaí (Exo. 24: 17). O fogo do último dia destruirá tudo o que esteja manchado de pecado (ver com. Mau. 4:1 ; cf. 2 Ped. 3: 7, 10-12; Apoc. 20: 9, 15).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 CM 433; FÉ 134; 2T 517; 3T 43; St 83; 5TS 228

1-2 FÉ 402; HAp 251; 1JT 184; 4T 35

2 AFC 370; DC 74, 76; C (1967) 158; CH 299, 320; CMC 225; COES 17; DTG 481, 614; EC 458; ECFP 101; Ev 468; FÉ 383; 1JT 232, 365, 395, 490, 518; 2JT 59, 126, 341, 550; 3JT 72, 120; MB 54; MC 404; MeM 102, 108, 181; MJ 102; MM 21, 41, 99; PR 127; RC 58; 2T 115,

491; 4T 54, 366, 461, 583, 615; 8T 210; 5TS 174

2-3 HAp 373; P 114

2-4 2T 709

3 PR 517; 3T 434

3-4 2JT 238 4 5T 222

5 DMJ 15 8 IT 632

8-11 2JT 293

10 DMJ 14; 2JT 339; MeM 301

11 MeM 95; P 119; PP 242; 3T 416

12 4T 131; TM 496

12-13 TM 184-185

12-15 8T 79

13 C (1967) 207; CH 575; CMC 270;

COES 14; CW 174; Ev 269, 296, 429; FÉ 222; 1JT 533; 2JT 117; 3JT 414; MJ 29; NB 359; 3T 441; 5T 518; 7T 130, 238; 8T 196, 212; TM 219, 229, 406, 468

13-15 3JT 173

14 DC 34; CM 415; CS 596; FÉ 136, 385; 2JT 340; MM 52; IT 23; 2T 401; 4T 332; TM 447

15 Ev 395; HAp 169; 2JT 82; PR 63; PVGM 63; IT 480; 3T 440, 452; 4T 2299 610

16 CH 110; CMC 144; CRA 174; CV 61

16-17 PP 180

17 2T 39

21 PP 312; 4T 342

22 CS 566

24 DTG 138; PP 387

25 PVGM 188

26 DTG 726; 1JT 64; PP 353

27 C (1967) 20, 24; Ev 266; 2JT 549; 3JT 285, 312; MJ 27; 1 T 355; 7T 219

29 DC 16; CS 732; DTG 82, 552; HR 449 505

CAPÍTULO 13

1 Diversas admoestações: à caridade, 4 à vida honesta, 5 contra a avareza, 7 a honrar aos pregadores de Deus, 9 a cuidar-se das doutrinas falsas, 10 a confessar a Cristo, 16 a ajudar a outros, 17 a obedecer às autoridades, 18 e a orar pelo apóstolo. 20 Conclusão.

1 PERMANEÇA o amor fraternal.

2 Não lhes esqueçam da hospitalidade, porque por ela alguns, sem sabê-lo, hospedaram anjos.

3 Lhes lembre dos detentos, como se estivessem detentos junto com eles; e de maltratado-los, como que também vós mesmos estão no corpo.

4 Honroso seja em todos o matrimônio, e o leito sem mancha; mas aos fornicarios e aos adulteros os julgará Deus.

5 Sejam seus costumes sem avareza, contentes com o que têm agora; porque ele disse. Não te desampararei, nem te deixarei;

6 de maneira que podemos dizer confidencialmente:

O Senhor é meu ayudador; não temerei o que me possa fazer o homem.

7 Lhes lembre de seus pastores, que lhes falaram a palavra de Deus; considerem qual tenha sido o resultado de sua conduta, e imitem sua fé.

8 Jesucristo é o mesmo ontem, e hoje, e pelos séculos.

9 Não lhes deixem levar de doutrinas diversas e estranhas; porque boa coisa é afirmar o coração com a graça, não com viandas, que nunca aproveitaram aos que se ocuparam que elas.

10 Temos um altar, do qual não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo.

11 Porque os corpos daqueles animais cuja sangre a causa do pecado é introduzida no santuário pelo supremo sacerdote, são queimados fora do acampamento.

12 Pelo qual também Jesus, para santificar ao povo mediante sua própria sangue, padeceu fora da porta.

13 Saiamos, pois, a ele, fora do acampamento, levando seu vituperio;

14 porque não temos aqui cidade permanente, mas sim procuramos a por vir.

15 Assim, ofereçamos sempre a Deus, por meio dele, sacrifício de louvor, quer dizer, fruto de lábios que confessam seu nome.

16 E de fazer bem e da ajuda mútua não lhes esqueçam; porque de tais

sacrifícios se agrada Deus.

17 Obedeçam a seus pastores, e sujeita vos a eles; porque eles velam por suas almas, como quem tem de dar conta; para que o façam com alegria, e não queixando, porque isto não lhes é proveitoso.

18 Orem por nós; pois confiamos em que temos boa consciência, desejando nos conduzir bem em tudo.

19 E mais vos rogo que o façam assim, para que eu lhes seja restituído mais logo.

20 E o Deus de paz que ressuscitou dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, o grande pastor das ovelhas, pelo sangue do pacto eterno,

21 lhes faça aptos em toda obra boa para que façam sua vontade, fazendo ele em vós o que é agradável diante dele pelo Jesucristo; ao qual seja a glorifica pelos séculos dos séculos. Amém.

22 Vos rogo, irmãos, que suportem a palavra de exortação, pois lhes hei escrito brevemente.

23 Saibam que está em liberdade nosso irmão Timoteo, com o qual, se viniere logo, irei ver lhes.

24 Saúdem todos seus pastores, e a todos os Santos. os da Itália vos saúdam.

25 A graça seja com todos vós. Amém.

1.

Amor fraternal.

Ver com. ROM. 12: 10. O capítulo final do livro de Hebreus está composto por uma série de admoestações gerais sobre diversos temas (vers. 1-17) e um saudação pessoal (vers. 18-25).

2.

Não lhes esqueçam.

Evidentemente muitos tendiam a estar tão absortos em seus próprios assuntos, que não se interessavam pessoalmente em seus irmãos na fé como devessem havê-lo feito. À medida que a igreja aumenta em número, há o perigo crescente de que ocorra o mesmo hoje em dia. Nosso 506 próximo é tudo o que necessite nossa amizade e hospitalidade.

Hospitalidade.

Posada-las eram escassas, e com freqüência se desconfiava dos estranhos. Se os particulares não se interessavam nos forasteiros, com freqüência estes não tinham onde alojar-se. A hospitalidade exigia na antigüidade que se albergasse aos forasteiros. Esta necessidade possivelmente não exista hoje em dia no mesmo grau, pois pelo general abundam os lugares onde alojar aos viajantes. A pesar de tudo permanece o princípio, e os cristãos devem procurar formas e meios de demonstrar hospitalidade de acordo com as necessidades atuais.

Sem sabê-lo.

Quer dizer, nos primeiros momentos quando foram recebidos os forasteiros.

Hospedaram anjos.

Este foi o privilégio do Abraão (Gén. 18: 1-8), do Lot (Gén. 19: 1-3), de Gedeón (Juec. 6: 11-26) e da Manoa (Juec. 13: 2-4, 9-21). A fidelidade em atender as necessidades dos forasteiros será tida muito em conta no julgamento final (ver Mat. 25: 35).

3.

Presos junto com eles.

Atender os detentos é outra atividade de suficiente importância para ser considerada no julgamento final (ver Mat. 25: 36). Aqui se apresenta o princípio, como em outras partes das Escrituras (ver 1 Cor. 9: 22), de que o cristão deve esforçar-se por simpatizar com qualquer pessoa que ele descubra que se encontra em necessidade ou circunstâncias difíceis. Deve lhe emprestar ajuda de acordo com a regra de ouro (ver com. Mat. 7: 12).

Também vós mesmos estão no corpo.

Pense em como se sentiria você se estivesse na mesma situação dos maltratados; logo socorra-os conforme a suas necessidades. O princípio que se apresenta na regra de ouro se aplica a outra situação prática. O cristão não deve perguntar se os que sofrem adversidades merecem ou não ajuda; é suficiente que saiba que necessitam ajuda.

4.

Honroso seja em todos.

A instituição do matrimônio foi ordenada por um sábio Criador para que fora uma grande bênção para os seres humanos, e quando se leva a cabo o propósito do Criador na vida familiar, o resultado é um bem imensurável. Mas o matrimônio se perverte quando só serve a propósitos indignos; perde a qualidade de ser "honroso".

Matrimônio.

Em relação aos ideais cristãos quanto às responsabilidades e os privilégios do matrimônio, ver com. 1 Cor. 7; cf. com. Mat. 5: 28-32; 19: 5-10.

Leito sem mancha.

Esta parte do versículo pode traduzir-se: "que o leito conjugal seja sem mancha". É possível que o leito seja manchado, e por isso o apóstolo aconselha a seus leitores a mantê-lo puro e honorável, a não degradá-lo convertendo-o em um instrumento para a complacência das baixas concupiscências. A idéia que sustentam alguns de que as intimidades da vida conjugal não são honoráveis, ou que necessariamente diminuem a nobreza do caráter, servem como um recurso do diabo, que desonra uma das disposições que o Criador ordenou e declarou boa. Ver com. 1 Cor. 7: 3-5.

Fornicarios.

Ou "pessoas imorais". Ver com. Mat. 5: 32.

Adúlteros.

Ver com. Exo. 20: 14; Mat. 5: 32.

Julgará Deus.

No último dia junto com todos os que persistentemente tenham vivido violando os princípios apresentados na Santa lei divina (ver com. Apoc. 21: 8).

5.

Costumes.

Gr. trópos, "atitude", "costume", "maneira", "conduta", "caráter".

Avareza.

Ver com. Luc. 12: 13-34.

Contentes.

Ver com. Fil. 4: 11; 1 Tim. 6: 6.

Com o que têm agora.

Se os seres humanos tão somente pudessem aprender a estar contentes com o que têm e a não cobiçar o de outros, automaticamente resolveriam a maioria dos problemas que açoitam à raça humana. Quanto à forma em que o cristão deve considerar as coisas materiais, ver com. Mat. 6: 19-34.

O.

Quer dizer, Deus. A entrevista é do Deut. 31: 6, 8 (LXX).

Nem te deixarei.

A respeito da bondosa forma em que Deus atende nossas necessidades, ver com. Mat. 6: 26-34.

6.

Confidencialmente.

A entrevista é de Sal. 118: 6 (LXX; ver o comentário respectivo).

7.

Pastores.

Literalmente "os que lhes guiam"; aqui significa dirigentes da igreja. Em quanto à lealdade para os que dirigem a igreja, ver com. 1 Lhes. 5: 12-13.

Falaram.

O tempo do verbo indica que se refere a dirigentes do passado, que possivelmente então já descansavam no Jesus.

Resultado.

Sem dúvida o autor tinha em conta certas pessoas em particular, embora não as menciona.

Conduta.

Gr. anastrofL, "maneira de vida", 507 conduta", "comportamento" (ver com. F. 4: 22).

Sua fé.

Os heróis da fé mencionados no cap. 11 tinham vivida fada muito; mas também tinha havido homens fiéis em tempos mais recentes, cujo exemplo podia ser imitado.

8.

Jesucristo.

Quanto à combinação do Jesus e Cristo em um só nome, ver com. Mat. 1: 1.

O mesmo.

Esta afirmação indubitavelmente tinha o propósito de preparar o caminho para a advertência do vers. 9. Como Cristo nunca troca, nunca pode trocar o mensagem quanto a ele. Os ensinos que diferem do Evangelho puro já proclamado, podem ser desprezadas sem maior exame. Ver com. Gál. 1: 6-8.

9.

Não lhes deixem levar.

Alguns sentem facilmente a influência de qualquer doutrina nova ou estranha. Falta-lhes discriminação espiritual, e não podem ver a diferença entre a verdade e o engano comparando o novo ensino com as Escrituras. Ver com. F. 4: 14; Couve. 2: 4, 8.

Diversas.

Quer dizer, que diferem da mensagem evangélica pura já recebida.

Afirmar o coração com a graça.

Para não deixar-se levar por ensinos caprichosos quanto a religião e teologia. O poder estabilizador da graça de Cristo é o melhor amparo do cristão contra os falsos ensinos. Quanto à "graça", ver com. ROM. 1: 7; 3: 24.

Não com viandas.

Pelo menos alguns dos que propagavam novidades caprichosas quanto a

religião, indubitavelmente se extralimitaban frente aos claros ensinos de as Escrituras sobre a alimentação, e convertiam seus escrúpulos de comida em uma prova de fé. Quanto à relação do regime alimentá-lo e a religião, e à advertência contra os caprichos na alimentação disfarçados como obrigações religiosas, ver com. ROM. 14: 17; 1 Tim. 4: 3.

Nunca aproveitaram.

Até os que tão veementemente elogiavam o valor dos caprichos culinários que patrocinavam, não tinham recebido nenhum benefício prático deles. Sem dúvida se faz referência a uma ou mais das facções judaizantes que perturbavam à igreja cristã primitiva, como os ebionitas e os nazarenos (ver T. VI pp. 54-56).

10.

Temos um altar.

O autor alude ao feito de que aos sacerdotes e aos levita lhes haviam atribuído certas partes de alguns de quão animais eram levados a santuário antigo ou ao templo para ser sacrificados (ver Lev. 6: 16-18; 7: 15-16, 31-34; Núm. 18: 8-10; Deut. 18: 1-2; cf. 1 Cor. 9: 13). Nas falsas doutrinas a que se faz referência no Heb. 13: 9 possivelmente se fazia destacar a importância de obrigar aos cristãos a praticar as cerimônias e os antigos ritos do judaísmo -que tratavam de comidas e bebidas-, como se dessa maneira se pudesse alcançar uma maior santidade. Mas os cristãos têm um altar -a cruz do Calvário- e um sacrifício que supera por muito em valor e em eficiência aos antigos sacrifícios de animais (ver com. cap. 9: 14, 24-28; 10: 10, 12, 14): é, nada menos, "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Juan 1: 29). Além disso, Cristo convida aos que acreditam nele a que comam de sua carne (Juan 6: 33-58).

Não têm direito de comer.

Dentro do ambiente do sistema religioso judeu, os sacerdotes e levita desfrutavam de um posto de honra e de privilégios especiais; mas apesar de sua elevada posição, depois de rechaçar ao Jesus foram indignos de participar no que tem direito de participar tudo verdadeiro cristão. Pablo pode também ter tido em conta o pão e o vinho do Jantar do Senhor. Os tão elogiados méritos do sistema de religião ou "doutrinas diversas e estranhas" do vers. 9, eram, desde qualquer ponto de vista, incomparablemente inferiores ao caminho de salvação pela fé no Jesucristo.

Os que servem.

Quer dizer, os sacerdotes e os levita.

11.

Daqueles animais.

Quando o sangue da oferenda pelo pecado era introduzida no santuário, como no caso do sacerdote ungido ou de toda a congregação, o sacerdote não devia comer da carne a não ser queimá-la fora do acampamento (Lev. 6: 30). Assim também Jesus sofreu "fora da porta" (Heb. 13: 12; cf. Juan 19: 17), depois do qual ministro com seu próprio sangue no santuário celestial (Heb. 9: 12). Durante o antigo sistema cerimonioso os sacerdotes não tiveram

direito a comer da porção que lhes correspondia de um sacrifício como este (cap. 13: 10); mas Cristo disse: "Tomem, comam; isto é meu corpo que por vós é partido" (1Cor. 11: 24).

12.

Para santificar.

Para que Cristo pudesse ministrar com seu próprio sangue em favor de 508 os pecadores arrependidos no santuário com. cap. 10: 5-8). Esse sangue não serve para celestial, era necessário que padecesse "fora nenhum propósito útil. Mas Deus se agrada da porta" de Jerusalém.

13.

Saiamos, pois.

Os cristãos de origem judia já não procurariam a salvação nos ritos e cerimônias da religião judia. Ainda eram israelitas, e como tais, em sentido figurado, habitantes da cidade de Jerusalém; mas para achar ao Salvador tinham que buscá-lo além dos limites do judaísmo. De acordo ao livro de Hebreus, esta situação constitui uma exortação aos cristãos de origem judia a apartar a vista dos ritos e as cerimônias do judaísmo e a fixá-la no Jesucristo e em seu ministério como nosso grande supremo sacerdote no santuário celestial (ver pp. 403-404).

Levando seu vituperio.

Os que manifestaram simpatia com o Jesus quando foi à a Gólgota como criminal condenado, sofreram "vituperio" com ele. Quando os cristãos de origem judia abraçavam o cristianismo, incorriam no ódio de seus compatriotas judeus, e quando davam as costas ao sistema judaico de sacrifícios como um meio de salvação, eram acusados de apostasia e traição,

14.

Cidade permanente.

Os judeus consideravam Jerusalém como uma "cidade permanente"; quer dizer, pensavam que o plano divino estava indisolublemente ligado a essa cidade e que, portanto, estava destinada a permanecer para sempre. sentiam-se seguros dentro dos braços do judaísmo. Mas os cristãos não têm uma "cidade permanente" tal. Suas esperanças e aspirações não estão relacionadas com nenhuma cidade terrestre nem com nenhum sistema religioso terreno. Quanto significado tinha tudo isto para os cristãos hebreus que, antes de muito, veriam a destruição de Jerusalém!

Procuramos a por vir.

Quer dizer, a nova Jerusalém (cf. cap. 12: 22). Compare-se isto com o caso do patriarca Abraão (cap. 11: 10).

15.

Por meio dele.

Quer dizer, por Cristo ou em virtude do sacrifício que já tem feito por nós

"fora da porta" de Jerusalém.

Sacrifício de louvor.

Em vez de levar uma oferenda de agradecimento ao templo como o prescrevia a lei do Moisés (ver Lev. 7: 12-14), devemos oferecer um contínuo "sacrifício de louvor" ao Senhor.

16.

Fazer bem.

Quer dizer, ministrar às necessidades de outros. Deus não se agrada com a sangue de bezerros e machos caibros (ver com o espírito de serviço sacrificado a favor de outros (ver com. Mat. 25: 24-40). A prática de "a religião pura e sem mácula" (Sant. 1: 27) sempre é aceitável à vista do céu.

Não lhes esqueçam.

Possivelmente alguns se descuidaram neste respeito.

agrada-se Deus.

Os ritos formais e as cerimônias não têm significado para Deus. O procura que os seres humanos o adorem "em espírito e na verdade" (Juan 4: 23), quer dizer, refletindo o caráter divino e demonstrando seu amor e devoção a Deus com uma vida de serviço para outros.

17.

Obedeçam.

Ver com. vers. 7.

Sujeita vos.

Deus instituiu dirigentes para que pastoreiem sua grei, e precatória a seus ovelhas para que se sujeitem aos que foram instituídos sobre elas enquanto esses dirigentes obedeçam ao Professor. Aqui se faz referência aos dirigentes desse momento; não aos anteriores, como no vers. 7.

Eles velam.

Quão dirigentes Deus instituiu sobre a igreja são responsáveis diante dele pelo bem-estar de seu povo, e lhes pedirá uma estrita conta de seu mordomia.

Por suas almas.

Quer dizer, "por vós" (cf. cap. 12: 9, 23).

Têm que dar conta.

Um mordomo tem que prestar contas a seu amo de qualquer classe de bens que tenha-lhe crédulo, e sabe que deve dar conta de sua mordomia. Quando os membros da igreja cooperam com seus dirigentes instituídos, fazem muito mais

fácil que os líderes rendam uma fiel conta de sua mordomia.

Com alegria.

Quer dizer, sabendo que desempenharam fielmente sua responsabilidade. Compare-se com o caso dos servos fiéis a quem se convida a que participem do gozo de seu Senhor (ver Mat. 25: 21).

Não queixando.

Compare-se com o caso do servo infiel (Mat. 25: 28-30).

Não lhes é proveitoso.

Os membros de igreja não ganham nada fazendo que a seus dirigentes instituídos seja-lhes difícil render uma boa conta de sua mordomia. Ambos participarão ou da "alegria" ou do "lamento" do dia do ajuste final de contas.

18.

Orem por nós.

Ou "continuem orando por nós", ou "orem habitualmente por nós". Cf. F. 6: 19; Couve. 4: 12. Embora Pablo era um homem de vasta experiência 509 e de grande estatura espiritual, apreciava e solicitava as orações de seus irmãos em Cristo. Cada verdadeiro dirigente aprecia profundamente o interesse e as orações daqueles por quem trabalha.

Confiamos.

Gr. péithÇ, que na forma em que aqui se usa significa "estar convencido", "estar persuadido".

Boa consciência.

Quer dizer, uma consciência limpa. Compare-se com as repetidas afirmações de Pablo de que possuía uma clara consciência (Hech. 23: 1; 24: 16; ROM. 9: 1; 2 Cor. 1: 12; 2 Tim. 1: 3).

Desejando.

O propósito do autor é refletir plenamente os princípios do Evangelho em sua própria vida (cf. 1 Cor. 9: 27).

Conduzimos bem em tudo.

Ou conduzir-se honorablemente.

19.

Mais.

Ou "com a maior insistência" (BJ); sobre tudo" (NC).

Vos rogo.

O ardor com que o autor precatória a seus leitores a orar por sua liberação de

as circunstâncias que impediam que houvesse comunhão com eles, é, sem dúvida, comovedor, e reflete sua fé pessoal no poder da oração.

Seja-lhes restituído.

O vers. 23 sugere que Timoteo esteve detento nesse tempo e, além disso, parece indicar que o autor de Hebreus estava em liberdade. Outras circunstâncias, como enfermidade ou a pressão dos deveres missionários, possivelmente impediram que Pablo reunisse-se de novo com seus leitores.

20.

Y.

Os vers. 20 e 21 constituem a bênção apostólica pronunciada pelo autor para os leitores do livro de Hebreus. Os encomenda à graça de Deus.

Deus de paz.

Ver com. ROM. 15: 33.

Ressuscitou dos mortos.

Ver com. ROM. 4: 24. Como ocorre freqüentemente nas epístolas do NT, se apresenta a ressurreição de Cristo como o coração e o centro da esperança e da fé dos cristãos.

Pastor das ovelhas.

Ver com. Sal. 23; Juan 10: 10- 11; cf. 1 Ped. 2: 25.

O sangue.

O eficaz instrumento que faz efetivo o pacto eterno e o ratifica. Ver com. cap. 9: 18-28.

Pacto eterno.

Ver com. cap. 8: 8-12.

21.

Faça-lhes aptos.

Gr. katartízÇ (ver com. 1 Ped. 5: 10; cf. com. Mat. 5: 48).

Toda obra boa.

Levidencia textual tende a confirmar (cf. P. 10) a omissão da palavra "obra". "Toda classe de bens" (BJ); em tudo bem" (BC, NC). portanto, o "bom" se aplica ao que Pablo deseja que tenham e sejam seus leitores mas bem que ao que deseja que façam; entretanto, o propósito desse "bem" é fazer com mais eficácia a "vontade" divina.

Fazendo ele em vós.

Ver com. Fil. 2: 13.

Pelo Jesucristo.

Ver com. Gál. 2: 20.

Ao qual seja a glória.

Ver com. Gál. 1: 5.

Pelos séculos dos séculos.

Ver com. Mat. 25: 41; Apoc. 1: 6.

Amém.

Ver com. Mat. 5: 18; ROM. 15: 33.

22.

Suportem.

Ou "aceitem".

Palavra de exortação.

Quer dizer, a mensagem contida no livro de Hebreus (ver pp. 403-404).

Brevemente.

Havia muito mais que desejava dizer sobre o tema, mas o espaço não se o permitia.

23.

Está em liberdade.

Este encarceramento se conhece só por esta informação.

Timoteo.

Ver com. Hech. 16: 1.

Se viniere.

Nada mais se sabe da visita que aqui se menciona.

24.

Todos seus pastores.

Ou seja aos líderes da igreja. Ver com. vers. 7.

os da Itália.

Melhor "os que provêm da Itália"; quer dizer, crentes cristãos. Não se pode determinar por esta frase se esses crentes estavam na Itália naquele tempo e, portanto, a epístola foi enviada da Itália, ou se provinham de

Itália e estavam com o autor em alguma outra parte.

25.

A graça seja com todos vós.

Ver com. Tito 3: 15.

Amém.

Ver com. Mat. 5: 18; ROM. 15: 33.

Na RVA se a adía em tipo mais pequeno: "Foi escrita aos Hebreus desde Itália com o Timoteo". Este acréscimo não é parte da epístola original. Apareceu pela primeira vez em um manuscrito do século VI.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 1T 679

2 HAd 405; 2JT 569; MB 45, 221; PP 133, 154; PR 96 510

4 HAd 22, 46; PP 27

5 EC 398; HAd 312; HAp 24; MM 184; OE 158; 2T 623; 3T 293; 4T 447, 618; 5T 283; 7T 274

6 CM 396; FÉ 348; 2T 271; TM 148

8 HAp 170; MeM 309; MM 92; PP 682; 5T 62; TM 81

9 1T 438

11-12 CMC 58

12 DTG 690

13 CM 494; 2JT 162, 548; 1T 692; 3T 49, 423; 6T 412; 8T 53, 71

16 MM 184

17 CM 46, 64, 98; COES 48, 54, 88; CV 84; Ev 240, 249; FÉ 55, 264; HAd 480; HAp 298; 1JT 38; 2JT 79, 295, 390; 3JT 108, 308; MC 129; OE 197; P 61; SC 210; 1T 153, 471; 2T 467, 706; 3T 242; 5T 11; 6T 62, 70, 75, 86, 248, 302, 434; 7T 13, 117; TM 122, 150; 5TS 160

20-21 MC 124; MeM 224

21 4T 543 513